

Campina, GRANDE por ELAS

Maria Auxiliadora Bezerra
Maria Augusta Reinaldo
Nadja Maria da Silva Oliveira Brito
Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas
Yara Macedo Lyra
(Organizadoras)



*Maria Augusta Reinaldo
Maria Auxiliadora Bezerra
Nadja Maria da Silva Oliveira
Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas
Yara Macedo Lira
(Organizadoras)*

Campina, Grande por elas



Campina Grande-PB | 2025



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz (*Reitora*)

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca (*Vice-Reitora*)



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa (*Diretor*)

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (*UEPB*)

Alberto Soares de Melo (*UEPB*)

Antonio Roberto Faustino da Costa (*UEPB*)

José Etham de Lucena Barbosa (*UEPB*)

José Luciano Albino Barbosa (*UEPB*)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (*UEPB*)

Patrícia Cristina de Aragão (*UEPB*)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral (*Design Gráfico e Editoração*)

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes (*Design Gráfico e Editoração*)

Leonardo Ramos Araujo (*Design Gráfico e Editoração*)

Elizete Amaral de Medeiros (*Revisão Linguística*)

Antonio de Brito Freire (*Revisão Linguística*)

Danielle Correia Gomes (*Divulgação*)

Efigênio Moura (*Comunicação*)

Eli Brandão da Silva (*Assessoria Editorial*)

Thaise Cabral Arruda (*Assessoria Técnica*)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br



Conselho de Administração

Paulo César de Barros Martins

Presidente

Vamberto de Farias Leal

Vice-Presidente

Paulo Antônio Medeiros Silva

Secretário

Nildeberto Pedro de Almeida

Conselheiro

Alexandre José Beltrão Moura

Conselheiro

Carlos Antônio Barbosa Oliveira

Conselheiro

Hilton Carneiro Motta Filho

Conselheiro

José Willian Montenegro Leal

Conselheiro

Paulo Roberto de Medeiros Cirne

Conselheiro

Conselho Fiscal

José Bonifácio Vidal de Negreiros

Coordenador

Eduardo da Silva Medeiros

Efetivo

Glaydson Trajano Farias

Efetivo

Francisco Solano Cordeiro Ribeiro

Suplente

Diretoria Executiva

João Ronaldo Claudino Braga

Diretor Executivo

Arquelau Aires Guimarães

Diretor Organizacional e Riscos

*“O Sicoob Paraiba se sente honrado em fazer parte desse projeto tão bonito,
que abrilhanta a cidade de Campina Grande!”*

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

C196 Campina, Grande por elas [recurso eletrônico] / organização de Maria Augusta Reinaldo ... [et al.] ; prefácio de Maria Augusta Reinaldo e Maria Auxiliadora Bezerra. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.
274 p. : il. color. ; 21 x 29,7 cm.

ISBN: 978-65-5221-021-0 (Impresso)

ISBN: 978-65-5221-020-3 (13.500 KB - PDF)

ISBN: 978-65-5221-019-7 (Epub)

1. Biografias de Mulheres. 2. Personalidades Femininas. 3. Protagonismo Feminino. I. Reinaldo, Maria Augusta. II. Bezerra, Maria Auxiliadora. III. Oliveira, Nadja Maria da Silva. IV. Lucas, Rilva Suely de Castro Cardoso. V. Lira, Yara Macedo. VI. Título.

21. ed. CDD 920.72

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva - CRB - 15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Agradecimentos

Enquanto organizávamos este livro, fomos surpreendidas pela vibrante comunidade de mulheres retratadas no conjunto de falas, fatos e emoções que fazem cada vez mais esta nossa Campina tão Grande.

Agradecemos à nossa amiga, colega e mentora, professora Yara Macedo Lyra, por reunir a história de tantas mulheres que com os seus legados deixam marcas indeléveis na história da nossa cidade.

Um agradecimento especial ao Sicoob Paraíba pelo apoio cultural na produção da obra, demonstrando que, além da área financeira, valoriza também a histórica e artística.

E em igual medida, à EDUEPB, pela diagramação, edição e divulgação da obra. Com seu apoio este livro tem a possibilidade de chegar aos recantos mais distantes e divulgar parte da história de nossa cidade.

A todos nossos sinceros agradecimentos!!

Organizadoras:

Maria Auxiliadora Bezerra

Maria Augusta Reinaldo

Nadja Maria da Silva Oliveira Brito

Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas

Yara Macedo Lyra

Sumário

PREFÁCIO	11
Adenize Queiroz de Farias - A inclusão de pessoas com deficiência visual em Campina Grande: uma trajetória pautada por desafios e possibilidades	13
Adriana Amorim de Lacerda - Uma promotora da justiça em defesa da saúde pública.....	16
Adriana Melo - Uma viagem pelo túnel do tempo: raízes e memórias de uma obstetra - pesquisadora -	20
Albanita Guerra Araújo - Retalhos da minha vida de professora com dedicação exclusiva.....	25
Ana Christina Soares Penazzi Coelho - A trajetória de uma magistrada em busca de uma justiça humanizada.....	32
Celeide Queiroz e Farias - Eu e o Tempo	36
Célia Maria Ramos Tejo - O Direito perpassa minha história de vida.....	42
Célia Rabello - Vários caminhos, um propósito.....	45
Cléa Cordeiro Rodrigues - A trajetória de uma professora de administração e gestora de negócios turísticos.....	49
Creusolita de Almeida Cavalcante - Memórias de uma educadora que sonha com o acesso igualitário à educação.....	54
Daniella Ribeiro - Uma pedagoga dedicada à política.....	59
Denise de Sena Moreira Alves - Uma engenheira no serviço público: da inovação no transporte urbano à proteção do meio ambiente.....	61
Denise Lino de Araújo - De como me tornei expositora e escritora espírita.....	64
Dione Fernandes - Campina para o mundo: a trajetória de uma missionária evangélica.....	67
Divanira de Lima Arcoverde - De como estudei e me fiz professora.....	71
Dvone Medeiros Silva - Minha história em ações religiosas e de apoio a idosos.....	74

Elizabeth Marinheiro - Momentos da travessia humanística	78
Eneida Agra Maracajá - De professora de História da Arte a educadora cultural	82
Estelita de Castro Cardoso (in memoriam) - Da empreendedora do século XX à ativista sociocultural	85
Evanilza Gonçalves Ribeiro – Eva - Da educação ao empreendedorismo: a produção de acessórios femininos em Campina Grande	89
Fernanda Barreto - De como me tornei professora e empreendedora no segmento da dança	91
Germana Ferreira de Araújo Lira - A história de uma empreendedora no ramo da confecção infantil	94
Gertrudes Maria de Medeiros Nóbrega - Eu, meus sonhos e minhas realizações no âmbito da medicina	97
Glória Cunha Lima - Uma voluntária dedicada à criação de creches e à profissionalização de jovens e mães	101
Ilka Liêta Nunes Marques - Amor ao cuidado: trajetória de uma gestora dedicada à saúde e ao idoso	103
Ivna Mozart Bezerra Soares - Como a paz nasceu em mim e comigo: contribuição de uma magistrada para uma justiça conciliadora	106
Izabelli Araújo Diniz - Minha história de empreendedora no ramo de panificação e eventos	110
Janeide Oliveira Costa - Uma jornada de resiliência e sucesso no mundo da beleza	113
Jô Oliveira - A Cor de Campina: uma jornada de luta e resistência	115
Joselma Salete de Albuquerque - “Estive preso e viestes ver-me” (Mt 25:36): meu servir na Pastoral Carcerária	118
Karla Maria de Sousa Silva - Como realizei meu sonho de empreendedora na gastronomia	122
Kátia Virgínia - Meu dever de cantar: uma missão de Deus que abraço e que me toca a alma!	124
Laodiceia Lima Aguiar - Inclusão e empoderamento de jovens pelas artes	127
Léa Amorim - Memórias da trajetória de uma professora de História	129
Luiza Eugênia da Mota Rocha Cirne - Lola - A professora e os resíduos: contribuições para a coleta seletiva de resíduos em Campina Grande-PB	133

Maildes Melo de Almeida - Minha história de empreendedora no segmento de confecção.....	137
Margarida da Mota Rocha - A advogada que luta pela educação pública e pela APAE - Campina Grande-PB.....	139
Maria Augusta Reinaldo - Memórias de uma professora e formadora de professores de português.....	141
Maria Auxiliadora Bezerra - Campina Grande me acolheu, aqui fiquei e trabalhei na área de Educação em agradecimento.....	145
Maria Betânia de Sousa Barros - “Servir ao próximo”: princípio cristão que sigo desde a adolescência.....	150
Maria Constância Ventura Crispim - Presença da arquiteta em equipes de engenheiros.....	153
Maria das Graças Rafael Bastos - De Lagoa/PB para a produção de doces finos em Campina Grande.....	156
Maria das Graças Vieira Cavalcanti de Castro - Eu, senhora de mim mesma, inclusive na escolha da especialidade médica.....	158
Maria do Carmo Arruda Figueirêdo - Meus caminhos de cada dia.....	161
Maria do Socorro Ferreira Martins - A necessidade e o desejo de transformar realidades me impulsionaram a lutar por uma melhor assistência à saúde.....	166
Maria Edneusa Lucena Barbosa - Minha história de vida, construída entre a educação e a ação social.....	170
Maria França de Lira Furtado (Vineide) - Perfil de uma mãe engajada: assistente social e dedicação à APAE-CG.....	175
Maria Lígia Loureiro Santos - Uma história de dedicação à docência da Biologia e à gestão escolar.....	179
Maria Lopes Barbosa - Assistência e dedicação aos mais necessitados.....	181
Maria Madalena Gomes Barros (MadáGBarros) - A sertaneja jornalista e gerente de negócios de grandes marcas de cosméticos.....	184
Maria Queiroz Ferreira de Mello – Lourdes Araújo - Uma vida entre a família, a arte e o artesanato.....	188
Marina Motta Benevides Gadelha - Da docência do Direito à militância das causas ambientais.....	193
Marisa Braga de Sá - Minha trajetória como professora de Geografia.....	197

Maysa Ayres da Motta Benevides Gadelha - Minha vida em Campina Grande: percurso do trabalho desde <i>design</i> até o algodão colorido e orgânico.....	199
Melânia Maria Ramos de Amorim - Uma ginecologista e obstetra dedicada à docência e à pesquisa sobre a saúde da mulher.....	202
Mércia Gouveia - Pioneirismo, luta e vitória por entre flores.....	210
Nadja Maria da Silva Oliveira - Empoderamento da mulher por meio da ciência, tecnologia e inovação.....	213
Rilávia Sayonara de Castro Cardoso - Da dentista à ativista cultural: a presença da mulher na divulgação a cultura nordestina.....	217
Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas - Entre saberes e sorrisos: A fala de uma Educadora na Odontologia	222
Rosália Lucas - Empreender é atividade para mulheres, sim!.....	227
Sandra Maria Pereira de Oliveira - Pela força da mulher, chega à Campina o tratamento oncológico.....	230
Santana Maria Florindo - EU por mim mas com influência de Campina Grande na minha história!.....	235
Tatiana de Oliveira Medeiros - Apenas uma narrativa das minhas colaborações para minha cidade, Campina Grande.....	239
Terezinha de Jesus Rocha de França Araújo - Da panificação à solidariedade cristã.....	242
Valéria Barreto Valença - Uma trajetória de determinação e sucesso	245
Valéria de Castro Costa Barros - A menina que brincava desenhando ruas transformou-se na engenheira de trânsito de Campina Grande.....	248
Vanda Barreto Valença Pequeno - O trajeto de uma empreendedora no ramo de viagens.....	253
Vilma Lúcia Fonseca Mendoza - A médica e psiquiatra pernambucana por nascimento, paraibana por opção.....	255
Vitória Aparecida Pereira Vitor - A luta da mulher por uma sociedade inclusiva e justa.....	260
Yara Macedo Lyra - Educação e empreendedorismo.....	263
Zênia Mary de Castro Lucena Muniz - A presença da mulher no Núcleo de Criminalística de Campina Grande – NUCRIM/CG.....	267
SOBRE AS ORGANIZADORAS	271

Prefácio

Prezado leitor, o livro que ora você tem em mãos apresenta um conjunto de fatos e emoções relatados por mulheres entusiasmadas e entusiasmantes que colaboraram ou colaboraram com o engrandecimento de nossa cidade Campina Grande-PB. E por que esse relato? Por razões sentimentais de sua organizadora, a professora Yara Macedo Lyra, que, sendo apaixonada por essa cidade – onde nasceu e sempre viveu até os dias atuais – a ela se dedicou, especificamente na área de educação: professora e empreendedora educacional envolvendo a educação básica e a superior.

Este ano de 2024, Campina Grande completa 160 anos de emancipação política e a professora Yara Lyra, querendo homenageá-la, convida mulheres profissionais de todas as áreas, que marcam presença na história dessa cidade.

Assim, temos mulheres representantes das diversas áreas da sociedade: artes; artesanato; cultura; beleza; alimentação e gastronomia; arquitetura; engenharia; saúde; tecnologia; inovação; empreendedorismo; comércio; direito e justiça; educação; indústria; religião; saúde; serviços; panificação; turismo; tráfego e transporte urbano.

Mulheres que aqui nasceram e mulheres que aqui chegaram com o objetivo de crescer através do estudo e do trabalho, e foram acolhidas por essa Terra da Borborema, tendo seus nomes registrados em escolas, faculdades e universidades onde trabalham/trabalharam; no teatro e nos centros de arte e cultura, apresentando, ensinando, divulgando as representações artístico-culturais de nossa região; nas clínicas, hospitais e consultórios, promovendo a saúde de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos; no mundo da moda, da elegância e dos aromas, elevando a autoestima dos que procuram seus produtos e serviços; nos fóruns, escritórios e órgãos judiciais, lutando pela justiça e pela paz na sociedade; em igrejas, centros religiosos e em missão, pregando princípios de fé, esperança, solidariedade, e desenvolvendo ações transformadoras em nome da paz e da igualdade; em agências de turismo, promovendo viagens, passeios e divulgando o que de interessante tem cada região; em obras arquitetônicas (casas, edifícios, ruas, avenidas, praças e parques), promovendo boa relação entre a população e o meio físico e geográfico, com ações em defesa do meio ambiente; e em restaurantes, cafés, casas de lanches, panificadoras, proporcionando aos paladares e olfatos, dos menos aos mais exigentes, o prazer de degustar e sentir receitas nossas e de outras

plagas, com muito sabor; no mundo da tecnologia, com projetos de inovação como vetores de transformação social e econômica da nossa cidade.

São textos que mostram um pouco da infância e juventude, da formação e desempenho profissional e dos dias atuais de cada uma delas. Mas... que caminho foi traçado para que o leitor tenha acesso a tantos fatos e emoções de tantas mulheres de destaque? Para demonstrar que todas são igualmente importantes, a organizadora do livro elegeu o critério da ordem alfabética dos nomes das autoras. Assim, da letra A à letra Z, temos nomes aqui presentes. Ah! E para deixar os leitores com a curiosidade de conhecê-las pessoalmente, vemos as fotos de cada uma dessas mulheres junto a seus textos.

Vamos à leitura de *Campina, Grande por Elas!*

Com certeza será um grande prazer!!

Maria Augusta Reinaldo
Maria Auxiliadora Bezerra

A inclusão de pessoas com deficiência visual em Campina Grande: uma trajetória pautada por desafios e possibilidades



Adenize Queiroz de Farias

Filha de Maura Queiroz de Farias, do lar, e Luiz Franco de Farias, agricultor e vendedor de café pequeno e refresco no mercado central de Campina Grande-PB, nasci em 10 de setembro de 1976 nesta mesma cidade. Minha primeira infância foi marcada pela presença de tias, primas e amigos, que diariamente fortaleciam os laços familiares. Tudo transcorria bem, até que, depois de testes realizados, a partir de experiências advindas do senso comum, minhas tias compartilharam com minha mãe a possibilidade de que eu não enxergaria. Esta, naturalmente retrucou, afirmando que elas estavam equivocadas, o que logo foi refutado por meio dos diagnósticos fornecidos pelo doutor Antônio Ventura, renomado oftalmologista da cidade.

Por não possuir residência própria, meus pais, 3 irmãos e eu, morávamos em uma casa situada aos fundos de uma mercearia pertencente ao nosso avô José Rubina. Tal circunstância, que poderia parecer adversa, tornou-se positiva, pois naquele ambiente, diariamente frequentado por muitas pessoas, das mais variadas faixas etárias, eu fui me tornando uma criança alegre. Conversava e brincava com todos e, diferente do que ocorre com muitas crianças cegas de ontem e de hoje, não cresci segregada em razão da deficiência visual.

Esse processo de crescimento somente se tornou possível graças às atitudes determinadas de minha família. Mais uma vez, minhas tias, pais e irmãos, não pouparam esforços para que eu pudesse estudar.

Depois de um longo planejamento, pouco dinheiro e muitos voluntários envolvidos, chegava ao “Instituto dos Cegos de Campina Grande” para o meu primeiro dia de aula, o que ocorreu em fevereiro de 1983, quando eu tinha pouco mais de 6 anos de idade.

Aqui um novo mundo se abriu para mim. Neste educandário, idealizado ainda na década de 1950 pelo professor José da Mata Bonfim, de saudosa memória, passei, de fato, a me enxergar como pessoa. O contato com o sistema braille foi outra porta que se abriu nesta etapa de minha vida. Com ele aprendi que era possível ler e escrever, não apenas nos livros, mas na vida.

A partir de então, o desejo de estudar, de me expressar, de me comunicar, crescia cada vez mais dentro de mim, o que foi se nutrindo ainda mais com a minha participação na querida comunidade de Santa Cruz.

A fé em Deus, princípio e autor de nossa história, e as habilidades para desempenhar papéis de liderança, além, é claro, dos muitos amigos/irmãos, foram os mais valiosos tesouros que recebi desta comunidade eclesial, os quais procuro carregar como pérolas preciosas ao longo de minha jornada.

A vida me mostrou, desde cedo, que muitos compromissos e responsabilidades haveriam de ser assumidos. Já no ensino médio, à época segundo grau, tomei a decisão de me formar professora, o que me levou a ingressar na “Escola Normal Pe. Emídio Viana Correia”.

Com a aprovação no vestibular e a entrada na Universidade Estadual da Paraíba, o que se deu no ano de 1996, mais um passo em direção ao alcance desta meta, concretizada em 1999 com a aquisição do diploma de licenciatura plena em pedagogia, pela mesma instituição de ensino, onde, posteriormente, atuei como professora substituta no período de 2011 a 2015.

Após a conclusão do curso, durante uma etapa pacata de minha vida, quase exclusivamente dedicada às pastorais da igreja, surge uma provocação do amigo e professor de todas as épocas, John Queiroz:

- É preciso reabrir o Instituto.¹ Serei um colaborador permanente, mas é a geração mais jovem que deve estar à frente. Você tem perfil.

- Eu? Não tenho qualquer experiência nesta área. - Relutei, mas, ponderando, aceitei o desafio assumido coletivamente com outros jovens com deficiência visual de minha geração.

Amigos, irmãos de comunidade e, aos poucos, a sociedade campinense, também foram abraçando a causa, possibilitando inicialmente a retomada da posse do “Instituto”,

1 O Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste, popularmente “Instituto dos Cegos de Campina Grande”, teve suas atividades interrompidas no período de 1994 a 2002, época em que suas portas estavam fechadas em razão de uma intervenção judicial, sendo sua sede saqueada, invadida e utilizada como abrigo para aproximadamente 20 famílias sem teto do município. Após a reintegração de posse, por sua nova diretoria, o primeiro passo consistiu em uma parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social, a fim de realocar estas famílias, e reconstruir não apenas a sede, mas a história da instituição.

sua revitalização, ainda que parcial, e, finalmente, a reabertura de suas portas em 10 de março de 2003.

Esse sim, o “Instituto” tornou-se um divisor de águas em minha vida:

- A força dos movimentos sociais;
- As mobilizações e articulações políticas;
- Os processos de gestão de uma entidade.

Aqui são apenas alguns dentre tantos aprendizados consolidados no decorrer deste percurso, os quais, indubitavelmente, me constituíram uma nova pessoa, com uma forma diferente de pensar, conviver e atuar socialmente, culminando, inclusive, no enlace matrimonial com Matias Neto, mais um presente divino cujo cupido foi a nossa participação no “Instituto dos Cegos”: ele, aluno recém-chegado; eu, sua primeira professora.

Passados alguns anos, como numa inversão de lógica, o aluno incentiva a professora e, graças a este estímulo, ingressei no mestrado em educação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 2008.

Mais uma vez minha vida ganha novos contornos. O desafio primeiro seria viajar, sozinha, de ônibus, ao menos duas vezes por semana, para João Pessoa-PB, o que se tornou possível em virtude de lições que, brincando, me foram ensinadas, anos antes, pela amiga irmã Mércia Rodrigues, que me encorajou a dar os primeiros passos desacompanhada.

Mais enriquecedora ainda foi a oportunidade que a pós-graduação me ofereceu de estudar a trajetória de Dorina Nowill, primeira mulher cega que se tornou professora no Brasil e, com ela, a história das pessoas cegas e da produção e distribuição de livros em braille por todo território nacional.

Pesquisar o ativismo e as possibilidades de participação acadêmica e social de mulheres com deficiência foi mais uma meta perseguida e alcançada no doutorado, realizado na UFPB e concluído em 17 de dezembro de 2017, sendo esta conclusão abreviada em razão da aprovação em um concurso público, na mesma universidade, para o cargo de professora de educação especial, função que exerço desde o mês de março de 2018, até os dias atuais.

Revisitar e reescrever estas páginas de minha trajetória constituíram, para mim, momento ímpar e valioso, pelo qual manifesto minha gratidão a Deus e aos que me concederam tal oportunidade.

Ademais, agradeço a tantos outros primos e amigos presentes em minha história, em nome dos quais menciono Silvana e Daniel Queiroz, e ainda reitero que minha pequena contribuição na universidade, na comunidade igreja e, sobretudo no “Instituto dos Cegos”, representa uma maneira singela de oferecer uma devolutiva pela pessoa que me tornei, o que só veio a ocorrer fruto de minha convivência nestes ambientes.

Uma promotora da justiça em defesa da saúde pública



Adriana Amorim de Lacerda

Nasci no dia 18 de outubro, Dia do Médico, em Campina Grande. Embora minha trajetória não tenha se direcionado para a área médica, a vida me reservou um caminho igualmente desafiador e gratificante: a promoção da justiça na defesa da saúde pública.

Passei minha infância no bairro da Prata, Campina Grande, Paraíba, onde morei e estudei até os 10 anos de vida. A vivência neste bairro moldou grande parte de quem sou hoje, proporcionando-me memórias afetivas e uma base sólida de valores que levarei comigo para toda a vida. Ainda na Prata, iniciei minha formação educacional na escola “O Pequeno Príncipe”, com seu perfil acolhedor e de excelência de ensino, proporcionando um ambiente de aprendizado e de “Liberdade Para Pensar e Crescer”.

A família foi a base e o grande sustentáculo da minha vida. Meu pai, Agnello Amorim, um exemplo de profissionalismo, fonte de saber e de espiritualidade, sem dúvida, a maior inspiração para as escolhas profissionais tomadas. Minha mãe, Socorro, sempre me acompanhou, me incentivou a estudar e a ser independente, me apoiando incondicionalmente. Meus irmãos, Gustavo e Luciana, foram meus exemplos; como caçula, sempre os admirei e quis imitá-los.

Minha formação acadêmica foi marcada pela dedicação às Ciências Jurídicas e foi na Faculdade de Direito da UEPB – Universidade Estadual da Paraíba – que solidifiquei meu conhecimento. Esta instituição, que formou grandes nomes e continua a ser

um celeiro de formação de outros profissionais, desempenhou um papel crucial em minha trajetória. Ao concluir minha graduação, após ser aprovada no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil, fui motivada a prestar concurso para o Ministério Público Estadual da Paraíba, onde iniciei minha carreira nos anos 2.000, começando a trilhar um caminho de constante aprendizado e compromisso com a justiça.

Nos primeiros anos de minha carreira, enfrentei diversos desafios que foram cruciais para meu desenvolvimento profissional. Desde o início, percebi a importância de ouvir as pessoas e saber de suas necessidades, procurando compreender as carências humanas e garantir, por meio da atuação no Ministério Público, a salvaguarda dos direitos. As vivências das diversas áreas do direito, em municípios do interior do Estado, me ensinaram a importância da defesa dos excluídos e o papel do Estado na garantia dos direitos fundamentais. Essa experiência reforçou minha convicção de que a justiça deve ser humana e próxima das pessoas, sempre focada na proteção e promoção dos direitos de todos.

Desde 2014, como titular da Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde Pública de Campina Grande, tenho a possibilidade de contribuir na defesa da saúde da comunidade. Minha motivação sempre foi garantir que todos tivessem acesso aos serviços de saúde de qualidade e justiça na área.

Além da minha dedicação à justiça, encontrei no Sistema Único de Saúde uma fonte de inspiração e um ponto central de minha atuação como Promotora de Justiça. O SUS não é apenas um sistema de saúde, mas uma das maiores políticas de inclusão social do mundo, garantindo acesso universal e igualitário à saúde para todos. Ao longo dos anos, tornei-me uma grande admiradora e defensora do sistema, testemunhando sua importância na vida das pessoas, especialmente das mais vulneráveis. É um sistema que não apenas trata doenças, mas promove a saúde pública, prevenção e educação em saúde. Defender o SUS, que é um sistema que está presente durante toda a vida dos brasileiros, não é apenas um dever profissional, mas um compromisso pessoal com a justiça e a garantia dos direitos fundamentais de cada cidadão.

Durante a pandemia da Covid-19, o trabalho como Promotora de Justiça ganhou uma nova dimensão de urgência e responsabilidade. O Ministério Público desempenhou um papel crucial na proteção da saúde pública e na garantia dos direitos dos cidadãos, em um momento de uma crise sem precedentes. Em colaboração com outros órgãos e instituições, atuei incansavelmente para assegurar que as medidas de saúde pública fossem implementadas de maneira eficaz e justa. Desde a fiscalização da aplicação das normas sanitárias até a defesa dos direitos dos trabalhadores da saúde e dos grupos mais vulneráveis, cada ação foi motivada pelo compromisso inabalável com o bem-estar da população. A pandemia reforçou a importância do Ministério Público como guardião dos direitos fundamentais e da justiça social, um papel que desempenho com orgulho e dedicação.

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de trabalhar em casos significativos envolvendo a saúde pública. Dentre eles, a pandemia destacou-se por exigir um esforço extraordinário, comprometimento e dedicação sem precedentes. A crise sanitária da Covid-19, sendo um fenômeno novo e inexplorado, demandou a implementação de medidas imediatas e inovadoras para proteger a saúde da população, por parte dos órgãos públicos.

Trabalhar na defesa da saúde pública numa cidade como Campina Grande é um exercício desafiador. A cidade, por ser referência para tratamentos de saúde de outras regiões do estado, atua como uma grande mãe, acolhendo todos que a procuram. Esse papel de Campina Grande aumenta a responsabilidade e a necessidade de medidas eficientes e abrangentes para garantir o bem-estar de sua população e daqueles que buscam seus serviços. Parte desse desafio é encontrar o equilíbrio entre as necessidades das pessoas que são infinitas e a divisão dos recursos disponíveis. É um esforço diário e instigador.

A defesa dos direitos difusos, coletivos e individuais homogêneos, especialmente na área da saúde, é fundamental. Embora a execução direta das políticas públicas não seja o papel do Ministério Público, a missão de fiscalizar e assegurar que os recursos destinados a essas políticas sejam aplicados corretamente é uma luta constante da instituição. Na área da saúde, nosso compromisso é assegurar que todos os cidadãos tenham acesso aos cuidados necessários e que seus direitos sejam respeitados. É uma tarefa que encaro com seriedade e empenho, buscando sempre a justiça e a equidade para a população.

Com o propósito de servir, também exerci com comprometimento e dedicação, algumas importantes funções na administração superior do Ministério Público, dentre elas a Coordenação do CAOP-SAÚDE (Centro de Apoio às Promotorias da Saúde), a Coordenação Administrativa das Promotorias de Campina Grande e a Assessoria Técnica do Procurador-Geral de Justiça. A atuação também se estende na participação como membro da Comissão Nacional Permanente de Defesa da Saúde (COPEDS) e da Associação Nacional do Ministério Público em Defesa da Saúde (AMPASA), além da experiência como coordenadora e professora da Fundação Escola Superior do Ministério Público (FESMIP-PB).

Conciliar a exigente carreira no Ministério Público com as responsabilidades de ser mulher e mãe sempre foi um desafio constante. Desde o início, foi preciso encontrar um equilíbrio entre o trabalho e o tempo dedicado à família, buscando estar presente e atuante nos momentos mais importantes. Cada desafio enfrentado, tanto na carreira quanto na maternidade, trouxe lições importantes sobre gestão de tempo, resiliência e renunciar a certas coisas, priorizando o que é mais valioso.

A busca pelo equilíbrio, porém, também pode ser bastante extenuante. Para evitar ser abatida pelas dificuldades inerentes a essa jornada, compreendi a importância de valorizar as coisas simples da vida e a preservar a fé. Manter essa perspectiva me ajuda a enfrentar os momentos difíceis com uma atitude mais positiva e resiliente. A trajetória profissional, marcada por intensas exigências, não teria sido a mesma sem as provas e as alegrias da maternidade. Os obstáculos superados fortaleceram minha determinação e compromisso, tanto com minha carreira quanto com minha família, mostrando que é possível vencer as adversidades, quando se tem um propósito.

Minha família e minha fé são as grandes bases. Meu esposo Gladstone, parceiro, apoiador e incentivador, sempre presente em todas as etapas de minha carreira. Minhas filhas, Letícia e Natália são as maravilhas do meu viver e a razão de muitas das minhas conquistas e perseverança. Elas me motivam a buscar sempre o melhor e a enfrentar os desafios com coragem e mais leveza, a quem quero passar o exemplo de que é possível seguir seus sonhos e ter uma carreira bem-sucedida, independentemente dos desafios.

Refletindo sobre minha trajetória, sinto-me profundamente grata pelas experiências e aprendizados, sentindo-me também encorajada pelas experiências de outras tantas mulheres que, dentro de suas atuações, enaltecem e dignificam seus trabalhos, seus lares e transformam suas comunidades. Os desafios e conquistas moldaram minha visão de justiça e reforçaram meu compromisso com a sociedade.

Campina Grande, vibrante e acolhedora, é enriquecida por mulheres e homens notáveis que, com seu talento e determinação, a tornam ainda mais especial. A terra do “Maior São João do Mundo” é verdadeiramente um “eterno poema de amor à beleza”, como celebra seu hino. “Ó recanto abençoado do Brasil! Onde o Cruzeiro do Sul resplandece, Capital do trabalho e da paz!”. Continuarei a trabalhar com dedicação, humildade e integridade, buscando continuar contribuindo para esta “cidade que amo e venero”.

Uma viagem pelo túnel do tempo: raízes e memórias de uma obstetra - pesquisadora -



Adriana Melo

Minhas raízes estão na Paraíba, mas o destino me fez nascer no Crato, Ceará, em 1970. Meu pai, José, motorista de caminhão, trabalhava para o cunhado, dono de um armazém de estivas. Logo, retornamos à Paraíba, para Pocinhos, onde cresci cercada por muitos primos. Minhas lembranças mais antigas são de quando eu tinha quatro anos, brincando de circo no berço da minha irmã mais nova. Minha mãe, Cecília Maria, era dona de casa e, quando as contas apertavam, se dedicava à costura. Além de motorista de caminhão, meu pai tinha uma rural verde que usava para fretes, um veículo que marcou nossa infância com viagens frequentes ao Crato para visitar tios e primos.

Minha mãe enfrentou nove gestações: três terminaram em abortos espontâneos tardios. Meu irmão nasceu em 1968 e recebeu o nome do meu avô paterno, Apolônio. Em 1970, cheguei ao mundo prematura. Dois anos depois, minha irmã Simone nasceu. Dez e doze anos se passaram, e chegaram Fabiana e Ana Paula. Entre os mais velhos e as mais novas, minha mãe deu à luz a gêmeas prematuras que infelizmente não sobreviveram. Cada uma dessas gestações e perdas moldou o espírito resiliente e a determinação que ela carregava.

Minhas maiores lembranças da infância, além das férias com os primos, estão no Colégio Padre Galvão. Ah, os jogos de baleada! Eu era uma craque naquele campo, não por ser atlética, mas por minha magreza que me tornava quase intocável. A primeira

Feira de Ciências foi memorável. Nosso projeto sobre plantas medicinais cresceu tanto que não conseguimos dar conta, resultando em um glorioso último lugar. Mas o aprendizado e a camaradagem superaram qualquer medalha. E como eu amava compartilhar o que sabia! Por ser a mais nova da turma, tinha que subir na mesa da professora para alcançar o quadro negro, onde rabiscava fórmulas matemáticas com entusiasmo nas vésperas das provas. Cada uma dessas memórias é um tesouro que guardo com carinho, um lembrete constante da curiosidade e do vigor que marcaram aqueles anos formativos.

A adolescência em Pocinhos foi tranquila, pontuada pelas festinhas em família, os passeios na praça e as idas à boate “Marrakech”. Os amigos eram poucos e as paqueras eram tímidas. As tardes passavam devagar, cheias de conversas ao ar livre e risos discretos, enquanto a vida acontecia ao nosso redor de maneira simples e serena. Eu me envolvia em atividades culturais, como danças tradicionais, e participava ativamente das festividades locais, o que nutria meu amor pela comunidade e pela tradição. Cada momento, embora aparentemente comum, carregava uma magia especial, própria daquela fase da vida onde cada experiência parecia carregar um peso maior de significado e descoberta. Meu maior foco era o futuro: estudar para melhorar a vida da minha família.

Em 1987, enquanto me preparava para o vestibular, meus pais decidiram trilhar caminhos distintos, mas de maneira amigável. Com 16 anos, eu já havia mudado para Campina Grande para aumentar minhas chances nos estudos. Aos 15 anos, com a ajuda da minha tia Socorro e do Senador Humberto Lucena, consegui uma meia bolsa de estudos no Colégio das Damas. Depois, fui para o Colégio Dimensão. A vida em Campina Grande não foi fácil, mas a força da minha família foi nossa âncora. Minha mãe, que nunca havia trabalhado fora de casa, se reinventou com uma determinação impressionante. Fez um curso no SENAI e conseguiu um emprego em uma confecção, mostrando que a coragem e a persistência podem transformar cenários difíceis em novas oportunidades. A separação dos meus pais e a determinação da minha mãe foram capítulos de uma história que moldaram minha visão de vida e resiliência. Esses momentos difíceis também foram uma prova de que, mesmo nas adversidades, o apoio familiar e a força interior são as chaves para enfrentar qualquer tempestade.

Minha trajetória, marcada por origem simples, tinha como espelhos dois tios formados em engenharia e uma prima médica, cujas conquistas acadêmicas haviam mudado o rumo da situação econômica da família. Além deles, havia a figura incansável da minha mãe, que, aos 40 anos, se reinventou para sustentar quatro filhos, e do meu irmão, que se formou em engenharia aos 19 anos. Eu tinha decidido que seguiria a carreira de Medicina. O resultado do vestibular foi um divisor de águas. Quando o rádio anunciou meu nome, a sensação foi de incredulidade. Uma menina de origem modesta, que estudou até o primeiro científico em colégio público do interior e foi bolsista em dois colégios, havia conseguido passar em 16º lugar no curso de Medicina em uma universidade pública federal e em Odontologia em uma universidade estadual. A emoção tomou conta quando meu irmão chegou da Bahia, onde já trabalhava como engenheiro. Ele trouxe o jornal com o resultado na mão, e o sorriso dele era a confirmação de um sonho realizado. A luta, o esforço e o apoio da família tinham valido a pena. A realização

desse sonho foi a prova de que a determinação e a coragem podem transformar desafios em conquistas extraordinárias.

Aos 17 anos, finalmente comecei o tão sonhado curso de Medicina. Embora fosse uma universidade pública, a realidade era que ainda precisávamos de livros, xerox e outros materiais, o que me preocupava bastante. No entanto, eu estava determinada a superar essas dificuldades.

A biblioteca da Universidade tinha sempre um único exemplar atualizado de cada livro das disciplinas e meu objetivo era garantir que eu pudesse conseguir emprestados. Para isso, no primeiro dia de aula de cada semestre, eu chegava cada vez mais cedo para pegar o tal livro. No final, estava chegando à meia-noite e dormindo nos batentes da biblioteca. Cada disciplina era uma nova descoberta. A anatomia dos órgãos, os mistérios da formação de um ser humano na embriologia e o fascinante mundo microscópico da histologia me encantavam e desafiavam ao mesmo tempo. Durante o ensino básico, conheci meu esposo e companheiro dos meus planos, Romero Moreira, que passou a me apoiar em tudo, inclusive nas longas horas de espera nos batentes da biblioteca.

Apesar de todos os desafios que enfrentamos, nenhum foi tão doloroso quanto a perda de minha irmã caçula, vítima de uma cardiopatia complexa. Esse foi, sem dúvida, o maior desafio da época, e enfrentá-lo foi um processo doloroso e necessário, pois a vida seguia seu curso e tínhamos que continuar nossa trajetória nesse mundo. A experiência trouxe uma lição profunda: nem sempre a Medicina conseguirá salvar todos, e ela não é tão democrática quanto gostaríamos. Apesar do conhecimento e do esforço, algumas realidades são mais cruéis do que qualquer técnica pode enfrentar. Essa compreensão, embora dolorosa, moldou minha visão sobre a prática médica e a importância da empatia e da humildade em nossa profissão. Eu era uma estudante do quarto período de Medicina.

Ainda no ensino básico, meu espírito acadêmico me envolveu na política estudantil, e participei da chapa do Diretório Acadêmico que saiu vitoriosa. Nossa maior conquista foi organizar a Primeira Semana Acadêmica de Medicina, um marco que alimentou minha veia acadêmica e mostrou meu desejo de contribuir para a educação e a troca de conhecimentos.

O ciclo profissional trouxe desafios imensos. Enfrentar pacientes graves, crianças com câncer, acidentes de trânsito e cirurgias complexas foram testes constantes. Eu me perguntava: será que eu estaria realmente preparada para tudo isso? Foi durante esse período que percebi uma dificuldade pessoal: não lidava bem com a morte. Essa percepção me fez refletir profundamente sobre minha escolha de carreira. Foi então que a obstetrícia se destacou como a especialidade ideal para mim. A obstetrícia representava uma celebração da vida, uma oportunidade de fazer parte de um processo que trazia esperança. No último ano do curso, decidi me mudar para Recife, em busca de um centro mais especializado. Esse foi um período de intenso aprendizado e crescimento. Dediquei-me à minha primeira pesquisa sobre hérnias, um tema que me fascinava pela complexidade e importância clínica. Passava horas na biblioteca e em laboratórios, absorvendo todo o conhecimento possível.

Em 1994, tornei-me médica. Retornei a Recife como residente em Ginecologia e Obstetrícia no Hospital Agamenon Magalhães, onde conheci os primeiros especialistas

em Medicina Fetal de Pernambuco. Esse encontro foi um ponto de virada, pois foi onde meu destino começou a se desenhar com mais clareza. A partir desse momento, decidi me dedicar à Medicina Fetal, observando e acompanhando o desenvolvimento do feto. As aulas e estágios eram desafiadores, mas a paixão por essa área me motivava a superar cada obstáculo.

Antes de me aprofundar na Medicina Fetal, trabalhei dois anos como obstetra no interior do Ceará. As histórias e experiências vividas no interior são inesquecíveis. As dificuldades eram muitas, mas a gratidão das pacientes e suas famílias faziam cada desafio valer a pena. A formação em Medicina Fetal foi realizada na UFRJ e na USP, com grandes mestres que influenciaram profundamente minha prática e filosofia médica. Em 1997, voltei para Campina Grande como primeira especialista na área. Sentia falta da pesquisa e, em 2005, decidi fazer mestrado em saúde coletiva na UEPB. O mestrado me ajudou a entender melhor os determinantes da saúde e o processo epidemiológico. Depois, fiz dois doutorados simultâneos no IMIP e na UNICAMP, o que foi um grande desafio, mas consegui. Saía de Campina em direção a Recife-PE na quarta à noite, pegava um voo para Campinas-SP, chegava no início da manhã, dava um cochilo em um sofá no repouso dos médicos residentes, assistia aula à tarde, pegava um voo de volta e trabalhava na sexta.

Durante esse tempo, dois eventos pessoais marcaram minha vida: em 1998, nasceu minha filha Luiza, que me ensinou o real sentido da vida. Luíza, com seu sorriso e curiosidade, trouxe uma nova perspectiva para minha vida, e cada momento com ela se tornou uma preciosa lembrança. Nunca quis ter uma única filha, mas não engravidei mais. Mas os filhos podem chegar de outra forma, e foi assim que ganhei uma nova filha com nove anos, nossa Tam, muito parecida comigo, física e espiritualmente. Em 2009, perdi meu irmão mais velho, um exemplo de ser humano. Seu legado foi nos estimular a ser pessoas melhores. Dois anos após sua passagem, inauguramos o centro de convivência do idoso em Pocinhos-PB, usando parte da herança deixada por ele.

Em 2015, a associação entre o Zika vírus e os casos de microcefalia marcou minha vida profissional. Avaliando uma paciente na clínica, percebi achados atípicos no cérebro do feto. Era setembro de 2015. Após um mês de batalha, conseguimos enviar material de dois fetos para estudo na FIOCRUZ. Em 17 de novembro de 2015, baseado nos meus resultados, o Ministério da Saúde anunciou que o Zika era responsável pelos casos de microcefalia. Em janeiro de 2016, publicamos os dois primeiros casos de Zika congênita do mundo em revista científica internacional de alto impacto.

Dividi-me em três: pesquisadora, médica e mãe. A pesquisadora criou um ambulatório que avaliou cerca de 1000 gestantes que tinham tido sintomas de Zika e publicou vários artigos, sendo homenageada em Nova Iorque, com o título de Honorary Fellow da Sociedade Americana de Ultrassonografia, e em Viena, com o artigo mais citado daquele ano da revista internacional de Ultrassonografia em Ginecologia e Obstetrícia, além de vários prêmios nacionais. A médica teve que abraçar gestantes tensas que chegavam à clínica e, agora, a pergunta não era mais o sexo do bebê, mas sim o tamanho da cabeça. E a mãe, que, sabendo como o SUS funciona no Brasil em relação à reabilitação, pensou logo como seria a vida e a assistência às crianças. Nesse momento, juntei a médica, pesquisadora e mãe e batalhei por uma assistência melhor para as crianças. Foram muitas idas a Brasília, muitas reuniões, mas nada de concreto. Só quando

criamos a ONG e tivemos apoio da sociedade através da “Fraternidade sem Fronteiras” é que conseguimos fundar o “Amor Sem Dimensões”, que atende cerca de 100 crianças em Campina Grande-PB, inaugurou uma sede em Belo Horizonte, que atende cerca de 50 crianças e presta assistência online a 6 crianças em Angola, na África, crianças que localizamos em uma visita que fizemos a Angola em 2019.

Este texto é uma homenagem às mulheres vítimas do Zika, que enfrentaram adversidades com coragem e força, sem saber e conseguir se proteger. Cada uma delas é um exemplo de resiliência e inspiração para a jornada que continua. À Conceição, Géssica, Damiana, Aparecida, Raquel, Adilma, Vanicleide, Vaneide, Alessandra, Ana Angélica, Gislene, Elen, Alda, Priscila, Germana, Nelsa, Sayonara, Francicleide, Josicarla, Cristina, Vera, Deise, Geane, Edna, Aline, Fernanda, Amanda, Ingrid, Aldayane, Adelane, Livia, Francinelma, Arlene, Alane, Yanka, Michele, Mirian, Carol, Suzy, Cilineide, Sabrina, Ingra, Jailma, e muitas outras mães que passaram ou continuam passando pelo “Amor sem Dimensões”.

Retalhos da minha vida de professora com dedicação exclusiva



Albanita Guerra Araújo

Nasci na cidade de Monteiro, localizada no Cariri paraibano, no dia 20 de setembro de 1937. Na época, esta era uma pequena cidade, calma, bem cuidada, sem grandes problemas sociais aparentes, cheia de poetas, cantadores, cantores e músicos, onde vivi uma infância e adolescência bastante tranquilas. Foi um tempo feliz, de muitas amizades, cercados de bons vizinhos, amigos agradáveis, onde também residiam nossos parentes: avós paternos, tios e primos com quem tínhamos uma ótima convivência.

Meus pais eram Adalberto de Alcântara Guerra e Ana Quintans Guerra, mais conhecida como Nanu. A profissão do meu pai era Agente Fiscal do Estado da Paraíba e minha mãe era uma grande modista, que obteve muito sucesso com sua arte, especialmente com os vestidos de noiva, que ela adorava confeccionar!

Desde seu casamento, moravam em Monteiro, onde meu pai, além de trabalhar na Recebedoria, gostava de jogar futebol e de tocar trombone na Banda Municipal da cidade. O casal teve cinco filhos: eu, a primogênita; logo em seguida, Iza; Humberto (falecido aos dois anos e meio); Vespaziano e, 12 anos após, Ana Maria. Os quatro primeiros nasceram em Monteiro e apenas Ana Maria nasceu em Campina Grande-PB, para onde meu pai havia sido transferido, em janeiro de 1948.

Essa transferência trouxe uma grande mudança na vida da família, pois nossa mãe resolveu colocar minha irmã Iza e eu internas no “Colégio Lourdinás”, em Monteiro, onde já estudávamos, a fim de continuarmos nos preparando para o Exame de Admissão

e realizarmos o Curso Ginásial. Foi um tempo muito bom, tínhamos família na cidade e só vínhamos para Campina Grande nas nossas férias. O internato era bastante aceito naquela época e, por isso, havia nele inúmeras garotas vindas de diversas cidades do Nordeste. Dessa forma, minha adolescência foi muito calma e só vim morar, definitivamente, em Campina Grande, em 1953.

Matriculei-me no “Colégio Estadual da Prata”, para cursar o Científico (atual Ensino Médio), que só funcionava à noite e era misto. Foi uma mudança radical na minha vida, mas, como eu era muito jovem, logo cedo me acostumei com a nova realidade, ao mesmo tempo em que fizemos boas amizades conservadas até hoje.

Concluí o Científico com 18 anos e não continuei meus estudos. Nesse tempo, Rodrigo Araújo e eu já estávamos namorando e nosso casamento aconteceu em 1962. Iniciamos nossa nova vida e, nos dois anos seguintes, aconteceram os nascimentos das nossas duas filhas: Ana Cláudia e Adriana e, somente após 12 anos, nasceu Daniel, nosso terceiro filho. Levávamos uma vida feliz, tranquila, uma vez que ela me era satisfatória e ser Mãe era um sonho realizado.

Quando nossas filhas passaram a estudar na “Escola Nossa Senhora da Salette”, fiquei estimulada a voltar aos estudos. Fiz o vestibular para Letras, na FURNE, atual UEPB e, ainda estudante universitária, comecei a lecionar Língua Portuguesa no “Colégio Seráfico de Lagoa Seca-PB”, dando aulas para seus jovens seminaristas que ainda cursavam a quinta série. Esta foi minha primeira experiência, na qual conseguimos incluir a Literatura Infantil, tornando as aulas bem mais alegres, dinâmicas e motivadoras, sem que o conteúdo gramatical fosse seu eixo central, como era comum naquela época.

No prazo de quatro anos, concluí minha graduação em Língua Vernácula e Inglês. A partir daí, iniciei o Curso de Especialização em Linguística, na UFPB, Campus 1, João Pessoa-PB, com vários colegas de Campina Grande, todos nós incentivados pela professora dra. Maria do Socorro Silva Aragão, que nos mostrava a necessidade de formar professores mais competentes. No período de um ano, concluí esse curso que modificou minha vida profissional. Ele abriu novos caminhos para o ensino da Língua Portuguesa, com nova bibliografia e novas formas de trabalhar nossa língua. Isso possibilitou uma dinâmica bem diferente nas nossas salas de aulas, bem como nas classes dos demais professores da área, pois nas reuniões pedagógicas da “Escola Polivalente Modelo Senador Argemiro de Figueiredo” e no “Colégio Regina Coeli”, onde eu ensinava, discutíamos os conhecimentos adquiridos, sendo beneficiados com as novas propostas os demais professores da área. Naquela época, era bastante comum nós trabalharmos em diversas escolas, quer particulares, quer públicas. Eu era lotada no “Colégio Estadual da Liberdade” e, a pedido da professora Lenilda Melo, Diretora da “Escola Polivalente Modelo Senador Argemiro de Figueiredo”, recém-inaugurada, onde uma nova proposta pedagógica estava sendo desenvolvida em todas as disciplinas, fui transferida para esta unidade. Além dessas escolas, lecionei, anteriormente, no “Colégio Diocesano Pio XI”, no Cursinho EPUC (Estudos Pré-universitários Campinenses) e na FURNE, atual UEPB.

Ao ser aprovada para a UFPB, Campus II, Campina Grande, atual UFCG, passei a trabalhar com dedicação exclusiva no seu Ciclo Básico (dos cursos de graduação) e tive a oportunidade de iniciar o Curso de Mestrado em Língua Portuguesa, na UFPB, João Pessoa, e concluí-lo em dois anos, sendo minha orientadora a dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão.

Esse foi um período bastante fértil, pois os horizontes se abriram ainda mais, utilizando novas técnicas, bibliografias, novas formas de abordagem, vivência de outras experiências, o que nos possibilitou uma melhora considerável nas aulas de Língua Portuguesa, tornando-as mais agradáveis.

A cidade de Campina Grande, na época, era muito carente de novos cursos e, por esse motivo, nós, os professores da UFPB (atual UFCG), oferecíamos, com frequência, à comunidade, inúmeros cursos para a formação de Professores de Língua Portuguesa. Essas formações eram voltadas tanto para escolas públicas quanto privadas da nossa cidade e municípios vizinhos. Além disso, incentivávamos projetos de leitura para o aproveitamento das bibliotecas que estavam se formando nessas escolas públicas, cujos livros eram desconhecidos pela maioria dos professores, por não terem formado o hábito de leitura, durante toda sua vida profissional. Ficou sendo uma cena muito comum, sermos convidados para elaborarmos, juntos, projetos de leitura dentro das bibliotecas das escolas e, ali, encontrarmos os livros enviados pelo MEC, ainda empacotados há meses e /ou há anos.

Naquela ocasião, ainda não tínhamos na UFPB, Campus II, os Cursos de Letras e Pedagogia, sonho de todos os professores das diversas áreas do nosso Departamento. O atuante Reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque criou-os, para alegria nossa, e anunciou seu primeiro vestibular num prazo muito pequeno. Tive a oportunidade de participar da equipe dos professores que prepararam os currículos para a implantação desses dois novos cursos, baseados nos conhecimentos adquiridos nos Mestrados e/ou Doutorados que alguns professores já haviam realizado no Brasil e/ou no exterior e nos currículos solicitados a universidades de regiões diversas do nosso país.

A partir desse fato, após a realização dos vestibulares especiais, ministramos aulas nesses dois cursos recém-criados, oferecendo aos alunos disciplinas novas, com o objetivo de desenvolver sua capacidade de escrever com coerência e desenvolver seu gosto pela leitura, já que ambos os cursos formariam professores que trabalhariam com crianças e/ou adolescentes. Esse mesmo grupo trabalhou intensamente, oferecendo à comunidade campinense e às cidades vizinhas Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento, além de variados Cursos de Extensão.

Durante minha permanência na UFCG, exerci vários cargos administrativos. Fui vice-chefe do Departamento de Educação e Humanidades; a primeira coordenadora do Curso de Letras, cujo currículo, considerado muito moderno para a época, foi fruto de um trabalho de pesquisa coordenado pela professora Maria Auxiliadora Bezerra e a colaboração do grupo de professores da área. Em março de 1985, juntamente com a professora Maria Cristina Marin, assumimos a Diretoria do Centro de Humanidades (CH), num momento crítico nas universidades brasileiras. Na nossa gestão, foram criados os cursos de História e Geografia e seus respectivos Departamentos, bem como o PET Letras, (Programa de Educação Tutorial), tendo como tutor, o professor Alzir Oliveira. Após os quatro anos na direção do CH, coordenei o Laboratório de Escrita e Leitura até a chegada da minha aposentadoria.

PROJETOS DESENVOLVIDOS

Entre tantos trabalhos realizados, destacamos alguns projetos bastante significativos para a comunidade:

1. LIVRO DE PANO É COISA SÉRIA

Essa foi uma experiência original, realizada com as alunas do Curso de Pedagogia da UFCG, que resultou na construção de mais de 60 livros de pano, produzidos, individualmente, a partir de um assunto pertinente aos cursos ministrados, fruto de uma pesquisa e construídos por elas próprias, durante o semestre.

Esses livros tinham como objetivo aumentar o acervo da Biblioteca do curso que, inicialmente, era muito pobre, além de permitir que as comunidades tivessem acesso a eles. No seu primeiro ano de funcionamento, o projeto contou com o apoio financeiro da Embaixada do Canadá, a partir de um projeto enviado para Brasília, com o objetivo de conseguir recursos financeiros para equipar a biblioteca do curso com: TV, gravadores, estantes, tecidos, linhas, agulhas, enfim, todo o material necessário para a confecção dos livros e os seus futuros registros. Para concretizar esse apoio, a Embaixada enviou um seu representante para nos entrevistar e verificar a seriedade do trabalho. Logo em seguida, com o projeto aprovado, iniciamos a construção dos livros. No final do ano letivo, junto com o relatório, enviamos um exemplar de livro de pano para embelezar a Embaixada. Esse projeto funcionou na UFCG durante vários anos e foi muito utilizado pelas professoras das escolas públicas e das suas creches, inclusive a da UFCG, até a minha aposentadoria. A partir dessa data, o acervo foi transferido, oficialmente, para a Biblioteca Pública Municipal Felix Araújo, porque gostaríamos que as professoras e as crianças das escolas públicas da nossa cidade continuassem tendo acesso a esse lindo projeto. Lamentavelmente, a Biblioteca Pública não teve o cuidado adequado com os livros e muitos ficaram danificados, o que nos causou grande tristeza.

Realizamos inúmeras exposições com eles, na nossa cidade, em João Pessoa e em Brasília na UNB, onde realizamos um curso de uma semana. Em 2001, ao viajarmos para Aahus, uma cidade da Dinamarca, onde meus netos estudavam, apresentamos, na sua escola, o livro de pano “Chapeuzinho Vermelho”. Logo após, esta obra foi encaminhada para a Biblioteca Pública da cidade, na qual permaneceu em exposição, durante um mês, causando grande admiração aos visitantes, uma vez que os personagens eram todos soltos e apenas os cenários eram fixos e os leitores dinamarqueses desconheciam essa técnica pedagógica. Campina Grande ficou em destaque na Dinamarca, terra de um dos grandes autores da Literatura Infantil mundial, Hans Christian Andersen. Esse projeto foi iniciado na UFCG e expandiu-se por várias escolas e creches.

2. “CRIANÇA LENDO NO HOSPITAL”

Esse foi um lindo e emocionante projeto, realizado com as alunas do Curso de Pedagogia da UFCG, no HU, Hospital Universitário Alcides Carneiro, envolvendo as crianças doentes da Ala da Pediatria. Nesse período, os ambientes do HU, que antes eram totalmente brancos, ficaram coloridos, com a exposição das pinturas das crianças.

Os encontros eram semanais, realizados no grande grupo, para onde iam as crianças que podiam se locomover, muitas delas tomando soro e outras usando apoios para andar, trazidas pelas mães ou avós, suas acompanhantes, sempre com muitas expectativas. Com elas, as alunas desenvolviam atividades de leitura de livros previamente selecionados, nos quais a tristeza não poderia entrar! As crianças cantavam, riam, respondiam as perguntas e a etapa final era desenhar a passagem do texto da qual elas mais gostaram. No mesmo momento, outras alunas ficavam nos apartamentos, onde estavam as crianças que não podiam se locomover, mas que também participavam das várias atividades. Ao término do projeto, que tinha duração de um semestre, fazíamos uma festa de confraternização, da qual participava o Papai Noel, se fosse em dezembro, ou, dependendo da época, outro personagem folclórico do universo infantil.

Lá também convivemos com a morte prematura das crianças, quando sua ausência nos apartamentos era sentida. Foi muito importante para todas as alunas do grupo participarem desse projeto porque, além de amadurecerem, sentiram a dureza da vida dentro de um hospital e se sentiram úteis com seu alegre trabalho.

3. “CRIANÇA LENDO NA UFPB”,

Esse foi mais um projeto desenvolvido pelas alunas do Curso de Pedagogia, agora, com as crianças carentes do Bairro do Pedregal, local vizinho à Universidade. As crianças participantes, de oito a treze anos, viviam perambulando pelas dependências da Instituição, especialmente pelas lixeiras das lanchonetes, em busca de restos de comidas e de refrigerantes. Essa cena era visível por todos e ocorria diariamente, deixando-nos muito angustiadas. Convidei nossas alunas para observarem essa realidade e fizemos com elas um levantamento das possibilidades para melhorar esse quadro. Surgiu, assim, esse projeto, com o objetivo de melhorar a vida dessas crianças.

Haveria aulas de Literatura Infantil, Artes, Educação Física e Alfabetização. Como as crianças não tinham educação doméstica, esse aspecto também seria contemplado. Antes de iniciarmos o projeto, vimos a necessidade de adquirirmos roupas para sua identificação, o que foi conseguido com a ajuda dos professores do Curso de Pedagogia. Fizemos sua divulgação e, logo no primeiro dia, vieram 20 crianças, acompanhadas por suas mães e/ou avós, para serem matriculadas, no período da tarde, oposto ao horário das aulas do Curso, durante três dias da semana. Como a creche da Universidade só funcionava no turno da manhã, nos foram oferecidos seus espaços externos para ali acontecerem as aulas com essas crianças.

Esse foi o projeto mais difícil de ser realizado, porque as crianças eram mal acostumadas: no recreio, subiam no telhado da creche, nas árvores que havia no jardim, mexiam em tudo o que estava exposto e não tinham noção de higiene. Cada aluna do curso ficaria com apenas 4 crianças, e assim iniciamos o projeto com todos os grupos lendo o livro *Chapeuzinho Vermelho*, escolhido por ser um livro interessante. Quando a leitura começou, em todos os grupos, as crianças passaram a reclamar que estavam com muita fome, dizendo que a cesta de “Chapeuzinho” deveria conter muita comida. Não estávamos preparados para distribuir um farto lanche, tínhamos providenciado apenas alguns pães com manteiga, suficientes para serem distribuídos junto a um copo de suco. Porém, as atividades não foram realizadas como havíamos imaginado.

Por causa desse episódio, no dia seguinte, fomos a vários locais da UFCG, em busca de ajuda financeira: Pró-reitoria, Direção de Centro, Central de projetos e não encontramos nenhum local que contribuísse para solucionar nosso problema. Resolvemos falar com o responsável pelo RU (restaurante universitário) e conseguimos um grande caldeirão de sopa, todas as tardes, para essas crianças. A partir dessa providência, o comportamento de todos melhorou sensivelmente e o projeto fluiu, conforme havíamos previsto, superando outras grandes dificuldades de comportamentos, a cada dia. As crianças já voltavam para casa fartas, com seu jantar e até as mães vieram nos agradecer, porque nenhum deles aperreou em sua casa por comida, desde o primeiro dia de aula.

As crianças sentiram-se bem valorizadas, diziam que eram alunos da UFPB, porque usavam um short azul marinho e uma camiseta branca com o nome do projeto bem destacado. A participação do Professor de Educação Física foi muito importante nessa experiência pedagógica e a Literatura Infantil foi desenvolvida sem problemas. Alguns alunos já frequentavam a escola, mas não sabiam ler. Apenas um aluno se destacou: Luciano, que lavava carros na Universidade desde pequeno; foi alfabetizado no nosso projeto, continuou estudando, concluiu seu curso superior e é, atualmente, funcionário da UFCG. Já construiu uma academia de Judô no Pedregal, para salvar as crianças do bairro, através do esporte. Esse aluno é a prova concreta de que um Projeto pode salvar pessoas. Ainda hoje, Luciano é muito grato ao projeto. É um homem de bem, casado, tem filhos e não esquece o que o projeto significou na sua vida. Os outros não tiveram a sua determinação e continuam por aí...

4. CPUC INFANTIL

Após minha aposentadoria, na UFCG, coordenei o CPUC Infantil (Curso Pré-Universitário Campinense) durante sete anos e meio. Essa escola era diferente das demais, porque a Biblioteca e as Artes eram seu coração e todas as crianças entendiam que a leitura era importante. Não apenas os leitores mirins, mas também seus professores. Essas crianças, hoje adultos, brilham nas profissões que escolheram. É sempre um motivo de alegria revê-los e, geralmente, nesses reencontros, eles recordam, com carinho, dos vários projetos lá desenvolvidos! Quando o colégio encerrou suas atividades, doamos sua biblioteca inteira para a Biblioteca Pública Felix Araújo, incluindo mais de 30 livros de pano confeccionados pelas crianças e 150 exemplares impressos de literatura.

5. “ELE CAIU, MAS EU, NÃO!”

Após essa fase, passei a trabalhar apenas como voluntária em projetos diversos. Durante sete anos, desenvolvi, no Hospital da FAP, com homens e mulheres mastectomizados, Oficinas de Leitura, nas quais vivemos momentos de reflexão e de alegria, que culminaram na produção do livro “Ele caiu, mas eu, não!” no qual as mulheres contam como foi vivenciar a experiência de perder os cabelos, todos os pelos do corpo e sobre o comportamento dos companheiros, nessa fase de tantas dificuldades. Além disso, elas registravam nesses escritos o medo de morrer e deixar os filhos órfãos. Trabalhamos

muitos textos alegres e os participantes, homens e mulheres, esperavam esses encontros com muita ansiedade! Essas oficinas aconteciam enquanto eles aguardavam a vez de serem atendidos pela competente e amorosa fisioterapeuta Gorette Muniz.

6. TAMANQUINHOS DAS ARTES

Desde 2017, sou voluntária no “Projeto Tamanquinhos das Artes” e leciono Literatura Infantil para as crianças vulneráveis que residem nas proximidades da Feira Central de Campina Grande. Esse projeto foi criado pela professora Eneida Agra Maracajá, que presta um grande serviço a essas famílias. Um fruto significativo desse trabalho é a produção de uma valiosa coleção de livros construídos com papel craft pelas crianças do projeto! Nossas aulas acontecem na Sacristia da Capela Santa Madalena, uma vez por semana. Além de Literatura, as crianças têm aulas diversas: teatro, balé, violino, xilogravura e fabricação de brinquedos.

Atualmente, vivo uma vida tranquila. Gosto muito de ler e sempre penso que não vou dar conta dos livros que ainda não li e estão a olhar para mim nas minhas estantes! Gosto de participar dos grupos “Douradas”, (criado há 25 anos, por Célia Tejo, influenciada pelo filme da época “Anos Dourados”), “EMAs” (Espaço de Mulheres Ativas), criado há 10 anos e tantos outros criados ao longo da minha vida, constituídos por amigas e colegas de trabalho de longos anos e, assim, vou vivendo bem.

Lamento muito as perdas que sofri: meu fiel companheiro, meus familiares mais próximos e tantos amigos queridos. Sou muito feliz com minha família – Ana Cláudia, Adriana e Daniel, filhos; Francisco, Jorge e Carolina, genros e nora; Mateus, Pedro, Gabriela, Rafael, Heloísa e Rodrigo, netos; Filipe, bisneto –, que está sempre ao meu lado, tornando minha vida bem movimentada.

Agradeço de coração aos colegas com quem convivi, durante todos esses anos, nos mais diversos lugares e que sempre acreditaram no meu trabalho, pois, sem o seu apoio, seria impossível vivenciar tantas experiências pedagógicas.

Por fim, agradeço a essa cidade, Campina Grande, que me acolheu e possibilitou a realização do meu Projeto de Vida.

A trajetória de uma magistrada em busca de uma justiça humanizada



Ana Christina Soares Penazzi Coelho

Sou, filha de Maria do Rosário Soares Penazzi e Sérgio Augusto Penazzi. Nasci na cidade de João Pessoa-PB, local em que morei até a vida adulta, juntamente com os meus irmãos, Sérgio, Ana Cláudia e Ana Carolina, sendo eu a terceira filha.

Tenho as memórias afetivas de uma infância muito feliz. Eu e meus irmãos vivíamos sob o olhar e a disciplina de pais amorosos, e ainda sob o comando de uma pessoa muito especial, que ajudava a minha mãe na nossa criação. Esta pessoa, cujo nome de batismo era Eliete, mas carinhosamente chamada por todos os filhos de “Ata”, foi a minha segunda referência de mãe, sendo a nossa governanta e com quem compartilhávamos, sem temor, algumas estripulias, que fugiam à fiscalização de nossos pais. Havia entre mim, Ata e meus irmãos uma espécie de pacto silencioso, para muitas travessuras que não mereciam chegar aos ouvidos e olhos dos meus pais.

Esta infância feliz era completada também pela companhia dos meus avós maternos, Everaldo e Maria José (Deda), pois, como a maioria dos avós, eles adoçavam a vida dos netos. Particularmente a minha avó exerceu uma importância muito grande na minha vida, sendo eu extremamente apegada a ela, de quem recebia atenção e carinho incondicional. Praticamente, em todas as férias escolares, alguns dias eram reservados para ficar em sua companhia, e eu me sentia realizada, pois a minha avó, que era exímia

costureira, sempre fazia roupinhas para todas as minhas bonecas, com seus retalhos de tecidos. Para receber os vestidos novos para as minhas bonecas era o maior presente das férias. Também da minha avó compartilho a minha devoção à Nossa Senhora e a fé em Deus sob os alicerces da igreja católica, a minha religião de devoção.

Não posso esquecer de dizer que sou neta de italianos, por parte de pai. Só conheci a minha avó, chamada Josephina, pois quando nasci o meu avô Adalberto já era falecido. Vovó Phina, como era chamada, sempre morou em São Paulo e, por tal razão, eu não tinha a mesma relação compartilhada com a minha avó Deda. Contudo, lembro das deliciosas receitas italianas feitas por ela, quando a visitávamos em sua casa e guardo muitas lembranças afetuosas. Acredito que o amor pela Itália, pelos costumes e pela cultura italiana tenha sido influenciado pela família paterna. Até hoje, as músicas italianas me fazem lembrar do meu pai, já falecido, e tocam o meu coração, trazendo-me uma sensação de bem-estar.

Casei-me a primeira vez aos vinte anos e tive duas filhas, Marina e Marcella. De outro relacionamento, nasceu a minha terceira filha Ana Beatriz. Seguindo sem desistir de ser feliz, em uma viagem, na cidade luz, em um dia despretenso da primavera parisiense, quis o destino que uma nordestina e um carioca se encontrassem e vivessem uma linda história de amor, consolidada com um matrimônio que se perfaz até os dias atuais. Foi assim que me tornei esposa do policial federal Gustavo Luiz da Silveira Coelho, com quem tive o meu quarto filho, Luiz Eduardo.

Na vida escolar, foi o “Colégio Nossa Senhora de Lourdes” (Lourdinias), em João Pessoa, a minha referência de educação. Das freiras, guardo o “Amar é Servir” e a letra redonda e bonita de quem fez muita caligrafia com as religiosas. Nas “Lourdinias”, surgiram as minhas eternas “amigas de infância”, que até hoje recheiam a minha vida, através de grandes encontros, nos quais recordamos os nossos anos dourados, do tempo que não volta mais.

Abracei a carreira jurídica como opção profissional, em que pese a grande influência da medicina exercida pelos meus irmãos mais velhos, pelo meu avô e pelo meu tio. Fiz o curso de direito na Universidade Federal da Paraíba. Por manter no meu histórico elevado rendimento acadêmico, fui convidada para um estágio no gabinete do Desembargador Antônio Elias de Queiroga, que me incentivou à carreira da magistratura.

Do estágio no Tribunal de Justiça, ingressei, por concurso público, primeiramente na Procuradoria da Fazenda Nacional, como técnica judiciária e posteriormente, no Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, como analista judiciária, já no cargo de nível superior, como graduada em Direito.

Fui aprovada para o concurso da magistratura, no Tribunal de Justiça da Paraíba, aos 26 anos de idade, sendo uma das magistradas mais jovens à época. Durante os 25 anos de carreira na magistratura, atuei como juíza em São José de Piranhas, minha primeira Comarca, e depois nas Comarcas de Remígio, Sumé, Monteiro e, finalmente, Campina Grande-PB, onde exerço a jurisdição na 2ª Vara Criminal. Graças à minha atuação como magistrada, fui congratulada com os títulos de cidadã nos municípios de Sumé, Monteiro, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro e Campina Grande, neste último município, ainda com data para receber a honraria pela Câmara Municipal. Também em

Campina Grande, local em que estabeleci a vida familiar por mais tempo, fui agraciada com a Medalha de Honra pela Câmara Municipal, Casa Félix Araújo, em decorrência dos trabalhos desenvolvidos na vida judicante.

Na carreira jurídica em Campina Grande, fui a segunda mulher a exercer a Diretoria do Fórum Affonso Campos, no biênio de 2014/2016 e novamente convidada para gerir a administração do fórum, como diretora, no biênio 2022/2024.

Ao longo da minha carreira como juíza de Direito, busquei sempre aprimorar meus conhecimentos e estudos jurídicos, razão pela qual fiz duas especializações de pós-graduação, uma pela Unifacisa, e outra em direitos humanos, pela Universidade Federal da Paraíba. Posteriormente, também pela UFPB, ingressei, classificada em primeiro lugar, no mestrado em Direitos Humanos, recebendo a titulação de mestre por essa instituição.

Sabedora de que o conhecimento nunca é estanque, atualmente faço doutorado em Ciências Sociais, na área de antropologia, na Universidade de Salamanca, na Espanha, sempre objetivando ampliar as ideias para uma melhor prestação jurisdicional.

Além do amor pela magistratura, tenho outra grande paixão na vida profissional, que é a carreira de magistério. Sou professora da Escola Superior da Magistratura – ESMA, local em que também exerço a função de coordenadora, na sede da escola em Campina Grande. Também lecionei na Escola Superior do Ministério Público, na área de direito penal.

Sou professora convidada da Unifacisa, nas competências de direito penal, área pela qual tenho grande apreço e na qual busco o constante aperfeiçoamento como pesquisadora da ciência criminal. Nessa instituição de ensino, recebi o prêmio de 1º lugar, na Categoria “professor de destaque do curso de direito”, na edição do prêmio “Educadores do Ano de 2022”.

Devo acrescentar que tenho por Campina Grande profunda gratidão. A cidade me acolheu e me abraçou como uma verdadeira mãe. Nela construí grandes laços de amizade e pude dar uma educação de qualidade a todos os meus filhos. Hoje, já na iminência de ser avó, através da minha filha Marina, casada com um campinense, espero ansiosamente a chegada de meu primeiro neto.

O grande desafio da minha vida é buscar conciliar os meus vários papéis: mãe, esposa, filha, futura avó e profissional, pois todos eles são fundamentais para mim. A maternidade é um sonho de infância e meus filhos, o maior tesouro e legado da vida. O casamento com Gustavo ensinou-me que a cumplicidade e a parceria trazem sentido para uma vida mais feliz. Minha mãe e meu pai (in memoriam) foram os meus verdadeiros referenciais, pois com eles aprendi os valores do trabalho, do estudo, da honestidade e do respeito ao próximo. Por isso, ao se inverterm, naturalmente, os papéis, busco cuidar da minha mãe, em sua velhice, com toda a dedicação que ela merece. Como avó, espero ser para todos os meus netos, tudo o que as minhas avós foram para mim.

E, finalmente, na vida profissional, estou certa de que, se Deus confiou a mim a carreira da magistratura, dando-me tanto destaque nas minhas atividades, é porque preciso contribuir com uma justiça mais humanizada e mais atenta a tantas peculiaridades e percalços da convivência social. Julgar é um trabalho solitário, difícil e que requer muita atenção, para que se possa reestabelecer, com dignidade, a paz social.

Sigo no tempo como uma pessoa eternamente apaixonada pela vida. Aprendi com as dificuldades, que sempre há um recomeço para todas as derrotas, pois não são os nossos erros que nos definem, mas a nossa capacidade de aprender com eles e nos ressignificar.

Levo, como minha filosofia de vida, a importância do “ser” e não do “ter”. Com isso, busco doar o melhor de mim, para todas as pessoas que cruzam o meu caminho, sendo o “mais” naquilo que me é possível fazer pelos outros.

Eu e o Tempo



Celeide Queiroz e Farias

Foi com grande honra que recebi o convite de Yara Macedo Lyra, incansável educadora que acompanhou a adolescência dos meus filhos, Taney, Thélío e Talden, no CPUC – Centro Pré-Universitário Campinense, à época, o maior educandário de Campina Grande-PB – para escrever em poucas páginas, um relato sobre mim mesma, numa obra que é a confluência do trabalho de mulheres obstinadas, com a narração de uma história da qual se foi testemunha.

Relutei um pouco, por lembrar de minha vida a partir de fragmentos que se iniciaram com a educação informal no seio da família, e que continuaram com a educação formal e acadêmica nos estabelecimentos de ensino que frequentei e que me levaram **às principais funções e responsabilidades desempenhadas e às realizações relevantes**. A escritora campinense Clotilde Tavares nos afirma que esse relato é tarefa feita mais para nós mesmas do que para os outros. E diz ainda que é bom quando a gente pode se debruçar sobre o passado e acertar as contas com ele, fechando arquivos que estavam abertos e desfragmentando esse imenso HD, a que chamamos memória.

Assim, empurrando o tempo, lá vou eu descrevendo, de forma peculiar, o meu tempo, entendendo que cada ciclo da vida tem seus limites e que o tempo é soberano sobre os acontecimentos.

Meu pai, Auto Teotônio de Queiroz, cuja família é proveniente de Taperoá-PB - a terra do genial Ariano Suassuna - era um homem de muito trabalho e de uma grande visão futurista! Ele desenvolvia a atividade comercial negociando com café, que trazia de São Paulo para vender em Campina Grande, cidade que lhe deu vários amigos, tanto no ramo comercial, quanto no ramo bancário. Dentro dessa vivência, ele acumulou conhecimentos e entendimentos valiosos para o olhar da educação da família.

Minha mãe, Maria Celis de Queiroz, foi batizada com o nome de Maria Celeste Pereira de Almeida. Casou-se aos 17 anos de idade, com muita festa, em Matinhas-PB, onde residia. No momento do casamento civil, registraram seu nome diferente. Entretanto, nunca deixou de ser conhecida por Dona Celeste.

O meu nascimento deu-se no dia 3 de abril de 1949, na alma do Engenho Geraldo, no brejo paraibano de Alagoa Nova, através das mãos da parteira cuja prática, naquela época, era desempenhada com habilidade e sabedoria.

Os meus primeiros anos da infância foram vividos em Matinhas, Distrito de Alagoa Nova, onde meu pai decidira comprar terras e residir, o que dava a ele tranquilidade nas suas ausências motivadas por viagens de trabalho, pelo fato de ali já se encontrarem estabelecidos os meus avós maternos, Severino Pereira de Melo e Joana Pereira de Almeida.

Na pequena Vila de Matinhas, vivi um tempo feliz, na inocência de quem fazia seu dia, querendo morar em cima das árvores. Fiz a Primeira Comunhão, com o Padre José Borges, que vinha de Alagoa Nova, só uma vez por mês, para celebrar a Missa para os fiéis que, ainda hoje, anseiam pela presença de um padre na comunidade. A Paróquia cuidava de organizar a Festa do Padroeiro São Sebastião, que ocorria todos os anos, no mês de janeiro. Procurei conhecer a história do Santo italiano de Milão que foi um mártir cristão, morto em plena praça pública, amarrado ao tronco de uma árvore, com flechadas, durante perseguição levada a cabo pelo Imperador de Roma, no dia 20 de janeiro do ano 288.

Na minha memória, não está a Matinhas cognominada *Terra da Laranja* que foi emancipada, politicamente, em 29 de abril de 1994. Está, sim, a pequena Vila, um recorte geográfico, até então, desconhecido.

Um pouco antes de completar seis anos de idade, meu pai levou-me para estudar no Colégio Santa Rita, sob o regime de internato, onde já se encontravam minhas irmãs. O Colégio, situado na cidade de Areia-PB - terra natal do grande pintor Pedro Américo - era comandado por freiras alemãs franciscanas que haviam deixado a Alemanha, após o decreto nazista que fechou as escolas cristãs. Fui alfabetizada por Madre Friedheid, uma freira alemã de expressão muito suave. Ao concluir o Curso Primário, hoje Ensino Fundamental I, submeti-me ao Exame de Admissão, exigência da reforma educacional realizada no início da Era Vargas, em 1931, para ingressar no Curso Ginásial, atualmente Ensino Fundamental II, o qual foi extinto em 1971, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5692 de 1971). Ainda estudei alemão, inglês e francês.

Os acontecimentos da infância e da adolescência continuam repercutindo na minha memória. São tantas as lembranças que me trazem as freiras alemãs, cujas heroínas só esperam que as chamemos, porque elas vivem na imortalidade do tempo! Tudo tem sido depurado pelo filtro do tempo da maturidade.

Não consigo reconstruir o cenário que gerou, dentro de mim, as impressões que me fazem lembrar, tomada pela gratidão, as lições dessas educadoras cujas fisionomias refletiam a ciência e a virtude. Durante os dez anos em que estudei interna no Colégio Santa Rita – uma das mais rígidas e completas instituições educacionais da Paraíba – a disciplina que era imposta como norma pedagógica de educar constituiu objeto de constante lembrança para mim. Esse período foi responsável por minha formação moral, intelectual e religiosa e pelo amor aos livros e à leitura.

Foi no tempo de internato, que um fato profundamente marcante atingiu a minha alma de menina de nove anos! Era o Dia dos Pais, 10 de agosto de 1958, quando a Madre Friedheid chamou as cinco irmãs, para comunicar o falecimento do meu pai. Aos 42 anos, um súbito infarto do miocárdio arrebatou de nós um pai extremado. Fomos, diretamente, para o velório, na Igreja da pequena Vila. Uma foto registra o momento, onde todas nós, ainda vestidas com a farda do Colégio, arroteávamos o caixão fúnebre. Longe eu estava de perceber a dor da minha mãe que ficara viúva ainda muito jovem e grávida de seis meses do filho que hoje é médico em São Paulo. Logo voltamos para o Colégio, de onde saí com quinze anos de idade, completando a construção da maneira que hoje encaro a vida.

Não era fácil a luta da minha mãe, para pagar o internato das filhas, em Areia, e dos filhos, no Colégio do Padre Vieira, em Patos-PB. Ela decidiu comprar uma casa em Campina Grande, visando a oportunidade de as filhas poderem estudar e trabalhar. Semanalmente, ela vinha de Matinhas para trazer a feira e ver se tudo estava bem conosco. Minha mãe foi uma mulher à frente do seu tempo, destemida, corajosa, uma guerreira na luta para sustentar a prole de nove filhos. Hoje, todos casados, e assim, estabelecidos: Celis, Celita e Fátima, como professoras; Célia, fiscal do Ministério do Trabalho, em Recife, falecida; Inês, assistente social; Celeide, advogada; Aucélio e Auto Filho, médicos em São Paulo; e José Melo, engenheiro que, depois de aposentar-se em Tocantins, decidiu voltar à origem, para administrar as terras em Matinhas.

Pela amizade deixada por meu pai com o empresário Muniz Gomes, então Diretor Presidente do Banco do Comércio de Campina Grande, minha mãe conseguiu um emprego para mim. Carteira Profissional assinada aos 16 anos! O Banco do Comércio de Campina Grande, criado em 1932, e depois, absorvido pelo Banco Industrial de Campina Grande, continua existindo no meu coração, pois foi lá que um certo dia, fui apresentada ao jovem advogado Leidson Farias, que viria, mais tarde, a ser meu marido.

Eu era *garota bancária*, quando fui convidada para trabalhar no Banco Industrial de Campina Grande, que foi criado por João Rique Ferreira e um grupo de comerciantes de algodão. Era um dos Bancos de maior crescimento no fim da década de 1960.

Prossegui os estudos, na Escola Normal Estadual, que funcionava no Colégio Estadual da Prata, para concluir o curso que antes se chamava Curso Pedagógico. Na minha turma, eu era considerada pelas professoras Dorziat Quirino e Lourdes Ramalho e pelo professor Fernando Silveira, como uma aluna diferente, não só pelo conhecimento adquirido no colégio das freiras alemãs, mas também por meu comportamento tímido, calado, que estranhava a indisciplina das colegas dentro da sala de aula.

Concluído o Curso Pedagógico, submeti-me ao vestibular para o Curso de Economia, da Universidade Federal da Paraíba - *campus* Campina Grande.

O tempo da minha vida universitária se resumia em estudo e trabalho. De manhã, as aulas na Faculdade; ao meio-dia começava o expediente no Banco Industrial; às 18 horas, eu saía para dar aulas de Português em uma unidade do SESI, no bairro São José. Sobrava pouco tempo para o namoro e para a vida social.

Concluí o Curso de Economia, em 1970. Do paraninfo da turma, economista Nilson Holanda, Presidente do Banco do Nordeste, ganhei uma bolsa de estudos para fazer um Curso no Centro de Especialização em Economia do Nordeste, sediado na capital cearense, Fortaleza. Eu já estava noiva e as más línguas diziam que Leidson Farias não queria casar, mas era exatamente o contrário. Concluí o curso e, em 6 de fevereiro de 1972, casamos no Convento São Francisco, em Campina Grande, onde comemoramos nossas Bodas de Ouro, renovando o Juramento, para sempre.

Por concurso público, me tornaria professora da mesma Faculdade de onde havia saído – a velha FACE - Faculdade de Ciências Econômicas – em cujo prédio está situada, atualmente, a Reitoria da Universidade Federal de Campina Grande, que nasceu em 2002. Comecei a lecionar uma disciplina que integrava o Curso Básico de todas as graduações da Universidade. Fiz o Mestrado na Universidade Federal de Pernambuco, viajando duas vezes, por semana, para Recife. Depois, especializei-me em Teoria Econômica na USP, em São Paulo, ensinando essa matéria para os estudantes de Engenharia, cujas turmas eram enormes e compostas de alunos de todo o Nordeste.

Assim, eu ia dando conta dos projetos acadêmicos e da família e sempre acompanhava o marido, nas viagens e Congressos da OAB. O Direito começava a me fascinar!

O primeiro filho nasceu em 26 de maio de 1973, Taney. No Hospital Antônio Targino, Leidson me entregou uma lista de seis nomes para que eu escolhesse o nome do primogênito. Entre eles, o nome *Taney* me chamou atenção, e o pai neófito foi logo me explicando: *encontrei esse nome no livro de Leda Boechat Rodrigues, A Suprema Corte e o Direito Constitucional Americano. Ele foi presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos, durante 28 anos, período que ficou conhecido como a era de Taney.*

E os filhos se sucederam: Thélío, nascido em 21 de agosto de 1974, e Talden, em 2 de março de 1977. Ambos, como o primeiro filho, tiveram seus nomes apresentados pelo pai, em forma de lista sêxtupla. Thélío era o nome de um Ministro. Tribunal Superior do Trabalho, e Talden foi um príncipe romano. Desde muito cedo, o estímulo à leitura e ao conhecimento foi uma constante para eles. Eu cuidei da parte formal da educação e impus a mesma disciplina aprendida no Colégio Santa Rita. Taney queixava-se, dizendo que eu queria passar para eles o regime militar das freiras alemãs. Eu supervisionava as tarefas que eles traziam como dever de casa e acrescentava leituras ao que a “Escola do São Vicente de Paulo”, o “Regina Coeli” e o CPUC sempre exigiam. O hábito estava estabelecido, e eles sabiam se organizar para estudar, além de gostarem de ler e escrever. E sempre imitavam o pai, brincando de advogado. O futuro estava escrito. Todos ingressaram na área jurídica! Até as minhas noras são formadas em Direito!

Mesmo com minhas atividades familiares e de professora, busquei uma segunda graduação, iniciando o Curso de Direito na Universidade Regional do Nordeste, que era uma autarquia municipal, criada em 1966, por iniciativa da ação realizadora do economista Edvaldo de Sousa do Ó, e que foi transformada em Universidade Estadual da Paraíba, através de lei sancionada pelo Governador Tarcísio de Miranda Burity, no dia 11 de outubro de, 1987.

Após aposentar-me como professora da UFCG, busquei prazer e realização pessoal e profissional, bem como de independência de pensamento e ação no trabalho, por meio da autonomia intelectual e da criatividade, exercendo a advocacia com zelo e responsabilidade, e sempre estudando.

No universo jurídico, a paixão pelo Direito foi o motor que me impulsionou a dedicar minha carreira à busca incessante da Justiça. Essa paixão não apenas me levou a dominar as nuances do sistema legal, mas também a abraçar, com especial predileção, o Direito de Família, onde a defesa dos Direitos da Mulher tornou-se uma jornada desafiadora, mas com um impacto significativo na sociedade.

A minha formação acadêmica, em Direito, inclui dois Cursos de Especialização em Direito de Família, na Universidade Urbaniana da Itália, e na Universidade Lusíada, em Lisboa. Fiz uma Especialização em Direito Civil, na Sorbonne de Paris. Nunca pensei em ser juíza, mas participei do Curso de Preparação, na Escola Superior de Magistratura, a ESMA, em Campina Grande. Publiquei o livro *Defesa do Consumidor em Juízo* e fui professora convidada do Curso de Direito, da FACISA – Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, que nasceu em 1999, da mente irrequieta da educadora e professora Yara Macedo Lyra, hoje Unifacisa. Faço parte da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica, da Associação Brasileira dos Advogados, da Associação dos Advogados de Campina Grande.

Presidi o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, de 1990 a 1994. Ajudei a prevenir crimes, a salvar vidas e atendi inúmeras mulheres vítimas de violência doméstica, numa época ainda sem legislação protetiva, o que só viria acontecer com a edição da Lei Maria da Penha, que entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006. Com essa lei, a violência doméstica passou a ser tipificada como uma das formas de violação aos direitos humanos. Nesse sentido, proferi inúmeras palestras, conferências, debates, participação em diversos painéis.

No programa *O Conselho da Mulher*, na Rádio Caturité, emissora pertencente à Diocese de Campina Grande, quando o assunto era a violência contra a mulher, eu informava que o agressor pode ser homem ou mulher que tenha relação de afeto ou convivência, podendo ser marido ou esposa, companheiro ou companheira, namorado ou namorada (que morem juntos ou não) e outros familiares (pai, mãe, irmão, irmã, filhos, filhas, genro, nora, primo, etc.), tipificando os diversos tipos de violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual, contra a mulher. E, defendendo a família, fazia o chamamento: *homens e mulheres, caminhemos juntos*.

A minha luta pelo Direito se resumia na ideia de que lutar pelo Direito é um dever moral do indivíduo para consigo próprio, do indivíduo para com a sociedade. Cada vez que penetro no templo da Justiça, exercendo a profissão de advogada, sempre tenho a consciência da minha responsabilidade para salvar a causa que me é confiada. Assim, entre as muitas defesas que eu fiz, no Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, lá estava eu, em desfavor de uma mulher que, separando-se do marido, ambicionava além dos seus direitos. Mostrei que as mulheres levaram muito tempo para conquistar direitos, mas me parece que levarão, ainda, mais tempo, para compreender que têm deveres e obrigações!

Fui convidada para ser candidata a vereadora pelo PMDB. Não titubeei em aceitar o convite, sem lembrar que eu era secretária do PSB - Partido Socialista Brasileiro, do qual Leidson era presidente. Com o apoio da família e de amigos, parti para a campanha política, cumprindo o papel de candidata, com o lema *Vereadora de um Novo Tempo*. Fui aos bairros, visitei as casas. Penetrei nas entranhas da cidade! Vi que faltava comida e condições de habitação para muita gente! Mas, *a flor não desabrochou*.

Fui a primeira advogada a candidatar-se ao cargo de Desembargadora do Tribunal de Justiça da Paraíba, deixando o exemplo de que as mulheres têm que lutar por mais espaços, o que vejo agora, quando oito advogadas, disputando uma das vagas pelo Quinto Constitucional, dispositivo jurídico criado pela Constituição de 1988, para fomentar a consolidação da cidadania no Estado Democrático de Direito, uma delas, Anna Carla Lopes, superou a votação, inclusive, dos quatorze candidatos advogados!

Independentemente da existência da lei para o serviço voluntário – Lei nº 9.608, de fevereiro de 1998 - sempre desenvolvi ações focadas em interesses sociais e comunitários e, ao conhecer os lemas oficiais do Rotary Internacional, cujo objetivo é unir voluntários a fim de prestar serviços humanitários e promover valores éticos e a paz, tornei-me rotariana, associada ao Rotary Club de Campina Grande que foi fundado em setembro de 1935.

Em 11 de setembro de 2024, senti-me reescrevendo a minha realidade na área de atuação em favor da Justiça, ao ser agraciada com a Medalha da Ordem do Mérito Judiciário do Estado da Paraíba - Categoria Distinção. A concessão da Medalha foi aprovada pelo Pleno do Tribunal de Justiça da Paraíba, por propositura da Desembargadora Maria de Fátima Bezerra Cavalcanti Maranhão que, com sua sensibilidade, quis homenagear todas as mulheres advogadas que lutam para alcançar êxito na vida profissional, a exemplo de Lylia Guedes, pioneira na luta pelo ingresso da mulher na Ordem dos Advogados do Brasil, em 1932, e grande defensora das causas sociais.

Por fim, concluo dizendo que o contínuo desenvolvimento da tecnologia, a facilidade para os deslocamentos e a velocidade da comunicação estão modificando, de maneira irreversível, a compreensão do espaço, a linguagem e os comportamentos das pessoas, especialmente das gerações jovens. Que os meus filhos, juntos com as minhas noras, Janaína, Carol e Cecília, façam com que Thaís, Ananda, Marina e Mariana sintam o mundo já livre de preconceitos, e que Gabriel Thel e Taneyzinho contribuam com a grandeza da paz e do amor e que todos entendam que a busca pelo conhecimento é contínua.

Pois, no exercício da advocacia, do magistério, ou na minha existência pessoal, eu sempre me pautei por uma frase que gosto de repetir: **NADA DE GRANDIOSO SE FARÁ SEM PAIXÃO.**

O Direito perpassa minha história de vida



Célia Maria Ramos Tejo

Chamo-me Célia Maria Ramos Tejo, nasci em Belo Jardim-PE, onde meu pai era Juiz de Direito, mas sou cidadã campinense de coração e por título. Meus pais eram paraibanos, papai natural de Cabaceiras e mamãe de São João do Cariri. Tive uma infância alegre e divertida, na querida praça Antônio Pessoa, hoje praça João Pessoa, junto com minha irmã Suzy, primas e outras crianças amigas que também moravam na praça e adjacências. Vivi em um lar alegre, cercada de muitos livros, piano, discos de músicas populares e clássicas. Claro que tínhamos nossos percalços! Mamãe era a pessoa mais amada, exercia sobre nós, seus filhos, uma liderança de amor e carinho.

Fui uma adolescente impulsiva e, ao mesmo tempo, muito sensível. Não é fácil crescer! Adorava andar de bicicleta e patins, mesmo não tendo a mesma habilidade que minha irmã em ambos. Suzy era uma galega linda e muito sociável. Nunca fiz o mesmo sucesso que ela. Tanto na infância quanto na adolescência, eu fugia aos padrões da época, pois era muito independente e mandona.

Por ser filha, neta e bisneta de juizes de Direito, cedo já havia me decidido por enveredar pelo caminho do Direito. Por isso, optei pelo Curso Clássico (correspondente ao Ensino Médio, mas direcionado aos estudantes que queriam se formar em cursos da Área de Ciências Humanas), ofertado pelo Colégio Estadual da Prata, onde vivi uma época muito feliz e divertida. No 1º ano do curso, éramos 25 alunos, mas 20 foram reprovados em Latim, componente ministrado pelo grande professor Pe. Emídio Viana.

Eu, Elizabete, Lindalva e Glauce fomos aprovadas e, no 2º Ano Clássico, Ronaldo Cunha Lima e Amadeu Aragão juntaram-se a nós. Juntos formávamos uma turma divertidíssima, cheia de astúcias, brincalhona, todavia, estudiosa.

Em 11 de agosto de 1827, Dom Pedro I criou, em um mesmo decreto Real, os cursos de Direito em São Paulo e Olinda-PE, mais tarde transferido para Recife. E foi nessa Faculdade que estudei, a mesma em que estudaram meu pai, avô e bisavô, fato que me enche de orgulho.

Segundo minha irmã Suzy, sempre tive vocação para o Direito, pois desde a mais tenra idade era defensora da irmã e das primas. Mas, sem dúvida, o fato de ter tantos juízes na família, pesou em minha decisão.

Meu tempo de faculdade foi uma época de encantamento e magia. No 1º ano, fui passar as férias de julho em Natal, onde meu irmão Antônio morava. Nesse período, conheci um juiz de Direito, João Meira Lima, ele com 32 anos e eu com 19. Ele era um jovem inteligente, culto e boêmio. Eu me sentia super orgulhosa de namorar um juiz que, ainda por cima, havia se formado na mesma faculdade em que eu estava estudando. No 3º ano do meu curso, ao som da Bossa Nova, namorei um colega da turma, Gilberto, que foi “meu eterno primeiro amor”. Ele teve um futuro brilhante, chegou até a ser prefeito de Recife, na renúncia de Joaquim Francisco, de quem era vice. Foi uma paixão intensa e de admiração recíproca.

Em certo ponto de jornada, voltei a morar em Campina Grande-PB. Foi nessa terra querida que comecei a trabalhar. Minha primeira experiência profissional foi como estagiária. Exerci essa função em alguns escritórios de advocacia. Depois, ensinei no Colégio Estadual da Prata, carinhosamente conhecido como o “Gigantão”.

Em 1965, ganhei uma bolsa de estudos da CAPES-MEC e fui para o Rio de Janeiro. Foi nessa época que conheci meu futuro marido, que trabalhava no Banco do Brasil, casando-me com ele em 1970. Dessa união, nasceram meus três filhos: Marcelo, médico em Recife, com doutorado em Oncologia; Ana, professora de Direito Penal, da UEPB, com doutorado pela UERG, e Simone, formada em Ciência da Computação pela UFCG e com mestrado pela USP.

Em 1973, casada e com filhos, fui convidada e ensinar na FURNE, hoje UEPB, a disciplina de Direito Penal. Nessa instituição permaneci por 33 anos, até a aposentadoria. Sempre tive um bom relacionamento com meus alunos; era professora rígida, mas também divertida.

Tive o privilégio de cursar um dos primeiros mestrados em Direito na PUC-Rio. Esse foi um período difícil: o casamento com problemas, três filhos pequenos, mas não desisti, me mantive forte e, com perseverança, consegui vencer mais esse desafio que a vida me proporcionou.

Sempre gostei de enfrentar desafios! Em 1990, recebi, ainda ensinando, uma bolsa de Estudos do governo de Portugal para a Faculdade de Direito de Coimbra, uma das mais antigas do mundo. Foi uma experiência fascinante!

As viagens foram episódios importantes em minha vida! Além de todo Brasil, conheci 146 cidades no exterior, inclusive do outro lado do mundo: Japão, China, Indonésia, Tailândia, Singapura, Austrália, Nova Zelândia, Emirados Árabes, Rússia, Índia, Europa (Tradicional e Leste Europeu) etc. Nessas viagens, costumava ter o

privilégio da companhia de minha irmã e primas, inclusive em transatlânticos de luxo, uma vez que o dólar era acessível na época.

Minha aposentadoria coincidiu com o dia em que recebi o título de cidadã Campinense. Nesse dia, meus alunos me surpreenderam com uma linda, emocionada e divertida festa de despedida. Anteriormente, já haviam me homenageado com um “Simpósio do Crime Professora Célia Ramos Tejo”. Essa foi uma das vivências mais sublimes e não poderia ter ocorrido em momento mais significativo. Guardo, com carinho, aqueles instantes na memória.

Além da longa atuação como professora da UEPB, tenho orgulho de ter realizado e participado de um conjunto de atividades que me tornaram essa mulher tão bem resolvida.

Sou autora de um livro sobre crime de racismo, intitulado “Dos crimes de preconceito de raça e de cor”. Fui chefe do Departamento de Presídios-PB, hoje, Secretária de Administração de Presídios. Fundei uma Associação cultural Italiana e a Pastoral de Acesso à Justiça e, por fim, sem grande relevância social, apenas celebrando a amizade, criei, há 25 anos, um grupo chamado “As Douradas”, que reúne amigas de infância, adolescência e juventude.

Já aposentada, ouvi na TV Aparecida, um arcebispo dizendo que o Papa pedia aos aposentados que aproveitassem suas experiências para fazer trabalho social. Assim, surgiu a ideia de criar a Pastoral de Acesso à Justiça. Essa pastoral realiza um trabalho social importantíssimo que consiste na oferta de advocacia gratuita para pessoas carentes. Para a sua fundação, contei com a colaboração eficiente de uma aluna querida Carla Felinto, hoje, advogada brilhante e vice-presidente da OAB – seção Campina Grande.

Essa pastoral atua nas áreas de Direito de Família, Sucessões e Previdência e é única no Brasil. Ela é dirigida de forma competente por meu aluno Júlio César de Farias Lima, a quem agradeço, de coração, por seu empenho.

Toco piano há longos anos, sempre música clássica. Durante 18 anos fiz dança de salão e sempre me apresentei em público dançando ritmos diversos.

De natureza desportista, fiz musculação, natação e hoje não dispenso a prática de Pilates e de bicicleta ergométrica. Em razão de gostar de atividades físicas, cito sempre uma frase perfeita do saudoso Abílio Diniz, desportista e empresário de sucesso: Envelhecer é natural, envelhecer com qualidade é escolha”.

Leitora voraz, leio diariamente dois jornais, a Folha de São Paulo e o Jornal da Paraíba, sempre, no meu tablet, e gosto de deleitar-me em livros no meu e-book, pois aceito bem o mundo online e tecnológico. Idosa assumida, costumo dizer que como um bom vinho, envelheço bem.

Vários caminhos, um propósito



Célia Rabello

Nasci em João Pessoa-PB, em 16 de agosto de 1967. Sou filha de Severino Talião de Almeida (oficial do exército) e Nelí Burity de Almeida (trabalhadora do seu lar). Fui a terceira e última da família, sendo a primeira menina. Meus pais viveram uma linda história de amor e tinham a certeza de que haviam encontrado sua “outra metade”, tamanho carinho e afinidade nos planos de vida. Mas essa convivência não durou muito devido ao prematuro falecimento da minha mãe, acometida de câncer, em 1972.

Meu pai contraiu matrimônio novamente, pouco tempo depois, com uma igualmente viúva, Tereza de Jesus Lyra de Almeida, com quem foi casado até seu falecimento em 2017. Como ela tinha 2 filhos, logo nos tornamos uma família de 7 membros. Em seguida nascia Fernando, único filho de meu pai e Tereza e sexto da nova família.

Sendo filha de militar, tive uma educação bastante austera e infância de pouquíssimo luxo, mas aprendi lições sobre valores pessoais que norteiam minhas atitudes diárias até os dias de hoje. Meu pai, a quem ainda amo imensamente mesmo já falecido e a quem agradeço por quem sou hoje, foi um verdadeiro exemplo para mim. Uma pessoa de muitos amigos, muito culto e eloquente e que tinha no senso de justiça um dos grandes pilares de sua vida. Muito frequentemente ouço testemunho de seus amigos e ex-comandados enaltecendo o caráter e a integridade do meu pai. Não consigo esconder minha admiração.

Toda minha formação escolar foi em João Pessoa. Sempre fui muito reservada e tinha poucos, mas fiéis amigos, com os quais mantenho contato até hoje. Talvez movida pela perda de minha mãe, decidi estudar medicina com o ideal de curar pessoas. A futura primeira médica da família foi aprovada na UFPB (Universidade Federal da Paraíba) em 1987. Foram 6 anos de muito estudo e dedicação... Eu nem imaginava que o futuro teria outros planos para mim...

Durante a adolescência, costumávamos veranejar na praia do Poço em Cabedelo-PB, onde meu pai alugava uma pequena casa. Quis o destino que lá eu conhecesse Marcelo Silveira Rabello, meu atual esposo, com quem iniciei um namoro de verão e que deu muito certo. Casamo-nos em 13 de julho de 1991, ele já Engenheiro de Materiais e professor universitário; eu no último ano do curso de Medicina.

Mudei-me para Campina Grande-PB, onde cursei o final de meu internato e me graduei pela Universidade Federal da Paraíba em 1992. Marcelo já era mestre em Engenharia Química e tinha planos para cursar doutorado na Inglaterra. Com o aceite dele para cursar o Doutorado na Universidade de Newcastle Upon Tyne, na cidade com o mesmo nome, na Inglaterra, e o meu como estagiária no Freeman Hospital, na mesma cidade, seguimos para uma grande aventura em nossas vidas. Viver 4 anos no exterior, longe da família e dos amigos em uma cidade desconhecida para nós (Newcastle Upon Tyne) – e em uma era pré-internet – iria nos proporcionar muitas experiências engrandecedoras.

Consegui ser aceita para a Royal Victoria Infirmary, hospital universitário da Newcastle University, referência da região, onde estagiei por 5 meses na ala de hematologia, sob a supervisão do Professor Stephen Proctor. Em seguida, iniciei meu doutorado, sob supervisão do Professor Andy Hall, que foi concluído em 1996 e representou para mim uma grande conquista e excepcional experiência de vida.

Um momento inesquecível deste período foi apresentar um trabalho em Washington (EUA), onde tive a honra de conversar sobre a minha apresentação com a criadora da droga que eu estava estudando (6-mercaptopurina), Gertrude Belle Elion, ganhadora do Nobel de Medicina em 1988.

Foi um período de novas amizades, muitos desafios profissionais, oportunidade de viajar e conhecer outros países. Certamente toda a experiência adquirida neste período me trouxe muita maturidade pessoal e profissional, além da certeza de que o meu marido, aquele que eu havia conhecido no verão de 1985, era de fato a pessoa com quem eu queria passar o resto da minha vida.

Graduamo-nos em 13 de julho de 1996 (aniversário de casamento) e, por coincidência, nossa cerimônia de graduação foi no mesmo dia: Marcelo PhD em Engenharia de Materiais e eu Doctor of Medicine, doutorado clínico em hematologia.

Neste ano retornamos ao Brasil e, em 06 de dezembro, nascia nossa filha Nelí, e, em 10 de janeiro de 1998, nascia nosso filho Rafael. Nossos maiores presentes divinos. Hoje, Nelí é arquiteta e trabalha em um dos principais escritórios da Paraíba. Rafael é acadêmico de medicina e pretende seguir especialidade cirúrgica.

Ao chegar ao Brasil iniciei minhas atividades como médica em consultório e gerei por 2 anos o banco de sangue do Hospital da FAP, na época único banco de sangue público de Campina Grande.

Foi aí então que uma grande mudança aconteceu na minha vida. Em 1998, minha sogra, a professora Maria Luiza Rabello, estava se desfazendo da franquia do Yázigi em Campina Grande. Mulher de grande visão, havia fundado a escola em 1974 e se tornou referência pela excelente qualidade de ensino de idiomas. Já há 24 anos com a empresa, ela desejava se aposentar e nos dava a chance de sucedê-la nessa jornada. A princípio resisti, pois não via sentido em uma médica e um engenheiro enveredarem por outros caminhos e, além disso, tínhamos 2 filhos menores de 2 anos e tempo escasso. Mas Marcelo, sempre sábio nas ponderações, me fez ver que seria uma oportunidade promissora e altamente engrandecedora. Mal sabia eu que logo estaria completamente apaixonada pela educação e plenamente realizada profissionalmente!

Iniciei timidamente no Yázigi e aos poucos fui me envolvendo. Achava tão interessante que mais parecia um hobby do que um trabalho. A filosofia da rede Yázigi em usar o ensino de idiomas como ferramenta para formar cidadãos do mundo sempre me encantou. Colocar essa ideia em prática da forma que achávamos correta e poder trabalhar para influenciar positivamente pessoas eram muito gratificantes. O envolvimento com a escola só aumentava até que fui obrigada a decidir entre a profissão médica, à qual tinha dedicado 12 anos de minha vida, e a nova possibilidade que surgia. Foram longos meses de dúvida, medo, noites mal dormidas até tomar minha decisão final de abrir mão da medicina. Loucura? Talvez. Mas foi o caminho escolhido.

Nesse momento eu me encontrava em uma nova vida: nova profissão e 2 filhos com menos de 3 anos! Quem era eu afinal? Uma pessoa bem diferente daquela que retornou ao Brasil. Mas, certamente, uma pessoa muito feliz.

Vivenciar o Yázigi tem sido uma experiência única de aprendizagem, prazer e propósito de vida. No início tudo era muito novo para nós e fazer parte de uma franquia nos ajudou bastante. As trocas de conhecimento entre amigos franqueados, a orientação pedagógica e os muitos treinamentos ao longo desta jornada foram de suma importância para chegarmos onde nos encontramos hoje. Nossa maior meta sempre foi oferecer um serviço de qualidade. Logo percebemos que a escola é muito mais que sala de aula. Promovemos muitos eventos de cunho educativo ou social, campanhas de cidadania, *halloween*, eventos pedagógicos, encontros nacionais pedagógicos e administrativos. Nossos filhos participavam ativamente dos eventos da escola, das viagens, cresceram imersos na empresa e se divertiam e aprendiam muito sobre a vida. Os projetos sociais promovidos pelo Yázigi me tocam muito por oferecer ao aluno e integrantes de nossa equipe a possibilidade de sensibilizar-se com a situação do próximo. É como plantar a semente do altruísmo.

Tive minha passagem pela sala de aula, claro, para entender o papel do professor Yázigi: aquele que precisa ir muito além do conteúdo linguístico; que precisa entender e respeitar as diferenças entre indivíduos e tratar a todos como seres únicos, mas que precisam respeitar as regras e limites impostos. Sim, o professor educador acima de tudo. Este período me sensibilizou de tal forma que participo de perto de todo processo de formação de nosso professor, acompanho as necessidades de cada turma e suas peculiaridades.

Com a nossa intensa dedicação, a empresa cresceu e novas necessidades surgiram. O prédio na Rua Antenor Navarro (Campina Grande) foi duplicado e alcançamos a marca de 1000 alunos. Começamos a sonhar então com uma nova unidade com muito

espaço livre, jardim, que tivesse conforto, mas mantivesse a atmosfera que havíamos desenvolvido: um local agradável para se estudar e trabalhar.

Em 2011, inauguramos a nova unidade, na rua João Machado, em um projeto majestoso da arquiteta Sandra Moura que é referência para toda a rede Yázigi do Brasil. Nessa unidade introduzimos um novo conceito: ter parceiros no mesmo prédio que possibilitassem aos alunos realizarem duas ou mais atividades no mesmo ambiente: língua estrangeira, dança, música, português língua materna, etc. Para viabilizar essa ideia, buscamos profissionais que mais se aproximavam de nossa maneira de administrar e tivessem a qualidade de serviço como o principal ativo. Essa inovação, pioneira no Brasil, foi muito bem sucedida e levamos também para a segunda unidade do Yázigi, no bairro do Catolé, inaugurada em novembro de 2015.

A construção da unidade do Catolé foi bem desafiadora, uma vez que foi executada durante meu tratamento de câncer de mama, diagnosticado em setembro de 2014. Mas, por outro lado, tivemos um grande suporte de nossa equipe, assumindo a escola como se fosse dela, nos mostrando todo o amor que sentia por nós e pela instituição. Foi lindo vivenciar esse sentimento e compromisso!!

Durante estes 26 anos à frente da franquia, muitos foram os reconhecimentos em forma de premiações do franqueador, inclusive de melhor escola do Brasil. Para mim, que vim de outra área e cuja decisão de deixar a medicina pelo Yázigi foi muito difícil, esse reconhecimento me deu a resposta de que eu precisava: sim, fiz a escolha certa!

Hoje, junto com meu marido parceiro, companheiro, presente em todos os momentos, temos a responsabilidade de manter as duas unidades e a terceira, que chegará em breve. Além disso, criamos uma nova empresa que surgiu na pandemia e que tem conquistado nosso coração, o Espaço 267 Coworking and Bussiness.

Agradeço imensamente a Deus, a meus pais e irmãos pela minha formação, a Marcelo por toda parceria nas decisões (sem ele eu nada seria), a meus filhos lindos que sempre estiveram conosco em todos os momentos, a toda sociedade de Campina Grande, que tão maravilhosamente me acolheu e onde desenvolvi minha história, à família de Marcelo que sempre me proporcionou o amor de um novo lar.

Um agradecimento muito especial à minha sogra D. Maria Luiza Silveira Rabello, a quem sempre admirei por sua visão futurista, pelos posicionamentos sempre tão reflexivos e ao mesmo tempo tão direcionados. Muito obrigada também pela confiança e oportunidade de descobrir no Yázigi meu propósito de vida.

A trajetória de uma professora de administração e gestora de negócios turísticos



Cléa Cordeiro Rodrigues

Nasci no município de Boqueirão-PB, no dia 07 de março de 1951, filha de Manoel Cordeiro Rodrigues e Iracilda Rodrigues Cordeiro. Sou a primogênita de uma família formada por cinco filhos. De Boqueirão guardo fortes recordações: da igreja onde fui batizada e fiz a primeira comunhão, das festas da padroeira, das novenas no mês de maio e do inesquecível festejo junino, todas as festas me enchiam de emoção e alegria. Lembro com detalhes as festas de São João e São Pedro, das fogueiras, das quadrilhas improvisadas no baile da Cooperativa, da fartura na mesa e dos fogos soltados na calçada. Na festa não existiam fogos de artifício no céu, mas no chão brilhavam as fogueiras. Penso que foi neste período que começou a minha paixão pelas festas de São João.

Em 1960 meus pais decidiram morar em Campina Grande. Moramos na rua Tiradentes, em uma casa que mamãe dizia que era presente de Deus, pois era justo o que ela havia pedido a Ele, localizada no centro da cidade, perto de tudo, principalmente da igreja, a Pio X, que ficava muito próxima de nossa casa. Este foi o primeiro desafio que enfrentei na vida, sair de uma pequena cidade, para uma cidade grande, onde tudo parecia diferente, o intenso movimento de carros, pessoas desconhecidas e

os cuidados redobrados de mamãe, mas como Campina é reconhecidamente hospitaleira, logo fiz amizades e me adaptei rapidamente.

Cursei o primário em uma escola particular que ficava próxima da minha casa, onde me preparei para o famoso e temido exame de Admissão no Colégio Estadual da Prata, o Gigantão. Sendo aprovada, cursei o Ginásio e Científico naquela instituição. Lembro dos excelentes professores que tive, da organização do colégio e da exigência com a pontualidade e a farda perfeita. Lembro do professor de história José Loureiro dizendo para todos que aprendêssemos sobre o Brasil, pois a pessoa só amava o que conhecia. Ele despertou em mim o interesse pela história. Lembro da professora de música Dalvanira Gadelha, que falava sobre os clássicos, em seguida mostrava, tocando, em um piano que existia no auditório, as obras de cada um, despertando meu gosto pela música clássica.

Seguindo os meus estudos, fiz o Curso de Economia na Universidade Federal da Paraíba no período de 1972 a dezembro de 1975, onde aprendi sobre a importância de saber administrar os recursos escassos. Com a garra e a vontade de aprender sempre mais, decidi fazer o Mestrado em Economia também na Universidade Federal da Paraíba, no período de abril de 1977 a março de 1981. No mestrado mais uma professora marcou minha vida, Jovelina Brasil a quem sou profundamente grata por ter combatido a minha timidez, fruto da orientação materna de que deveria ser educada, falar na hora certa, não interromper os adultos. Tornei-me uma aluna estudiosa, mas muito tímida por temer cometer erros. Um dia conversando com a professora fora da sala de aula, ela percebeu que eu sabia muito mais do que eu havia demonstrado na sala de aula, e me falou categoricamente: se você não vencer a sua timidez, provavelmente vai ter muitas dificuldades na sua vida profissional. Esta advertência muito me assustou e passei a lutar intensamente para superar a minha timidez.

Enquanto fazia o mestrado, concorri em 1980 a uma vaga para professor no Curso de Administração e Ciências Contábeis na Universidade Regional da Paraíba, hoje Universidade Estadual da Paraíba. Fui aprovada e iniciei a profissão com que sempre sonhei - professora. Cinco anos depois, a minha responsabilidade aumentou, pois fui eleita por três períodos consecutivos Chefe de Departamento do Curso de Administração e Ciências Contábeis para o período compreendido entre novembro de 1985 a agosto de 1991, um dos períodos mais conturbados da Universidade.

Eu continuava querendo aprender mais e mais. Decidi fazer o doutorado na Universidade Complutense de Madrid, entre setembro de 1991 e novembro de 1996. Este foi um período de grandes desafios. O primeiro foi viver em um país com clima e idioma diferentes, e naturalmente conviver com pessoas com comportamentos diferentes. Outro desafio foi iniciar o curso na Espanha sem bolsa de estudo, conseguindo dois anos depois, mas novamente Deus me enviou seus anjos. Em Madrid conheci uma senhora, Mercedes Benitez, que muito me apoiou, e me inseriu na cultura espanhola, falando sobre os costumes e a vida na Espanha, me convidando para assistir os concertos no Teatro Real, Teatro Calderón e ver as exposições nos Museus de Madrid, entre eles “Museu del Prado” e “Reina Sofia”. Todas estas atividades me ajudaram a suportar a saudade dos meus familiares. Neste período não existiam as mídias sociais, a comunicação era por carta ou telefone que era muito difícil e cara, o que só aumentava a saudade da convivência com os amigos e familiares. O que também amenizava a saudade era o

fato de ter uma irmã, Fátima, morando na Holanda para onde eu ia todos os anos para comemorar o Natal e a passagem de ano. Na Holanda o clima é muito mais frio que o da Espanha, mas o calor humano da família superava a diferença de clima. Finalmente, obtive o título de Doutora em Ciências Econômicas e Empresariais, área de concentração em Marketing, com tese aprovada com louvor.

Voltando para o Brasil, reassumi minha função na Universidade Estadual da Paraíba, assumindo a coordenação do Mestrado da UEPB de abril de 1997 a março/98. Como docente, ministrei aula em vários cursos de pós-graduação em diversas disciplinas e entidades, tais como: Gerência de Marketing (Mestrado: Ciência da Sociedade) – UEPB; Estratégias de Marketing para Empresas de Serviços (Mestrado em Ciência da Sociedade) – UEPB; Teoria e Técnica do Turismo – Curso de Especialização em Gestão e Qualidade em Turismo – (17/03 a 18/04/97) Fundação José Américo de Almeida – João Pessoa; Relações Interpessoais e Endomarketing (Mestrado em Administração) – UEPB; Sistema e Fundamentos do Marketing – Especialização em Marketing Fundação Esperança – Pará – Março/98; Qualidade e Produtividade em Serviço – Mestrado em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional – UEPB e Universidade Moderna de Portugal; Marketing de Serviço – Curso de Especialização em Marketing Fundação Esperança – Santarém – Pará). Também orientei várias teses e dissertações e proferi várias palestras.

Em 1999 embarquei em uma nova experiência, desta vez como Diretora de Marketing e Fomento da Coordenadoria de Turismo da Prefeitura de Campina Grande, de 1999 a 2002. Como diretora trabalhei muito na divulgação de Campina Grande em muitos eventos no Brasil e no exterior. Sempre pensei o turismo como opção de desenvolvimento econômico, social e cultural, me dediquei a trabalhar e organizar os artesãos de Campina e reuni-los no período do “Maior São João do Mundo” em um lindo espaço que batizei de “Vila Nova da Rainha”, criado dentro do “Parque do Povo” onde eles apresentavam as suas peças em couro, madeira, argila e fios.

Em seguida, assumi a Presidência da Empresa Paraibana de Turismo, no período entre 2003 e 2009. Nessa função trabalhei a ideia de que cada cidade, cada município deveria resgatar, fomentar e divulgar as características próprias de cada cidade, criando assim produtos novos diferenciados entre si. Trabalhei muito na confecção de material de divulgação do Estado com alto padrão de qualidade. Participei de eventos nacionais e internacionais relacionados com o setor turístico e com o setor imobiliário.

No ano de 2004, criei o “Memorial do Maior São João do Mundo” com o objetivo de contar a história do São João de Campina Grande. O memorial é composto de cartazes de divulgação do São João, fotos da construção do parque do povo, fotos do evento na atualidade, jornais que existiam na época da criação do evento, dos folders, das quadrilhas antigas e atuais, dos artistas e artesãos. O objetivo desse memorial é, além de contar a história da nossa festa junina, mostrar para os jovens o fundamento da festa, que é religioso, histórico, mas também de comemoração da colheita. Essa ação já recebeu votos de aplausos da câmara de vereadores de Campina Grande e da assembleia legislativa do Estado da Paraíba.

Em 2010, assumi a Secretaria de Turismo do Município de Boqueirão, quando tive o sonho de criar o “Memorial das Águas”, que seria implantado nos galpões do DNOCS construídos no período da construção do açude. No primeiro espaço seria contada a

história da luta contra os efeitos da seca no Nordeste e a atuação do DNOCS em toda região, construindo açudes e estradas; no espaço seguinte contaria a história da construção do açude Epitácio Pessoa no município de Boqueirão, o impacto na população neste contexto, quando o povoado assistiu à chegada de mais de três mil homens, e viu diariamente o desfile de máquinas chegando para serem utilizadas na construção do açude e da infraestrutura necessária; outro espaço falaria sobre a água no contexto bíblico onde seriam citadas passagens da bíblia sobre a importância da água; e finalmente o último espaço seria dedicado à conscientização da população sobre a preservação da água. Sonho não realizado, ou pensando de forma otimista, adiado.

Em 2013 embarquei em um novo desafio, escrever um livro, e decidi escrever sobre Ivan Gomes, lutador paraibano de Vale-tudo. Embora não me considere escritora, o livro teve bastante aceitação e elogios. Ivan, para quem não conheceu, foi um lutador paraibano nascido em Boa Vista na Paraíba e começou sua carreira nos finais da década de 50 e finalizou na década de 70. Durante o período que tivemos de convivência, ele sempre falava que um dia ia escrever sobre sua vida e os desafios por ele enfrentados no mundo da luta. Infelizmente faleceu antes de realizar seu sonho. Portanto, o livro tinha como objetivo realizar o sonho de Ivan, e mostrar para a juventude a importância do esporte e a forma de agir e reagir, mesmo em um esporte considerado violento.

Neste livro tive a oportunidade de mostrar um pouco da minha vida na juventude, e parte da fase adulta ao lado de Ivan, quando participávamos das muitas formas de divertimento existentes em Campina Grande nas décadas de sessenta, setenta e oitenta. Diversões, como filmes épicos no Cine Capitólio e Cine Babilônia, diversos bailes organizados por Josildo Albuquerque, famoso cronista social na época, as festas juninas no Clube dos Caçadores, os carnavais no Cesar Ribeiro, o início do “Maior São João do Mundo”, as matinais domingueiras no Clube dos Caçadores, as tertúlias nos domingos na sede do Campinense Clube, a boate Preto e branco, boate “O Esquisito”, “boate Skina”, e “boate Maria Fumaça”. Décadas marcantes nas nossas vidas e que recordo com muita saudade.

Mesmo tendo nascido em Boqueirão-PB, cidade que amo, hoje tenho com muito orgulho o título de cidadã campinense outorgado pela Câmara de Vereadores de Campina Grande, uma propositura do então vereador João Dantas, o que muito me honra.

No presente momento, estou escrevendo um novo livro, que fala sobre minha família dentro do contexto histórico dos anos 50 a 70 no município de Boqueirão. No livro falo sobre minha infância, a atuação da minha família em diversos setores, sobre os desafios de morar em um povoado sem energia elétrica, sem celular, sem televisão, sem internet. Falo sobre religião, a missa rezada em latim, das novenas no mês de maio, da festa da padroeira, da política e seus comícios, dos meios de transportes, do futebol, das escolas e como não poderia ser diferente, falo sobre a construção do Açude Epitácio Soares. Desde 10 de fevereiro de 2021, sou sócia efetiva do Instituto Histórico de Boqueirão, ocupando a Cadeira número 12 que tem como patrono o meu pai Manoel Cordeiro dos Santos.

A minha vida sempre foi pautada pela vontade de aprender, sempre exigindo o máximo de mim mesma, vontade de contribuir, de fazer o melhor possível em todas as atividades que assumi. Como professora, inspirada nos meus inesquecíveis mestres,

tentei de todo coração, passar para os alunos muito mais do que as ementas das disciplinas recomendavam, tentei mostrar para todos a importância de transformar a teoria em uma prática de vida. Como gestora tentei ser para todos a imagem viva do que havia ensinado, e finalmente como ser humano tento superar meus defeitos, e seguir o mais fiel possível os ensinamentos do nosso salvador Jesus Cristo.

Memórias de uma educadora que sonha com o acesso igualitário à educação



Creusolita de Almeida Cavalcante

Há na memória fatos desejados, sonhados, vividos e inesperados. Aos oitenta e cinco anos de existência muito aconteceu: - ilusões, realizações, decepções, perdas, renovações – que nem o *tempo e o vento*- conseguiram apagar.

Graças a Deus – senhor de tudo e de todos- e, em nome Dele, agradeço também a todos que me permitiram viver e compartilhar essa história.

Para atender ao convite da professora Yara Lyra de relatar as minhas memórias, procurei discorrer preferencialmente sobre os fatos mais significativos vividos sem, no entanto, subtrair os acontecimentos pessoais de minha vida e que fazem parte também de “*minha história na educação*”.

Nasci na cidade de Campina Grande, Paraíba, em 1939. Filha de Brasilina Agra Batista e de Manoel de Almeida Batista, ambos campinenses. Ela - minha amiga e conselheira. Santina, como era conhecida, costureira de primeira categoria, reconhecida pela sociedade campinense. Mãe incomparável. Deixou incontáveis exemplos que ainda me orientam e me acompanham. Ele, Nezinho, como era chamado, comerciante respeitado, competente e abnegado em sua profissão. Como pai, carinhoso amigo e solidário.

Foi ele quem me ensinou a aprender a aprender. A eles, inesquecíveis, meus agradecimentos saudosos.

Ainda me presentearam com quatro irmãs (Ivone, Carmelita, Cleide e Cleonice)-Eu, Creusolita Agra de Almeida que, após contrair núpcias em 1960 com José Cavalcante das Chagas, passei a ser chamada Creusolita de Almeida Cavalcante, professora apaixonada pela profissão e amante à vida.

Inicialmente uma vida a dois foi ampliada para cinco, chegando a 11 pessoas. Atualmente somos dez, após o falecimento de José em 2021. Da união do casal nasceram três filhos - Fernando, Gustavo Tibério e Saulo - hoje com suas esposas, seu filho e filhas: Esses dez personagens fazem nossa família - na realidade, uma graça Divina - nossa alegria, novas perspectivas, nosso aconchego, nossa paz e felicidade, nosso mimo, enfim, nossa vida renovada.

Ainda criança, por questões econômicas, meus pais foram morar na fazenda de meus avós, onde convivi com inúmeras pessoas não escolarizadas. Portanto, conheci logo cedo as restrições e humilhações sofridas pelos analfabetos.

Retornando à cidade, iniciei meus estudos, memorizando, sofrendo as punições e os demais reflexos da Pedagogia Tradicional. Graças à dedicação das professoras fui bem-educada.

Minha vida educacional começou na escola de Dona Apolônia Amorim, com a colaboração de sua irmã, Dona Adalgisa, portanto foi Dona Apolônia Amorim que criou o Primeiro jardim da Infância para a Educação Infantil em Campina Grande, pioneirismo louvável e oportuno. Em seguida, estando em processo de alfabetização, ingressei na Escola Pública. Inicialmente cursei as três primeiras séries do antigo Ensino Primário no “Grupo Escolar Solon de Lucena”. Por questão financeira, minha família foi residir na cidade de Caruaru, Pernambuco, onde estudei na escola pública, desta vez em classe Multisseriada. Retornando a Campina Grande, voltei a estudar no Grupo Escolar Solon de Lucena para cursar a quarta e quinta séries.

Após a conclusão do então Curso Primário, prestei o exame de Admissão no “Colégio da Imaculada Conceição”. Após concluir a primeira série, foi inaugurado o Colégio Estadual da Prata, e, graças a ele, pude continuar e concluir o Ginásial. Por necessidade financeira, em 1957 dei início à minha vida profissional, de modo informal, auxiliando crianças a fazerem os deveres de casa. Estava escrito – A vocação definida.

Em 1958, fui nomeada para professora municipal na “Escola Santa Rita de Cássia”, localizada no Bairro de Bodocongó. Concluído o Ginásial, prossegui então no “Colégio Estadual da Prata” o Curso Colegial, fazendo até o 2º ano científico. Foi então que, em 1959, ingressei no SENAI. Era a minha primeira experiência com educação para o trabalho, pois lecionava na classe vocacional. Essa experiência me valeu o contato imediato com o processo produtivo. Ingressei na Campanha da CEPLAR (Campanha de Educação Popular da Paraíba) que tinha como objetivo alfabetizar pessoas das classes populares. Este programa foi desfeito na época do Regime Militar em 1964. Com a nova forma de governo, vieram todas as mazelas sobejamente conhecidas. A educação Popular e a Profissional foram mais uma vez penalizadas, bem como as outras modalidades educacionais.

Em 1965, fui nomeada pelo Estado da Paraíba para lecionar História no curso ginásial do “Colégio Estadual de Bodocongó” e depois para o “Colégio Estadual de José Pinheiro”. Posteriormente decidi retornar aos estudos e prestei então o Exame Supletivo. Estava assim aberta a porta para o ingresso na universidade. Em 1969, prestei vestibular para a área de Estudos Sociais na Universidade Regional do Nordeste. Fui aprovada. No entanto, meu esposo foi transferido para Patos. Prestei novo vestibular na Fundação Francisco Mascarenhas, desta feita para cursar a licenciatura em Letras, onde conclui o curso. Em Patos, lecionei no “Colégio Estadual Pedro Aleixo” e no “Colégio Estadual Capitão Manoel Gomes”: Escola Polivalente Modelo, como Diretora. Neste educandário vivi a implantação da reforma educacional imposta pela Lei Federal 5692/71. Realmente não havia uma política para a Educação Profissional, como sinalizava a nova lei, como de resto, das outras modalidades. Vê-se assim a fragilidade da Educação Brasileira. Os valores anunciados na lei não são praticados.

Voltei para Campina Grande e ingressei na antiga URNE, na área de Letras e posteriormente de Pedagogia. Aqui, exerci o cargo de Administradora Adjunta na Escola Polivalente Senador Argemiro de Figueiredo. Na Universidade Regional do Nordeste lecionei e dirigi o “Colégio Integrado” daquela instituição, que oferecia o primeiro e segundo graus, bem como cursos profissionalizantes nas áreas de Química e Agricultura, esse, na Escola Técnica Assis Chateaubriand, localizada no município de Lagoa Seca-PB. Em 1975, iniciei o Curso de Pedagogia na UFPB, concluindo posteriormente na URNE em 1978.

Naquele mesmo, ano fiz a seleção para o Mestrado em Educação na UFPB, tendo defendido a Dissertação em 1981. O mestrado me deixou um legado inestimável: o aguçamento da curiosidade científica e investigatória, especialmente, em educação, por ser ela uma instituição social criada pela e para a sociedade e para nela atuar. Continuei minhas atividades na URNE. Lecionei em vários Cursos de Especialização, inclusive orientando inúmeras Monografias com temas relacionados à Educação de Jovens e Adultos.

Em 1979, fui nomeada Inspetora Técnica de Ensino. Lecionei em outras instituições de ensino Superior, a exemplo da Antiga Fundação Francisco Mascarenhas e da Universidade Federal da Paraíba, ao tempo em que lecionava também na URNE, já transformada em UEPB. Nessa época integrei o Programa de Alfabetização Solidária, um trabalho de extensão da referida instituição.

Decidi retornar à escola e, desta feita, para um curso de Especialização. Fiz um Curso para Formação de Gestores de Instituições voltadas para Educação Profissional de Nível Técnico, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Fiz também curso de Extensão na UNB, direcionado para a Educação de Jovens e Adultos. Concebi e elaborei, ouvindo vários colegas, alguns documentos, através de uma consultoria firmada com a UNESCO e SEC/PB, visando a implantação da Reforma da Educação Profissional, no Estado da Paraíba através de convênios, trabalho este realizado no contexto da lei 9394/96, a nova LDB. Realizei também inúmeros trabalhos educacionais em Cursos de Pedagogia em Serviço para professores municipais, Curso de Especialização, Orientação de Monografias, organização de Concursos Públicos e realização de Consultorias entre outros.

Sem recuar, venci inúmeras barreiras desafiando-me a outras esperanças. Prossegui na certeza de que a educação pública, universal, gratuita e de qualidade, deve um dia ser realidade para todos, pois só assim teremos a educação e a sociedade de que merecemos e de que precisamos. Aí, então, saudosos educadores, a exemplo de Anísio Teixeira e Paulo Freire, poderão descansar em paz. Apesar de tudo vivido e sofrido, se me fosse dada a oportunidade de outra vida, retomaria ao mesmo barco, navegaria pelos mesmos mares em busca dos ideais dispersos no tempo.

Com tantos anos vividos, há pessoas que estão planejando como e onde viver a vida ainda em curso, optei por continuar sonhando, esperando que o tempo decida meu destino.

Fui ainda conselheira da Bolsa de Mercadorias, sediada em Campina Grande, Presidente e Conselheira do Rotary Clube Campina Grande Leste. Prestei serviços educacionais em alguns Estados Brasileiros a exemplo de Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará entre outros e inúmeros Municípios Paraibanos, exemplo: Sousa, Cajazeiras, Lagoa Seca, Areia, Taperoá, Esperança, Guarabira, etc. Publiquei alguns trabalhos técnicos, uns em cooperação, outros individuais. Representei a Paraíba na Comissão Nacional Criança e Constituinte, na condição de Delegada da Paraíba, em defesa dos Direitos das Crianças. Recebi ainda, alguns Títulos e Homenagens.

Em 1983, fui nomeada Diretora do Departamento de Ensino de Primeiro Grau, da Secretaria Municipal de Educação ao lado de demais Departamentos. A Secretária de Educação era a Doutora Margarida da Mota Rocha, que possibilitou a realização de um trabalho renovador na SEC/CG, nos pós Regime Militar. A ela agradeço a oportunidade de servir à Educação Campinense.

Tenho sido alvo de reportagens em meios de comunicação de circulação no Estado. Venho demonstrando, ao longo de minha vida profissional, a crença de que é possível mudar a sociedade e a educação, por isso são meus horizontes: a transformação social, a melhoria da qualidade da educação, a responsabilidade social do Estado e a cidadania plena. Nesse momento de tantas lembranças, de indefiníveis saudades e quase sem outras venturas e novos planos,

Na minha trajetória profissional, provas vocacionais não faltaram, e duas merecem destaque: renunciei a duas nomeações conseguidas através de concurso público, uma para o Banco do Nordeste do Brasil S/A e outra para o INPS, nomeações que me renderiam economicamente mais que a remuneração, na época, percebida através do Estado, mas que, vocacional e emocionalmente, me penalizariam.

Uma vivência de mais de 80 anos, com alegrias, sonhos, desejos, ilusões, sem mágoas, sem desgostos, sem surpresas, sem sofrimento- é impossível. No entanto, tudo pode ser aceitável, contornado, sublimado, perdoado. Sou feliz.

Nesse momento de tantas lembranças, de indefiníveis saudades e quase sem outras venturas e novos planos, há apenas a certeza de que tudo é possível e tem começo, meio e fim. Nada é eterno, tudo é finito; no entanto, sempre há horizontes. É disto que a velhice se alimenta, se alegra e se reconhece. O pensamento divaga através de recordações que precisam decolar no presente.

Agora, tantos anos passados, a história continua um pouco mais evoluída; mas distante “anos-luz” dos direitos do cidadão. A vida só tem sentido se fazemos o que

gostamos e que acreditamos. Foi nessa perspectiva que caminhei ao longo de minha história como filha, esposa, mãe, sogra e educadora, sempre acreditando na possibilidade de um mundo melhor. Com essa crença, pontuo: o vivido no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, como Presidente Conselheira. A implantação, com outros colegas da OMEP, Organização Mundial para Educação Pré-escolar. A realização de uma visita técnica a Honduras referente à Educação Infantil. Lá, apesar das dificuldades locais, aprendi muito dos diversificados modos de ensinar e aprender. À luz de experiências de colegas a Implantação do projeto de Aceleração de estudos. O trabalho junto ao SENAI/PB pertinente a implantação da Nova LDB de 1996 anteriormente mencionada, ainda em vigor. A colaboração em unidades de ensino, públicas, particulares e filantrópicas a exemplo da APAE/CG.

À luz do meu amor, de minha crença na educação, de um texto bíblico e da sabedoria de Camões, afirmo que:

*Mas servira se não fora
para tão grande amor tão curta a vida.*

O sonho continua.

Uma pedagoga dedicada à política



Daniella Ribeiro

Nasci em Campina Grande-PB, cidade onde vivi boa parte de minha vida, e em que até hoje tenho residência. Filha de Enivaldo Ribeiro e Virgínia Velloso, sou a segunda dos quatro irmãos. Tive uma infância tranquila, época da qual guardo lembranças valiosas com meus pais e irmãos. Desde muito cedo, vivencio a política. Meu pai foi prefeito desta cidade quando eu ainda era adolescente. Depois foi deputado constituinte. Meu irmão mais velho, Aguinaldo, também ingressou na política cedo, o que possibilitou ainda mais a minha convivência na vida pública.

Sempre fui uma entusiasta da educação. Quando chegou o momento de cursar a universidade, não hesitei em escolher Pedagogia. Além de ter sido uma aluna atenta e dedicada, quis entender na prática o dia a dia dos pedagogos. Realizei estágios na área, incluindo escolas públicas e tive a oportunidade de conhecer bem de perto os muitos desafios da educação.

Em 2004 tomei a decisão de entrar na política, contrariando a vontade inicial de meu pai, que queria me poupar dos dramas e ataques, muitos deles injustos, que só quem efetivamente está na política consegue entender.

Parti para meu primeiro desafio como candidata a vice-prefeita de Campina Grande, ao lado de Rômulo Gouveia, pleito sem êxito. Quatro anos mais tarde, em 2008, fui eleita vereadora. Em minha primeira experiência como vereadora, realizei diversas

ações, como o Mandato Popular, no qual juntamente com minha equipe ia para as ruas para ouvir as demandas da população campinense. De volta ao gabinete, me esforçava o máximo possível para atender os pleitos apresentados a mim.

No ano de 2010, me candidatei a uma cadeira na Assembleia Legislativa da Paraíba. Fui eleita, e já no meu primeiro mandato, tive atuação marcante na defesa de pautas relevantes para a sociedade, como (CITAR EXEMPLOS)

Fui reeleita em 2014, e desenvolvi projetos importantes como o “Mais Ação” e o “Fórum Todas por Uma”. O “Mais Ação” era totalmente voltado à educação. Tinha como propósito levar palestras educacionais para escolas públicas e privadas de toda a Paraíba. Em quase três anos de execução, o projeto foi levado para mais de 200 unidades educacionais do Estado, incluindo escolas de ensino regular públicas, privadas e universidades e faculdades. O “Fórum Todas por Uma” premiou mulheres de destaque em áreas diversas, em um grande evento realizado em João Pessoa-PB. A defesa das mulheres sempre foi uma das minhas bandeiras.

Chegou 2018, e com ele a vontade de alçar voos mais altos. Decidi me candidatar ao cargo de senadora. De muitas pessoas ouvi que seria me arriscar demais, ‘trocar o certo pelo duvidoso’, já que para muitos seria bem mais tranquila uma reeleição na Assembleia Legislativa da Paraíba do que tentar uma vaga no Senado Federal. Contrariando as pesquisas, fui eleita a primeira senadora pela Paraíba, com 831.701 votos. Uma campinense no Congresso Nacional.

Campinense e quadrilheira, sempre tive um cuidado especial com as quadrilhas juninas. Sou entusiasta e não perco a oportunidade de divulgá-las com todo o encanto que essa manifestação cultural representa.

Dentre as muitas obras que trouxe para Campina Grande, destaco a Superintendência da Caixa Econômica. Inaugurada em outubro de 2019, esse órgão passou a atender demandas não apenas de Campina Grande, mas também dos municípios do interior, possibilitando o atendimento sem a necessidade dos clientes se deslocarem até a capital.

Como filha de Campina, levo o nome da Rainha da Borborema com orgulho, não só como figura política, mas como apaixonada por essa cidade. Com o meu trabalho, procuro honrar o nome de todos os campinenses.

Uma engenheira no serviço público: da inovação no transporte urbano à proteção do meio ambiente



Denise de Sena Moreira Alves

Nascida em Campina Grande-PB, sou filha de José Alves de Sousa e da professora Francisca de Sena Moreira Alves e, tenho duas irmãs, Diane e Dayse. Fui casada com o jornalista José Erialdo Pereira de Sousa.

Na infância, frequentava regularmente as missas dominicais no Convento São Francisco de Assis, onde participava das leituras. Essa ligação com a comunidade religiosa moldou meu senso de responsabilidade social. Estudei no “Instituto Domingos Sávio” e, mais tarde, no “Colégio Diocesano Pio XI” e no “Colégio Pré-universitário Campinense” (CPUC). Minha participação em Olimpíadas estudantis e atividades culturais durante os anos 70 evidenciava meu espírito competitivo e envolvimento cultural.

Desde cedo, minha vida foi marcada pelo compromisso com a educação e a comunidade. Encontrei minha vocação na engenharia, tornando-me uma profissional com atuação no serviço público. Diplomei-me em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba em Campina Grande. Durante a graduação, fui estagiária na Secretaria de Obras, sob a gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro, experiência que me preparou para minha carreira no serviço público.

Iniciei minha carreira profissional como Engenheira Fiscal de Obras e Edificações Públicas na Prefeitura Municipal de Campina Grande, em 1983, na gestão de Ronaldo Cunha Lima. Integrei a Comissão Tarifária de Transportes Públicos, com a implementação de mudanças significativas.

Assumi a Superintendência de Transportes Públicos, sob a gestão de Félix Araújo Filho (1993-1996), tornando-me responsável pela implantação de programas inovadores, como: *Fiscal Comunitário de Bairros* (...); *Transporte Emergencial*, que consistia no transporte gratuito de pacientes durante a madrugada; *Estacionamento Rotativo Zona Azul*, em parceria com as entidades UCES (União Campinense de Equipes Sociais) e FCD (Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes). Criado em 1994, esse Programa garantiu, na época, empregos para 74 pessoas com deficiência.

Outras atuações junto ao serviço público que considero relevantes se deram no plano da Gestão Urbana e Ambiental, quando liderei, entre 1999 e 2004, a *Comissão de Legislação Urbanística do Município*, nas gestões de Cássio Cunha Lima e Cozete Barbosa. Trabalhei na elaboração do novo Código de Obras e Edificações e no Código de Posturas do Município, bem como na formulação do Código Municipal de Defesa e Proteção do Meio Ambiente. Assumi também a função de coordenadora do Meio Ambiente e presidente do CONDEMA (Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente), nas gestões de Romero Rodrigues (2013-2020), quando conduzi a estruturação da política ambiental do município, através de iniciativas que constituem legados, como a realização da “4ª Conferência Municipal de Meio Ambiente” e a criação do Bosque da Caatinga, no Parque da Liberdade.

Como reconhecimento do meu trabalho, tenho sido agraciada com numerosos prêmios nacionais e internacionais, dentre eles, destaco:

Reconhecimentos nacionais:

- 1996: “Mérito de Honra Comunitário” pela União Campinense de Equipes Sociais (UCES).
- 1997: Citação no livro “Transporte Humano, Cidades com Qualidade de Vida” da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP).
- 2014: “Mérito de Honra Comunitário” novamente pela UCES.
- 2016: Menção pelo “Programa Minha Árvore” pela Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba e Câmara Municipal de Campina Grande.
- 2016: Menção pela Associação Nacional dos Prefeitos e Vice-Prefeitos da República Federativa do Brasil (ANPV), para o “Programa Minha Árvore”.
- 2017: Inclusão de Campina Grande na Comissão Tripartite Nacional do Meio Ambiente pelo Ministério do Meio Ambiente e Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente (ANAMMA).
- 2017: Registro do “Programa Minha Árvore” na Revista Ecoturismo.
- 2018: “Amigo do Meio Ambiente” pelo 31º Batalhão de Infantaria Motorizado PB.
- 2018: “Mulher Inovadora” pela Prefeitura Municipal de Campina Grande.
- 2018: “Prática Sustentável” com o ‘Programa Minha Árvore’ pela ODS Brasil.
- 2019: Honra ao Mérito Municipal pela Câmara Municipal de Campina Grande.

- 2021: Registro dos Programas de Estacionamento Zona Azul e Fiscal Comunitário no livro “História de Campina Grande de Aldeia a Metrópole”.

Reconhecimentos Internacionais:

- **2017:** “Prêmio Inova Cidade” com o ‘Programa Minha Árvore’ – Instituto Smart City Business América.
- **2019:** “Cidades Inovadoras” Menção pelo ‘Programa Minha Árvore’ – Instituto Smart City Expo Curitiba.

Refletindo sobre o trabalho por mim desenvolvido, considero que, entre todos os reconhecimentos, o “Programa Minha Árvore” destaca-se como um legado de sustentabilidade e educação ambiental, mobilizando a comunidade com ações práticas e educativas. Até meados de 2023, o programa já havia doado e realizado o plantio de cerca de 70 mil mudas de árvores em Campina Grande.

Atualmente, atuo como consultora técnica ambiental e voluntária no Projeto Tamanquinho das Artes, localizado na Feira Central, do “Instituto Solidarium de Arte e Cultura”. Além disso, sou membro representante da Associação Nacional de Órgãos Municipais Gestores de Meio Ambiente/ANAMA na Comissão Estadual Tripartite do Rio Grande do Norte. Meu compromisso com inclusão social e meio ambiente me leva a continuar contribuindo para o desenvolvimento de Campina Grande-PB.

De como me tornei expositora e escritora espírita



Denise Lino de Araújo

O que dizer sobre mim numa obra que reúne mulheres notáveis? Não penso que tenho algo de relevante a dizer para integrar esse seleto grupo, porém, o convite que me foi feito pela professora Yara Lyra teve como motivação nas palavras dela o “meu destaque na área religiosa”. Que seja!

Sou Denise Lino de Araújo, expositora e escritora espírita. Mas, muito antes disso, sou a filha mais velha do casal José Nicolau de Araújo e Zélia Lino de Araújo e irmã de Alcione Lino, Abigail Lino Arruda, Adolfo Lino e Delane Livia Lino Franca. Sou também tia de Ana Caroline Lino, Rafael Franca, Sofia Arruda e Sofia Melo e sou campinense. Passei a infância, adolescência e juventude no bairro do Monte Santo. Depois, morei na Palmeira e, hoje, no Catolé, onde me sinto no coração da cidade.

Profissionalmente sou professora da língua portuguesa formada pelo campus II da Universidade Federal da Paraíba, que funcionava em Campina Grande e deu origem à Universidade Federal que leva o nome da cidade. Tenho o ímpeto de migração que caracterizam meus ancestrais e é igualmente uma característica do nordestino. Em função deste, tão logo conclui a graduação, fiz especialização na PUC-MG, em seguida mestrado na Unicamp-SP e, um pouco depois, quando já era docente do ensino superior na mesma instituição que me formei, fiz doutorado na USP e anos mais tarde fiz pós-doutorado na UFMG. Esse percurso sempre teve idas e vindas à Campina Grande, onde resido, trabalho e tenho meus vínculos religiosos.

Esses são muitos anteriores a esse percurso profissional, pois remontam à minha infância. Meus pais tornaram-se espíritas por minha causa, quando eu ainda era

praticamente um bebê. Gratos à intervenção do “outro mundo” que restituiu a minha saúde, dedicaram-se a aprender e a viver a Doutrina Espírita.

Eu cresci num lar no qual o respeito ao sagrado era(é) tão importante quanto estudar. Por conta disso, aprendi a ler nas reuniões de “evangelho no lar” que se faziam semanalmente em nossa casa. Juntam-se a esse respeito o cultivo de valores como a honestidade, a caridade e a dignidade construída através do trabalho.

Esse ambiente possibilitou que eu tivesse uma infância saudável, marcada por uma forte convivência com a espiritualidade, que foi colocada à prova durante a adolescência, quando me afastei de todas as atividades regulares da instituição a qual estava vinculada. Mas é no deserto na vida que se sente uma sede incomum. E foi para saciar a sede de conhecimento que fiz o caminho de volta, tendo nesse percurso um encontro com a literatura espírita. Nesse período eu li, mesmo sem entender, parte da obra dos espíritos André Luiz e Emmanuel, psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier e a obra de Joanna de Ângelis e Amélia Rodrigues, psicografadas por Divaldo Franco. É certo que entendi muito pouco das obras científicas de André Luiz e das filosóficas de Joanna de Ângelis. Dos romances de Emmanuel e dos contos de Amélia Rodrigues, guardei na memória o encadeamento das narrativas.

Essa experiência de leitura somou-se à minha entrada no ensino superior, na licenciatura em Letras, na qual estudei muito sobre a leitura como um jogo sócio psicolinguístico com nexos textuais e discursivos. Por esse mesmo período, comecei a me destacar entre os companheiros da atividade da juventude espírita porque conseguia narrar o conteúdo dos livros de uma forma que diziam ser didática, embora eu não tivesse consciência de como se organizava tecnicamente uma exposição oral com tal qualidade. Essa habilidade intuitiva levou-me a estudar, do ponto de vista da Linguística, a organização do texto falado. Por esse mesmo período, realizei as minhas primeiras palestras espíritas em Campina Grande e logo depois em várias cidades do Estado. Assim, como decorrência natural, uma vivência recursiva instalou-se em minha vida, pois a reiterada atividade de exposição oral nas casas espíritas levou-me a ter um contato reiterado com o gênero palestra, por outro lado, o aprofundamento nos estudos linguísticos levou-me a um monitoramento consciente desse gênero. Anos mais tarde, tendo como referência a minha própria experiência, orientei pesquisa sobre como práticas de letramento em diferentes esferas sociais se tornam solidárias na formação de leitores e escritores escolares proficientes, encontrando a confirmação da recursividade.

O que era uma experiência local e situada ampliou-se a partir de 2014, quando realizou-se em João Pessoa-PB o “Congresso Espírita Brasileiro” e eu integrei a programação na condição de expositora paraibana. Em seguida, passei a atender a muitos convites vindos de vários locais do país, principalmente, de estados do Nordeste. Conjuntamente a essa experiência, vivi de muito perto em Campina Grande a implantação dos primeiros canais espíritas de transmissão no YouTube. À época, esses eram vistos apenas como divulgação. Parecia inusitado ser assistida por pessoas que estavam fora do lugar onde a palestra era realizada presencialmente. Porém, quando a pandemia chegou, esses canais nos mantiveram conectados e, então, pude entender qual sua dimensão, pois, para minha surpresa, descobri que era conhecida em muito mais lugares do Brasil do que aqueles que já tinha ido presencialmente como expositora convidada.

Os autores citados anteriormente continuam sendo meus preferidos, sempre revisitados, ainda mais após o surgimento do **Programa Literatura Espírita: prazer em conhecer!** Este foi(é) um presente dos céus! E o que era para ser produto da pandemia, com a finalidade de divulgar a Doutrina Espírita, tornou-se um projeto de vida. Projeto da minha maturidade, que une minha crença no Espiritismo como o Consolador Prometido (Jo 14:26), minha formação profissional na área de Letras, e também toda a incursão sobre mídias e tecnologias feita no meu doutorado num estudo sobre enunciação e telejornalismo.

Todavia, as palestras são apenas uma face. Eu me realizo mesmo é como escritora espírita. De modo regular, minha produção escrita se materializa na contribuição que atualmente dou ao periódico baiano “Presença Espírita”, no qual mantenho uma coluna intitulada “Proposta de Joanna”. Pois é, aquela mesma autora que me pareceu tão difícil na juventude tornou-se meu objeto de estudo espírita. De modo menos regular, escrevo para outros periódicos no Brasil e no exterior. Nesse exercício, a professora de práticas de produção textual exige da redatora um desempenho muito apurado, tanto que meu único livro espírita publicado até o momento demorou vinte anos para vir à lume, gastos entre leitura, pesquisa, redação, maturação do texto e da tese nele defendida, bem como de mim mesma como pessoa, como mulher, como espírita.

Por fim, por que tudo isso interessa? Porque quando estou fazendo uma palestra, uma *live* ou um artigo meu chega a um leitor no Brasil e no exterior quem me vê ou me lê sabe que estou falando de Campina Grande, Paraíba, cidade dos tropeiros, que a notabilizaram no passado e hoje a notabilizam os novos tropeiros que para cá vêm estudar, montar negócios ou simplesmente passar o São João e retornam a outras plagas. Aqui estudei e me formei. Aqui resido e trabalho. Aqui vivo minha experiência de espiritualidade vinculada à “Fraternidade Espírita Luz e Verdade”, uma casa muito modesta, situada no bairro do José Pinheiro, meu microcosmo.

Campina para o mundo: a trajetória de uma missionária evangélica



Dione Fernandes

O poeta Mário Quintana, acerca do ciclo da vida, assim se expressa: “Nascer é uma possibilidade. Viver é um risco. Envelhecer é um privilégio”. Acerta o poeta, porque o nascimento, realmente, é uma mera possibilidade, devido às incertezas que a vida apresenta, notadamente, em casos específicos como o meu.

Nasci no dia 04 de agosto de 1940 do casal Manoel Severino da Silva e Adamantina Fernandes da Silva (conhecida como Marta). Meus pais eram pessoas humildes: meu pai era alfaiate e minha mãe, costureira. Saliento, porém, a capacidade intelectual dos dois.

Minha mãe tinha apenas o antigo primário, mas um primário que me fez ouvir e ver, certa vez, ela declamar: “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”. Abismada, ouvindo tão lindo e expressivo excerto do livro “Iracema” do escritor romântico José de Alencar, perguntei:

- Onde você aprendeu isso? Ela respondeu:
- Nas aulas da minha escola primária. E acrescentou:

- Não tínhamos apenas que ler, tínhamos que decorar o texto e fazermos uma análise morfológica e um pouco da sintaxe das frases e palavras contidas no texto...

Meu pai era de uma memória invejável. Tinha pouco grau de estudo, mas era um leitor assíduo de jornais e revistas. Não admitia que nós, seus filhos, ao nos expressar, cometêssemos erro de português.

Quanto a viver ser um risco, lógico que é assim. Imagine uma casa com 12 irmãos e não existir um brinquedo sequer! Mas isso serviu como desafio, fomos inventores, fabricamos brinquedos! Só não deixamos de brincar!

Sobre estudos, foi difícil um irmão meu que tenha aprendido a ler na escola. Minha sábia e orientadora mãe ensinou a todos nós as letras e o alfabeto; e os gibis ensinou-nos a ler. Eu aprendi a ler com o gibi “Fantasma”! É possível que até tenha sonhado em ser Diana, a amada do Fantasma, personagem que eu amava.

E os riscos do viver, claro que povoavam minha mente. Eu procurava a luz do fim do túnel e, pertencendo a uma família humilde, como conseguir ver um horizonte verde, esperançoso? No entanto, para chegar ao topo de qualquer altura, temos que parar de pensar no tamanho da escada, temos que refletir se o que queremos está logo ali depois do medo... Talvez não houvesse uma luz no fim do túnel, mas existiu um grande clarão.

No final da minha adolescência, algo divino mudou o meu viver... A vida nos convoca para desempenharmos importantes missões. Vejam os arquitetos e engenheiros com suas linhas e traçados, preparados para pensar e projetar conforto, estética e os aspectos funcionais de uma construção. Já o médico, na sua nobre e humana, ou divina missão, promove a cura, liberta da dor e, muitas vezes, livra da morte. Pelo menos, na sua trajetória profissional, a intenção é esta.

Os advogados, com ações de justiça, defendem causas, livrando o homem de condenações injustas. Os engenheiros de computação são responsáveis pelo estilo de vida hiper conectado que vivemos. Possuem conhecimento pleno em hardware e software. Também atuam na indústria, em sistemas digitais de automação, no suporte técnico em empresas, no gerenciamento de redes, e o lugar mais distante se tornou nosso vizinho através da ação da Internet.

Os professores são, por sua vez, detentores da arte do saber e da grande e espetacular missão de fazer, do menino, um cidadão, em meio a um mundo virado, pelo avesso, como anda o nosso. Os pais são dotados de algo divino, quando se esmeram na arte de criar e orientar os filhos em seu crescimento.

Já Deus chama, convoca, convida, intima homens e mulheres para realizarem algum tipo de trabalho, um bendito trabalho, que é a pregação do Evangelho. Vários personagens bíblicos foram chamados, por Deus, para magnânimas missões. Abraão, Moisés, Jó, Noé, Paulo são homens bíblicos que foram incumbidos de difíceis tarefas missionárias.

Depois de ter feito meu primário no “Grupo Solon de Lucena”; meu Ginásio, parte no “Colégio Alfredo Dantas” e outra parte no “Colégio Estadual da Prata”, cursei Contabilidade que, atualmente, corresponde ao Ensino Médio. Minha mãe era uma mulher, extremamente, temente a Deus e nos orientou para sermos cidadãos. De 12 filhos, 9 fizeram curso superior. Ela também nos ensinou o Bom Caminho que leva ao Céu e este era o Caminho que eu seguia, quando Deus me convocou para uma nobre

e sublime missão. Deixar tudo, para sair semeando a boa semente do Evangelho, que salva almas para o Reino de Deus. Lembram-se de que todos andávamos como ovelhas desgarradas, conforme diz Pedro, 2:25, e Homens e Mulheres de Deus incumbiram-se de mostrar novos rumos, santos rumos que levarão ao Céu, livrando o homem do inferno.

Há meio século, tornei-me missionária pelo Instituto Bíblico Betel Brasileiro, em João Pessoa-PB. O “Ide” é uma ordenança divina que devemos cumprir. O versículo bíblico assim manda: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”! (Marcos 16:15). Não pude ser desobediente à Ordem. Enquanto estive me preparando no Betel, viajei muito por esse Brasil afora, e cantava músicas gospel em um quarteto do qual fiz parte. Fomos a inúmeras igrejas que nos convidavam.

Depois que me formei em Missionária Evangélica e de ter feito muitas viagens pelo nosso país, pregando o Evangelho de Cristo, voltando e permanecendo em Campina Grande, Rev. Raul de Sousa Costa, de saudosa memória, pastor da Igreja Congregacional Central, deu-me a incumbência de ficar à frente de uma Congregação Evangélica no Bairro do Catolé. Ampliei esta Congregação sobremaneira e fiz dela uma Igreja. Na parte de trás, construí alguns salões para servir a algumas atividades da própria Igreja, e ainda construí uma casa pastoral, nos fundos da Igreja. Construí também uma Congregação da nossa Igreja no bairro do 40.

Como o Evangelho é para ser pregado a tempo e fora de tempo, pois há almas se perdendo neste mundo desvairado em que vivemos, construí em Puxinanã mais uma Igreja que hoje pertence à Igreja Congregacional Central de Campina Grande.

Fazendo uso da Palavra de Deus, já preguei, praticamente, em todo território nacional, conhecendo assim quase todos os estados do meu país, com exceção apenas de Roraima, Acre, Amapá e Rondônia.

Além de Missionária Evangélica, exerci outras atividades. Com a análise do meu currículo, fui selecionada para estudar na Faculdade de Direito da Universidade Estadual de Campina Grande, onde conclui o Curso de Direito. Também, sem me submeter a vestibular, apenas com a análise do meu curriculum, tive o prazer de me formar em Pedagogia. Graduada, exerci a função de professora no Ginásio Evangélico de Campina Grande, pertencente à Igreja Evangélica Congregacional Central, localizado à Avenida Floriano Peixoto, num edifício que ficava por trás da Igreja Congregacional Central. Nesse Ginásio, lecionei Educação Religiosa durante 5 anos e meio. Também desempenhei a função de Diretora, no turno da tarde, no “Colégio Estadual Virgínio da Gama e Melo”, no bairro das Malvinas.

O Acampamento Maranata foi um dos maiores presentes que já recebi na minha vida. Uma doação do sr. Walter Brito. Ali já foram realizados 21 Retiros Espirituais e, em outros locais, 30 Retiros. Expresso minha eterna gratidão ao Missionário Gérson Barbosa (In memoriam). Um grande privilégio a mim concedido foi ser homenageada pela Câmara Municipal de Campina Grande-PB, com a Medalha de Honra ao Mérito por serviços prestados à minha amada cidade.

Compreendo que o ser humano não é, nem deve ser nunca engaiolado. Assim pensando, empreendi inúmeras viagens. “Viajar é mudar a roupa da alma”, já dizia Mário Quintana. O interessante é que ninguém volta igual após uma viagem. Parece que há um

rejuvenescimento mental e corpóreo. Já disseram também: “Para males, faça malas.” Ou seja, o viajar é extremamente benéfico.

Conheci boa parte do mundo, pregando o evangelho nos Estados Unidos, país a que fui três vezes em igrejas presbiterianas (Boston e Flórida). Além desse país, conheci Espanha (2 vezes), Portugal (2 vezes), Alemanha, Suíça, Bélgica (2 vezes), Holanda (2 vezes), França (5 vezes), Itália (3 vezes), Mônaco, Suécia, Inglaterra, Egito (2 vezes), Israel (6 vezes), Hungria, Grécia, Uruguai, Paraguai (5 vezes), Argentina (2 vezes), Áustria, Dubai (2 vezes), China, Turquia (2 vezes), Jordânia e Japão,

Assim, estou há 50 anos sempre obedecendo à voz do Criador na sua ordenança de irmos pregar o evangelho por todo mundo. Dentro deste ministério, abençoado e abençoador, estou no intento de que minhas ovelhas possam renovar votos, atitudes e mudança de vida. À frente da Igreja Congregacional do Catolé e dos Retiros Espirituais de nossa Igreja, estou levando inúmeras pessoas a se renderem aos apelos de Cristo e outros a renovarem a vida espiritual.

De como estudei e me fiz professora



Divanira de Lima Arcoverde

Sou Divanira de Lima Arcoverde. Fui a primeira filha mulher da professora Julieta de Lima e Costa e do agricultor e pequeno comerciante João Ferreira da Costa, em uma prole de seis filhos: quatro homens e duas mulheres. Pela ordem de nascimento temos: José Rivando, Maria Divanira, Maria Albani, Antônio Hidalgo, Francisco Jansen e Djalma. Nasci em 31 de janeiro, na cidade de Nova Floresta, à época distrito de Cuité (PB), onde minha mãe foi a primeira professora do ensino público.

Minha infância, como toda criança do interior, foi simples, mas feliz! Brincávamos de cozinhar, de cantigas de roda, jogos etc. Minhas primeiras letras aprendi com minha mãe, frequentando a única escola pública daquele lugarejo, onde ela era a professora. Era uma classe multisseriada, num grande salão, onde funcionavam do primeiro ano (A, B, C), até o terceiro. Depois chegaram outras professoras e, aos poucos, a escola foi progredindo. Minha mãe, além de professora, era uma espécie de ativista cultural. Organizava festas, quermesse, pastoris, desfiles, gincanas, dramas etc., e sempre nos envolvia, eu e minha irmã. Contava também com o carinho de todos da família paterna, que lá residiam.

Cursei, em Nova Floresta (PB), até o terceiro ano e fui para a casa de minha avó materna, em Cuité, para cursar o quarto ano primário, como chamavam, nessa época. Ainda guardo na memória as atividades feitas em papel “pautado” e com todas as exigências da professora Mirtes Venâncio. Depois havia um primeiro ano complementar e, além disso, um Exame de Admissão, preparatório para ser selecionada no Instituto

América, que oferecia o Curso Normal. Meus pais, então, se mudaram para Cuité e minha mãe conseguiu a transferência dela para o Grupo Escolar Vidal de Negreiros.

Guardo ótimas recordações de minha adolescência, desse tempo bom, amigos(as), o sonho de ser normalista, o carinho e cuidados de minha avó, Julita Fonseca, e de minha tia Ondina Lima. Neste período, também fui envolvida em participações artísticas e culturais. Aos 14 anos, comecei a trabalhar numa loja de tecidos, nos dias de feira livre da cidade. Meu ciclo de amizades ampliou-se, ia às festas, gostava muito de dançar, de cantar e comecei a namorar... Cursei até a metade do quarto ano Normal, quando optei pelo compromisso de noivar em 15 de agosto de 1958 e casar-me em 14 de dezembro de 1958, com apenas dezesseis anos, com um funcionário do Departamento de Estradas e Rodagens - que chegara à Cuité para trabalhar no “corte” da Serra.

Minha adolescência foi interrompida... Costumo dizer que “amadureci no carburador”, para usar uma expressão popular de minha terra, isto é, antes do tempo. Depois de casada, fui morar fora, pois meu esposo fora transferido para João Pessoa (PB). Passei um tempo na casa da sogra e, em seguida, fui morar em Sapé (PB), onde nasceu meu primogênito, Edjarde Filho. Nesta época, contei com a presença de minha mãe e de uma tia que foram a Sapé para me dar assistência. Tinha uma boa vizinhança, que me ajudava, me orientava e, assim, aprendi a ser uma verdadeira dona de casa. Após Sapé, fui morar em Solânea (PB), onde permaneci por dez anos. Tive mais quatro filhos, Rosele, Rossana, Rinaldo e Rivanildo. Nova transferência de meu esposo me oportunizou vir morar em Campina Grande (PB), no ano de 1971, em meados de agosto. Foi aqui em Campina Grande, cidade universitária, que a chama de meus sonhos se reacendeu. Desta forma, foi no silêncio que meus pensamentos gritaram mais alto e me motivaram a experimentar novos caminhos.

Veio-me à mente as palavras sábias de Cora Coralina: *“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar, porque descobri no caminho incerto da vida que o mais importante é o decidir”*. Decidi, então, voltar a estudar, após dezessete anos! Era o ano de 1975. Quanto tempo, mas tão presente em minhas lembranças... Procurei o Colégio Santa Bernadete que ficava no mesmo bairro onde eu morava e conversei com a Diretora Irmã Stefânia que foi receptiva e me orientou o que providenciar. Contei com a generosidade de meus pais que se responsabilizaram por enviar meu histórico escolar e custearam as despesas. Matriculei-me na 8ª série. Muitos foram os entraves, empecilhos e barreiras... Não desisti! Produzi um novo tecido na tecelagem de minha teia existencial. Fiz depois o exame supletivo (segundo grau) e realizei, em 1977, o exame vestibular para o Curso de Letras na Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), tendo sido aprovada. Concluí a Graduação de Letras em 1980.

Revivo meu momento como graduanda, todas as agruras que passei e toda a minha ascendência acadêmica. A exemplo de Guimarães Rosa, penso comigo mesma! *“Viver é um rasgar-se e remendar-se”*. Posso afirmar convicta de que entre meus remendos me fiz inteira, bordei sorrisos onde doía, costurei feridas abertas e, de retalho em retalho, fui tomando a forma que tenho. Tudo foi importante! Tudo teve sua função. Tudo foi aprendido! Aprendi a “tecer as manhãs”!

No entanto, a força do destino me prega várias ciladas! Nesta época, tive grandes perdas no maior dos contextos: o contexto humano! Parte minha mãe, justamente num

dia que se comemorava o dia das Mães, em 1983 e, em 1985, meu filho caçula, em um acidente automobilístico. Dores que não podem ser avaliadas! Dores que se instauram no território coronariano, cuja porta só se abre pelo lado de dentro... Deste modo, foram muitas as vezes que nuvens negras me apareceram como restos de noite. Sofri, chorei, mas não me entreguei ao desânimo. Com fé e muita oração, procurei reagir.

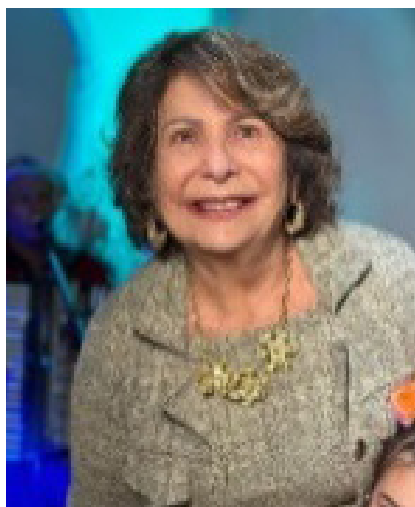
Prestei concurso para a Universidade Estadual da Paraíba, à época, ainda FURNE. Lecionei vários Componentes Curriculares, como Língua Portuguesa, Linguística, Sociolinguística, Semântica e Pragmática, entre outros. Assumi vários cargos administrativos e, como Chefe de Departamento, tive a oportunidade, com a colaboração de meus pares, de criar o Curso de Mestrado em Letras, do qual fui aluna. E, depois de aposentada, fui selecionada para o Curso de Doutorado.

De forma resumida, minha formação na pós-graduação incluiu: os Cursos de Especialização em Educação Básica, na UFPB, em 1982, e em Comunicação Educacional entre 1989 e 1990, na UEPB; o Mestrado em Ciências da Sociedade (1996-1998) e o Doutorado em Literatura e Interculturalidade (2011-2015), ambos na UEPB.

Em meu currículo, me orgulho de ser mãe de filhos maravilhosos que me deram seis lindos netos: Edjarde, Danilo, Julieta, Túlio, Lucas e Thiago. O primeiro já formado e pós-graduado e os demais todos universitários, sendo dois deles concluintes.

Agradeço a Deus pela vida, por ter me encorajado nas lutas e me fazer aprender que o “caminho se faz caminhando”.

Minha história em ações religiosas e de apoio a idosos



Dvone Medeiros Silva

Sou filha de João Inácio da Silva e de Maria Amaro dos Santos Silva. Nasci na localidade de Barra de Santa Rosa, na época, município de Cuité, no dia 15 de junho de 1941. Meu pai era comerciante e chefe político, minha mãe era dona de casa e costureira. Éramos uma família de sete irmãos: Djalma, o mais velho, Dvone, Carlos, Dvaldo, Toinho, e as gêmeas Ana Lúcia e Ana Maria (in memoriam)

Tive uma infância privilegiada. Morando num lugar muito pequeno, vivíamos como se não tivesse nada em volta, brincadeiras de rua, pulando corda, brincando de boneca e fazendo cozinheiros com as amigas da mesma idade. Minha mãe cuidava de mim como se fosse uma boneca. Fui a primeira criança a ganhar uma bicicleta, motivo de muita alegria para uma criança com 6 anos. Minha primeira comunhão foi também um marco na infância, minha mãe fez um lindo vestido e usei um arranjo para cabelo comprado em Campina Grande-PB, como também um livrinho que chamavam de “adoremos”, que tinha uma capa perolada, algo chique na época. Uma curiosidade: o padre, que vinha de Cuité celebrar uma missa por mês, hospedava-se na nossa casa. Lembro que minha mãe sempre fazia um vestido novo para esta ocasião, fazia também uma almofada para minha cadeira na igreja, com o tecido igual ao do vestido.

Estudava em uma escola pública, de instalações muito precárias. Era um salão onde ficavam todos os alunos em volta de uma grande mesa, uma professora ensinava a todos, independente da série que estivesse fazendo. Fiz até a 4ª série em Barra de Santa Rosa-PB e com 11 anos fui estudar em Natal, na casa da minha tia Miraci. Fiz um curso preparatório para o exame de admissão, e consegui ser aprovada no “Ateneu”, Colégio

Estadual, na época, muito difícil conseguir entrar. Fiz também um curso de datilografia enquanto estava em Natal, curso este que me ajudou muito na idade adulta.

Em um ano, vim passar as férias em casa para retornar em fevereiro, início das aulas. Porém, quando cheguei, houve uma mudança total dos meus planos. Como os meus irmãos já precisavam estudar, e uns primos também, os pais fizeram um acordo e alugaram uma casa em Campina, onde todos viemos morar.

Em Campina, fui estudar no colégio das Damas, junto com minha prima Odete, que veio morar conosco. No colégio das Damas, estudei com Maria Angela Galdino, Jerusa Soares, Aparecida Cesar, Nazilda Freira, minha maior amiga de turma. No 3º ano, eu e Nazilda fomos reprovadas, porque perdemos o horário da prova oral por falta de atenção, por isso tiramos 0 e fomos reprovadas. O professor Adelmo nos ensinava matemática, Roberto Paloma, então estudante de engenharia, dava aulas de desenho, e o professor de educação física era um militar do exército.

Meu pai continuava morando em Barra de Santa Rosa e passava 2 dias por semana em Campina. Minha mãe assumiu toda responsabilidade, não só dos filhos, como também dos 3 sobrinhos do meu pai que vieram morar conosco para estudar. Quem cuidava e colocava ordem na casa era meu irmão mais velho Djalma que, devido à minha reprovação, me tirou das Damas e fez minha matrícula à noite no colégio PIO XI, e tempo depois arranhou um trabalho para mim, com 16 anos, o que não era proibido na época. Hoje agradeço por essa atitude dele, pois me tornei uma pessoa independente logo cedo para resolver os problemas que surgiam na minha frente. Hoje, aos 83 anos, continuo a fazer minhas atividades praticamente sozinha, me sinto segura para dirigir, ir ao comércio, academia e aos médicos.

No Pio XI, tive colegas como Nemésio Lucas e Sebastião Vieira. Foram meus professores, Ronaldo Cunha Lima, Evaldo Gonçalves e também aquele que todos os alunos temiam, professor Almeida, que ensinava ciência e que me fez decorar todo o sistema circulatório. Terminado o Ginásio, fui fazer contabilidade, no turno da noite, na escola técnica localizada atrás do prédio dos correios. Na adolescência gostava de dançar nas tertúlias do Campinense Clube e nas matinês dançantes do Aliança Club 31, que ficava no primeiro andar, na rua Maciel Pinheiro.

Algo muito importante para minha vida foi o convite para participar de um grupo de jovens chamado Luízas de Marilac, no Instituto São Vicente de Paulo. Tive como voluntárias junto comigo Maude Brasil e Luiza Erundina, que foi prefeita de São Paulo, e hoje é deputada federal. Foi aí que aprendi o amor ao próximo, principalmente aos pobres que ajudávamos. Foi um grande aprendizado na minha vida religiosa.

Na época, uma grande amiga, Isa, fez meu namoro com Pedrinho, meu companheiro de 65 anos de convivência. Como Pedrinho tinha uma outra amiga, Marli Sales, que morava na mesma rua, fomos juntos com as famílias, como era de costume, passar um domingo na praia. Fiquei dois anos sem vê-lo, depois nos encontramos na festa da Padroeira do Rosário e começamos a namorar, dois anos depois nos casamos e estamos juntos há 63 anos. Desta união nasceram meus 5 filhos: Eder, Eduardo (Kinha), Evandro, Pedro Alcântara Júnior e Luiz Neto (Luizinho), que são a razão do meu viver.

Nosso casamento foi realizado na capela do São Vicente de Paulo, com licença especial do bispo, já que lá não se realizavam casamentos. Porém, como eu fazia parte

da família vicentina, foi dada a permissão, e a cerimônia foi realizada por Padre Maia que era meu conterrâneo de Santa Rosa. Depois do casamento, acrescentei o sobrenome Medeiros ao meu nome, e hoje sou mais conhecida como Dvone Medeiros. Tive um bom relacionamento com meus sogros, Arlinda e Luquinhas, com meus cunhados e sobrinhos do Pedrinho, ainda hoje mantenho laços afetivos com todos.

Realizei viagens memoráveis com meu marido, conheci quase todo o Brasil, países americanos (Estados Unidos, México e Canadá). Fui várias vezes à Europa, conheci as Ilhas Gregas. Muito me emocionei quando, em uma das viagens, visitei casa onde Maria morou.

O objetivo da minha vida sempre foi manter minha família unida. Meus cinco filhos casaram e me deram cinco noras maravilhosas, filhas que não tive. Depois foram chegando os xodós de vovô e vovó, meus 13 netos adoráveis: Filipe, Pedro Alcântara Neto (Pedrinho), Eduardo Filho (Dudu), Melina, Maria Eduarda, Maria Eugênia, Camila, Amanda e João Vitor, Pietra, Pedro Henrique, conhecido nas redes sociais como PH, Lucas e Letícia. Depois, para alegrar ainda mais nossas vidas, vieram os bisnetos João Gabriel, Pedro Alcântara Bisneto (Pedrinhozinho) e finalmente Diana, Luca e Antonella.

No âmbito religioso, participei do movimento Cursílio de Cristandade, tinha como minha coordenadora dra. Margarida Rocha, depois Pedro Araújo, e a coordenação geral do saudoso Padre Pitiá. Foi um grande aprendizado para minha vida religiosa. Fiz encontros de casais com Cristo; para minha surpresa, a apresentação foi de Evandro, meu filho e minha nora, Fabiana, o que me causou grande emoção.

Minha casa no Açude Velho é testemunha de momentos memoráveis, desde o nascimento e crescimento dos meus filhos, aprovação no vestibular, e as formaturas deles. Lá, fiz a festa dos meus 50 anos, minhas bodas de Prata, o casamento de Pedro Júnior e Penélope e o de Camila. Aniversários dos filhos e netos também são comemorados lá. Também não posso esquecer dos almoços em família todos os sábados, com a presença dos filhos, noras, netos e netas com suas esposas e esposos, outros com as namoradas e namorados, e os bisnetos. Toda semana é um almoço animado, com criança correndo, brigando, jogando bola, outras chorando, adultos contando histórias engraçadas ou revivendo momento inesquecíveis. Assim, continuamos a festejar aniversários, dia das mães, dos pais e todas as datas importantes. No Natal, modéstia à parte, minha casa é uma das mais iluminadas da cidade. Na nossa ceia de Natal, juntamos todos os familiares e alguns amigos que há muitos anos comemoram esta data conosco.

Além da Casa do Açude velho, temos a Casa da praia. São inesquecíveis os veraneios vividos na praia Ponta de Matos. Toda a família ia para nossa casa pois éramos os únicos que alugavam casa. Fazíamos um bloco no carnaval, o bloco do Pedrão e os assustados, frequentados pelos jovens da época. Veraneávamos também em Camboinha, onde fizemos grandes amizades. Finalmente nos instalamos definitivamente no Castelinho, em Areia Dourada, onde toda família continua se reunido para nossa alegria, e temos acomodações para todos.

Há 45 anos, faço parte do grupo Caridade São Vicente de Paulo, trabalhando junto às irmãs do abrigo e ajudando nas necessidades da casa, e em outros projetos. Por exemplo, trabalhamos juntas por oito anos na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, onde prestávamos assistência através da Pastoral da Criança a mais de 50 crianças,

assim como as suas mães. Era feito um trabalho de evangelização, conscientização e ensinávamos algum trabalho: corte e costura, pintura em tecido, tapetes de fuxico e outros. Fui reconhecida pelo trabalho nessa comunidade, colocaram o nome “Clube de Mães de Dvone Medeiros”. Fui agraciada também com o título de cidadã campinense, outorgado pelo vereador Antônio Pimentel. Fiz também um trabalho junto à antiga Febem (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), com idosos no bairro de Monte Castelo, com muitas visitas domiciliares para conhecer a realidade de cada pobre. Entregava sopa aos mais carentes na comunidade Itararé, que hoje é um bairro urbanizado por conta da Unifacisa (Centro Universitário) instalada na sua proximidade.

Como “Voluntária da Caridade na AIC” (Associação Internacional de Caridade), participei de mais de vinte encontros regionais, nacionais e internacionais, fui ao México para uma assembleia internacional. Até hoje continuo atuando neste trabalho voluntário com muito amor e carinho. Coordeno um trabalho com gestantes carentes junto com meu grupo de trabalho e acompanho outros trabalhos com pessoas carentes, o que me faz muito feliz. Creio que esta missão foi Deus quem me deu, e só deixarei de servir a quem precisa quando o Pai Maior me levar para a morada Celeste.

Agradeço a todos os familiares que fazem minha vida ter mais sentido (meu marido, meus filhos, minhas noras, netos e bisnetos, meus irmãos Djalma, Toinho, Carlos, Ana Lúcia) e a todas as pessoas do grupo das voluntárias da caridade, pelo apoio recebido. Um agradecimento especial às irmãs do São Vicente de Paulo, pelo carinho com que sou tratada.

Momentos da travessia humanística



Elizabeth Marinheiro

Ao atender ao convite da colega professora Yara Macedo Lira, passo a transcrever trechos de uma autobiografia já publicada.

Sou natural de Campina Grande-PB, tendo nascido na casa de meus avós Luísa/ Salvino Figueiredo, na rua da “Matriz”, hoje Floriano Peixoto. Era um local literalmente seleta onde residiam dr. Elpídio de Almeida, a família Hamad, dr. Otávio Amorim, meu tio Acácio Figueiredo, entre outros. Costumava “curiosar” os namoros das primas Lúcia e Ilo Santos; Marilda e Hilton Paiva; Clara e Gláucio Moraes; Vanda e José Fernandes; Maria Acácia e Torres de Melo, que, na sequência, formaram felizes casais. Com Neide e Lalá, vibrava com “Sá Zefinha” tocando no coreto, brincava de “cirandinha” e, durante o dia, pescava refrigerantes nos pavilhões do azul e do encarnado.

Tive a felicidade de uma infância lúdica permeada pelo carinho de meus pais – Mariê e Agripino -, por meus tios, em particular por tio Argemiro /tia Alzira, filhos e filhas; contentava-me o leite quente retirado do peito das vacas e levados para mim, ainda na caminha. Com Sarah, ia de cavalo à casa do administrador de **Itararé** saborear galinha caipira guisada pela mulher de “Seu Mané Cabôco”. Gostosuras!

Com relação ao meu **habitat** em vários espaços: sítio Santa Terezinha, rua Peregrino de Carvalho, rua Quebra-Quilos **et caterva**. No sítio fui aluna da professora Esmeralda; em Campina estudei com Dona Joana Luna (irmã do ilustre Mauro Luna) no “Colégio Alfredo Dantas” fiz o curso ginásial sob a ética rigorosa da diretoria formada por Alcide/Severino Loureiro, e no “Colégio Estadual da Prata” escolhi o curso Clássico, com um magnífico elenco docente: François Dedier (francês), Pablo Laslo (espanhol)

Padre Emídio Viana (latim) Milton Paiva (português), além dos professores que ministravam disciplinas alheias ao meu projeto humanístico.

Concluídos os estudos nesta cidade, minha sábia mãe patrocinou o roteiro universitário. Passei no vestibular de Letras Neolatinas da Universidade do Recife e residi no pensionato (feminino) São José, dirigido por religiosas da ordem Beata Paola Frassinetti.

Aquela época, travei produtivo conhecimento com os intelectuais Cézar Leal, Carlos Pena Filho (imenso poeta), Moacir de Albuquerque, Leônidas Câmara, amaro Quintas e Ascenso Ferreira, cuja estrofe não esqueço:

Na hora de comer – comer!

Na hora de dormir – dormir!

Na hora de vadiar - vadiar!

Hora de trabalhar? — Pernas pro ar que ninguém é de ferro!

Retornando a Campina, ministrei aulas no “Gigantão”, na Fundação Universidade Regional do Nordeste/FURNE e na Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, na qual **implantei a disciplina Teoria da Literatura**.

Paralelamente, fui aprovada em concurso público da Universidade Federal da Paraíba/UFPB (João Pessoa) e passei a integrar os cursos da graduação e pós-graduação em Letras; mas, por determinação do extraordinário reitor Linaldo Cavalcante de Albuquerque, fundei o Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários /NELL, que se tornou o **cartão-postal da UFPB em Campina**, de acordo com o historiador Luís Otávio de Arruda Melo. Como não havia ainda o regime dos concursos públicos, o reitor Linaldo admitiu as professoras Lucie Mayer Motta (saudosos memórias), Salete Carolina, Ítala Farias, Elúcia Soares e os professores João Batista dos Santos, José Antônio Assunção e Ricardo Soares. Se fosse traduzir as atividades do NELL na área de Linguística e da Literatura escreveria um Tratado.

Depois do regresso de uma das minhas viagens, tive a grande surpresa: o NELL fora transferido para o campus da UFPB no bairro Bodocongó. Não aderindo à injustificável resolução, preferi iniciar um projeto com autonomia epistemológica.

Desse projeto resultaram as estruturas do **Curso Permanente de Teatro**, inaugurado por Ariano Suassuna e coordenado pelo dramaturgo Hermano José; a **Associação Brasileira de Semiótica /Regional Paraíba**, aberta com a presença de Décio Pignatari e Lúcia Santaella; o Clube Pensamento, Estudo, Nacionalidade/PEN, trabalhos ora ligados ao NELL, ora à Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira/FACMA.

Meu projeto, graças a Deus, possibilitou-me algumas conquistas: os títulos de Mestrado e Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS em Porto Alegre e o Pós-Doutorado pela Universidade Complutense de Madrid.

Na Universidade de Madrid fui aluna de Damaso Alonso, Carlos Bousoño e Miguel A. Gallardo; na Universidade do Porto apresentei comunicações por indicação do professor dr. Salvato Trigo; na Sorbone entrevistei o prof. dr Georges Boisvert; e na Escola Prática de Altos Estudos entrevistei Julia Kristeva e Tzvetan Todorov com tradução simultânea (Paris).

Para não reproduzir inteiramente minha autobiografia, devo alusões à criação da Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira/FACMA, iniciada no Colégio Estadual da

Prata /gestão **Juracir Palhano**. Ao perceber o ensino historicista da Literatura, resolvi substituí-lo pelo método **Educação através da Arte**. Nasceram, então, os Corais Falados Manuel Bandeira e Cecília Meireles que se apresentaram no programa da jornalista GRAZIELA/TV Borborema. A partir daí, os Corais passaram a receber inúmeros convites e percorreram cidades sertanejas, João Pessoa (Teatro Santa Roza), Recife (Teatro Santa Izabel), Rio de Janeiro (Academia Brasileira de Letras e Museu da Imagem e do Som).

Meu conhecimento com o embaixador e poeta João Cabral de Melo Neto possibilitou apresentações dos Corais – já transformados em FACMA – em Lisboa e Madrid.

No tocante à minha produção literária, mantive a crônica **Tessituras** publicada no Paraíba-online e nos jornais locais. Tenho vários livros editados e dois deles foram premiados em concurso nacional pela Academia Brasileira de Letras: **Vozes de uma Voz** e **A Bagaceira – uma estética da Sociologia**.

Devo mencionar alguns fatos que me proporcionaram efusões líricas, a exemplo da minha eleição para a Academia Paraibana de Letras. Os autores do convite para que eu me inscrevesse, acrescentaram que seria a primeira eleição da API, já que os ocupantes, àquela época, haviam sido **aclamados** e que seria eu a primeira mulher a ingressar no tradicional templo acadêmico. Inscrevi-me. Mas, ao retornar de uma viagem à Europa, encontrei outros candidatos inscritos. Tentei a desistência e compareci à residência do escritor José Américo de Almeida que me aconselhou o contrário. Venci a eleição com doze votos de maioria e fui saudada pelo Desembargador Mário Moacir Porto. Os discursos de posse estão publicados em **O Homem se eterniza pelo que escreve**.

Outra grande emoção; esta mensagem enviada à minha filha Lizanka: “Que belo artigo! Ariano era o máximo e sempre atual! Muito bem escrito, mas para poucos! De um modo geral, as pessoas, hoje em dia, falam e escrevem mal! E com o advento do whatsapp piorou tudo. De verdade, adorei o texto de sua mãe. Parabéns e obrigado por compartilhar comigo”.

Mais adiante: “Um texto bem escrito é tudo de bom. Saber resumir sem perder o conteúdo do contexto. Na oralidade é necessário também para não matar o ouvinte com rodeios e rodopios e horas de escuta sobre o mesmo tema. Feliz de quem foi aluno de Elizabeth Marinheiro! **Fernando Gabeira**.

Recentemente, fui surpreendida com um depoimento do extraordinário **Gilberto Freire** “nas visitas e nas falas, por iniciativa de Elizabeth Marinheiro, o mestre Apipucos publicou no diário de Pernambuco (27 de agosto de 1979): “Uma sugestão terapêutica ao brasileiro que se sinta desalentado quanto ao futuro do Nordeste Vê a Campina Grande. Votará curado do desalento porque Elizabeth Marinheiro é mestra de raro valor: talvez, no Brasil de hoje, a maior mestra universitária de Literatura. Lúcida e sábia” **Mário Gomes Hélio** (conferência na FIEP local em julho /2024, liderada pelo dr. Thélío Farias, presidente da Academia de Letras/ALCG.

Hoje não tenho nenhuma necessidade cantar:

“Eu não tinha este rosto de hoje,

Assim calmo, assim triste, assim magro,

Nem estes olhos tão vazios,

Nem o lábio amargo” (Cecília Meireles; in **Retrato**)

Meu rosto é tranquilo. Meus olhos são para vibrar com a memória de minha felicidade conjugal com o médico João Marinheiro. Meus lábios estão plenos de saudade do meu filho e, simultaneamente, conversando com duas pérolas: Lizanka e Tulenka. E pertencer ao Grupo EMAS é meu momento.

De professora de História da Arte a educadora cultural



Eneida Agra Maracajá

Professora Mestre em Teatro na Educação, pela Universidade Federal da Paraíba. Em 1956, fundei com Salete, minha irmã, o “Instituto Nossa Senhora de Salete”, onde implantei o 1º Laboratório da Arte Infantil de Campina Grande-PB. Fui professora alfabetizadora do Grupo “Escolar Municipal Dr. Chateaubriand” Bairro do Monte Castelo e do “Colégio das Lourdinhas”.

Fui Professora de Psicologia Educacional na Escola Normal de Campina Grande; Professora e Coordenadora Pedagógica do “Colégio Estadual da Prata”, onde fundei o TECEP - Teatro do “Colégio Estadual da Prata”, com a montagem de textos clássicos da dramaturgia brasileira, dentre eles, “Pluft, o Fantasminha”, de Maria Clara Machado; “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles; “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, dentre outros, como “Um gesto por outro”, do francês Jean Tardieu.

No ensino superior fui Professora da Universidade Federal de Campina Grande, ocupei a Chefia do DART - Departamento de Artes, em duas gestões (hoje, Unidade Acadêmica de ArtMídia); Professora Visitante da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB nos cursos de Pedagogia, Letras e Ciências Sociais. Professora da Faculdade de Filosofia do Seminário Diocesano de Campina Grande, onde encerrei as minhas atividades acadêmicas como professora de História da Arte.

Como educadora cultural, criei os Festivais de Arte Infantil e Festivais Colegiais. Em 1974, elaborei o Projeto do I Festival Nacional de Teatro - I FENAT, realizado na gestão do Prefeito Evaldo Cruz e posteriormente, agreguei todas as artes no Festival de Inverno de Campina Grande, idealizado e realizado em um período de 31 dias / de 1º a 31 de julho. Há 49 anos sou a sua Diretora. Para o Festival de Inverno, implementei o Circo da Cultura e o Pólo de Extensão Cultural do Festival, levando espetáculos para as cidades do Brejo e Cariri Paraibano.

Em 1991 fundei o Bloco da Saudade, posteriormente transformado no “Projeto Carnavalesca”, com extensão às Escolas, Colégios e Universidades, para estudo e pesquisa dessa manifestação cultural do povo brasileiro, nas artes e ciências. O “Bloco da Saudade” foi tema da Dissertação de Mestrado de Carla Dantas (UFCG), e de Documentário pelas câmeras do professor cineasta, jornalista e cineasta Romero Azevedo.

Como Diretora do Teatro Municipal Severino Cabral, em duas gestões, criei o seu 1º Calendário Cultural, comande as suas reformas estruturais de 1975 e 1986; e doe o Prêmio da FUNARTE, de seu Jubileu de Teatro, para construir o Miniteatro Paulo Pontes, nas dependências do Teatro Severino Cabral. Fui a primeira Secretária da Cultura de Campina Grande, deixando essa Secretaria com o seu 1º Conselho da Cultura; realizei o Fórum “E agora, Jose?” para a meteórica gestão (maio a dezembro de 2021). Fiz circular a cultura na periferia, com “a Ciranda da Cultura” oferecendo oficinas de arte-educação, apresentações artísticas em 23 Bairros da Cidade, utilizando na sua práxis “A Cultura da Escassez”, que se firma pela Pedagogia da Criatividade, diante da escassez de recursos financeiros, fiz uso do poder da imaginação. Com a Secretaria da Cultura, instalada na Casa Memorial, inaugurei a “Sala Vicentina Vital do Rêgo”, com 30 lugares, oferecendo os programas “Poética em Sol Maior” e o “Memorial em Concert”, com sessões semanais de música, teatro, recitais poéticos, dança, promovendo palestras, encontros literários e lançamento de livros.

Em relação à minha participação em Associações Culturais, fui:

1. Delegada do Conselho da Organização dos Festivais Folclóricos e Tradicionais / Secção da Paraíba;
2. Membro do Conselho Brasileiro da Dança / Paraíba / Órgão vinculado à UNESCO;
3. Membro do Conselho da Rede Latino-americana de Promotores Culturais / Paraíba;
4. Diretora da Rede Brasil de Promotores Culturais / Paraíba.

Em 2005, fundei junto com outros intelectuais, educadores e artistas, o Solidarium - Instituto de Arte, Cultura e Cidadania - ONG sem fins lucrativos, que é o realizador do Festival de Inverno de Campina Grande, parceiro da Prefeitura Municipal de Campina Grande, em várias ações sociopedagógicas culturais, desenvolvidas em caráter permanente.

Em 2012 assumi como voluntária a gestão cultural da “Casa da Cultura e Memorial Severino Cabral”, transformando em Pólo Cultural, com ações sociopedagógicas, ressaltando Cineclube Memorial que, há 7 anos, oferece gratuitamente exhibições de filmes, com debates.

Além disso, criei e desenvolvi o Projeto “Cultura no Presídio” - a arte no exercício da libertação, com 13 anos de ações no Presídio do Serrotão em Campina Grande, o qual foi premiado, em 2010, pelo Ministério da Cultura do Brasil. De todas as ações que realizei esta foi a mais avaliada por críticos e especialistas de reconhecida competência científica, com discussões na “Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência”, em oito estados brasileiros.

Desde o ano de 2016, venho desenvolvendo, na Feira Central de Campina Grande, o Projeto “Tamanquinhos das Artes”, com oficinas de arte-educação para crianças em estado de vulnerabilidade social.

Dentre as premiações recebidas, cito:

1. Medalha do “Mérito Municipal-Casa Félix Araújo” – 1966; Cartão de Ouro do Governo e do Teatro Amazonas – 1979;
2. Medalha de Ouro Conselho Brasileiro de Dança – 1986;
3. Comenda do Conselho Internacional dos Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais-CIOFF – 1995;
4. Diploma do Mérito Cultural-FUNARTE, Ministério da Cultura do Brasil – 1996;
5. Troféu Fórum Cultural Mercosul – 1996;
6. Medalha Augusto dos Anjos - Comenda Cultural da Paraíba, outorgada pela Assembleia Legislativa da Paraíba – 2005;
7. Prêmio Cláudia da Cultura-Revista Cláudia / Editora Abril – 2010.

Da empreendedora do século XX à ativista sociocultural



Estelita de Castro Cardoso (in memoriam)

Nasci em 2 de abril de 1933 em Campina Grande-PB. Filha de Sebastião de Castro Lima e Filadélfia Castro Lima, morei no bairro da Palmeira, antiga ladeira da Catarina, onde, com mais três irmãos e meus pais, vivi até os seis anos de idade, quando a família se mudou para Alagoa Nova.

Nesta cidade, estudei no “Grupo Escolar Professor Cardoso” à tarde e pela manhã estudava com o Professor Clodomiro dos Santos Leal (reforço para melhorar a letra e aprender tabuada). Fui escoteira e bandeirante, atividades com as quais me identificava e me dedicava bastante. Aprendi a bordar à mão e à máquina com a sra. Geni Sobral, e datilografia com a senhora Maria Eliseu.

Após concluir o primário, fiz o exame de admissão ao ginásio no Colégio Tenente Alfredo Dantas em Campina Grande. Vinha todos os dias em transporte coletivo. Neste colégio fiz grandes amizades com colegas (Antônio Vital do Rego, Ermírio Leite, Socorro Loureiro, Lígia Loureiro, Marlene Moura, Célia Rique, Mércia Gouveia, dentre outros).

Desde criança, estive ligada à organização de eventos e festas, participando ativamente da vida social da cidade, tanto em Alagoa Nova, quanto em Campina Grande, atuando em pastoris, jogos de voleibol e odacan e em comemorações diversas: datas festivas, aniversários, festas de padroeiras, entre outras. Vestia-me de anjo nas festas

religiosas e fazia parte de dramatizações no colégio e de outros eventos. Participei das cruzadas evangélicas e do Bentinho do Carmo. Fui coroinha e cantava no coro da igreja.

Ainda jovem, obtive informações sobre um curso no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), me inscrevi e fui aprovada em primeiro lugar. O curso durou um ano e meio, na cidade de Palmares-PE, no Centro de Formação e Treinamento do SESP, com mais 19 moças de diversas cidades da Paraíba, e todas receberam o diploma de “Visitadora Sanitária”. Lá também fiz amizades com pessoas como Cida Santos, com quem ainda tenho laços muito fortes.

Ao voltar para Alagoa Nova em 1950, iniciei o namoro com Ademar de Almeida Cardoso, também nascido em Alagoa Nova, filho de senhor de engenho da região, e em 28 de maio de 1953, nos casamos na Catedral Metropolitana de João Pessoa, ato celebrado pelo Pe. Hildebrando. Nesse mesmo ano, viemos morar no Engenho São Severino (Macaíba), onde morava a família Almeida Cardoso, município de Alagoa Nova. Da nossa união, tivemos 06 filhos.

A família sempre foi o meu maior bem. Não me distanciei dela nem por um segundo. Os meus filhos, hoje todos casados, já me deram 14 netos e 14 bisnetos que tenho o privilégio de ainda conviver: Robson Joaquim de Castro Cardoso, com a esposa Noadja me deram os netos Candyce, Thiago e Bianca. Rilva Suely e seu esposo João Lucas, me apresentaram com Alfredo, Rodolfo, Rennan e Renally. De Ronney Sóstenes e sua esposa Margarete, vieram Ronney, Mayara e Victor. Rawlinson Farley e Leda me trouxeram Rayssa, Matheus e Marina e, por último, Rilávia Sayonara e Ajalmar me deram o neto Lincoln.

Em Alagoa Nova, continuei me envolvendo com a organização de grandes e importantes festas no clube 21 de abril, que, em certo período, foi presidido por meu esposo: festas das bonecas, new faces, debutantes. Para essas festas me esforçava para trazer grandes atrações de Campina Grande, Recife e de outras cidades para prestigiar a sociedade alagoa-novense. Contava com a ajuda de algumas amigas e enfrentava tudo com muita vontade e coragem, assumindo riscos, mas sempre confiante que tudo ia dar certo. Convidava pessoas da sociedade campinense, como Amaury Vasconcelos, Déa Cruz, Ana Stelita Cruz, bailarina na época, misses como a minha cunhada Zélia Cardoso e seu esposo José Luna Cardoso.

Em 1960 viemos morar em Campina Grande pela necessidade de estudos dos nossos filhos, residindo no bairro de São José. Voltamos para Alagoa Nova em 1962, pois lá surgia uma escola com ótima e moderna proposta pedagógica, o Educandário Dom Bosco, dirigido pela competente professora Nazareth Frutuoso Leal.

No Engenho, fui de tudo um pouco. Como visitadora sanitária, cuidava da saúde das crianças, dos moradores, realizava curativos, até partos, e foram muitos os que acompanhei. Promovia as festas religiosas na capela São Severino, onde eram celebradas as missas e “noitaros” do mês de maio, quando nossos filhos e as crianças do lugar se vestiam de anjos para abrilhantar as noites do mês de Maria.

Animados com a música nordestina e a parceria de sanfoneiros locais, fazíamos uns forrós em plena bagaceira, em palhoças que varavam a madrugada. Eu adorava dançar, meu par Ademar, que dançava muito bem e gostava de promover estes festejos,

principalmente nos períodos juninos, quando enchíamos a casa grande de convidados, amigos e familiares.

Em 1966 retornamos para Campina Grande, onde fixamos residência definitivamente, até os dias de hoje. Inicialmente no bairro de Santo Antônio. A nossa casa ficava bem perto da feira central. Semanalmente, eu retornava a Alagoa Nova, com alegria; naquelas idas encontrava amigos queridos. Nessa época, sempre inquieta, fui desenvolvendo habilidades comerciais, inicialmente com a venda de aguardente vinda do Engenho e, após a venda deste, no final de 1973, iniciei o comércio de confecções e acessórios de moda feminina.

Em 1974, a família adquiriu um imóvel no bairro da Prata, onde fixamos residência e instalamos uma boutique dando continuidade ao comércio. Viajei inúmeras vezes a São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis, por mais de 10 anos, adquirindo mercadorias para a já selecionada clientela. Logo houve a necessidade de expandir o negócio, nos instalando na rua Maciel Pinheiro, no centro da cidade, que se chamou “200 milhas Boutique”. Essa loja tinha muitas clientes da sociedade campinense e de cidades vizinhas, e lá fiz também muitas e boas amizades, como Lourdes Nappy, Léo Guimarães, Laudicéia Aguiar, entre tantas outras.

Também ajudava na organização das festas nos colégios onde os meus filhos estudavam. As festas de datas comemorativas, quadrilhas de São João. Fazia as fantasias dos personagens históricos e até decorava os carros alegóricos em desfiles cívicos que eles participavam. Colaborei com os colégios das “Lourdinas”, “Redentorista”, “11 de Outubro”, “Damas” e “Pio XI”. Neste período, conheci, além de outros diretores extraordinários, a grande amiga **Yara Lyra**, importante educadora e ativista do desenvolvimento de Campina Grande. Conseguimos formar todos os nossos filhos: um médico, duas dentistas e dois administradores.

Com essa missão cumprida, voltei a negociar na minha residência no bairro da Prata, onde também desenvolvia algumas habilidades: pintura, bordados, costura e escrita. Colecionei inúmeras dedicatórias, discursos, cartas e cartões que me solicitavam

Sempre estive envolvida com movimentos socioculturais da cidade. Participei ativamente do Lions Clube de Campina Grande - Centro, como domadora e depois como sócia. Tinha grande amizade com os cronistas sociais da cidade, Graziela Emereciano, Sevi Nunes, Hermano José, Edson Félix, Tavinho Miranda, Josildo Albuquerque, Gerardo Rabelo, Oliveira Filho, Rogério Freire, Celino Neto, alguns mais recentemente. Eles também me apoiavam na divulgação da minha loja e tínhamos essa troca, pois os apoiava também nas festas, nos desfiles e chás beneficentes que eles promoviam.

Com meu esposo, fiz parte do Movimento Familiar Cristão, onde recebíamos orientação espiritual do saudoso Padre Pitiá, Padre Gerôncio Vilar, entre outros padres da congregação Redentorista. Nessa época também fizemos grandes amigos como Antônio Carvalho e Guia, Antônio Lucena e Guia, Capitão Gonzaga, dentre outros.

Participei desde 1972, por mais de 40 anos, da Fundação Artístico Cultural Manoel Bandeira (FACMA), tendo ocupado vários cargos na diretoria, no coral, organizando congressos, concursos, festivais, eventos, ministrando cursos e cultivando grandes amizades, como a da professora Elizabeth Marinheiro. Fiz parte também do “Pen Club de Campina Grande”, lugar de se exaltar a literatura e interculturalidade, organizando

encontros mensais na Federação das Indústrias, onde homenageávamos pessoas ilustres da cidade. Tive a alegria de também receber uma dessas homenagens.

No plano político, acompanhei, por muitos anos, os movimentos políticos do Estado e da cidade, com muita atenção e paixão que expressava nos arroubos das campanhas políticas, trabalhando nos palcos, nas ruas e no chão pelos candidatos nos quais eu acreditava. Desde criança, convivi com a classe política, tendo meu pai como aliado e militante de muitos políticos importantes da Paraíba, como Argemiro de Figueiredo, José Américo de Almeida, e depois seus descendentes e correligionários. Sabia e cantava todos os hinos das campanhas políticas.

Atualmente colaboro com a organização, divulgação, redação de textos do Instituto Intercultural Brasil (INBRA). Esse Instituto apoia o “Troféu Gonzagão”, organizado e dirigido por uma equipe multiprofissional, tendo à frente a minha filha Rilávia e o meu genro Ajalmar.

Sou considerada vaidosa. Tive uma vida bastante ativa, saía de casa com muita frequência, ia ao comércio quase todos os dias, resolvia as minhas demandas pessoais, bancárias, compras e tudo mais. Adoro comprar lembrancinhas para os netos e bisnetos. Os acessórios femininos me atraem e compro demais.

As orações diárias fazem parte de uma rotina e hábito que tentei transmitir aos filhos. Sou devota fervorosa da Divina Misericórdia, Menino Jesus de Praga e Sagrado Coração de Maria. No meu cantinho, as faço com muita fé.

Um momento de grande emoção se deu quando recebi uma homenagem do amigo (quase filho) querido Genaldo Cardoso, que colocou o meu nome em uma fonte na sua casa de festas, Palácio das Nações. Após a reforma da sua linda casa, esta fonte saiu e o local se transformou em “Solário Estelita Cardoso”.

Esta é a história de uma mulher alegre, guerreira, sofredora, batalhadora, humana, solidária, amiga, mãezona, vó e bisavó altruísta e vencedora!! Preciso dizer que na descrição desta história, resta, por fim, gratidão à professora Yara Lyra, por ter nos proporcionado tamanha honraria, fazendo a cidade e sociedade campinense nos conhecer em detalhes.

Da educação ao empreendedorismo: a produção de acessórios femininos em Campina Grande



Evanilza Gonçalves Ribeiro – Eva

Chamo-me Evanilza Gonçalves Ribeiro, mas sou conhecida como Eva. Nasci na cidade de Taperoá-PB, distrito de Assunção, no Cariri paraibano, filha do comerciante André Gonçalves de Oliveira e da professora Ana Farias de Oliveira. Cresci em volta de quatro irmãos, regada de amor e de muita disciplina. Meus pais sempre valorizavam a educação e possibilitaram a todos os filhos o estudo nas escolas de referência no Estado da Paraíba, à época.

Buscando sempre o melhor para o meu crescimento educacional, cursei o Ensino Médio na cidade de Recife-PE e, ao retornar à Paraíba, fixei residência em Campina Grande, no intuito de me licenciar em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba. Para realizar este sonho, contei com o apoio de meus pais e dos irmãos.

Iniciei minha vida profissional na área educacional, como diretora do “Colégio Paraibano”, em Campina Grande, na década de 1980. Nessa mesma época, fui convidada pelo prefeito de Taperoá, o senhor José Ribeiro de Farias, para dirigir o “Colégio João Rogério”, recém-criado no distrito de Assunção. Aceitei o convite e ali permaneci por alguns anos. Em seguida, fui ser diretora do Ensino Supletivo oferecido pelo SESC de Taperoá, depois passei a exercer a dupla função de diretora e coordenadora de educação do Sesi-Paraíba.

Em meados dos anos 1990, a estimada Assunção foi emancipada politicamente. Pelos trabalhos já realizados, recebi a incumbência de criar a bandeira do Município, tarefa que realizei com muita dedicação, por saber que a terra natal estava se desenvolvendo e se consolidando como cidade.

Casei-me com o professor da Universidade Federal da Paraíba, Alberto Frederico Ribeiro da Silva, com quem constitui uma família, composta de três filhos e seis netos.

De forma dinâmica, paralelamente ao trabalho na área de educação, sempre me envolvi em algum projeto ligado ao setor de fabricação e vendas: confecção de bijuterias, cuja matéria-prima eram peles exóticas, e eram vendidas de maneira informal. As peças faziam muito sucesso. Estimulada a investir em novos produtos como bolsas, calçados e acessórios, dei início à empresa Eva Criações, em 1992, instalada no Centro de Comercialização Luiza Motta, hoje Shopping Luiza Motta.

Chegou o momento de me dedicar à vida empresarial, que exigia presença constante e afastei-me das atividades da educação. Em 2007, a empresa já atendia ao mercado interno e externo, necessitando, expandir-se. Realizei uma reestruturação da marca, passando a se chamar Eva Bag & Shoes, visando atender e satisfazer às diversas necessidades femininas, em relação à moda de acessórios. Como se pode constatar, minha trajetória foi e é marcada pela paixão e constante evolução.

De como me tornei professora e empreendedora no segmento da dança



Fernanda Barreto

Estudei inicialmente no “Instituto Nossa Senhora Aparecida” e, em seguida, migrei para o CPUC (Colégio Pré-Universitário Campinense), onde passei grande parte da minha vida estudantil, da quinta série até o terceiro ano do Ensino Médio, tendo interrompido apenas por um ano, quando fui residir em Maceió com minha família e lá estudei a sexta série no “Colégio Montessoriano”.

Iniciei meus estudos em dança aos 6 anos, e em ballet clássico aos 8, na “Academia de Ballet Stellita Cruz”, migrando, em seguida, para a “Escola de Dança do Teatro Municipal Severino Cabral” aos 15 anos, sob a direção da professora Cláudia Saboya. Acompanhando minha professora, passei a estudar no “Conservatório de Dança Cláudia Saboya” e depois na “Fundação Artístico Cultural Suellen Carolini”. Desde os 13 anos, comecei a dar monitoria de Ballet e a dar aula aos 14, sempre orientada por minhas professoras.

No ano de 2005 assumi a coordenação do Ballet da Fundação, atual Palasc (Palácio das artes Suellen Carolini). Ministrei aula em diversas escolas e espaços da cidade, como Ipen - Casinha de Brinquedo -, Centro Cultural, dentre outras.

Na minha adolescência, desde a sétima série do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, participei de diversos grupos de dança, além do ballet, e um dos

mais importantes foi o “Grupo de Dança do CPUC”, dirigido pela querida educadora Yara Macedo Lira. As aulas do grupo de dança eram ministradas por Giselle Sampaio e o grupo se apresentava nas gincanas e jogos internos da escola, bem como em eventos do Teatro Municipal. Nesse período participei da “Quadrilha Comunitária e do Pastoril Comunitário”, cujos ensaios eram dados nas instalações do “Colégio CPUC”.

Em março de 2008, fundei o “Studio de dança”, construindo um trabalho sólido e profissional na cidade, oferecendo Ballet Clássico como principal atividade, abrindo espaço para outros estilos de dança, como Jazz, Ballet Power, Street Dance, Dança de Salão e Sapateado. Criei dois grupos de Corpo de Baile Infantil, Juvenil e Adulto, que participam de apresentações em eventos da cidade e em viagens nacionais e internacionais, tendo destaque em vários festivais por onde passam.

Cursei as Grades da “Royal Academy of Dance” da Inglaterra, ministrei curso para professores em minha escola. Além disso, tenho ministrado workshops em diversas cidades do país como convidada, a exemplo de João Pessoa, Caruaru, Santa Cruz de Capibaribe, Recife, Maceió, Joinville e Goiânia.

Também como professora convidada, ensinei na Pós-graduação em Ballet Clássico em Recife-PE, ministrando, de forma híbrida, a disciplina Gestão de Escolas de Dança. Participei também como palestrante convidada do Clube Coordenando-se, de Lu Braga, de Vitória-ES.

Participo com constância de viagens para aperfeiçoamento e apresentações, em eventos e Festivais como “Festival de Dança de Joinville”, “Festival Passo de Arte”, FAC, “Festival Ballace”, YAGP, dentre outros, tendo obtido premiações diversas nestes Festivais.

Já obtive aprovação de várias alunas para a “Escola do Teatro Bolshoi” no Brasil. Destaco a aprovação e participação com êxito, por quatro vezes, no YAGP- Youth America Grand Prix - em Nova Iorque, das alunas solistas Ana Beatriz Diniz, Bianca Araújo; e, por duas vezes consecutivas, a aprovação de Maria Eduarda Carvalho. Destaco também a obtenção de bolsas de estudo para várias alunas para os Estados Unidos e vários países da Europa. Recentemente os alunos Letícia Chagas e Wesley Lima foram contemplados com oportunidade profissionalizante em Miami e em Portugal.

Sou a idealizadora, produtora e diretora do FAC - Festival de Arte e Criatividade -, que acontece em Campina Grande-PB há 12 anos, e do FAC online, que foi realizado por duas vezes no ano de 2020. Em 2022 foi realizada a edição de 10 anos desse Festival, com a participação de quase 600 bailarinos, recorde em quantidade de inscrições!

Acredito na importância da participação dos bailarinos, professores, coreógrafos, diretores e demais envolvidos nos Festivais, eventos, seminários, oficinas, como maneira de lapidar seus conhecimentos já adquiridos em suas escolas/studios/cias de dança.

Atualmente, sou certificada e representante Nordeste do American Academy of Dance. Credenciei também o Studio FB com a realização do Performance Awards em 2021, 2022 e 2024 para mais de 100 alunos, tendo estes recebido medalha de prata, ouro e alguns ouro com distinção, além de muitas bolsas para summer em New Jersey - julho de 2023.

Em 2022, tomei posse em Brasília como representante da Paraíba da Associação Nacional das Escolas de Dança do Brasil. Busco sempre compartilhar meus conhecimentos e expertise com profissionais da área, principalmente em contatos que mantenho com profissionais da região Nordeste.

Em 2024, o Studio FB completou 16 anos e realizou a décima segunda edição do FAC, com novo recorde de 1500 participantes do Nordeste e de outras regiões do Brasil. A dança para mim é complementação da educação e caráter do ser, é presente para a alma, é pura arte... de grande relevância para todos os que nela acreditam.

Quero agradecer à professora Yara Macedo, pelo honroso convite em participar deste significativo livro que, sem dúvida, fará história em nossa cidade.

A história de uma empreendedora no ramo da confecção infantil



Germana Ferreira de Araújo Lira

Nunca pensei em escrever nada sobre mim, uma vez que minha história não tem nada de extraordinário para ocupar as páginas de um livro. Porém, aceitei o desafio da professora Yara, pois, como cada vida é única, quando compartilhamos nossa história, trocamos conhecimento e experiências, e isso nos enriquece.

Sou Germana Ferreira de Araújo Lira, Ferreira da mãe, Araújo do pai e Lira do marido. Nasci em Campina Grande-PB, em março de 1963. Meus pais, Franklin Araújo falecido em 2012 aos 96 anos, foi um pai excepcional, um médico dedicado, competente e humano. Minha mãe Lourdes, minha paixão, está prestes a completar incríveis 102 anos, ainda lúcida e com saúde - inclusive, ela é uma das pessoas que estão nesse livro, nos ensinando a arte de viver. Somos sete irmãos: Fernanda, Maurício, Franklin Neto, Luciana, Marcílio, Tarcísio e eu, a caçula. Tenho grande admiração e amor por todos eles e nos encontramos sempre que podemos.

Tive uma infância feliz, de muita brincadeira no quintal de casa ou na rua, com os colegas do bairro. Os veraneios na praia de Cabo Branco, em João Pessoa, duravam quase meses, na casa que permanece lá até hoje. A primeira escola que frequentei foi a Tereza Pedrosa; o primário, fiz no “Instituto São Vicente”; ginásio e científico (hoje em dia, Fundamental II e Ensino Médio), no “Colégio das Damas”. Carrego comigo momentos felizes que vivi em todos esses educandários e a eles sou muito grata.

Na adolescência, me diverti nos assustados na praia de Cabo Branco. Em Campina, as festas de 15 anos das amigas, as matinês dos cinemas Capitólio e Babilônia, o passeio no Açude Novo. Também as tardezinhos na rua Maciel Pinheiro, onde ficávamos encostados nos carros estacionados, depois da saída das escolas, pois era um ponto de encontro e de paquerinha dos estudantes. Tudo isso me traz ótimas lembranças! Aos 14 anos, cruzei com o amor da minha vida e neste ano de 2024 celebramos 40 anos de casamento que, juntando os 7 de namoro, somam quase meio século.

Dessa feliz união, vieram nossos tesouros, Diego, Marcela e Hugo. Hoje, o ninho está vazio, Diego é administrador, mora em Fortaleza, é CEO de uma grande empresa; Marcela é professora e doutoranda em Letras, mora aqui em Campina Grande; Hugo é engenheiro mecânico e mora há 5 anos no Canadá. Todos estudaram em Campina e se formaram na UFCG. Criaram asas, mas, quando retornam, nos enchem de muita alegria, pois trazem juntos jóias preciosas: nossos netos. Ah, netos... como é bom ser avó de Clara (14), Maria (12), Helena (09) e Bernardo (05). Tem também as minhas noras, Laura e Manuela e o genro Robison. Juntos, formamos a maior expressão do amor divino, que é a família.

Voltando um pouco ao passado, em 1984, me formei no curso de Serviço Social, na Furne, e Zé Carlos, em Engenharia civil na Universidade Federal de Campina Grande, em 1983. Após as formaturas e o casamento, fomos morar em Porto Velho-RO, mas tínhamos vontade de retornar ao Nordeste antes que criássemos raízes em Rondônia. Assim, após um ano, nos mudamos para Fortaleza. Depois dessa temporada em terras cearenses, realizamos o desejo de retornar à nossa Campina Grande. Aqui chegando, resolvemos empreender na cidade, fundando a “Valete Indústria e Comércio de Confecção”, em 1987. A “Valete” começou bem pequena, com apenas 3 funcionários, numa época em que Campina era um polo de confecções. Decidimos, então, ter uma marca que fosse do jeito que acreditávamos: responsável, ética, com beleza, estilo e qualidade. Uma marca que pudesse estar em qualquer lugar. Foi assim que nasceu a “Valettinho”, que tem suas coleções criadas e produzidas em nossa fábrica no bairro do Catolé e comercializadas em duas lojas de Campina Grande, uma loja em João Pessoa e, no restante do Brasil, através de plataformas virtuais de venda. A “Valettinho” já vestiu e encantou gerações: muitos garotos que vestiram “Valettinho”, hoje são pais e continuam junto com a gente, vestindo seus filhos.

Como jovens empreendedores (na época, eu com 24 anos e Zé Carlos com 26), passamos por muitos desafios, dificuldades, mas também por muitas alegrias, gerando emprego e renda, principalmente para mulheres. Hoje, 37 anos depois, percebo como foi e continua sendo valiosa toda essa caminhada, pois, além de ser nossa fonte de renda, que nos permitiu viver bem, criar e educar nossos filhos, também possibilitou que profissionais que passaram pela “Valete” pudessem trilhar suas carreiras, umas como autônomas, outras como profissionais liberais; são pessoas que evoluíram e cresceram profissionalmente e eu fico muito feliz quando elas me dizem o quão importante foi ter passado pela nossa empresa. Isso para nós é muito gratificante, pois nos dá a certeza de que estamos aqui para somar, para fazer alguma diferença. Ajudar a melhorar, mesmo que pouco, a vida de quem contribui com o crescimento e desenvolvimento da nossa marca, nos dá a sensação de dever bem cumprido, de estar trilhando o caminho com respeito, com ética e com responsabilidade social.

Estamos em 2024 e eu continuo à frente da empresa, trabalhando todos os dias com prazer e alegria, junto a meu marido e a uma dedicada equipe, para entregar roupas lindas, autorais, de qualidade e feitas com muito zelo e carinho. Mesmo passando por um período tão difícil vivido por todos durante a pandemia (sempre gratos por termos saído vivos e com saúde), pudemos, como empresa, resistir e superar desafios. Sempre com Deus no coração e com um profundo sentimento de gratidão e de reconhecimento por todos aqueles que passaram e pelos que continuam conosco nessa jornada da vida.

Eu, meus sonhos e minhas realizações no âmbito da medicina



Gertrudes Maria de Medeiros Nóbrega

Um privilégio para mim estar aqui nestas páginas, um privilégio ter você, leitor, para conhecer sobre mim e minha história. Sente-se um pouco, vamos conversar. Abrir o baú de nossas vidas é vivê-las novamente.

Em 29/6/1973, nasci em Campina Grande-PB. Filha caçula de três irmãos, 7 anos após a chegada da minha irmã, Lígia e 9 anos após o meu irmão, Marcos Henrique. Fui festejada, pois minha mãe tinha histórico de perdas fetais. Minha mãe, Maria José de Medeiros Nóbrega, Pernambucana, veio ainda criança estudar no colégio das Damas e deixara a carreira do magistério para construir e dirigir junto ao meu pai, Henrique de Medeiros Nóbrega, nascido no Rio Grande do Norte, a loja Henrique Rendas, armazém conhecido na cidade, que vendeu aviamentos por 47 anos, no auge do comércio de nossa cidade.

Cresci em uma família simples, religiosa e muito batalhadora. Desde cedo o elemento mais importante em meu lar, foi o amor. Presenciei um matrimônio equilibrado, feliz e isso foi base para a minha vida e os meus valores até hoje. Morávamos no bairro do Alto Branco e eu comecei a estudar no Seminário, no Instituto Nordeste. Fiz muitos amigos e lembro da minha primeira professora, Ana, com muito carinho. Aprendi a andar de bicicleta nas ladeiras da rua Arnaldo Albuquerque, com o meu irmão, e brincava com

os vizinhos, de bola, pula corda, barra- bandeira, de cabeleireiro, de lojinha. Fui uma criança feliz, fazia Ballet e ensaiava o ano inteiro para as concorridas apresentações no festival do Teatro Municipal Severino Cabral, me sentia mesmo uma artista.

Ainda criança, vivi momentos difíceis. O infarto do meu pai, ainda jovem, que sobreviveu ao tratamento no Hospital Português, em Recife, foi um grande ato de Misericórdia de Deus em nossa família, preservando a referência paterna na infância.

No segundo ano primário, fui estudar no Colégio das Damas e isso fez parte da minha vida de forma marcante e positiva. Lá exercitei os dons do teatro, fiz muitos amigos, fundamos grupos de jovens, viajamos, eu ia de sala em sala, convidando os colegas para reuniões, fui inclusive presidente de classe. Eu gostava de participar de todos os projetos e me considerava muito bem-informada, assistia a todos os telejornais com meus pais, e discutia geopolítica com a professora Eliene. Tive professores fantásticos, impossível citá-los aqui. Desde cedo, desejei ser professora, médica e em determinado momento, freira. Fiz, inclusive, alguns encontros vocacionais, mas o desejo forte de ter uma família foi decisivo para a escolha. Era mais forte.

Já na adolescência, voltava da escola a pé em direção à loja, pelo Calçadão, onde muitas vezes encontrei meu pai, fazendo “network” à moda antiga no cafezinho São Braz. Ele me abraçava e me apresentava aos amigos, sempre muito alegre, pacificador e comunicativo; depois eu ia para a loja ajudar a minha mãe no balcão, ou no caixa. Foi com ela que aprendi a fazer o caixa, a fazer balanço das mercadorias e a organizar documentos. Sim, minha mãe sempre foi eficiente, muito educada, muito sábia e muito dedicada aos filhos, à família e ao trabalho. Eu os admirava porque viajavam para São Paulo para trazer mercadorias especiais, missangas da Turquia e da Ásia, todo esse encanto que a outrora rica rua 25 de março trazia ao Brasil. Até hoje, tem muito bom gosto, gosta de me ver com boa aparência e feliz, do alto dos seus 86 anos, já não tão lúcida, desde janeiro de 2022, quando teve COVID e resolvemos trazê-la para minha casa, ainda conhece pelo meu semblante se estou triste ou feliz, não adianta esconder dela.

Com ela e com o meu pai, aprendi a empreender. E enfim em janeiro de 1991, fiz o tão sonhado vestibular de Medicina, passei na UFPB Campus II. Uma alegria sem tamanho, para mim e todos em casa. O sonho de ser médica começava a tomar forma. Tive que escolher entre a Medicina e outra paixão, o Direito. Sim, eu compreendia que o Direito cuidava da liberdade do ser humano e a Medicina do corpo e da alma. Também fui aprovada para Direito na UEPB, mas o amor pela Medicina já era soberano. Antes de completar 6 meses de curso, aos meus 17 anos, meu pai faleceu dentro do Hospital das Clínicas em São Paulo, onde se preparava para uma cirurgia. A forte imposição da vida sobre o limite e a finitude abriu em mim um grande vazio, era a impotência, a dor, a frustração e a gratidão. A gratidão nasceu da compreensão que o tempo não vence e nem apaga um laço de amor. O legado, os ensinamentos dele, muitas vezes me dão respostas para o hoje.

Desde então, vivi grandes momentos, um curso apaixonante, a grande honra de mergulhar no conhecimento da anatomia, fisiologia, embriologia, tive mais certeza da grandiosidade insondável de Deus; adentrar a vida, as dores, os limites do paciente e sentir que ele confia em mim, é de grande responsabilidade. Sofri inúmeras vezes com os meus pacientes, tentando, ao menos, proporcionar esperança e conforto, quando a

cura não seria possível. Vivenciei a experiência incomparável de trazer o movimento do EJC para Campina Grande, junto às paróquias do Rosário e da Catedral, amigos para sempre.

No último ano de Medicina, três amigos, hoje médicos aqui em nossa região, me convidaram para estudar o sexto ano de medicina em São Paulo. Faríamos uma prova, e esta foi uma decisão importante, sempre quis isso. Àquelas alturas, eu morava somente com a minha mãe, meus irmãos casados, e mais uma vez a minha mãe me impulsionou a voar, apesar da saudade e da solidão, ela sempre me incentivou, me custeou até a minha formatura e foi a maior divulgadora de minha especialidade, sempre andava com cartões de visita da filha médica Reumatologista.

Em São Paulo, fiz internato, residência médica, me tornei especialista em Reumatologia, acupuntura e Medicina do Tráfego. Assumi concurso em três hospitais, dois hospitais regionais em atendimento de emergência e o terceiro como médica preceptora do Hospital onde fiz residência médica, fui corresponsável pelo ambulatório de osteoporose do hospital, aprendi a fazer densitometria óssea, iniciei meu mestrado sob a orientação do meu chefe de serviço, um grande médico dr. Wiliam Chahade, mundialmente reconhecido como autoridade, um grande exemplo para mim. Neste momento, tive a graça de engravidar da primogênita de meus quatro filhos, Yasmin, fruto de um relacionamento que durou 29 anos.

Ela impulsionou uma mudança de planos. A carreira promissora em São Paulo, onde já morava há cerca de 8 anos, dava lugar à necessidade de cuidar e acompanhar a bebê que estava para chegar. Voltar para casa foi a escolha, retornar ao berço, à Campina Grande, amada e acolhedora cidade, onde a família teria apoio e ofereceria convivência à criança. Iniciei uma reforma onde hoje se localiza a clínica MAIOR, o projeto já contemplava um atendimento completo, com diagnóstico e tratamento de patologias osteoarticulares.

Comandando a reforma da casa, em companhia de um mestre de obras, eu passei alguns meses correndo contra o tempo para terminar a reforma e assim, ter um lugar para trabalhar em nossa cidade, que oferecesse tudo o que de melhor fosse possível em minha área. Aos 8 meses de gestação, voltei a São Paulo e, em alguns dias, nasceu Yasmin. Sem dúvidas, a maior emoção, desde o ventre materno, quando sentia seus movimentos; e a maior aventura, a oportunidade da maternidade. Eu vivi tudo com muita alegria, a amamentação, as dores e o milagre da vida, as noites de sono - depois multiplicadas por quatro. Sou muito feliz por isso. Com três meses de vida, voltamos para terminar a reforma, e entre os intervalos da amamentação, as obras aceleravam. Após o período de licença maternidade, eu pedi demissão de todos os meus vínculos concursados, por fax. Foi uma decisão firme e sem arrependimentos, e embora, a vida moderna, a facilidade de acesso às mais recentes informações e o charme da terra da garoa houvessem me conquistado, me estabelecer em campina foi a melhor decisão. Até que comecei a atender aqui. Ainda tinha meu apartamento montado em São Paulo, e eu senti muita falta da independência que havia conquistado. Morei mais de um ano na casa da minha mãe. Trabalhava todos os dias, ainda conclui meu mestrado na UFCG, fui professora de Reumatologia no Curso de Medicina da UFCG e na primeira turma de médicos da UNIFACISA. Realizei outro sonho, de ensinar.

Sou mãe de Yasmin, Amanda Lúcio e César Henrique; não houve alegria maior. Meu projeto de ter uma família, se concretizou e hoje, com 21, 18, 10 e 7 anos, Deus conduziu a minha família, e rogo a Ele que seja sempre a luz e o caminho dos meus filhos. E é fantástico, nós compartilhamos abraços, medos, dúvidas, sonhos, roupas, opiniões, projetos e o principal, a vida.

Por falar em vida, de repente, 51. Atravessou meio século, o suficiente para ter uma história para contar, de muitos sonhos, de fé, de decepções, de alegrias, tristezas e superações, mas sobretudo de muito amor, fé em Deus e aprendizado. Os meus dias são simples e a rotina de casa para o trabalho me encanta.

Gosto de silêncio, de paz, de ver o mar, o horizonte e o pôr do sol. E a lua, quando prateia o oceano. Quando estou no consultório, há 21 anos na Clínica MAIOR, e recebo o meu paciente, pergunto “em que posso ajudar? “. Ouço tudo e me transporto para a vida dele e confesso que muitas vezes, isto me fez esquecer de minhas próprias dores e sobreviver às tempestades da vida. Aprendo diariamente com cada relato, com cada vida que tenho a felicidade de tocar. Deste modo, me sinto realizada.

Hoje vejo que fiz escolhas certas, segui o meu coração em toda a minha vida, e mantive a minha dignidade. Tive e tenho apoio de muitas pessoas, amo encontros de família, e a curiosidade pela medicina; o interesse em melhorar e crescer como profissional, me mostra que o único caminho viável é o de buscar evoluir como pessoa, entregando tudo a DEUS, que é amor, misericórdia e nunca nos abandona. É a força de Deus que me levanta e me move, que me permite aceitar as intempéries da vida, aproveitar cada amanhecer, senti-lo como uma nova oportunidade.

Quanto à minha profissão, é um prazer atender. Tenho muitos projetos, o que será de nós quando não mais sonharmos? Isso me motiva e traz gratidão. Às vezes esquecemos que a vida é finita; que possamos lembrar muitas vezes disso, pois o que vale é viver, é amar, é seguir o seu sonho, mas sempre com os olhos em Cristo: o Alfa e o Ômega.

Uma voluntária dedicada à criação de creches e à profissionalização de jovens e mães



Glória Cunha Lima

Nasci em 21 de outubro de 1935, em Galante, distrito de Campina Grande na Paraíba, filha de Clotilde Catão Rodrigues e José Rodrigues da Silva. Desde cedo, fui cercada pelo calor e pelo carinho de uma família presente e unida. Minha infância em Galante foi marcada por muita alegria, convivendo com primos e primas, e recebendo um acolhimento carinhoso dos tios e tias da família Rodrigues.

Minha educação começou no “Grupo Escolar Solon de Lucena”, onde estudei até os seis anos, tendo como professora minha madrinha Carmen Eloy Dunda. Com a mudança para Campina Grande, continuei minha formação na “Escola de D. Dulce Uchôa”, onde fiz amizades que durariam para a vida toda como Célia Tejo, Suzy (in memoriam), Adacy, Dodó e Terezinha. Posteriormente, frequentei o “Colégio Alfredo Dantas”, onde estreitei laços com Eneida e Salete Agra.

Com a inauguração do “Colégio Estadual da Prata”, me transferi para cursar o Clássico, convivendo com colegas como Neide Figueiredo, Ofélia Amorim, Salete Agra e Agnelo Amorim, entre outros. Desde sempre, gostei de conviver com pessoas, e ainda hoje, meu maior lazer é estar rodeada por aqueles que amo e que trazem bem-estar.

Minha vida mudou significativamente quando concluí o curso Clássico e me preparava, junto com minha amiga Maud Brasil, para o vestibular de Serviço Social. Foi então que conheci Ronaldo Cunha Lima, o amor da minha vida. Após nove meses de

namoro, entre declarações de amor e versos, afinal ele era um poeta apaixonado, decidimos casar-nos de uma maneira peculiar: fugimos e, em 12 de abril de 1959, casamos-nos na Igreja de Lourdes, em João Pessoa-PB, com as bênçãos do Monsenhor Trigueiro. Tivemos quatro filhos (Ronaldo Cunha Lima Filho, Cássio, Glauce e Savigny). Com ele, vivi intensamente os melhores anos da minha vida.

Casada, acompanhei Ronaldo em sua campanha para vereador, muitas vezes me passando por prima dele para não perder os votos das jovens eleitoras. Anos depois, deixei Campina, por determinação do autoritarismo a ele imposto, passando a residir em São Paulo e Rio de Janeiro. Na última, fiz amigos, eduquei meus filhos e, finalmente, voltei a minha amada terra, sempre ao lado e por ele.

Quando Ronaldo foi novamente eleito prefeito, iniciei meu trabalho nas creches municipais, fundando, em meados de 1983, o Grupo de Voluntárias, que continua ativo até hoje. Com a equipe de voluntárias e da prefeitura, conseguimos deixar um número significativo de creches construídas, reformadas e ampliadas. O programa de creches sempre contou com o apoio de empresários locais. A comemoração do Natal das crianças era promovida com o apoio das senhoras da sociedade, que apadrinhavam as crianças ofertando um kit com vestuário completo e um brinquedo, trazendo alegria. Procuramos fazer o melhor para acolher os filhos e filhas das mães trabalhadoras, humanizando o ambiente e proporcionando melhor qualidade de vida para milhares de crianças.

Fomos pioneiras ao implantar, com a colaboração da professora Margarida da Mota Rocha, o programa de alfabetização nas creches municipais. Além disso, atuei ativamente junto aos Clubes de Mães, oferecendo apoio por meio de cursos profissionalizantes, oferecidos pela prefeitura, reformas estruturais e outras melhorias.

Em março de 1991, com Ronaldo eleito governador da Paraíba, ampliei meu trabalho com creches para todo o Estado, reformando ou construindo novas unidades, buscando sempre o melhor atendimento para as nossas crianças.

Fui presidente do CENDAC - Centro de Apoio à Criança e ao Adolescente -, que oferecia cursos profissionalizantes com o intuito de inserir os jovens no mercado de trabalho, entre outras ações.

Hoje, viúva, tenho onze netos, dois bisnetos e mais um a caminho. Sinto-me feliz por tudo o que realizei, e, com o esforço de quem aprecia viver plenamente, procuro me acostumar com a ausência de Ronaldo. Estou sempre em contato com meus amigos e à disposição dos meus filhos, netos e bisnetos para tudo o que precisarem.

Amor ao cuidado: trajetória de uma gestora dedicada à saúde e ao idoso



Ilka Liêta Nunes Marques

No dia 8 de março de 1963, nasci na pequena cidade do interior da Paraíba, Mãe d'Água. Sou a 12^a filha do casal Pedro Nunes e Maria Jerônimo, uma família grande, unida e cheia de amor. Hoje, recordo a década de 60 e uma infância alegre e divertida, em uma casa cheia de familiares e amigos, com uma igreja em frente, numa rua sem calçamento. Não havia energia elétrica, água encanada, internet... havia, sim, cantiga de roda, matada, esconde-esconde, casinha de boneca, academia (desenhada no chão), brincadeira de anel, jogo de pedras, banho no rio, cachoeiras, boas risadas... tudo muito bom.

Sempre tive um bom convívio com crianças, jovens, adultos e idosos. Estudei em uma escola de ensino infantil até a terceira série, com uma única professora para alfabetizar todas as crianças (a própria mãe, conhecida por dona Neguinha). Aos oito anos, fui estudar em Patos, por ser uma cidade mais desenvolvida. Na casa, moravam vários estudantes de Mãe d'Água, acolhidos por seus pais.

A família, católica, participava das missas, bem como de diversas missões, inclusive com Frei Damião. Os padres eram sempre recebidos para refeições ou mesmo estadia na casa dos pais. Aos treze anos, era catequista e fazia peças teatrais com as crianças para apresentar na igreja.

A adolescência foi junto com os irmãos. Por ser a filha caçula, sempre estava bem cuidada e acompanhada. Gostava de participar das festas, de dançar, de ler. Nas férias, sempre reunia as crianças da cidade para brincar de roda, e sempre era muito divertido.

Em 1980, três irmãos ingressaram na universidade e vieram morar em Campina Grande, PB. Matriculada no CPUC (Colégio Pré-Universitário Campinense), tive a honra de ser aluna da professora Yara Macedo Lyra (proprietária do colégio) e fiz vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade Federal da Paraíba em Campina Grande, que depois foi transformada na UFCG. Mais uma vez, lá estava a professora Yara oferecendo um ensino de maior qualidade.

Aos 18 anos, comecei a namorar Ednaldo Marques Bezerra, com quem estou casada há 39 anos. Tenho três filhos, Ednaldo Marques, Ilan Nunes e Caio Marques, três netos, Sara, Miguel e Maria Helena, e duas “noras-filhas”, Milena e Juliana.

Já casada, lecionei numa escola estadual. Após o nascimento do primeiro filho, parei de trabalhar e me dediquei a cuidar dos filhos, da casa e da família. Quando o filho mais novo completou oito anos, voltei para a universidade e fiz o curso de Enfermagem, por gostar muito de cuidar de pessoas. Desenvolvi vários trabalhos, entre os quais assistência em um serviço de hemodiálise, coordenação de setores de CCIH e Ortopedia no Hospital Regional de Patos, programa de saúde da família de Cacimba de Areia, coordenação da saúde municipal. Por fim, consultoria no CEFOR (Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância), preparando os Agentes Comunitários de Saúde para as cidades de Areia de Baraúnas, Quixaba, Passagem e a própria Cacimba de Areia. Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância.

No mês de junho de 2013, tive a oportunidade de voltar para a maravilhosa cidade de Campina Grande, lugar que sempre amei, pelo clima ameno e pelas lembranças e vivências que tive na juventude. Fui convidada para fazer auditoria nos hospitais que oferecem o serviço de hemodiálise. Em agosto de 2013, depois de já ter iniciado trabalho nas hemodíálises, tive a honra de ser convidada para ser gerente da Atenção Básica do município de Campina Grande.

Nesse período, conhecer todos os distritos que formam a cidade, os variados bairros e as necessidades básicas dos moradores foi um grande desafio que me proporcionou muito aprendizado.

Em 2014, com a municipalização do Hospital Dr. Edgley, fui lembrada mais uma vez pelo conhecimento e experiência em serviços de hemodiálise. Essa instituição, que funcionava com atendimento geral e internação, um setor semi-intensivo, criou o setor de hemodiálise, serviço que ganhou maior destaque.

Dentro do planejamento de crescimento do hospital, surgiu a ideia de trazer a Emergência Psiquiátrica para funcionar dentro de um hospital geral. Estudos indicavam que era importante ser integrado o atendimento aos pacientes psiquiátricos, tornando-se o primeiro hospital do Estado da Paraíba a ter leitos de saúde mental dentro de um hospital geral.

Com o crescimento do hospital sob minha gestão, com uma dedicada equipe, recebi, em 2015, o convite para assumir a Direção Administrativa do ISEA (Instituto de Saúde Elpidio de Almeida), grande maternidade da cidade, com atendimento extensivo a muitos municípios da Paraíba e de outros estados. Durante esse período, graças a

Deus e ao empenho da gestão, a maternidade cresceu muito, a construção da Casa da Gestante, o Centro de Parto Normal, aumento de enfermarias, a UTI Neonatal e muitas outras melhorias.

Continuando minha busca incessante por cuidar e amar o que faço, uni-me ao meu primogênito Ednaldo Marques, que havia retornado da residência médica em neurologia. Após muito planejamento e escolha do lugar ideal, realizei o sonho de criar o Quinta da Serra Residencial Sênior, instituição de longa permanência para idosos. Esse sonho sempre foi de proporcionar um ambiente onde eu mesma pudesse residir no futuro e ser cuidada, além de garantir qualidade de vida, cuidado e amor a todos os idosos. Baseada em modelos de excelência, oferece um serviço para trazer dignidade, tranquilidade e cuidado com amor para as pessoas que já construíram sua própria história e merecem ser cuidadas com respeito e técnica: ter uma vida de hotel dentro da sua própria casa, ser cuidado com respeito e amor.

Trata-se de um lugar ideal para se contemplar a natureza, ler um livro, jogar conversa fora relembrar músicas e cantar, jogar dominó, baralho, conviver com outras pessoas ou ficar na sua individualidade, sendo respeitado. Receber os cuidados de uma equipe durante 24 horas, com um personal trainer, um fisioterapeuta, um psicólogo, terapias ocupacionais, enfermeiros e técnicos de enfermagem, um médico para avaliar sua saúde. Enfim, ter uma casa limpa, cheirosa, organizada, nunca mais se preocupar com contas, com décimo terceiro, com jardim, com feira, com absolutamente nada, recebendo de volta tudo o que o idoso fez durante sua vida para tantas pessoas. Esse residencial abriga hoje 49 idosos em Campina Grande e João Pessoa.

Destaco aqui a grata satisfação de mais um reencontro com a grande mestra Yara Macedo Lira, com o convite para integrar essa coletânea que traz à luz a contribuição das mulheres para o crescimento e desenvolvimento de Campina Grande-PB.

Como a paz nasceu em mim e comigo: contribuição de uma magistrada para uma justiça conciliadora



Jena Mozart Bezerra Soares

A narrativa acerca de uma trajetória de vida é sempre um recorte que varia substancialmente a partir do ponto de vista de onde nasce. E um ponto de vista, como bem afirmou Leonardo Boff, nada mais é do que a vista de um ponto. O lugar de onde se avista é, afinal, o resultado do caminho particular de cada um de nós. É nessa perspectiva que conto a minha história e na crença de que, em sendo cada um de nós uma obra inacabada, falar do hoje é apenas um retrospecto de um filme cujo final, quiçá cujo clímax, ainda não aconteceu.

Nasci em 14 de fevereiro de 1979 na minha Campina Grande-PB. Uma quase menina, chamada Terezinha Soares Rodrigues, deu à luz menina cujo sexo somente conheceu no instante do nascimento, fruto da união com o jornalista Stenio Mozart Bezerra de Lima. Precederam-me três irmãos (Débora, Breno e Roberto), filhos do meu pai e gerados a partir de sua primeira união.

Meus primeiros anos de vida foram marcados por uma profunda ligação com minha mãe, a quem o meu avô paterno, José Bezerra, irreverente que era, chamava de “a cobra protegendo o filhote”. Permanecíamos juntas a maior parte do tempo, e isso me levou a uma quase simbiose com a minha família materna, radicada na zona rural de Campina Grande/Lagoa Seca-PB.

Minhas reminiscências mais antigas estão sempre associadas ao campo, ao som dos sapos coaxando na lagoa e aos aniversários de boneca que meus tios e tias promoviam

como um grande evento embaixo dos pés de pitomba no sítio de vovó Helena e vovô Simeão. Conversam também com uma menina cheia de personalidade que adorava falar em público e que simulava microfones com gravetos enfiados em abacates ainda verdes caídos dos abacateiros que contornavam o quintal da casa. Ainda hoje sinto o cheiro da canjica que vovó Helena cozinhava em um fogão de lenha, quando me fazia crer que a minha ajuda era essencial para que o prato fosse bem-sucedido. Com a mesma convicção, me assegurava que só eu sabia esgarçar as palhas de milho que, imitando pequenos cordões, atavam as cumbucas feitas também de palha para receber o caldo amarelo, transformando-se em deliciosas pamonhas. As noites de São João com a fumaça da fogueira que entrava pela casa cheia de alpendres e que marcou de forma indelével na minha personalidade o gosto pelo fogo, me trazem à memória meus vestidos matutos, o chapéu com trancinhas e os chuveirinhos fazendo meus olhos infantis brilhar.

Também consigo sentir o perfume da minha avó Zezé que morava na Arruda Câmara, sempre muito elegante e bem-arrumada, fazendo tricô com dedos com unhas irretocavelmente pintadas com esmalte lilás e os pés suspensos em um banco adjacente à cadeira de balanço. Lá eu podia ficar acordada até tarde e me deliciar com o sorvete de goiaba que só ela sabia fazer. Os lençóis eram perfumados e ela sempre me presenteava com um sabonete novo. Minhas avós eram amor em forma de cheiro.

Fui alfabetizada em casa pela minha mãe e quando ingressei na escola, que para mim era o melhor lugar do mundo, já conhecia o poder das letras e o desafio dos números com quem nunca me entendi direito. As letras, ao contrário, sempre me fascinaram. Eu soube, desde a primeira vez que as contemplei, que fosse qual fosse a atividade profissional que viesse a desempenhar, elas teriam lugar de honra.

Em decorrência de uma certa instabilidade conjugal dos meus pais, mudei várias vezes de escola durante a infância, sendo que três delas me marcaram sensivelmente e muito contribuíram para o meu desenvolvimento. A primeira delas foi a escola ASTA, que ficava no Ponto Cem Réis, e onde conheci todas as possíveis lendas urbanas. Era uma escola religiosa e ainda vive claramente na minha memória a sainha plissada marrom com as camisas brancas de botão, que em sequência deram lugar às sainhas azuis também plissadas da Escola Menino Jesus com o seu carrossel mágico.

Na adolescência, os uniformes marrons do colégio CPUC reinaram absolutos. Encontrei ali uma segunda casa que, de tão minha, servia de refúgio quando dos meus arroubos juvenis. Quando olho para trás, enxergo o período em que passei por lá como um dos mais extensos que já vivi. Lá fiz as minhas maiores descobertas. Fiz amizades que persistem até hoje. Era lá que eu estava quando perdi meu avô paterno e meu pai, no mesmo ano, aquele fatídico 1991, em que minha irmã caçula, Maria Helena, nasceu, já no finalzinho, para devolver a luz àquele céu cinzento por tantas perdas. Lá também encontrei uma segunda mãe, Yara Macedo, que eu julgava tirana e injusta, mas que depois se revelou para mim como uma das mulheres mais fortes e generosas que já tive a honra de conhecer. Sua aparente dureza era de zelo e de cuidado de todas as mães. As lentes da maturidade me permitiram enxergar o quão influente aquela educadora foi para mim e como ficou gravada na minha mente e coração a sua voz impassível sentenciando “Estude para poder escolher e não ser escolhida”.

Essa frase aparentemente singela ditou o meu futuro. Bem cedo passei no vestibular para Direito na Universidade Estadual da Paraíba e para Letras (sempre as letras...) na Universidade Federal da Paraíba, ambas em Campina Grande, tendo cursado unicamente Direito, a que escolhi por me dedicar de forma integral. Minha trajetória na universidade foi muito bem-sucedida. Terminei o curso em 2000, com dois anos de pesquisa de iniciação científica concluídos, vários artigos publicados e um estágio na Procuradoria da República.

Ainda durante a graduação, comecei a dar aulas de inglês na escola de línguas FISK, em Campina Grande, onde permaneci até por volta do ano de 2001, talvez numa tentativa de resgatar o sonho das letras que abandonei lá atrás.

Formada em Direito, me submeti e fui aprovada no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, tendo me tornado advogada ainda em 2000. Além de advogar, permaneci dando aulas de inglês e, na sequência, comecei a lecionar em cursinhos preparatórios para concurso e exame de ordem.

Logo após a formatura, me submeti ao concurso para Juiz de Direito do Tribunal de Justiça de Pernambuco, onde fui aprovada após várias etapas. Igualmente, nos Tribunais de Justiça da Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo que neste último, não completei todas as etapas, uma vez que me dei por satisfeita com a aprovação nos outros dois Estados.

No ano de 2004, entendi que era hora de seguir a vida a dois, por isso me casei e dessa união resultaram, mais tarde, os dois amores da minha vida, Bruna Mozart e Eduardo Mozart, meus filhos.

O ano de 2005 foi especialmente movimentado, mais precisamente o mês de agosto. No dia 1º fui nomeada como Juíza Substituta do Tribunal de Justiça de Pernambuco e no dia 4, descobri a missão que vim realizar nessa terra – ser mãe. Nasceu Bruninha. E segui assim, com essa miscelânea de prazeres e dificuldades: casamento recente, filha recém-nascida, cargo desafiador, distância da família e muitas mudanças.

Em 2006, minha nomeação na Paraíba me permitiu trilhar o caminho de regresso à minha terra que para mim parecia ainda mais linda e insubstituível, diante da breve experiência de nela estar apenas de visita. Conclui nessa ocasião que, embora tenha fascínio pelas viagens e por isso me considere cidadã do mundo, não nasci para ser estrangeira, mas agregada, entrelaçada à minha terra.

Desde então, venho atuando nas mais diversas regiões da Paraíba. Em 2008, a partir das minhas andanças pelo sertão, conheci o patoense mais lindo que aquela cidade jamais viu, um menininho de bochechas rosadas e de lindos cabelos loiros que se tornou meu filho, meu Dudu, aquele que é verdadeiramente o homem da minha vida. Os meus dois filhos são os meus projetos mais bem sucedidos. Embora ainda em execução, já me entregaram mais do que eu poderia supor de que fossem capazes. Divorciada desde 2017, acredito firmemente que a carreira mais promissora que já abracei é a da maternidade e com eles, desde então, trilho este caminhar; afinal, como nas palavras de Manuel Machado, “Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao caminhar.”

A minha carreira como magistrada me permitiu enxergar o mundo a partir de uma perspectiva muito ampla, conhecendo as dores mais profundas dos seres humanos. Humanos privados de seus bens e frustrados nos seus sonhos, desapontados com seus

projetos malsucedidos, encarcerados e colocados à margem de uma sociedade que não se reconhece doente.

Essa visão de mundo me levou ao caminho da não violência, razão pela qual tenho pautado minha carreira na esteira da justiça consensual, tendo por dez anos coordenado Centros de Conciliação do TJPB, e a partir de 2023, assumido a coordenação adjunta do Núcleo Estadual de Justiça Restaurativa do TJPB. Lá, realizo ações de implementação e desenvolvimento de práticas restaurativas no Estado. O órgão, que tem como missão aproximar e conectar pessoas, promovendo a cultura da não violência por meio da aplicação de práticas restaurativas, no ambiente do Judiciário e na comunidade, fortalecendo as relações sociais, pauta-se pelos valores da empatia, corresponsabilidade, horizontalidade, empoderamento e reparação.

Sinto-me gratificada e fortalecida profissionalmente por compor um órgão que propõe uma nova forma de entregar a jurisdição, pretendendo ser uma justiça efetiva, humanizada e inclusiva, reconhecida por atender necessidades e valorizar pessoas, atuando como vetor de pacificação social no Estado da Paraíba.

Minha história de empreendedora no ramo de panificação e eventos



Izabelli Araújo Diniz

Nasci em Recife, Pernambuco, no dia 12 de junho de 1977. Sou a filha caçula de Edson Marcolino Diniz e Terezinha de Jesus Araújo Diniz, e irmã de Samuel e Candice. Em 1981, nossa família retornou para Campina Grande-PB, tornando nosso lugar de morada definitiva.

Com meus pais, desde cedo, aprendi tudo o que sei e sou, meus valores morais, éticos e cristãos, e com eles, também, aprendi sobre a importância de empreender.

Comecei minha vida acadêmica no colégio São Vicente de Paula, onde permaneci até a conclusão do ensino primário. Em seguida, transferi-me para o tradicional “Colégio Imaculada Conceição-Damas”, onde permaneci até a conclusão do 2º grau.

Mesmo jovem, sempre tive espírito empreendedor e os números sempre foram uma paixão. Aos 9 anos já fazia pirulitos de chocolate em casa para vender na escola. Vendia também batons, bijuterias, roupas usadas e qualquer coisa que pudesse negociar. No início da adolescência, já assumia responsabilidades trabalhando como caixa da Panificadora Almirante, de propriedade da família, fundada pelo meu avô Samuel Diniz em 1959 e administrada por meu pai, após a sua morte.

Aos 15 anos, fui aprovada no Curso de Engenharia de Materiais, da Universidade Federal da Paraíba. Antes de iniciar oficialmente o curso universitário, decidi fazer intercâmbio cultural e acadêmico na cidade de Bournemouth, na Inglaterra, por 6

meses, com o intuito de aprimorar o inglês e viver experiências inesquecíveis, as quais levo comigo até hoje.

Após a conclusão do período de estudo no exterior, com 17 anos, retornei a Campina para iniciar o curso de Engenharia e assumir definitivamente uma das padarias da família, a unidade da Prata. Uma grande demonstração de confiança, dos meus pais para comigo, o que me deu ainda mais comprometimento, para corresponder às suas expectativas.

Prestes a me formar em Engenharia, meu pai foi diagnosticado com um agressivo câncer que lhe tiraria a vida 1 ano e 4 meses depois. Deus lhe deu a alegria de participar da minha colação de grau e me conduzir até o recebimento do diploma, um dos últimos momentos marcantes que passamos juntos. Poucos meses depois ele faleceu, em 26 de junho de 2001.

Tenho muito orgulho do meu pai. Seu nome está estampado no coração de Campina Grande, dando o nome ao Shopping Centro Edson Diniz, como forma de homenagem pela sua contribuição como empresário e empreendedor para Campina Grande.

Em decorrência da sua morte, para continuar o seu legado, aos 23 anos, assumi os negócios da família. Senti a necessidade de especializar-me e realizei diversos cursos de aperfeiçoamento nas áreas de Gestão de Pessoas, RH, Gestão Empresarial, Gestão financeira, Empretec e cursos específicos na área de panificação como o Propan.

Ingressei com dedicação e afincado para entender e executar todos os processos do meu negócio. Eu era a primeira a chegar e a última a sair, sendo essa minha rotina durante anos. A menina jovem e inexperiente dava lugar a uma empresária atuante e decidida. Particpei do CDL (Clube de Diretores Lojistas) Jovem, da Associação Comercial de Campina Grande, do Sindicato de Panificação, do Convention Bureau, e de várias outras entidades classistas contribuindo para o crescimento da cidade.

Aos 26 anos, me casei com Edgley Maciel Sobrinho, com quem tive dois filhos, Cauã e Lara. Fundamos a Quinta da Colina Café, onde funcionou a antiga Brunelle, na Afonso Campos, e a Quinta da Colina Recepções. Durante esse período, fiz vários cursos de gastronomia em São Paulo, sempre inovando e trazendo novidades para o meu segmento.

Após meu divórcio, fui convidada para montar um café bistrô dentro da Casa Cor, que seria montada na Casa da Pedra, antiga casa da família Targino. O projeto da Casa Cor não evoluiu, e sim um condomínio de casas chamado Campos do Conde, onde inaugurei o Is Ristô, um restaurante belíssimo e inovador. Funcionamos por 8 anos, realizando eventos inesquecíveis, que ficaram na memória de muitos campinenses. Em 2019, o condomínio precisou ser entregue, e encerramos nossas atividades naquele local, continuando com o Buffet volante e, posteriormente, com serviço de alimentação corporativa para empresas.

Atualmente, sou casada com o comunicador e empresário José Celino Neto, com quem tive uma linda filha chamada Poesia. Conciliar tempo para cuidar de mim, da família, da casa e dos negócios é uma tarefa desafiadora. Fui sócia de mais dois empreendimentos no Partage Shopping, um de paleta mexicana e outro de biquínis, ambos com operações de curta duração. Trabalhar com alimentação sempre foi minha paixão, e empreender é a essência que me motiva a me capacitar e estar à frente do meu tempo.

A pandemia foi um grande divisor de águas, se manter no mercado foi minha maior preocupação. Com 3 lojas ativas, 100 funcionários e muitos desafios, enxuguei os custos, fechei uma loja, reduzi o quadro de funcionários, fechei setores e sobrevivi aos obstáculos que a pandemia nos trouxe. Hoje, a “Trigos e Cia” tem 2 lojas, é superavitária e conta com cerca de 55 funcionários dedicados a oferecer produtos e serviços de qualidade aos campinenses. Ao longo desses anos, a “Trigos e Cia”, com mais de 65 anos de mercado, é um motivo de orgulho para todos nós. Já ganhamos vários prêmios locais e nacionais, incluindo em 2011, como uma das 100 melhores padarias do Brasil. Nosso padeiro ganhou prêmios em competições nacionais e foi destaque em revistas do segmento. Fomos eleitos por vários anos como a melhor padaria da cidade, o que nos honra muito. Isso é consequência de muito trabalho e dedicação, sempre investindo em capacitação, modernização, produtos de qualidade e atendimento personalizado.

Minha gratidão a Deus, que é o centro da minha vida, ao meu esposo e filhos pelo amor e paciência, tendo que me dividir com o trabalho, à minha amada mãe pelo colo e ensinamentos, aos meus irmãos pelo companheirismo e, por fim, gratidão a toda a equipe da “Trigos e Cia”, sem eles, eu não teria chegado até aqui.

Uma jornada de resiliência e sucesso no mundo da beleza



Janeide Oliveira Costa

Nasci em 1970 em Campina Grande-PB, mas fui criada na vizinha cidade de Esperança, juntamente com meus pais, Inácio e Maria do Socorro, e meus dois irmãos, Edson e Eliane.

Desde cedo, fui influenciada pelo trabalho árduo de meus pais: meu pai, um caminhoneiro dedicado, e minha mãe, uma talentosa costureira. Eles são grandes exemplos de como se reinventar em meio a situações difíceis, já que ambos mudaram de profissão algumas vezes, mas até hoje continuam a trabalhar, mesmo sem necessidade financeira. O trabalho sempre foi primordial em nossa família.

Embora não tivesse muita aptidão para os estudos convencionais, sempre encontrei meu verdadeiro lugar no universo da beleza. Aos 17 anos, descobri que minha paixão por embelezar as pessoas ao meu redor poderia se transformar em uma profissão. Nesse mesmo período, enfrentei o desafio de minha primeira gestação. A combinação da gravidez com a profissão de cabeleireira, que na época não era vista como uma carreira promissora, trouxe muitas críticas e desafios. No entanto, percebi que precisava de muita garra e dedicação para ser respeitada profissionalmente.

Com o tempo, fui me aprimorando e ganhando destaque não só em Esperança, mas também nas cidades vizinhas. Minha habilidade e dedicação atraíram clientes fiéis, que muitas vezes viajavam apenas para serem atendidas por mim. Com o crescimento

de minha clientela, minha irmã mais velha, Eliane, que também seguia a mesma profissão, e eu decidimos abrir uma segunda unidade em minha cidade natal.

Começamos em uma garagem, alternando os atendimentos entre as duas cidades. Com o tempo, a garagem deu lugar a uma casa alugada, depois a outra maior, até que finalmente consegui comprar meu primeiro imóvel. Ampliado e completamente modificado, esse imóvel se tornou a unidade principal. Com o passar dos anos, percebi que minha cidade natal não seria apenas meu ponto comercial, mas também meu lar.

Durante esse período de ascensão, enfrentei um dos momentos mais difíceis de minha vida pessoal: a doença e morte precoce de minha irmã e parceira de trabalho, Eliane, aos 34 anos. Esse período foi marcado por desafios emocionais e profissionais, mas sempre com perseverança, entendendo que ser forte não era uma opção, mas uma necessidade.

Mãe de três filhos e com pouco auxílio financeiro extra, trabalhava incansavelmente de segunda a segunda, muitas vezes ausente na criação e presença pessoal. No entanto, sempre tive a certeza de que estava buscando o melhor para todos eles. Com o tempo, decidi fechar a unidade de Esperança e focar na unidade principal.

Para me manter atualizada e competitiva, intensifiquei minha participação em cursos, congressos de beleza e eventos de capacitação profissional, tanto nacionais quanto internacionais. Em mais de 30 anos de carreira, participei de dezenas desses eventos, sempre buscando aprimorar minhas habilidades e conhecimentos.

Estabelecida em minha cidade natal, dei um passo maior ao abrir uma unidade na capital, João Pessoa-PB. Como todo começo, não foi fácil, mas com determinação e esforço, encontrei o local ideal e, com uma fase financeira melhor, consegui crescer também na capital. Durante esse período, também investi em outros ramos, sendo sócia em um restaurante e comprando mais imóveis.

Sempre acreditei que o segredo para uma vida profissional de destaque foi fazer um esforço e trabalhar duro. Hoje, com unidades estabelecidas em minha cidade natal e João Pessoa, vivo momentos de grande reconhecimento. Em mais de 30 anos de carreira, fui premiada e reconhecida pela profissão que escolhi, que um dia foi tão desvalorizada. Olhando para trás, vejo que nada foi em vão e que todo o esforço e dedicação me trouxeram até aqui.

Além das recompensas profissionais, meu trabalho trouxe recompensas pessoais inestimáveis. Ver meus filhos encaminhados profissionalmente é uma das maiores alegrias da minha vida. Meu filho mais velho é comerciante, o do meio é advogado e médico, e o mais novo está terminando sua graduação em engenharia civil. Saber que meu esforço contribuiu para o sucesso deles é uma realização imensa.

Mesmo depois de tantos anos, sinto que estou apenas começando e que ainda viverei grandes frutos que minha profissão irá me proporcionar. O maior prêmio que ganhei nesses anos todos é o reconhecimento e, acima de tudo, o respeito dos que direta ou indiretamente passaram por minha vida. Considero-me um exemplo de resiliência, dedicação e sucesso. Minha trajetória é marcada por desafios superados e conquistas alcançadas, sempre com muito trabalho e respeito a todos que confiaram e confiam em meu talento. Meu nome é fruto de um trabalho incansável e de um desejo de menina que se tornou realidade: levar a profissão de cabeleireira a um lugar de prestígio e respeito.

A Cor de Campina: uma jornada de luta e resistência



Jô Oliveira

Eu sou Jô Oliveira, filha de Dona Basta, uma mulher negra e trabalhadora doméstica. Nasci e cresci perto da Feira Central de Campina Grande-PB, onde a vida não era fácil, mas sempre pulsava com a força de quem luta todos os dias. Minha mãe me criou sozinha, com a força de mil mulheres em uma só. Ela era mãe, provedora, amiga e conselheira. Era ela quem me mostrava o caminho, mesmo quando tudo ao redor parecia querer nos impedir de avançar. Na simplicidade do nosso lar, ela plantava sementes que até hoje florescem em minha trajetória pessoal e política.

Nossa casa era rica em histórias, afinal, um lar formado por mulheres (minha mãe, minha madrinha, minha tia e minha tia-avó) tínhamos muito o que compartilhar. Minha mãe, com sua sabedoria de vida, falava sobre as batalhas diárias que enfrentava como trabalhadora doméstica, um trabalho muitas vezes “invisibilizado” e desvalorizado. Eu a via sair de casa ainda de madrugada, com o rosto cansado, mas com a cabeça erguida. E, mesmo quando voltava exausta, sempre encontrava tempo para me ensinar que, apesar das dificuldades, a educação era o único caminho para mudar o destino que parecia ser traçado para nós.

Eu estudava em escola pública, e essa experiência me moldou. A cada dia, eu enfrentava desafios ao lado de colegas. O material escolar e até o lanche eram luxos

que muitas vezes não podíamos ter, mas, apesar disso, minha mãe nunca me deixou desistir. Lembro-me dela dizendo: “Minha filha, o mundo pode não ser justo, mas você pode fazer dele um lugar para você e para as outras pessoas”. Essas palavras me acompanharam em cada etapa da minha vida.

Foi com muito esforço que consegui chegar à universidade. Fui cursar a graduação e o mestrado em Serviço Social na UEPB, e foi lá que me encontrei, tanto pessoalmente quanto politicamente. O movimento estudantil se tornou minha segunda casa. No Centro Acadêmico e no Diretório Central dos Estudantes, percebi que a política não era apenas sobre discursos ou partidos, mas sobre ações concretas que mudassem a vida das pessoas que, como eu, vinham das margens da sociedade.

A UEPB também me abriu portas para outros movimentos sociais, como os movimentos ligados à luta por direitos humanos e sociais, como acesso à terra, moradia, igualdade de gênero e equidade racial. Nesse período contribuí com a fundação da Associação de Juventude pelo Resgate à Cultura e Cidadania (AJURCC), no Distrito de São José da Mata. Esse projeto não era apenas uma iniciativa cultural; era uma ferramenta de resistência. Através da cultura, resgatávamos nossa autoestima, nossa identidade, nossa força enquanto comunidade periférica. A AJURCC me mostrou que a cultura tem o poder de transformar, e essa crença guia meu trabalho até hoje.

Minha entrada na política partidária foi um passo nesse processo de crescimento e aprendizado, embora nada fácil. Percebi que, para além dos movimentos sociais, era necessário ocupar os espaços de poder. As pessoas da periferia precisavam de alguém que não só falasse por elas, mas que vivesse suas realidades. Em 2016, me candidatei pela primeira vez a vereadora em Campina Grande. Não fui eleita, mas fiquei como suplente, e isso já foi uma vitória. Sabia que o caminho era longo, mas desistir nunca foi uma opção. Como diz Roque, personagem de Lázaro Ramos em “Ó Paí, Ó”: “Resistir é a lei da minha raça”.

A vitória veio em 2020. Com 3.050 votos, tornei-me a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Campina Grande. Esse não foi apenas um marco pessoal, mas um símbolo de resistência para todas as pessoas que, como eu, sempre foram excluídas dos espaços de poder. No dia da posse, senti a presença de cada pessoa que esteve comigo nessa caminhada: minha mãe, meus amigos de infância, os jovens com quem militei, as mulheres negras, os periféricos. Todos estavam lá, representados em mim e comigo de alguma forma.

Durante meu mandato, nunca me desviei das minhas raízes. Sabia que meu papel não era apenas fazer parte do sistema, mas questioná-lo e transformá-lo. Desde o início, meu foco esteve nas mulheres negras, na população LGBTQIAP+, nos jovens das periferias, nos idosos e nas pessoas com deficiência. São esses exemplos dos segmentos que, por muito tempo, foram ignorados e que nem sempre têm uma voz forte e representativa.

Um dos momentos mais marcantes do meu mandato foi a criação do projeto “Comunidade Participa”. A ideia era simples, mas revolucionária: levar o debate sobre o orçamento público para dentro dos bairros, ouvir diretamente as demandas da população e trazê-las para a Câmara Municipal. Foi assim que começamos a construir emendas orçamentárias que refletiam as reais necessidades das comunidades periféricas. A

política, na minha concepção, sempre foi e será uma construção coletiva, feita junto ao povo.

Debater o orçamento da cidade, falar dos problemas das nossas comunidades faz parte do trabalho diário da representação legislativa, mas nada me deixa mais convencida de que estamos no caminho certo de nossa atuação política quando somos provocadas pelas crianças que nos reconhecem nas ruas, nas escolas, por militantes e lideranças dos mais variados segmentos políticos, religiosos, sociais, que se colocam à disposição para construir junto comigo, reforçando a máxima: “Eu não só”!

Em 2022, recebi mais uma provocação: disputar uma vaga na Assembleia Legislativa Estadual. Aceitei o desafio, e, embora não tenha sido eleita, fiquei como suplente, uma vitória significativa para quem vem de onde eu vim. Essa campanha foi uma reafirmação, com 20.785 votos, de que estamos no caminho certo, de que a luta continua e de que “florescer uma nova história” é possível!

Em 2024, veio mais uma vitória: a reeleição para a Câmara Municipal, desta vez como a vereadora mais votada de Campina Grande, com 5.178 votos. Esse resultado foi emocionante, não apenas pela quantidade de votos, mas pelo que eles representavam. Senti que o trabalho que estamos fazendo está, de fato, transformando vidas. Mas também sei que a jornada está longe de acabar. A luta pela igualdade, pela justiça social e pela dignidade humana é interminável, e continuo firme nesse propósito.

Minha trajetória política não é só minha. Ela pertence a todas as pessoas que caminham a meu lado. Minha mãe, que me ensinou a nunca desistir; as juventudes dos movimentos sociais, as mulheres e as mulheres negras que marcham comigo e que me inspiram a cada dia; os eleitores e eleitoras que confiam em mim para ser suas vozes.

Essa caminhada é nossa, e estamos firmes na construção de um futuro mais justo e igualitário para Campina Grande, com a certeza de que a “Cor de Campina” não é só a minha cor, mas a cor da resistência, da esperança e da transformação.

“Estive preso e viestes ver-me” (Mt 25:36): meu servir na Pastoral Carcerária



Joselma Salete de Albuquerque

Nasci na Serra das Laranjeiras, zona rural de Fagundes-PB, em 31 de dezembro de 1948. Meus pais, José Aurélio (comerciante) e Maria de Lourdes Albuquerque (professora) – ela alfabetizou três dos seus quatro filhos – sentiram necessidade de sair da zona rural, em razão da continuidade dos nossos estudos.

Vieram para Queimadas-PB e me matricularam no Grupo Escolar José Tavares, onde concluí as últimas séries do curso primário, como era chamado à época.

Em 1961, como aluna interna, fiz no “Colégio Nossa Senhora de Lourdes” (Lourdinas), em Campina Grande-PB, o curso de preparação no Ginásio, correspondente a um ano, tendo sido aprovada. Concluí o Ginásio (atual Ensino Fundamental – anos finais) em 1965.

Estudar para ser professora foi uma imposição de minha mãe, como garantia no mercado de trabalho. Quanto ao curso superior, seria uma escolha pessoal.

Entre 1966 e 1968, realizei o Curso Pedagógico no “Colégio Imaculada Conceição” (Damas) e a ideia de minha mãe funcionou muito bem, porque iniciei minha carreira docente como estagiária nas “Lourdinas” e fui admitida como professora no “Instituto Pequeno Príncipe”, onde permaneci até junho de 1969, quando abandonei o magistério.

Após a conclusão do Curso Pedagógico, fiz o curso médio de Secretariado, na Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), o qual viabilizou meu ingresso como Secretária da Diretoria na Müller Nordeste, empresa do Rio Grande do Sul, que estava em fase de implantação em Campina Grande, com incentivos da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste).

Minha experiência profissional foi muito importante, porque tive oportunidade de trabalhar em diversos setores, de sorte que essa prática contribuiu sobremaneira para o meu bom desempenho no Curso de Administração de Empresas, realizado na FURNE, de 1973 a 1976. Permaneci na “Müller Nordeste” até maio de 1976.

Em junho de 1976, iniciei novo trabalho numa empresa têxtil, constituída há 37 anos, nesta cidade: “Cotonificio Campinense”. Nessa nova experiência profissional, tive uma ascensão progressiva e enriquecedora: de Gerente Administrativo à Diretora Comercial. Com o “Cotonificio” expandindo seu mercado, morei em São Paulo para gerir sua Filial, comandando as vendas em todo o país. E, por meio de representantes comerciais treinados, foi possível implantar os produtos cirúrgicos dessa empresa – gaze, campo operatório e atadura de crepom – nos melhores e maiores hospitais do país, tanto da rede pública como privada, a exemplo do Hospital das Clínicas de São Paulo e Beneficência Portuguesa, dentre outros.

Saí da empresa em novembro de 2000, depois de nela haver permanecido durante 24 anos e 5 meses, bastante gratificada por todo êxito que logrei obter, não obstante o desligamento inesperado e intempestivo.

Até então desconhecia o propósito de Deus para mim, apesar de que há cerca de 2 anos antes (por volta de 1998), eu pedira ao Senhor que me mostrasse, dentro da Igreja, em qual serviço, movimento ou pastoral eu poderia servi-lo, já que aqueles do meu conhecimento não me atraíam.

“Não temas; doravante serás pescador de homens” (Lc 5:10). Foi com estas palavras, na madrugada de 04 de novembro de 2000, que Cristo confirmou o Seu propósito, ratificando tudo que eu tinha vivido durante o dia, por ocasião da minha primeira visita ao Presídio Raimundo Asfora (Serrotão), a convite da freira Irmã Carolina (do Colégio das Damas), Coordenadora Diocesana da Pastoral Carcerária, a qual eu havia conhecido num consultório médico três dias antes.

Apesar de ter tido uma sólida formação religiosa, iniciada pela minha mãe e continuada nos Colégios em que estudei, foi esse evento que me levou ao verdadeiro e profundo encontro com Cristo.

“Estive preso e viestes ver-me” (Mt 25:36). Esse versículo bíblico passou a ser meu foco, direcionando todo meu tempo e dedicação àqueles que são considerados a escória da Sociedade.

Aquela vida de intenso trabalho profissional tornou-se, literalmente, “coisa do passado”.

Percebi que, como o discípulo Pedro na pesca milagrosa (Lc 5:10), eu também tinha sido pescada por Cristo. Estava e continuo, verdadeiramente, apaixonada pela missão de anunciar o Evangelho num ambiente em que poucos sentem vontade de ir.

Acompanhei a Irmã Carolina em suas visitas e a cada dia se consolidava a vontade de largar tudo e me dedicar à Pastoral Carcerária. Por motivo de saúde, a Irmã Carolina renunciou e dois anos depois assumi a Coordenação Diocesana.

Essa Pastoral adentra presídios e cadeias públicas para “ser presença da Igreja Católica e fazer tudo que esta presença venha a exigir”, não sendo, portanto, uma ONG de Direitos Humanos.

O olhar de um agente da “Pastoral Carcerária” é, como lemos na Carta aos Hebreus (13:3): “Lembraí-vos dos encarcerados, como se vós mesmos estivésseis presos com eles. E dos maltratados, como se habitásseis no mesmo corpo com eles”.

É esse texto bíblico que direciona todo nosso agir, dentro da perspectiva de “fazer tudo que essa presença venha a exigir”. Olhamos a pessoa do preso como criatura humana, imagem e semelhança de Deus, sem julgamentos, ajudando-o a compreender que a pior prisão é o aprisionamento do coração e que independe de onde estejamos.

Priorizamos a escuta individual que é um momento propício para acolher os desabafos, falar sobre a importância do perdão que transcende as grades físicas. Todos os agentes pastorais testemunham como é gratificante sentir que saímos das visitas renovados, plenos.

A assistência religiosa acontece com o apoio de três Sacerdotes abnegados que propiciam:

- celebração mensal da Santa Missa e atendimento de Confissões;
- preparação para os Sacramentos da Iniciação Cristã (Batismo, Eucaristia e Crisma);
- louvor e pregações;
- oficina de Oração e Vida, que ocorre há 13 anos (excluindo a pandemia), no Presídio Feminino; e outras ações.

Dentro das nossas possibilidades, prestamos:

- assistência material, através de doações de produtos de higiene pessoal, lençóis, roupas e material para artesanato;
- assistência à saúde, encaminhando casos com resolutividade fora da Unidade Prisional;
- assistência social, visitando famílias, entregando cartas, passando notícias por telefone.

Em relação à assistência jurídica, fazemos pouco em virtude das dificuldades práticas impostas pelo Poder Judiciário.

À Pastoral também compete denunciar às autoridades competentes, todo e qualquer tipo de tortura física, bem como maus tratos e comportamentos inadequados por parte daqueles que, por lei, fazem a custódia dos aprisionados.

Ao longo desta caminhada, temos a gratificação de ver muitos casos de homens e mulheres que encontraram na prisão física a motivação para reorganizar sua vida, trabalhar, constituir família, educar seus filhos, enfim, nascer de novo.

Também registramos que muitos fazem cursos universitários presenciais ou a distância, de sorte que demonstram quão valiosa é a descoberta de um novo mundo a partir da vida em um ambiente hostil e cheio de dificuldades.

É responsabilidade da Pastoral interagir não só com o preso e sua família, mas com egressos, Justiça e Segurança Pública, órgãos de Direitos Humanos, funcionários do Sistema Prisional e a Sociedade Civil e Comunidade Eclesial.

Certa madrugada acordei e fui inspirada pelo Espírito Santo a escrever:

Ser agente da Pastoral Carcerária...

Pensando bem, ser agente da “Pastoral Carcerária” não é só rezar no Presídio ou Cadeia;

É, sobretudo, cuidar da pessoa do preso e amá-lo;

É acreditar que ali está um ser humano, imagem e semelhança de Deus que foi resgatado pelo sacrifício de Cristo na Cruz;

É ouvir vozes cansadas, sem esperanças, desacreditadas, mas principalmente entendê-las e amenizá-las;

É, não importar o crime que praticaram, mas sim, se sofrem as amarguras da falta de respeito e o descaso com que são tratadas;

É dedicar parte do seu tempo à arte de salvar vidas;

É perder medos;

É ganhar amigos banidos pela sociedade;

É ter aversão a torturas e maus tratos;

É permanecer descobrindo, através do preso, a si mesmo.

Ser agente da Pastoral Carcerária é ser o único capaz de entender o silêncio;

É adivinhar olhares marcados pelas feridas da falta de amor;

É ter capacidade de compreender gratidões mudas, mas, sem dúvida, as únicas verdadeiras;

É conviver lado a lado com ensinamentos profundos sobre amor e vida;

É ter coragem de penetrar num mundo diferente e ser igual.

Como realizei meu sonho de empreendedora na gastronomia



Karla Maria de Sousa Silva

Chamo-me Karla Maria de Sousa Silva, nasci em Caruaru – Pernambuco, no dia 12 de julho de 1961. Sou filha de Severino Eduardo da Silva e Maria do Carmo de Sousa da Silva, ambos naturais de Caruaru, sendo ele comerciante e ela, professora. Tenho quatro irmãos: Kátia, Emílio, Elton e Kalina. Minha infância, quantas saudades... Tínhamos horários para tudo e com regras; estudávamos, brincávamos, fazíamos as tarefas do Colégio. Uma época muito gostosa... Nos fins de semana íamos à missa, passeávamos na praça e o almoço do domingo era sempre especial com a família em casa. Sempre gostei de estudar! E na adolescência já era empenhada na cozinha, ajudando e participando, querendo aprender. Tinha empenho em aprender com minha mãe e minhas tias, todas prendadas. No fim de semana sempre fazíamos bolos, biscoitos e salgadinhos...

O tempo não era tão acelerado como atualmente. Terminando o segundo grau (hoje, Ensino Médio), fiz o vestibular em 1979, para Odontologia, curso que segui e concluí lá mesmo em Caruaru-PE. Foi um aprendizado, pois foi quando senti que a vida estava tomando o rumo da seriedade.

Nesse período, nas horas vagas, eu dava aulas particulares aos alunos que necessitavam de reforço escolar e ganhava meu “dinheirinho” para a compra dos livros e materiais do curso de Odontologia. A Faculdade era particular, mas naquela época havia o programa governamental Crédito Educativo, cujo objetivo era financiar cursos universitários para alunos que não dispusessem de recursos financeiros. Isso facilitou meu tempo de universitária.

Graduei-me em 1983 e, no início do ano seguinte (1984), fui morar e trabalhar no Rio de Janeiro, juntamente com duas amigas de turma da Faculdade. Depois de algum tempo, conheci Eduardo Amorim, também recém-formado; trabalhamos na mesma empresa durante quatro anos e resolvemos abrir uma clínica dentária, a qual foi nossa primeira sociedade. Com o passar dos anos, sentíamos a necessidade de voltarmos para o Nordeste, pois a saudade maltratava nossos corações. Foi o início de um sonho... Com a ideia fixa de voltarmos, traçamos como seria esse projeto de retorno.

Porém a vida nos proporciona surpresas: nos afastamos da odontologia e nos voltamos para a gastronomia. As receitas culinárias nos atraíam mais do que as receitas odontológicas; o prazer em oferecer lanches e refeições leves foi nos invadindo a tal ponto que, em 1991, após a volta do Rio de Janeiro, chegou o momento de começarmos nossa “La Suissa”. De início, nos instalamos na rua Deputado João Tavares: primeira sede, casa alugada e reformada, com um projeto simples e o empenho de toda a família. Fomos trabalhando lentamente, dia após dia, com muita garra. Sempre nos atualizando em aulas de gastronomia, realizei os mais diversos cursos, desde panificação até docinhos especiais e salgados os mais variados...Pesquisar e colocar as receitas em prática é o que fazemos até hoje.

Depois de seis anos no mesmo endereço, compramos o imóvel nº 176 da rua Irineu Joffily e, em junho de 1998, inauguramos nossa sede própria, onde estamos até hoje. No início o salão de atendimento era grande, mas com o passar dos anos, devido ao sucesso, tornou-se pequeno e vimos a necessidade de ampliarmos a “La Suissa”. Foi quando a casa vizinha – da família Lucena – foi colocada à venda. Mais uma vez, com muita gratidão a Deus, conseguimos comprá-la e fazer sua reforma com muito esforço, pois não podíamos modificar a frente do imóvel, tendo que conservar os traços arquitetônicos existentes. Terminamos essa ampliação em maio deste ano (2024), dando mais conforto aos nossos clientes bem como proporcionando melhorias nas cozinhas, facilitando nosso trabalho juntamente com nossos colaboradores.

Trabalho, respeito, perseverança, confiança e GRATIDÃO são palavras que sempre trago comigo.

Em resumo posso dizer com tranquilidade que, ao longo desses 33 anos, trabalhamos com foco e seriedade sempre nos reinventando a cada dia... A gastronomia é fascinante, é um desafio eterno e ao mesmo tempo gratificante. Digo sempre que me encontrei, amo o que faço e acredito que, quando mergulhamos com direcionamento naquilo que desejamos, teremos sempre resposta satisfatória.

Sou grata a Deus, à minha família, ao meu esposo Flávio Amorim e sua família, aos amigos e colaboradores que por aqui passaram e a todos os clientes, que me ajudaram a tornar esse sonho realidade: “La Suissa!”

Meu dever de cantar: uma missão de Deus que abraço e que me toca a alma!



Kátia Virgínia

Em 1959, o mestre Tom Jobim já nos exortava com esta e outras frases igualmente belas e harmônicas a cantar, sempre e sempre, a beleza das coisas, da vida, enfim. Eu, então, com oito anos de idade, já sentia no meu interior que sem a música ou o canto, nada faria sentido. Por isso que, desde bem antes daquela data, já passava grande parte do meu tempo juntamente com as brincadeiras próprias da idade, cantando e cantando...Minha mãe, Maria das Neves Araújo (*in memoriam*), também gostava muito de cantar e o meu pai José Teles de Araújo (*in memoriam*) a acompanhava ao violão, formando com os meus irmãos, por vezes, um grupo vocal bem coeso e afinado. Mesmo quando estudava no “Instituto São Vicente de Paulo” e, mais tarde no “Colégio Estadual da Prata”, sempre me envolvi com a música e o canto. Tanto que, neste último, participei do coral organizado e dirigido por Dalvanira Gadelha (D. Dadá, *in memoriam*), a quem devo os meus maiores agradecimentos pelo incentivo e orientação musical que me foi proporcionado àquela época.

Em 1968, participei do concurso “A mais bela voz do Nordeste”, conquistando o primeiro lugar naquele que seria o primeiro grande reconhecimento público de meu talento. Concomitantemente, participei de várias apresentações na televisão local e na TV Rádio Clube de Pernambuco.

Aos 18 anos iniciei minha carreira profissional ao ser convidada para integrar o conjunto musical de Ogírio Cavalcanti, onde permaneci por muitos anos, o que me proporcionou a base para meu estilo eclético. Como tratava-se de uma banda de baile,

havia a necessidade de interpretar todos os ritmos e hits da época, desde o legítimo forró até a música internacional. No referido Conjunto, conheci meu esposo, o maestro Gabmar Cavalcanti, com quem me casei em 1975, permanecendo juntos numa união musicalmente simbiótica até sua partida, em 2016.

Tive, também, participações no coral da UFPB, dirigido pelo maestro Nelson Mathias e sua esposa Célia Bretanha, profissionais de renome nacional. Durante alguns anos, fui participante da banda do “Forró Fest”, festival de música organizado pela Rede Paraíba, afiliada da Rede Globo, integrando o coro vocal do referido festival. Em 1990, na cidade de Miami, apresentei-me no Omni Hotel e no navio Sunward II, num cruzeiro pelas Bahamas.

No final da década de 80, iniciei uma nova etapa na minha carreira. Em 1987 participei do Recital “Verão” como convidada especial, um dos marcos da época. A partir daí, vieram incontáveis shows e recitais, individuais e coletivos, como o “Vias Abertas” (1987), “Sol e Lua”, “Recital Essência”, “Bastidores de Mim” (1992), “Arte em Destaque”, “Minha Voz”, “Tributo a Elis Regina” (1998), “Voz, Piano e Violão” (1999), “Modinhas e Canções” (2004), “Clássicos Internacionais”, “Volta, Elas por elas”, “Kátia canta Elis”, “Etemamente Gal Costa”, e outros.

Em 1992 e 1993, ganhei o prêmio de “Melhor Intérprete”, respectivamente, nos festivais: XX FERCAPO (Cascavel/PR) e “19º Festival de MPB de Ilha Solteira (SP)”. Em 1994 tive a música “Doce Menino”, de minha autoria, gravada em CD dos festivais: XXII FERCAPO (Cascavel/PR) e VII FEMP (São José do Rio Pardo/SP). Em 1996 tive ainda participação especial no XXIV FERCAPO em Cascavel/PR.

Em 2002, lancei meu primeiro CD solo DEVER DE CANTAR com músicas inéditas. A música título é de autoria de Celso Viáfara. Em seguida vieram: “Canções Preferidas” - volumes 1, 2 e 3 e o CD “Kátia canta Lupicínio” com músicas de Lupicínio Rodrigues, que fizeram parte do show do mesmo nome, realizado no Teatro do SESC em C. Grande/PB, sempre com enorme sucesso de público e crítica.

Em 2007, a convite da TV Itararé, gravei o Hino de Campina Grande acompanhada por Gabmar numa interpretação marcante e bem diferente. O clipe musical resultante, vertido para o Youtube, alcançou dezenas de milhares de execuções, ajudando a tornar bem conhecido o belo Hino que, à época, havia sido esquecido. Em 2013, uma nova versão, com arranjos de Gabmar para quarteto de cordas, deu novamente uma bela roupagem ao prestigioso Hino, numa homenagem daquela emissora a mim e a Gabi.

Meu último CD, gravado em 2017 ao lado do músico Fábio Dantas, chama-se “Volta”, e deu origem a um especial da TV Itararé, cujos vídeos se encontram no Youtube, no canal “Itararé Especial”.

Continuo cantando, acompanhada sempre por excelentes músicos locais, em eventos sociais da cidade e da região. Pretendo continuar na alegre missão do meu “Dever de Cantar” até quando Deus permitir!

Com Gabmar, tive três filhos, Alisson, Sheyla e Shirley, que me deram quatro netos, Débora, Rafael, Sarah e Adam. Alisson prosseguiu na carreira musical como professor de música do ensino fundamental e produtor musical no SOLO Studio (www.solostudiocg.com), gravando artistas locais e regionais.

Minha gratidão à ilustre e querida professora Yara Lyra por me presentear com esta honrosa homenagem. Instagram: [instagram.com/katiavirginiacantora/](https://www.instagram.com/katiavirginiacantora/). Youtube: [youtube.com/@katiaegabi](https://www.youtube.com/@katiaegabi)

Inclusão e empoderamento de jovens pelas artes



Laodiceia Lima Aguiar

Filha de Adalberto Pereira de Lima e Noêmia Araújo de Lima, nasci na cidade de Sapé-PB, onde permaneci até o fim da adolescência, na companhia de cinco irmãos - Lúcia, Laíse, Lígia, Roberto e João Abel -, em um lar pleno de amor e alegria, de onde guardo doces e divertidas memórias.

Minha vida escolar foi muito boa. Durante o Ensino Fundamental estudei no “Colégio Corálio Soares”, tendo me mudado para Campina Grande-PB, para estudar no “Colégio Estadual da Prata, intencionando prestar vestibular para o Curso de Fisioterapia.

Todavia, o destino tinha outros planos para mim e foi na Serra da Borborema que conheci meu esposo Francisco Aragão, natural de Sobral, Ceará, que, em busca de novos horizontes e oportunidades, se mudou para nossa cidade onde inaugurou sua fábrica de iluminação pública, chamada Fercol.

Sobre nosso primeiro encontro, Chico costumava dizer que, ao me ver de costas, olhou e disse para si mesmo: “É com essa mulher que irei me casar”. Após um breve namoro, nos casamos em 1973, união que durou até 2018, ano de sua partida, e da qual nasceram nossos quatro filhos: Sammara, Fabrini, Sue Ellen (in memoriam) e Ranieri.

Uma das perdas irreparáveis de minha existência ocorreu em 1999, quando lamentavelmente nossa inesquecível Sue Ellen partiu para o plano celestial, vítima de

acidente automobilístico, experiência que mudou completamente minha vida e de minha família.

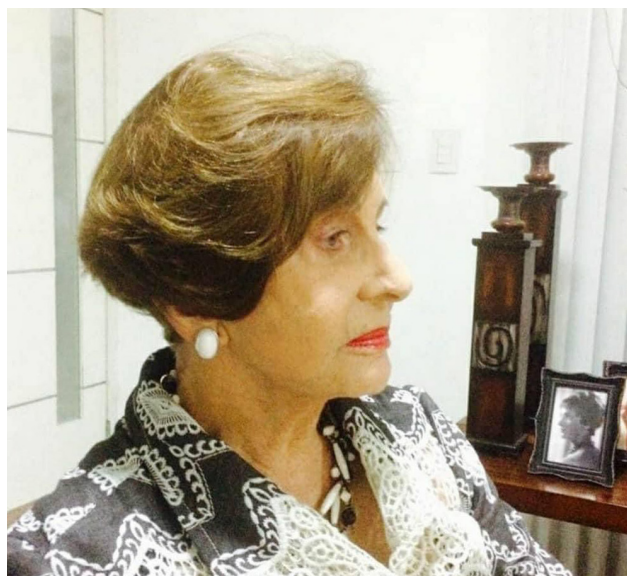
A indizível dor fez a mim e a Chico tentar realizar o sonho de nossa filha Sue Ellen de criar uma instituição que oferecesse aulas de ballet para crianças carentes. Bailarina durante 10 anos da professora Cláudia Saboia, ela sempre aspirou a promoção de atividades artísticas para a formação de jovens através da oferta de aulas de ballet, oficinas de desenho e pintura, aulas de canto, de violão e teclado. Movida por esse sonho, criei, a partir de 2000, a “escola de ballet Suellen Carolini” para crianças carentes. Assim nasceu o projeto do “Palácio das Artes Sue ellen Carolini”, que atendeu a milhares de crianças ao longo de 20 anos de existência, oferecendo aulas artísticas, nas modalidades de ballet clássico e contemporâneo, violino, violão e pintura.

Durante esse período, recebia crianças da rede municipal de ensino. Hoje, além das aulas de ballet, temos alunas do projeto que vivem do mérito do seu trabalho, dando aulas particulares para as crianças de bairros periféricos, num valor que elas tenham condições de pagar a essas ex-alunas que hoje são professoras.

Este trabalho social tem me dado muita satisfação e preenchido minha vida, uma vez que temos proporcionado a muitos jovens oportunidades até então pouco acessíveis, descobrindo grandes talentos, reconhecidos pela maior escola de ballet do mundo – Ballet Bolshoi. Uma das formas de retorno dessa ação que tem me deixado imensamente feliz é a transformação de muitos ex-alunos em professores, conseguindo obter um meio de prover dignamente seu sustento.

Acredito firmemente que podemos mudar realidades através da consciência social, da ajuda mútua e da generosidade. Venho me esforçando, com a bênção de Deus, para cumprir meu papel como pessoa e cidadã.

Memórias da trajetória de uma professora de História



Léa Amorim

Sou conhecida como Léa Amorim, mas fui batizada, crismada e registrada como Leonília Maria Agra Ramos, em homenagem à minha avó materna, que levava este nome. Meus pais, Herotides Ramos e Passinha Agra Ramos, tiveram 12 filhos: eu fui a quinta e nasci em 16 de abril de 1941, de parto normal, vinda ao mundo pelas mãos da parteira domiciliar chamada de Maria Augusta, no prédio/sobrado na Maciel Pinheiro, nº 216, onde moravam meus pais.

Meu avô materno, Josino Agra, dera de presente aos meus pais, o sobrado acima citado, para que eles ali morassem. Esse avô era muito amado por nós, seus netos. Ele morava em uma de suas propriedades, a famosa “Tanques Grandes”. Nesta eu e meus irmãos íamos passar as férias colegiais, nos meses de janeiro, junho (mês de São João) e julho. Eram férias maravilhosas e aproveitávamos todos os dias com passeios a pé, a cavalo, íamos ao curral tomar leite no peito das vacas, íamos tomar banho no açude Trapiá ou no tanque perto da casa, que era apropriado para os famosos banhos. Brincávamos nos currais dos carneiros/ovelhas, dos porcos e de outros animais. Havia na fazenda ambientes belíssimos: locais das fruteiras, das hortas, da cana-de-açúcar, de algodão e de milho verde.

Cresci ao lado dos meus irmãos mais velhos: Eneida, Salete, Selma e Laécio e dos mais novos: Marcos, Marcelo, Lucinha e do caçula Paulinho.

A primeira escola que frequentei, aos seis anos de idade, ficava por trás do Sobrado, na antiga rua dos Paus Grandes, cuja dona era chamada de Carminha, mestra carinhosa, atenciosa, preparada. Eu gostava tanto dela que a convidei para ser minha madrinha de Crisma na Catedral. Também foi essa mestra quem alertou minha mãe sobre uma possível miopia que eu tinha, pois afirmou à minha mãe que eu não via nada no quadro-negro.

Alertada e desconfiada (todos os irmãos dela eram míopes), minha mãe me levou ao famoso oftalmologista dr. Francisco Pinto, que constatou uma miopia alta: seis graus no olho esquerdo e nove graus no olho direito.

Até então eu era felicíssima, traquinas e fazia todas as loucuras infantis que meus dois irmãos faziam. Ao começar a usar óculos grossos, fui proibida de algumas brincadeiras e começaram os terríveis apelidos: Cegonha, Quatro-Olhos e Cega.

A minha primeira escola mudou-se para longe. Aí, minha mãe matriculou três de seus filhos, Laécio, Marcos e eu, em outra excelente escola, Nossa Senhora de Fátima, que ficava na rua Afonso Campos, atrás da “Catedral Nossa Senhora da Conceição”, mantida pelas irmãs Carvalho: Dona Nair, Dona Dulcelina, Dona Divani e Dona Lourdinha. Só saímos de lá quando fomos fazer o Curso de Admissão do Ginásio. Meus dois irmãos foram para o “Colégio Alfredo Dantas” e eu para o “Colégio das Damas”.

Deixei o “Colégio das Damas Cristãs”, no centro, e fui estudar no “Estadual da Prata”, juntamente com meus dois irmãos, que saíram do “Alfredo Dantas”. Nesta época, a partir de 1958, o Estadual ficou famoso demais na cidade, pois ele parecia uma Universidade com exemplares professores, um novo ensino, uma nova aprendizagem, recebendo o apelido de “Colégio do Saber”.

Neste novo mundo estudantil, terminei o Curso Ginásial e, como já sabia o que queria no futuro, fui fazer o Curso Clássico em três anos, preparando-me para o vestibular.

O Curso Clássico era reconhecido pelos nomes brilhantes dos professores, tais como: William Tejo, dr. João de Assis, Dona Doziart, Dona Lígia Loureiro, dr. José Loureiro, Padre Frederico, João Viana, Padre Emídio, o alemão Max Hans, entre outros famosos. Durante todos os três anos do Clássico, todas as colegas (só o sexo feminino) sabiam o que queriam. Todas brincavam comigo, porque eu escolhera sempre fazer o Curso de História, maior desejo de minha educação, pois admirava em demasia a minha querida mãe, que ficaria conhecida na cidade e fora dela como memorialista. Portanto, minha mãe, que não se formou em nenhum curso, foi meu maior exemplo.

Durante todo o curso, nossa turma era muito pequena e só havia moças, pois, na época, o Estadual era, pela manhã, destinado para moças, à tarde, para rapazes e à noite, era misto.

Éramos amigas dentro e fora da instituição, então, íamos aos “assustados”, festas e passeios. No ano de 1961, último do Curso Clássico, entramos, junto com minhas irmãs, num bloco carnavalesco para ir para o Clube Campinense no centro da cidade, cuja orquestra era dirigida pelo famoso Maestro Cipó.

Esse bloco foi organizado por minha irmã Eneida e a fantasia usada foi chamada de “Mexicana”, acertando que usaríamos a mesma em dois dias: no sábado e na terça de carnaval. Tudo certo, as mesas foram compradas e houve a exibição do bloco nos dias combinados.

Nesse ano, durante o carnaval que duraria quatro noites, além de uma matinê no domingo para filhos pequenos dos sócios, minha vida se transformaria. É que, no salão do clube, brincando um “frevo fervendo”, de repente, um rapaz começa a me seguir por todo o salão, dando-me um banho de lança-perfume, produto usado por anos nos dias de carnaval. Portanto, esse rapaz, além de me seguir pelo salão, ainda pegava no meu famoso “rabo-de-cavalo”. E dizia: estou apaixonado por você. Por causa do lança-perfume, não acreditei. Mas, esse mesmo rapaz foi o meu primeiro namorado, primeiro amor, meu noivo, meu marido, pai dos meus três filhos, o inesquecível, inigualável, insubstituível, dr. Amorim Neto.

Muito cedo em minha vida, acompanhando o exemplo de minhas irmãs Salete e Eneida, desejava, também, ser professora. Como já afirmei anteriormente, fiz o Curso Clássico, terminei, mas não pude fazer logo o vestibular, pois o curso que queria não havia na Universidade Federal nem na antiga FURNE. Na época, só havia o curso de História em Recife-PE. Havia uma promessa de se criar aqui em Campina Grande-PB, mas tive que esperar. Então, fui exercer no colégio das minhas irmãs a profissão de professora do antigo primário, no já famoso “Instituto Nossa Senhora da Salete”.

Em 1966, casei com o queridíssimo Amorim. Lecionava todas as manhãs, até que no ano de 1973, infelizmente, Eneida teve que fechar o querido Instituto.

Coincidentemente, tinha sido criado o Curso de Estudos Sociais na antiga FURNE. Então, fui me preparar para o vestibular, dedicando-me de corpo e alma para disputar uma vaga. Não era o curso que eu queria, mas já era um começo.

Ao mesmo tempo, fui convidada para ensinar no Colégio das Damas, atendendo ao pedido da coordenadora do ensino do 2º grau (atual Ensino Médio), Madre Marie Etiene, para ensinar História.

Agora, vem a vez de Yara Lyra, a amiga da rua Treze de Maio, a dona do cursinho para vestibular na rua Getúlio Vargas, vizinho ao colégio Pio XI, querendo que eu ensinasse aos alunos do pré-vestibular. Aceitei o convite, mas só fiquei lá por um ano.

A mesma Yara funda na rua Floriano Peixoto um “Colégio” extraordinário, que se transforma na “Nova moda educacional” de Campina Grande-PB. Era o famoso CPUC. Então, ela me chama para ensinar História nas terceiras séries do segundo grau. Eram cinco turmas, com cerca de 60 alunos que frequentavam as tardes no novo colégio.

Neste período, eu estava, enfim, terminando, à noite, a Licenciatura Plena em História. Foi muito pesado para mim: ensinar durante as tardes, estudar à noite; foram dias e semanas bem puxadas para uma mãe, professora e dona de casa. Mas, Graças a Deus, tudo deu certo: jamais deixei meus filhos ou meu marido de lado, sem assistência, foi uma vitória grande para mim, toda ela rodeada de alegria e prazer em fazer o que eu gostava.

Ao terminar o curso de História, fui logo contratada para a antiga FURNE. Então, deixei os dois colégios (Damas e CPUC), ao passar no Concurso interno da FURNE para o curso de História.

Ao mesmo tempo que ensinava, fui fazendo cursos de especialização: o primeiro, aos sábados, foi História da Paraíba, com 360 horas-aula; ao terminar o mesmo, apresentei a monografia “O Folclore Nordestino”. Terminada e defendida esta especialização,

entrei de imediato em outra, que era “História do Nordeste”, de 1981 a 1982, defendendo outra monografia intitulada “A Urbanização de Campina Grande”.

Aconteceu outra importante mudança profissional: foi criado o curso de História na Universidade Federal de Campina Grande em 1984. Candidatei-me, passei, deixei tudo e fui ensinar no novo curso de História. Ao mesmo tempo em que lá ensinei, fiz o Mestrado em Sociologia. Terminado o Mestrado, defendi a Dissertação “O Boi Engolindo gente: Estudo do Processo de Pecuarização Recente no Brejo de Areia na Paraíba”.

Resumindo minha vida profissional, declaro com Amor o que fiz com Amor:

- Ensinei no antigo primário;
- Ensinei no cursinho pré-vestibular;
- Ensinei na antiga FURNE;
- Ensinei na Universidade Federal de Campina Grande. Ensinei, como professora visitante, na Universidade Estadual da Paraíba, de 1992 até o fim do ano de 2002.

Durante minha atuação como professora visitante, fiz parte de um grupo de profissionais que desejavam o melhor para a UEPB. Esse excelente grupo era formado pelos professores:

Eliete Queiroz;

Martha Lúcia Ribeiro;

Josefa Gomes;

Marisa Braga;

Josélia Maria;

Damião de Lima;

Léa Amorim.

Em parceria, escrevemos três livros

1. “O Bairro de José Pinheiro: Ontem e Hoje”;
2. “História da Paraíba” (este já vai na quarta edição).
3. “Imagens Multifacetadas de Campina Grande”.

O mesmo grupo também publicou artigos no “Jornal Historiando”, no “Jornal da Paraíba” e em vários congressos, além de diversos artigos apresentados em seminários, dentre outros.

Na atualidade, vivo de recordações maravilhosas da minha querida História, transmitida desde o ensino primário em Eneida, até chegar à UFPB e à UEPB. Excelentes lembranças.

Afirmo que sempre fui uma professora realizada e feliz. Fui amada e amei muito meu esposo. Amo loucamente meus três filhos do Amor e coloco no mais profundo do meu coração meus sete netos, tendo, recentemente, uma bela bisneta.

Obrigada a todos que lerem estas memórias.

A professora e os resíduos: contribuições para a coleta seletiva de resíduos em Campina Grande-PB



Luiza Eugênia da Mota Rocha Cirne - Lola

Nasci na Rua João Tavares, esquina com a Rua José Bonifácio, no dia 27 de março de 1963, em Campina Grande-PB. Sou a quinta filha do casal Luiz Rocha Sobrinho e Margarida da Mota Rocha. Tive uma infância de muito carinho dos meus pais e das irmãs Margarita, Aline, Silvana, Ana Fábria, Maria da Soledade, Sílvia Regina, Sílvia Roberta e Maria Eduarda e nos dividíamos entre estudos e brincadeiras de rua com os amigos das famílias Rique Oliveira, Brito, Barros, Belo e Bertino: jogos de baleada, barra-bandeira e vôlei; comer castanholas; montar escolinhas; colocar linha nas árvores, chás da noite e jogos de baralhos, dentre outros.

Fazíamos muitas viagens às casas dos nossos avós paternos em Sousa/PB e maternos em Natal/RN. Em geral, seguíamos para Sousa na Semana Santa e nas festividades do Natal, lá encontrávamos a avó Olívia e as tias Nely, Edmee, Daquinha e Bibia além de primos e primas que vinham ver as meninas de Luiz. Nas proximidades de Sousa ficava a fazenda Lagoa Redonda, sem energia elétrica, e os mosquitos e o calor insuportáveis eram aliviados pelos demorados banhos de açude e passeios a cavalo. As idas a Natal eram também muito esperadas, lá encontrávamos os preparativos da tia Dadá, Quena e vovó Severina em separar e arrumar os quartos para receber as meninas de Guida. Nossa chegada, sempre no período após as festas natalinas, tinha uma magia, pois, além do carinho, vovó nos levava à sala de visitas para entregar os presentes de Natal,

pacotinhos especiais com os nossos nomes. As idas às casas das avós eram acompanhadas das deliciosas especialidades gastronômicas muito evidentes nas famílias Rocha e Motta.

A fase da adolescência se desenvolveu com boas companhias: amigas de escolas que dividiam as idas ao cinema Babilônia, matinês na “boite Skina”, “Clube de patinação Lyne”, jogos escolares e do exército, festas de carnaval e de São João no Campestre e Campinense Clube. Numa dessas festas, os cupidos Marquinhos e Fernanda Soares me apresentaram Carlinhos Cirne, com quem iniciei namoro em junho de 1978. Iniciei nos desfiles de modas, através do convite da proprietária da Boutique Morena, Denise Nepomuceno, e em seguida para a Boutique de Salete Eloy, “Letas Boutique”, e para as boutiques de Maria Anunciada, de Ida Montenegro e do atelier de Paulo de Tarso e Gilvandro Filho, culminando com grandes desfiles no Teatro Municipal Severino Cabral e no Campinense Clube com as presenças de Luiza Brunet e Roberta Close.

Em relação aos estudos, iniciei os primeiros anos na escola de Caliel, sendo alfabetizada no Instituto São Vicente de Paulo. Em seguida, cursei o ensino básico na “Escola Virgem de Lourdes” e o ensino médio no “Colégio Imaculada Conceição”, concluindo o terceiro ano no CPUC (Colégio Pré-universitário Campinense). Em 1982, fiz exame vestibular e fui aprovada para o Curso de Engenharia Agrícola da UFPB, concluído em 1988. Em março de 1988, fiz seleção para o mestrado e, em 1991, fui aprovada no concurso público para uma vaga de docente na UFPB. Iniciei os trabalhos de pesquisa e ensino na área de armazenamento e processamento de produtos agrícolas, migrando para a área de tecnologias agroambientais, na qual, por intermédio da professora Ana Virgínia Guimarães, conheci a realidade da extensão universitária, especialmente com a temática de resíduos sólidos. Em 2008, fiz seleção para o doutorado em Recursos Naturais e desenvolvi o tema “Implantação da coleta seletiva como subsídio ao plano de gestão integrada de resíduos para o município de Campina Grande-PB”. Em dezembro de 2011, após a conclusão do doutorado, iniciei o Curso de Especialização em Serviços Públicos Municipais, em Granada (Espanha), concluindo-o em abril de 2012. O tema do doutorado acompanhou minha vida acadêmica por diversos motivos, especialmente o desafiador gerenciamento integrado de resíduos sólidos do município de Campina Grande e as diversas necessidades dos catadores da cooperativa COTRAMARE, que se tornou para mim uma missão, levando-me a adotar o lema de meu avô João Motta: “Deus, Coragem e seus Efeitos”.

Em 1995, solicitei à UFPB e obtive uma licença sem vencimentos para acompanhar o desenvolvimento das filhas menores Maria Eugênia e Maria Luiza. Nesse período, com a abertura do comércio exterior e necessidades de prover a família, surgiu a oportunidade de abrir uma empresa familiar: criamos a Importados e Cia, localizada no centro de Campina Grande, que oferecia produtos como brinquedos, flores, porcelanas, cristais, bijuterias, óculos, bolsas, tapetes, luminárias e perfumes, e atingindo o objetivo de sua criação. Em seguida, a empresa passou a se especializar em produtos de decoração e utilidades para o lar e mudou-se para o bairro São José com o nome de “Lola Presentes”, devido ao modo como os clientes a ela se referiam: “comprei lá em Lola”. Realizamos diversas importações diretamente da China e dos Estados Unidos e, devido ao câmbio positivo para nossa moeda, oferecíamos produtos de alta qualidade

com preços acessíveis ao consumidor final; atualmente ela é abastecida por outros fornecedores e importadores.

Retornando para o serviço público em 2000, iniciei as atividades de ensino, pesquisa e extensão, com trabalhos voluntários com os catadores do lixão do Mutirão em Campina Grande. Em 2002, com a aposentadoria da Professora Ana Virgínia Guimarães, assumi a coordenação de área e chefia do laboratório de tecnologias agroambientais, introduzindo intervenções de educação ambiental e práticas sustentáveis tanto na comunidade acadêmica quanto na do entorno da atual UFCG. Em 2004, o laboratório de Sensoriamento Remoto e SIG (Sistema de Informações Georreferenciadas) da UAEEA (Unidade Acadêmica de Engenharia Agrícola), somou-se às ações dos projetos, com a participação dos professores Marx Prestes, João Miguel de Moraes, Juarez Paz e Maria de Fátima Fernandes nas atividades. Tendo em vista a ausência de uma Política Municipal para o gerenciamento de resíduos nos meios urbanos e rurais e pelas necessidades dos catadores, o laboratório de tecnologias agroambientais-Bloco BX tornou-se um ponto de entrega voluntária de resíduos, o qual logo foi entendido e aceito pela comunidade que de imediato passou a realizar descartes e acumulou muitos resíduos e outros objetos.

Com a verticalização de Campina Grande, observamos os condomínios como oportunidade de intervenções e, através de aprovações de projetos em edital do PROEXT/MEC/CIDADES, iniciamos a coleta seletiva em condomínios dos bairros da Bela Vista e Pedregal, baseada na experiência, já iniciada anteriormente, em residências no bairro da Prata pela professora Ana Virgínia, e da coleta seletiva na UFCG. Em seguida, ampliamos nossa proposta junto a empresas, escolas, hospitais e outras instituições federais. Ao longo desse período, várias solicitações e provocações ocorreram a fim de mostrar caminhos e resultados para o gerenciamento de resíduos do município de Campina Grande. Enfim, em 2008, resolvi realizar o doutorado no tema, como forma de contribuir e cumprir a função de servidora pública, bem como de comprovar através de dados científicos que a solução passa pelo gerenciamento integrado nos pilares sociais, ambientais e econômicos sem mágica, mas sobretudo com investimentos em programas e políticas públicas de educação formal e ambiental junto aos municípios. E assim ocorreram inúmeras oficinas, em escolas, Unimed, Embrapa, Unicred, SESI, FIEP, Energisa, Condomínios, Yázigi, INSS, SENAI, Clubes de mães e Instituições públicas. Houve também intervenções de educação ambiental nas instituições UFCG, HUAC, INSS, AGU, PGR, EMBRAPA, INFRAERO, Fundação Joaquim Nabuco-PE, Banco do Brasil, CEF, CHESF, CONAB, Fórum e Ministério Público e outras empresas, bem como conseguimos a adesão de mais de 30 condomínios verticais e horizontais, que se servem da metodologia proposta e despertaram para a realidade social e ambiental no tocante aos resíduos sólidos municipais.

Após atingir os objetivos da tese de doutorado, atuei no conflito do aterro sanitário de Puxinanã/Campina Grande em relação à situação dos catadores do lixão do bairro Mutirão e à ausência de sua inclusão em postos de trabalho; ingressei na REDISA (Red Ibero-americana de resíduos); participei como sócia fundadora do Observatório da Política Nacional de Resíduos Sólidos-OPNRS; publiquei em periódicos nacionais e internacionais e participei em congressos como palestrante. Os objetivos da tese se transformaram em projetos de pesquisa e extensão sendo, em seguida, transformados

no Programa de Pesquisa e Extensão “Mobilização Social em Saneamento Ambiental: Instrumentos práticos e teóricos de educação ambiental”, envolvendo as temáticas de práticas de consumo; reaproveitamento, coleta seletiva de resíduos sólidos recicláveis secos e úmidos; descartes de rejeitos e metarreciclagem de eletroeletrônicos, envolvendo professores, técnicos e alunos de diversos cursos da UFCG. Mediei e trabalhei na formulação do Termo de Referência para a contratação dos catadores na prestação de serviços de coleta seletiva no município e até os dias atuais, a obtenção de demandas operacionais, galpões, equipamentos e outros junto aos poderes federais, estaduais e municipais.

Realizo assessoria técnica junto aos empreendimentos da REDE CATA PB, com mediações junto aos poderes, ministério público e outros, na articulação sócio-política do Estado da Paraíba. Atualmente discutimos a verticalização da produção e gerenciamento dos resíduos recicláveis úmidos e secos, junto a empresas multinacionais. No período da pandemia realizamos o projeto de metarreciclagem: um computador nota 10 em parceria com a PMCG/SEDUC, Instituto alpargatas e HP, para realizar a inclusão digital de alunos e professores em situação de vulnerabilidade digital. O projeto foi concluído com a entrega de 358 computadores nos sete núcleos educacionais do município de Campina Grande. Os projetos seguem os propósitos da extensão universitária com a equipe de extensão e com resultados benéficos para as comunidades acadêmica e de municípios da Paraíba, visando sobretudo contemplar os pilares da sustentabilidade e da circularidade.

Além dos projetos profissionais, realizei os pessoais: em 11 de outubro de 1987, casei com o administrador de empresas Carlos Augusto de Medeiros Cirne (namorado desde 1978) e, em 1989, tivemos nossa primeira filha Maria Eugênia, hoje casada com Saulo Lira, arquiteto e urbanista; ela desenvolveu um canal de divulgação de produtos e artistas e atua em curadorias de arte popular do nordeste brasileiro. Em 1991, nasceu nossa segunda filha Maria Luiza, hoje mestre em Comunicação e artes midiáticas, nossa produtora de mídias da Lola Presentes. Em 1998, nasceu nosso terceiro filho Manoel da Costa Cirne Neto, músico e economista, que atualmente desenvolve atividades econômicas em um banco e participa de vários concertos em rodas de choro e samba em Lisboa. São “meus tesouros e viver”.

Por fim, sou devota da sagrada família – Jesus, Maria e José –, São Francisco de Assis, Santo Antônio, Santa Clara, Santa Rita de Cássia, São Judas Tadeu, Santa Terezinha do menino Jesus, São Longuinho e Nossa Senhora sob todas as suas formas de aparições. Retomo o lema de meu avô João Motta “Deus, Coragem e seus Efeitos” e afirmo eu creio na vida eterna!

Minha história de empreendedora no segmento de confecção



Maildes Melo de Almeida

Filha de Moacir Alves e Erriete Melo, nasci em 23 de setembro de 1952, no bairro Monte Santo, onde residi durante minha infância.

Fiz o Primário (atual Ensino Fundamental Anos Iniciais) no “Colégio Alfredo Dantas” e na “Escola Presbiteriana”. Depois comecei o Ginásio (atual Ensino Fundamental anos finais), no “Colégio Estadual da Prata”. Com 11/12 anos vivi a experiência de ensinar pelo MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), programa público do governo brasileiro que tinha como objetivo alfabetizar jovens e adultos. Nessa experiência, alfabetizei 5 pessoas, ao final do ano letivo. Aos 14 anos, fui trabalhar como caixa numa sapataria situada na rua Maciel Pinheiro. Nessa época, saí do Colégio Estadual da Prata e fui estudar no Colégio Estadual de Bodocongó.

Aos 15 anos, casei-me com Antônio Sales de Almeida. Logo em seguida, fiquei grávida do meu primeiro filho, José Artur Melo de Almeida (Bolinha). Nesse período lecionei numa escola particular no bairro José Pinheiro. Quando terminei o Científico (atual Ensino Médio) no “Colégio Anita Cabral”, Bolinha já tinha 2 anos e meio. Nesse momento encerrei meus estudos, não ingressando no Ensino Superior.

Em 1972, mudamos mais uma vez de endereço, fomos morar na Feira Central, em um apartamento localizado na rua Pedro Alvares Cabral. Começamos a vender confecção neste mesmo apartamento. Meu marido saía para vender aos comerciantes da feira,

principalmente aos donos de armazém, nossos primeiros clientes. Muitos empresários o recebiam em casa para comprar nossos produtos.

Em 1973, nasceu minha segunda filha, Andrea Melo de Almeida. Em 1981 nasceu a terceira filha - Andrezza Melo de Almeida. Em 1989, tive meu quarto filho, Rodolfo Melo de Almeida. Esses 4 filhos me presentearam com 10 netos.

Em 8 de julho de 1981, foi aberta a empresa “Maildes Melo de Almeida” - pessoa jurídica que está até hoje com o mesmo CNPJ e o nome fantasia Espaço Maildes, na rua Elias Asfora, 93, centro.

Em março de 1991, meu marido faleceu com 43 anos de idade, deixando-me com os 4 filhos, tendo o mais novo ficado com apenas 1 ano e 3 meses. Nesse mesmo ano, Bolinha terminou a Faculdade de Direito, na UEPB. Com o falecimento de Antônio, Bolinha começou a trabalhar comigo, assumindo a responsabilidade dos três irmãos e do trabalho do pai. Eu não queria que ele ingressasse no comércio, uma vez que vinha demonstrando, como estagiário, perspectiva de ser bem-sucedido na área jurídica. Mas a cada dia ele relutava em sair da atividade comercial. Nunca me esqueci do dia em que ele disse: “Vou criar meus irmãos junto com a senhora. Jamais vou deixar a senhora só”.

Com essa decisão dele, começamos a trabalhar juntos e, como milagre abençoado por Deus, o empreendimento foi crescendo a olhos vistos. Em 1996, criamos a marca RUTRA, nome espelho de ARTUR. Com 18 lojas no Nordeste, hoje a empresa tem estrutura compatível com empresas de grande porte, atestando nossa trajetória bem-sucedida nesse empreendimento.

A advogada que luta pela educação pública e pela APAE - Campina Grande-PB



Margarida da Mota Rocha

Chamo-me Margarida da Mota Rocha, nasci em Campina Grande-PB, em 30 de setembro de 1929, sou filha de Severina Coutinho da Motta e João Francisco da Motta, sendo a segunda filha de uma família de 13 irmãos. Aos 5 anos de idade, minha família passou a residir em Natal-RN, onde deslumbrei um novo mundo, com luz elétrica, água encanada e um mar no qual me deliciava com suas ondas, por ocasião dos banhos aos domingos.

Alfabetizada por minha mãe, como faziam todas as mães que sabiam ler naquela época, em Natal passei a frequentar o “Colégio das Neves”, das “Irmãs do Amor Divino”, onde completei o Curso Ginásial. Ainda em Natal, fiz o primeiro ano do Curso Clássico (equivalente ao atual Ensino Médio) no Ateneu norte-rio-grandense e, em 1947, já em Recife, concluí esse Curso no “Colégio Nossa Senhora do Carmo” das “Irmãs Beneditinas”. Em 1948, fui aprovada no exame vestibular para a Faculdade de Direito do Recife, a única do gênero em todo o Nordeste. Recebi o grau acadêmico de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 12 de dezembro de 1953.

Vivenciei, enquanto adolescente, a efervescência e o “boom do desenvolvimento de Natal” – “Trampolim da Vitória”, como ficou mundialmente conhecida a capital norte-rio-grandense –, em consequência da concentração de tropas americanas e brasileiras participantes da II Guerra Mundial. Convivi com o ambiente político do Estado no período da Ditadura Vargas e posterior redemocratização, como integrante de uma família

politicamente influente, embora eu nunca tenha tido aspiração pessoal para participar da política partidária.

Concluído o curso de Direito, casei-me no dia 19 de dezembro de 1953, com o colega de profissão Luiz Rocha Sobrinho, paraibano de Sousa, e voltei a residir em Campina Grande, passando a atuar no escritório de advocacia do meu marido e de seus colegas Áureo Correia Lima e Amaury Vasconcelos. Atuei igualmente como advogada credenciada do INAMPS, hoje INSS.

Convidada pelo colega de turma e Reitor Antônio Lucena – da então recém-criada Universidade Regional do Nordeste (URNE) –, ingressei na vida acadêmica como coordenadora do Escritório Modelo do Curso de Direito, logo participando da administração universitária como Coordenadora de Curso, Chefe de Departamento e Diretora do CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes).

Em 1980, integrei a lista sêxtupla para a escolha de reitor da URNE, não tendo sido indicada. Em seguida, passei a integrar o quadro docente da UFPB-Campus II (Campina Grande) e tive meu nome sugerido ao eleito Prefeito Ronaldo Cunha Lima, para ocupar a Secretaria de Educação, Cultura e Esporte. Nessa secretaria permaneci durante 6 anos do mandato e fui reconduzida por mais 4 anos do mandato do seu sucessor, Cássio Cunha Lima.

Findos os 10 anos na gestão municipal, participei, em 1993, do grupo de famílias e pediatras que buscava a revitalização da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande (APAE-CG), criada há mais de 10 anos, sem, no entanto, ter sido posta em funcionamento.

Dadas a expressividade e a relevância da causa da pessoa em situação de deficiência, a Instituição referida se impôs na comunidade campinense em apoio ao trabalho prestado a mais de 500 pessoas de todas as idades e condições socioeconômicas, com atendimento educacional, clínico e social, de forma gratuita.

Assim, a APAE-CG representa um marco na história de Campina Grande, no que se refere à inclusão de pessoas em situação de deficiência, bem antes do movimento atual de inclusão social e acessibilidade para todos.

Por fim, também realizei projetos pessoais: do meu casamento com Luiz Rocha Sobrinho, nasceram oito filhas – mais um presente de Deus – Margarita, Aline, Silvana, Ana Fábila, Luiza Eugênia, Sílvia Regina, Sílvia Roberta, Maria Eduarda e Maria da Soledade, todas com curso superior, atuando em carreiras profissionais liberais, contribuindo com o desenvolvimento das comunidades em que moram e das quais recebem o merecido respeito em Campina Grande, Natal, Recife e Porto Alegre. Dezenove netos e dez bisnetos completam a família Mota Rocha.

Memórias de uma professora e formadora de professores de português



Maria Augusta Reinaldo

Agradecida e honrada pelo convite da professora Yara Macedo Lira para integrar essa coletânea em homenagem a mulheres de várias áreas do conhecimento que contribuíram/contribuem para o desenvolvimento de Campina Grande, relato as minhas memórias, buscando identificar e refletir sobre minha origem familiar e percurso formativo e profissional, elegendo as situações que considero mais significativas e relevantes no papel de professora e formadora de professores.

Nasci em 02 de fevereiro de 1949. Fui a primeira dos dez filhos do casal Augusto Severo de Macedo e Iracema Gonçalves de Macedo, residente no sítio Santo Agostinho, zona rural de Sumé (Paraíba). Até o terceiro ano primário (atual Ensino Fundamental anos iniciais), estudei com uma professora particular em minha residência, juntamente com crianças da redondeza. Diante das dificuldades de acesso à escola, aos 11 anos de idade, passei a residir com familiares na sede do município, onde concluí, em 1966, o ensino técnico (atual Ensino Fundamental anos finais) na Escola Técnica Abgar Renault. A partir do 2º ano técnico (atual 6º ano), comecei a dar aulas de reforço de português e matemática para alunos do primário. Ali nascia a minha vocação para o magistério.

Movida pelo desejo de ser professora, desloquei-me para São José do Egito (Pernambuco), onde, por um ano, residi na casa da estudante e cursei o primeiro ano

pedagógico na “Escola Normal Professor Jucá”. No ano seguinte, 1968, vim para Campina Grande, passando a residir com a família Florindo que generosamente me acolheu por dois anos, concluindo o curso pedagógico na “Escola Normal Estadual Padre Viana”, em 1969. Nesse curso, fortaleci meu desejo de ser professora de língua portuguesa, com as inesquecíveis aulas sobre morfologia e sintaxe da professora Josefa Doziart, e sobre didática da professora Célia Loureiro.

Alimentando o desejo de me profissionalizar, através do curso superior, submeti-me, em 1970, ao vestibular para a Licenciatura de Letras Português/Inglês na Universidade Regional do Nordeste (atual Universidade Estadual da Paraíba), concluída em 1974. Na Graduação, recebi sólida formação em Gramática Tradicional, com destaque para a Morfologia e Sintaxe da língua escrita literária portuguesa, sob a orientação da professora Yara Macedo Lyra e do Professor Moacir Alves Carneiro. Também nessa Instituição cursei, entre 1976 e 1977, o Curso de Especialização em Linguística, quando adquiri uma visão panorâmica das principais escolas linguísticas.

Minha trajetória profissional teve início em 1970. Já no primeiro ano de Letras, ingressei, concomitantemente, como professora de português na escola particular (Colégio Diocesano Pio XI) e na escola pública (Escola Municipal Anita Cabral). Com o término da graduação, pedi demissão do Colégio Pio XI, ao ingressar em 1975, sem concurso público, na “Escola Estadual Elpídio de Almeida”.

Em 1978, por meio de concurso público de provas e títulos, ingressei na Universidade Regional do Nordeste, para ensinar a disciplina língua portuguesa nos diversos períodos da Licenciatura em Letras e português instrumental nos demais cursos de graduação. Coordenei o curso de Letras no período de 1978 a 1979. Neste ano, voltei a investir na minha formação profissional, ingressando no Mestrado em Letras, na Universidade Federal da Paraíba.

Em 1982, ingressei na Universidade Federal da Paraíba, campus de Campina Grande, também por concurso de provas e títulos, passando a atuar no curso de Letras como professora de língua portuguesa, prática de leitura e de produção de Texto, e de português instrumental em outros cursos de graduação. Posteriormente, ampliei minha atuação, assumindo a coordenação e a docência em componentes curriculares do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa.

Com o meu ingresso na UFPB/campus II (Campina Grande), em 1982, diante da constatação dos frequentes problemas de desempenho textual escrito do alunado, comecei a ficar insatisfeita com a minha atuação restrita ao campo da descrição linguística. Passei a vislumbrar possibilidades de uma prática de ensino que buscasse a descrição dos fenômenos da produção de textos e do desenvolvimento/apropriação da escrita. Essa vocação emergiu do meu contato, na época, com dois campos teóricos de discussão: de um lado, as pesquisas educacionais e, em particular, os estudos sociolinguísticos, em busca de respostas para o insucesso dos estudantes da educação básica, decorrente da democratização da escola; de outro, as mudanças nos estudos da linguagem, com ampliação do objeto da linguística – a gramática – para a linguagem, permitindo pensar nas práticas de uso da linguagem em tempos, lugares, sociedades e culturas específicas.

Dois foram os espaços de atuação onde pude ampliar minha visão sobre as questões envolvidas na docência de língua materna: a ministração dos componentes

curriculares Prática de Leitura e Produção de Textos I e II e Redação Científica para graduandos de Letras; e os cursos de extensão voltados para a formação continuada de professores, através do *Projeto Produção Oral e Escrita no ensino de 1º grau* (POE/PG I – 1986/1987 e 1988), financiado pelo MEC/FNDE (Programa da Universidade com o Ensino de 1º Grau).

No âmbito dos três componentes curriculares, desenvolvi, em colaboração com as professoras Inês Signorini, Maria Auxiliadora Bezerra e Maria de Lourdes Leandro, a prática da leitura e da escrita de textos, orientada por influências dos estudos sobre a construção de raciocínio e orientação argumentativa, sobre as estratégias de leitura e os processos de escrita. Nesse contexto, foi constituído o *Grupo de Leitura e Redação* (GRL/UFPB), que desenvolveu várias ações integradoras na formação inicial dos acadêmicos de Letras e Pedagogia e na formação continuada dos professores da rede pública. Destacou-se, entre essas ações, a criação da *Unidade de Apoio ao Ensino da Redação e Leitura* (UNAERLE), que, entre outras funções, representou um espaço de planejamento dos estagiários de Letras e Pedagogia, dado o significativo acervo de literatura infantil e literatura de cordel, adquirido à época, através de várias iniciativas, dentre elas realizações de feiras de roupas usadas.

No projeto de extensão, coordenado pela professora Inês Signorini, assumi, nas duas etapas, a função de vice-coordenadora, trazendo para o espaço da formação continuada as frutíferas discussões teórico-metodológicas acerca do ensino da leitura e da escrita que vínhamos desenvolvendo na graduação, em sintonia com as tendências à época emergentes no cenário nacional. Passamos a atuar junto ao grupo de professores de 5ª a 8ª séries de duas escolas estaduais de Campina Grande e ao grupo de acadêmicos de Letras da UFPB/campus II. Como principais frutos desse projeto, destaco a inserção de vários acadêmicos e professores integrantes do grupo em programas de pós-graduação, inclusive a minha definição quanto ao objeto teórico e empírico para o meu ingresso, em 1991, no doutorado em Linguística/ UFPE, concluído em 1994. .

Com meu retorno do doutorado, ampliei minha atuação profissional. Além da docência na graduação, assumi a coordenação de duas edições do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (UFPB - 1996-2000), e participei da criação da área de concentração Linguagem e Ensino, como expansão do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB (1998 – 2002). Com a criação da UFCG, assumi a vice-coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Mestrado) (2004-2006).

Entre 2009 e 2010 fiz o estágio pós-doutoral na UFPE. Nesse momento ampliei minha reflexão sobre análise e ensino de gêneros, conheci alguns instrumentos conceituais e analíticos, desenvolvidos nas últimas décadas por teorias norte-americanas. Interessei-me pela abordagem *ensino da consciência de gênero*, segundo a qual o ensino de gêneros deve partir do desenvolvimento da consciência de que situações diferentes exigem gêneros diferentes. Com base nessa abordagem, desenvolvi, em coautoria com a professora Maria Auxiliadora Bezerra, em 2012, uma reflexão sobre o ensino de língua materna para a educação profissional no ensino médio integrado, propondo uma metodologia para o ensino de gêneros relacionados com a formação e atuação profissional.

A minha atuação na pesquisa teve início com projetos individuais e orientações no âmbito da Iniciação Científica (IC), seguindo-se projetos individuais e projetos

integrados, com orientações na pós-graduação *stricto sensu*. Os projetos mencionados a seguir foram relevantes pela contribuição para a formação de professores de língua portuguesa.

Conceitos de análise linguística na produção acadêmica e no ensino de língua portuguesa: uma investigação longitudinal (2010-2012). Pesquisa documental e bibliográfica, em coautoria, que teve como objetivo mostrar os conceitos de *análise linguística* encontrados na produção acadêmica brasileira entre as décadas de 80 e 90 do século XX e a primeira do século XXI e em materiais didáticos, publicados na primeira década do século XXI. Os resultados dessa pesquisa deram origem, em 2013, ao livro *Análise linguística: o que é afinal?* em coautoria com a professora Maria Auxiliadora Bezerra.

Gêneros textuais como objeto de ensino: perspectivas teóricas e instrumentos didáticos (2015-2019), pesquisa-ação, em coautoria com as professoras Milene Bazarim, Maria de Fátima Alves e Laura Dourado Régis, com objetivo de empreender uma reflexão teórico-metodológica sobre o papel das atividades de ensino construídas a partir de gêneros textuais para o redimensionamento das práticas de leitura, escrita, oralidade, e de reflexão sobre a língua (análise linguística).

Textos de divulgação científica no componente curricular língua portuguesa (2020 – 2022). Com os objetivos de (a) mapear, na Base Nacional Comum Curricular e na Proposta Curricular do Estado da Paraíba (PCE-PB), os gêneros da divulgação científica selecionados para ensino nos anos finais do Ensino Fundamental; (b) identificar, na BNCC e na PCE-PB, as competências e habilidades relacionadas com a leitura e a escrita de gêneros da divulgação científica selecionados para ensino nos anos finais do Ensino Fundamental; (c) analisar a percepção e as práticas do professor de língua portuguesa como agente do letramento científico no Ensino Fundamental Anos Finais; (d) identificar as percepções de professores de língua portuguesa sobre o conceito de letramento científico e metodologia adotada nos eixos leitura e escrita de textos do campo científico.

Das memórias aqui registradas, verifico que desenvolvi interesse por diversas perspectivas teóricas relacionadas à descrição e ao ensino de língua portuguesa, bem como à formação docente. O interesse pela formação docente marcou, por várias vezes, minha participação em parceria com outras instâncias de ensino em projetos de formação continuada de professores: “Projeto Produção Oral e Escrita no Ensino de Primeiro Grau” (MEC/FNDE/UFCG - 1986 -1988); Projeto Leitura e Escrita nos Anos Iniciais (2000-2001); “Projeto Referenciais Curriculares do Ensino Médio da Paraíba” (SEC/PB – 2007); “Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” - PNAIC (UFPB/MEC-2014); Projeto *Gêneros textuais como objeto de ensino: perspectivas teóricas e instrumentos didáticos* (SEC/Campina Grande 2015-2019).

Atualmente aposentada pela UFCG, continuo alimentando a crença de que a figura do professor desempenha papel importante nas transformações da sociedade.

Retornando ao plano familiar, em 1971, casei-me com João Bosco, companheiro que sempre apoiou minhas escolhas no percurso formativo e compartilhou das minhas conquistas profissionais. Tivemos dois filhos – Weiner e Késia -, amores que nos deram quatro netos (Luma, Hannah, Lucca e Alícia), que representam nossa alegria, novas perspectivas, enfim, nossa vida renovada

Campina Grande me acolheu, aqui fiquei e trabalhei na área de Educação em agradecimento...



Maria Auxiliadora Bezerra

No início de junho de 2024, a professora Yara Macedo Lyra me fez um convite para participar de um livro que ela estava organizando, com o intuito de registrar o trabalho que mulheres de diversas áreas do conhecimento e do saber fizeram/fazem por Campina Grande-PB. Conforme me informou, trata-se de um livro que homenageia mulheres cujas ações, reconhecidas publicamente ou não, contribuem para o desenvolvimento de nossa cidade. Dois pensamentos, subitamente, me tomaram: (1) Yara, com sua mente irrequieta, traz novo projeto que colabora com a história de Campina Grande; (2) mas por que eu? Talvez porque acredite na educação – e aqui enfatizo “professores” – como fator propulsor de desenvolvimento. Como participar!? “Produza um texto descrevendo sua infância, escolaridade, vida civil e profissionalização”, disse-me a professora Yara. Que desafio!! Vou tentar atender ao que me foi solicitado...

Nasci na cidade de Parelhas (Rio Grande do Norte), em março de 1951: primeira filha do casal Tupan Tebano Bezerra e Alice Targino Bezerra, que teve mais quatro filhos. Cresci em uma família pobre, mas muito unida, e com um pai sonhador: ver seus cinco filhos “doutores”. “Não estudei, mas meus filhos vão estudar e vão para a Faculdade!”, dizia sempre meu pai, que viu seu sonho realizado – todos têm curso superior. Mas para isso, tivemos que deixar Parelhas – cidade muito pequena, que não oferecia

possibilidades de trabalho, nem de estudo além do curso primário (atualmente, Ensino Fundamental I). Tendo recebido uma proposta para trabalhar em Campina Grande e sabendo que aqui tinha escolas, meu pai não hesitou: no final do ano de 1958 passamos a residir na cidade que acolhe todos que a ela chegam trazendo sonhos, força de trabalho e entusiasmo!

Chegando a Campina Grande, fui matriculada no “Grupo Escolar Santo Antônio” para dar continuidade ao curso primário (pois já o tinha iniciado em Parelhas). No ano seguinte (1959), passei a estudar no “Instituto Pax”, onde concluí esse curso (atual Ensino Fundamental I).

No “Instituto Pax”, as religiosas enfatizavam insistentemente o valor e a importância dos estudos, assim aprendi a querer ter cada vez mais conhecimentos e a empenhar-me a estudar. A escola reforçava o que eu ouvia de meus pais: “estude para ser gente na vida”; “não temos nada para deixar para vocês, estamos nos esforçando para dar o estudo”; “o saber não se acaba, nem ninguém nos rouba”.

Cursei o ginásio e o clássico (hoje, Ensino Fundamental II e Ensino Médio) no “Colégio Estadual da Prata” (Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Dr. Elpídio de Almeida, atualmente). Tive aulas de português, inglês, francês, latim, história, geografia, ciências, matemática, trabalhos manuais e, no clássico, estudei também filosofia e sociologia. Apaixonei-me pelo estudo das línguas!

Dado meu desejo de aprender sempre mais, algumas colegas de turma do curso clássico me solicitavam explicações, aulas sobre os assuntos que não compreendiam. Estudávamos em grupo ora nos intervalos das aulas, ora na casa de uma delas. Nem me dei conta de que, nesses momentos, estavam sendo plantadas em mim as sementes do magistério, as quais germinaram, nasceram e reproduziram, transformando-me em uma professora em tempo integral.

Concluído o curso clássico (1969), eu precisava definir que profissão queria ter, para poder me inscrever no vestibular (exame que permitia a entrada do estudante no curso superior). A indecisão e a dúvida me invadiram. Por influência da minha mãe (Alice Targino Bezerra), fiz vestibular para a graduação em Letras Neolatinas, na Universidade Regional do Nordeste - URNe (atual UEPB). O português e o francês me arrebataram! Eu nem sabia que se tratava de um curso de licenciatura, cujo objetivo é formar professores. As sementes plantadas lá no curso clássico germinavam... e, após a aprovação no vestibular (1970) e as aulas de línguas (portuguesa, francesa e latina) e suas literaturas, na graduação, essas sementes eclodiram em mim dando frutos... Além de minha mãe, inúmeras pessoas contribuíram para essa eclosão: a professora Yara Macedo Lyra (eterna mestra de português); professores Jacinto Neves dos Santos e Merilande Filgueiras (para sempre professores de francês); professora Célia Loureiro (que tornou para mim a didática tão clara e essencial); professor José Elias Borges (sempre professor de Linguística) e Neuma Fachine (professora que fazia os alunos se apaixonarem pela literatura), para citar uns poucos professores, pois não disponho de espaço, aqui, para nomear tantos e tantos que colaboraram com minha formação...

Já no 2º ano de Letras (1971), iniciei minha carreira de professora (que só vim a encerrar 52 anos depois – 2023), ensinando português (e, em seguida, também francês) no “Colégio Diocesano Pio XI”, e no “Colégio Alfredo Dantas” – inglês. No ano seguinte

(1972) fui convidada a ensinar francês, no “Colégio da Imaculada Conceição” e, como eu queria colaborar com a divulgação dessa língua em Campina Grande (quando todos só tinham olhos para o inglês), aceitei o convite. Pedi demissão do “Colégio Alfredo Dantas”. Nesse mesmo ano, passei a ensinar francês também no EPUC (Estudos Pré-universitários Campinenses), cujo objetivo era preparar os estudantes para serem aprovados nos vestibulares da Universidade Regional do Nordeste (atual UEPB) e da Universidade Federal da Paraíba (atual UFCG). Vale salientar que o EPUC foi fruto do empreendedorismo de Yara Macedo Lyra na área da educação.

Continuava minha graduação em Letras, era monitora de francês, fui presidente do Diretório dos Estudantes de Letras (atualmente, Centro Acadêmico de Letras) e fiz estágio supervisionado de português e francês no antigo Ginásio de Aplicação da URNe. Ensinao português e francês e participava, em Campina Grande e em João Pessoa, de eventos e cursos de formação que se voltassem para essas línguas e seu ensino. Efetivamente, ser professora era minha profissão!

Em 1973, concluí minha graduação. No ano seguinte, passei a ensinar português no “Colégio Redentorista” e francês na “Escola Estadual Senador Argemiro de Figueiredo”. Mas eram muitas as escolas, precisei fazer escolhas: encerrei minha participação no “Colégio da Imaculada Conceição” e no “Colégio Redentorista”; e permaneci no “Colégio Pio XI”, no EPUC e na “Escola Estadual Argemiro de Figueiredo”, ensinando português e francês.

Mas eu desejava aprimorar meus conhecimentos de francês em país francófono, para melhor realizar meu ensino. Candidatei-me a uma bolsa de estudos, de curta duração, na França; fui selecionada e realizei um estágio na cidade de Vichy, durante o mês de janeiro de 1975. Em 1976, lecionei português na “Escola Regina Coeli” e fui designada coordenadora do “Centro de Cultura Francesa” e “Estudos Pedagógicos”, instituição ligada à Secretaria de Educação da Paraíba. Como coordenadora desse Centro e juntamente com seus professores, conseguimos ampliar o número de estudantes de francês em Campina Grande; oferecemos cursos para profissionais diversos que iam fazer cursos de pós-graduação na França e para pessoas que queriam aprender essa língua, por dela gostarem; fizemos mostras do cinema francês e trouxemos palestrantes para apresentarem informações sobre várias áreas da França.

Minha vontade de estudar e de dar aulas de português e francês com competência continuava e, para isso, eu precisava de mais conhecimentos na área de linguística e língua. Entre 1976 e 1977 realizei o Curso de Especialização em Linguística, oferecido pelo Departamento de Letras e Artes da URNe, com a professora Maria do Socorro Aragão. Enquanto seguia o Curso de Especialização, esse Departamento de Letras e Artes fez seleção para professor de português e francês, à qual me submeti e fui aprovada.

Mais uma vez tive que fazer escolhas: desliguei-me da “Escola Regina Coeli”, continuei no “Colégio Pio XI”, EPUC e “Centro de Cultura Francesa” e “Estudos Pedagógicos” onde, além de coordenadora, também era professora de francês (fui remanejada da Escola Estadual Argemiro de Figueiredo), e passei a ensinar português e francês na URNe.

Nessa universidade, meu trabalho se voltou para aulas de português instrumental em cursos de graduação variados e para aulas de português e francês na Licenciatura

em Letras, onde eu me graduei. Lá estive como aluna e como professora... Ricas experiências tanto por ter sido formada como professora, quanto por ter podido colaborar com a formação de novos professores... Lembranças inesquecíveis!

Porém, no segundo semestre de 1977, outra mudança na minha vida profissional ocorreu: fiz seleção para professor de português na Universidade Federal da Paraíba – UFPB *campus* II (hoje, UFCG) e mais uma vez obtive aprovação. Mas a universidade exigia dedicação exclusiva do professor, por isso me desliguei de todas as instituições onde trabalhava e me dediquei ao ensino de português instrumental em cursos de graduação tanto em Campina Grande quanto em Areia (que, à época, recebia professores do *campus* II da UFPB). Entretanto ter apenas o nível de especialista não estava mais atendendo às exigências da UFPB; era preciso ter curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado): me candidatei novamente a uma bolsa de estudos, dessa feita de longa duração, na França, para cursar o mestrado. Fui aprovada na seleção do programa de pós-graduação da Universidade de Toulouse. Lá vi a oportunidade de, ao terminar o mestrado, me inscrever de imediato no curso de doutorado. Assim o fiz e, com minha aprovação para o doutorado, solicitei prorrogação de minha licença na UFPB, para realizá-lo. Quatro anos depois (1981), retornei ao Brasil e retomei minhas atividades de ensino na UFPB.

Nova mudança ocorreu nessas atividades: a universidade tinha criado o curso de Licenciatura em Letras em Campina Grande e eu me integrei ao seu corpo docente. Que satisfação senti, pois passaria novamente a contribuir com a formação de novos professores que atuariam na Educação Básica. Por mais que se tente desvalorizar a profissão docente, não consigo vê-la descartada na sociedade, principalmente a atual, que tanto valoriza a pressa, a aparência, o conhecimento superficial, a fuga... O professor, além de contribuir com a informação dos alunos, também colabora com sua formação profissional, pessoal e humana.

Reverendo meu trabalho como docente até ingressar na UFPB/UFCG, percebi que colaborei com a formação de muitas gerações de adolescentes e jovens de escolas públicas e privadas de Campina Grande. E essa experiência se refletiu positivamente, quando passei a atuar na licenciatura em Letras, pois ao estudarmos teorias e metodologias de ensino eu citava exemplos de realidades que vivenciei, as quais nem sempre condiziam com o que teoricamente se defendia. Assim, podíamos refletir sobre como ajustar teoria e prática, ou seja, como realizar uma transposição didática. Meu trabalho se voltou para a linguística e a língua portuguesa, não me dediquei mais ao ensino de francês (lamentei, mas a demanda maior para minha atuação estava na área de português).

Enquanto dava aulas na graduação em Letras – UFPB/UFCG – em Campina Grande, assumi sua coordenação por três mandatos; participei da equipe que criou o Curso de Especialização em Língua Portuguesa, do qual também fui professora; orientei monografias de estudantes de graduação em Letras e de cursos de especialização em Língua Portuguesa e Linguística; fui professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB – *campus* I (João Pessoa), onde, além de ministrar aulas, também orientei alunos de mestrado e de doutorado; e coordenei eventos acadêmicos locais e nacionais voltados para a divulgação dos estudos realizados não apenas em Letras da UFPB, mas também de muitas outras instituições nacionais. E, considerando que eu atuava em um curso de licenciatura, mantinha contato com escolas de Ensino Fundamental e Médio,

prestando-lhes assessoria, fazendo palestras sobre ensino-aprendizagem; e orientando análise e escolha de material didático, inclusive porque também participei do Programa Nacional de Avaliação do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (especificamente de português).

Entretanto minhas atividades exigiam atualização na minha área: fiz um estágio de pós-doutorado na França, por um ano; e fui professora visitante na Universidade Federal de Alagoas e na UEPB (passei um ano em cada uma dessas instituições).

Com a criação do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFPB (atual UFCG), passei a fazer parte de seu corpo docente e, conseqüentemente, dar aulas, orientar dissertações e participar de bancas de seleção para o mestrado e de avaliação de dissertações, sem negligenciar as atividades da graduação.

Enfim, a minha formação docente me proporcionou colaborar com a educação em Campina Grande, em instituições de Ensino Fundamental, Médio e Superior, atuando como professora, orientadora e assessora. Especificamente no Ensino Superior, atuei no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. Essa atuação também me possibilitou a publicação de artigos acadêmicos em revistas e anais nacionais e internacionais, de capítulos de livros e de livros; me possibilitou a participação em eventos locais, estaduais, nacionais e internacionais, sobre a descrição da língua, sobre ensino e aprendizagem e, assim, o nome de Campina Grande ia se tornando conhecido, pois meus estudos e investigações sempre exploravam temas sobre educação nessa cidade. *Educação* – foco de interesse da nossa querida professora Yara Macedo Lyra.

Porém outros planos realizei: casei-me; tive dois filhos – Rafaela e Daniel, amores da minha vida, que me deram seis netos (Mateus e Artur, filhos de Rafaela e Filipe; Alice, Henrique, Lucas e Isabel, filhos de Daniel e Auanna); trabalhei com vistas a implantar, no edifício onde moro, a seleção de resíduos recicláveis destinados à CAVI (Associação de catadores e recicladores de vidros e outros materiais); mantenho, também onde moro, a campanha de arrecadação de alimentos e outros produtos para doação à Casa de Apoio Irene Conserva, que abriga idosos; cultivei amizades...

Concomitantemente, fortaleci minha fé cristã: participo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário; frequento e sirvo a Comunidade Rainha da Paz; faço parte do grupo católico da UFCG; participo do grupo que organiza as missas mensais onde resido; e procuro sempre ler e estudar a bíblia.

Atualmente estou aposentada dos trabalhos na UFCG, mas ainda recebo mensagens (por meio da tecnologia digital) de alunos, solicitando orientação sobre pesquisas que estão planejando desenvolver (ou estão desenvolvendo) na graduação ou pós-graduação; de colegas professores, solicitando sugestões/discussões teórico-metodológicas em relação a várias atividades que um professor realiza... Sei que esses contatos passarão, que outros profissionais assumirão esse papel de interlocução, mas essa convivência me faz reforçar a crença de que a profissão de professor não passará. O docente é peça fundamental no tabuleiro de xadrez que é nossa vida.

Por fim, viajei e viajo bastante, entretanto nenhum local dos inúmeros que conheci (no Brasil e em muitos outros países) me fez querer deixar Campina Grande, a cidade que me acolheu quando criança, que me adotou e me fez realizar tantos projetos pessoais e profissionais.

“Servir ao próximo”: princípio cristão que sigo desde a adolescência



Maria Betânia de Sousa Barros

Nasci no Sítio Pedro Paulo, no município de Pedra Lavrada-PB, no dia 08 de junho de 1964, filha do Senhor Manoel Rodrigues de Sousa (Sansão) e da Senhora Argentina Dornelles Chaves. Sou a quarta filha de um grupo de treze irmãos, sendo 12 mulheres e 1 homem. Aos três anos, mudei-me para o município de Cubati-PB, com toda minha família. Enfrentamos as intempéries daquela região do Agreste Paraibano, vivemos tempos difíceis, sobretudo por sermos uma família grande com poucos recursos, embora sempre unidos em busca de dias melhores. Do meu pai Sansão aprendi, bebendo na fonte da singela simplicidade, a humildade, a coragem e a fé; da minha mãe Argentina, a garra e a determinação. Vivi uma infância cheia de amor, brincava muito, mas desde criança nutria o desejo de ser religiosa, inclusive pedindo para que as freiras que ali chegavam a levassem junto com elas. Aos nove anos já trabalhava na agricultura para ajudar aos meus pais, começando minha rotina de trabalhos muito cedo.

Na adolescência, iniciei minha formação espiritual e busquei conhecer qual seria minha vocação como cidadã cristã, pois meu coração inquieto não permitia viver em paz comigo mesma sem a resposta e a concretização de um ideal voltado para servir ao próximo. Em 1978, aos 14 anos, consegui meu primeiro emprego: babá de uma criança em Campina Grande-PB. Enfrentei muitos medos, buscando tratar e cuidar de alguém que tinha essa carência de cuidados.

No ano seguinte (1979), retornei a Cubati-PB, para trabalhar como manicure, ofício que aprendi com minha irmã mais velha Socorro, a primeira dos 13 filhos, voltando para Campina em 1983, com 19 anos. Juntamente com uma irmã, decidimos morar aqui, em Campina Grande, em busca de emprego para o nosso próprio sustento, para ajudar às demais irmãs que ainda estava sob a responsabilidade dos nossos pais e também com o intuito de obtermos uma formação acadêmica.

Em Campina Grande, estudei por 3 anos no NESA (Núcleo de Estudos Avançados), na Rua 13 de Maio, e morava com uma de minhas irmãs que já trabalhavam.

Com a morte do meu pai, em 1988, fiz uma tentativa de ir morar em São Paulo com uma das minhas irmãs que lá já morava, mas não me agradou a metrópole e retornei para a Rainha da Borborema sozinha. No mesmo ano (1988), conheci as Irmãs Clarissas Franciscanas, na pessoa de Madre Cecília, e decidi de pronto que seguiria a vida religiosa e já iniciei o postulado. Aos 24 anos sofri a maior dor e a mais triste separação, que foi a morte do meu amoroso pai, que me fez buscar mais e mais o consolo e amparo na fé, e aí conheci mais de perto as irmãs do Mosteiro de Santa Clara, onde encontrou respostas para sua constante busca de servir ao próximo. Bebi na fonte do pobrezinho de Assis “São Francisco de Assis”, e com ele comecei a realizar trabalhos sociais nas periferias da cidade de maneira anônima, pois não queria aparecer ou parecer por meus feitos generosos, lembrando o versículo bíblico: Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz tua direita (Mt 6:3).

Com isso, a Madre Cecília pediu-me que eu auxiliasse um outro Convento de Freiras, que era a “Casa da Criança Dr. João Moura”, onde conheci a Irmã Maria Aldete do Menino Jesus, carinhosamente conhecida pela sociedade campinense como Mãe Dete. Ali cheguei, em 1988, para ficar por uma semana, enquanto a Mãe Dete conseguia uma outra secretária. Essa semana foi se estendendo por mais duas, mais três, até uma vida a serviço daquela casa. Hoje, o trabalho na Casa da Criança é tudo em minha vida.

No ano de 1990, fiz o concurso da Prefeitura Municipal de Campina Grande e fui aprovada, tendo sido designada, oficialmente, para trabalhar na Casa da Criança Dr. João Moura. Hoje faço parte da administração, como coordenadora de todo o projeto (Casa da Criança Dr. João Moura) e faço esse trabalho de cuidado das crianças, que toda a sociedade de Campina Grande já reconhece e aprova.

No mesmo ano de 1990, na Semana Santa, voltei a Cubati e lá conheci Francisco José Barros, que, tal qual como eu, absteve-se de uma vida mais voltada para si em lazer e convívio. Após 9 meses de namoro, nos casamos e tivemos duas filhas: Ana Beatriz de Sousa Barros, hoje com 31 anos, e Fernanda Tayná de Sousa Barros, com 28 – ambas também cheias de amor e compreensão, para juntos unirmos forças para aumentarmos esta corrente do bem que transforma vidas e faz crescer o sentimento de fé e amor. Até hoje permanecemos juntos, vivendo a vocação do matrimônio.

Sempre muito inteligente e determinada, conclui, em 1995 concluiu, diga em que ano) o curso de Ciências Contábeis, o qual se identificava bem com meus objetivos de somar, dividir e multiplicar projetos e buscas por um mundo mais igualitário com qualidade de vida e oportunidade para todos.

Essa dedicação ao voluntariado aos poucos foi me levando a abrir mão quase que por completo de meus investimentos na área de minha formação (Ciências Contábeis)

– que era meu escritório já com um grande número de clientes – para melhor assistir aquele novo projeto (Casa da Criança Dr. João Moura) que o meu coração e a minha alma há muito já abraçaram, quando, de joelhos junto ao Santíssimo Sacramento e espelhada em São Francisco de Assis, eu decidi ajudar, no silêncio e no anonimato, aos mais necessitados que por mim passassem.

Irma Maria Aldete do Menino Jesus foi conduzida certamente pelos bons anjos, para a casa de Deus e eu há 35 anos me revesti do ideal cristão de servir sem medir, nem esperar algo em troca, apenas na busca de mais pessoas de alma grande que queiram ampliar esta seara que cresce a cada dia, salvando os pequeninos que sofrem à margem da sociedade, tirando da invisibilidade e buscando torná-los os grandes homens do futuro.

Juntamente com meu esposo, Francisco José Barros, também já há muitos anos participamos de forma atuante de movimentos como o ECC, também detendo uma vida paroquial bastante participativa por muito tempo na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e, hoje, na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, onde trabalhamos em prol do resgate de cada vez mais almas para o encontro com Cristo. Com meu trabalho junto aos mais necessitados, busco tornar Campina Grande ainda maior.

Presença da arquiteta em equipes de engenheiros



Maria Constância Ventura Crispim

Nasci em 19 de abril de 1951, em uma família do interior da Paraíba (Teixeira), com onze filhos, sendo dois homens e nove mulheres, e eu, a antepenúltima das filhas. Cheguei a Campina Grande-PB com apenas quatro anos. Minha mãe – Feliciano Ventura Crispim – havia feito um pedido ao meu pai – Geminiano Crispim de Farias – para sair de Teixeira, nem que fosse “para morar debaixo de uma ponte”, era a expressão que ela usava, pois, cada vez mais, estava ficando difícil dar condições de estudo aos filhos. As mais velhas estudavam internas em Patos e, já era grande o número de filhos (as) que precisavam deixar a família e viver em internato.

Desta forma, migramos para Campina Grande e fomos morar, a princípio, em uma casa bem pequena, perto da empresa “São Braz”. A rua não era calçada e não havia muro de divisa entre as casas, apenas cercas. A alegria era grande, pois brincávamos muito durante o dia e, à noite, nos sentávamos para olhar as estrelas e ouvir histórias de trancoso.

Moramos pouco tempo nesta casa, mas lembro-me bem de uma próxima à nossa que era de primeiro andar e que chamava a minha atenção. Um dia tive oportunidade de adentrá-la e fiquei encantada com a escada: era a primeira vez que via uma escada!

Mudamos para uma casa alugada em rua calçada, “enorme”, com um grande terreno e muito espaço para brincar. Nesta casa tudo era grande, tinha um terraço bem comprido e, ao final, uma salinha na qual nossa mãe sempre estava. Lá, ela costurava, bordava, remodelava, reinventava, refazia...Foi desta forma que aprendi a costurar...

Eu e minhas irmãs ingressamos em uma escola primária longe da nossa casa. Todos os dias esperávamos alguém que fosse nos buscar, isso era muito cansativo, pois, na maioria das vezes, tínhamos que esperar até anoitecer, principalmente quando nosso pai viajava. Ele era muito atencioso e, quando adoecíamos, ele revezava com nossa mãe o cuidado conosco.

Durante a infância tivemos a oportunidade de presenciar o gosto do nosso pai pela leitura. Diariamente lia os jornais e, mensalmente, comprava revistas. Desta forma, passávamos horas folheando, deslumbradas com as fotos das obras de construção de Brasília que eram publicadas nas revistas Cruzeiro e Manchete. Muitas vezes cheguei a desenhar, a lápis, aquela imagem em papel transparente que tinha nos cadernos de desenho. Nem imaginava que estava diante da profissão que seria a minha paixão para toda vida.

Certa vez, uma das minhas irmãs que sempre me via desenhar, perguntou se eu queria fazer arquitetura. E eu respondi com uma pergunta: o que é isto?

Fiz exame de admissão e fui estudar no “Colégio Estadual da Prata”. Sempre gostei de estudar, mas não gostava de escrever, nem das disciplinas de português e história (não consigo decorar datas, fatos, etc.). Terminei o ginásio, como era chamado à época, e fui estudar no “Colégio Diocesano Pio XI”, pois “preparava melhor para o vestibular”, como se dizia.

Em 1970, fiz vestibular para Arquitetura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e fui aprovada. Os primeiros meses foram muito difíceis. No primeiro dia de aula, um professor entrou e perguntou o que a gente estava fazendo ali? Falou mal da profissão, disse “poucas e boas”, me deixou arrasada, tive vontade de largar tudo e ir embora. Depois, refleti que já tinha lutado bastante e não iria largar um sonho por causa de um profissional que não se encontrou na profissão.

Terminei o curso em 1974 e, certo dia, chorando, porque ainda não tinha emprego, minha irmã disse: “você ainda vai chorar muito, porque tem muita coisa a fazer” e, em pouco tempo, vi que ela tinha razão.

Comecei a trabalhar como arquiteta da FURNE (hoje UEPB) em 1976. Na ocasião fizemos um estudo de mobilidade urbana com os arquitetos e engenheiros da área de transporte da UFPB (campus de Campina Grande) e da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG), no sentido de eliminar a passagem de nível que dava acesso à FURNE, com a criação de uma rotatória que fica na rua Aprígio Veloso, no contorno do campus de Campina Grande. Por causa desse trabalho, fui convidada a ingressar na UFPB (hoje UFCG), onde trabalhei, na prefeitura universitária, a princípio, como arquiteta.

Durante este período, o campus de Campina Grande estava em plena expansão. Desta forma, havia várias obras licitadas e em plena construção. Assim sendo, foram requisitados engenheiros para acompanhar as obras e estes faziam parte da equipe na qual eu trabalhava.

Eram 22 engenheiros que, pelo convívio, logo percebi que pouco ou nada entendiam de arquitetura. Qualquer ideia lançada por mim, que fosse inovadora, criativa, ou que necessitasse de estudos e aprofundamentos, era renegada pela equipe de engenheiros. Além disso, eu era a única mulher, arquiteta, em um grupo de engenheiros.

Como arquiteta, as decisões junto aos diretores, primeiramente, passavam por mim, para depois irem para os engenheiros, que calculavam, mediam, orçavam, etc. A quantidade de “não” que recebi me fez pensar: um dia vou ensinar aos engenheiros para que aqueles que passarem por minhas mãos tenham uma visão mais humanitária, mais fraterna, e não uma visão puramente matemática e lógica, tecnicista. Desejava abrir os corações endurecidos destes profissionais para enxergar os benefícios que a arquitetura, quando bem elaborada, traz para a humanidade. E assim consegui!

Em 1983, surgiu um concurso na UFPB - Campus de Campina Grande, na área de arquitetura e urbanismo. Participei do concurso, fui aprovada e ingressei no magistério concretizando mais um sonho.

Com curso de Especialização em Administração Hospitalar, mestrado em Engenharia da Produção, na área de Ergonomia, e conhecimentos adquiridos na área da Arquitetura Sacra, tenho trabalhado neste ramo que muito tem contribuído para o bem-estar da população, trazendo uma arquitetura mais humanizada e adequada à nossa região.

Encerrei minha vida acadêmica na UFCG e fui convidada pela professora Yara Lyra para coordenar o curso de Arquitetura e Urbanismo, na Unifacisa (Centro Universitário FACISA – Faculdade de Ciências da Saúde), onde estive por 14 anos. Permaneci na instituição até 2020 e continuo trabalhando no meu escritório, localizado aqui, em Campina Grande-PB.

Hoje me sinto plenamente realizada, mas o início não foi fácil. O primeiro projeto que fiz foi um muro, e esse muro me fez nunca mais deixar de trabalhar. Um muro a que me dediquei e fiz com todo carinho. E o recado que eu dou a todo profissional é: façam tudo com carinho, se vocês gostam do que estão fazendo; vejam primeiramente o seu cliente; façam o que ele gosta; se ponham no lugar dele; tenham empatia, que vocês não vão nunca deixar de trabalhar: o mercado tem espaço para todo mundo, desde que se faça tudo com amor.

Cresci em um lar cheio de fé e amor. Tive uma formação cristã bastante sólida, sempre questionava no silêncio do meu coração o que via e ouvia. Hoje, faço parte das Oficinas de Oração e Vida, estou como Coordenadora da Zona Brasil Leste que compreende os Estados: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão (onze estados).

As Oficinas de Oração e Vida são uma associação privada internacional de fiéis, reconhecida pelo “Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida”, que tem como objetivo ensinar a orar, introduzindo seus integrantes na vida de oração de uma maneira experimental e progressiva, conduzindo-os a recuperar a paz interior. A associação Oficinas de Oração e Vida foi criada em 1984, por frei Ignacio Larrañaga, sacerdote capuchinho, nascido na Espanha, radicado no Chile, e está no Brasil desde 1985.

Faço parte também da direção da “Casa de Acolhida São Paulo da Cruz”, uma instituição fundada em 2003, que tem como objetivo acolher, abrigar, assistir e proteger a população adulta de rua, na busca de sua autoestima, pleno exercício da cidadania e reinserção na sociedade. Os serviços prestados são gratuitos, permanentes e sem qualquer discriminação de clientela.

Com carinho.

De Lagoa/PB para a produção de doces finos em Campina Grande



Maria das Graças Rafael Bastos

Sou Maria das Graças Rafael Bastos, natural de Lagoa-PB, filha dos agricultores Severino Rafael e Maria da Conceição Limeira, tive seis irmãs e cinco irmãos, perfazendo um total de 11 irmãos.

Aos 9 (nove) anos de idade fui residir em Recife-PE, onde permaneci por 4 (quatro) anos, estudando no “Colégio Sagrado Coração”, internato que era coordenado pelas freiras da “Congregação Damas”.

Aos 13 anos de idade retornei para a minha terra natal e passei a estudar no “Colégio Agrícola de Lagoa Seca”, à época, constituía o “Colégio Integrado da FURNE” (Fundação Universidade Regional do Nordeste). Posteriormente, ganhei uma bolsa de estudos e passei a estudar no “Colégio Diocesano Pio XI”, na cidade de Campina Grande-PB, durante algum tempo.

Para poder concluir o 2º grau (atual Ensino Médio), precisei começar a trabalhar ainda muito jovem, como balconista da “Doceria Blu`nelle”, na rua Afonso Campos, em Campina Grande-PB. Durante o dia eu trabalhava e, à noite, eu estudava, vindo a concluir o 2º Grau no Colégio Dimensão.

Permaneci como balconista durante cerca de 13 anos, após contrair casamento com Paulo Jerônimo Bastos, com quem tive dois filhos: Gustavo, nascido em 1980, e Matheus, em 1997.

Comecei a empreender no ramo de gastronomia, em 1980, produzindo salgados e doces e, principalmente, bolos e tortas doces e salgadas. Durante o período natalino e final de ano, recebia encomendas de jantares e sobremesas.

Na época, iniciei um negócio especificamente familiar, com meu esposo, que pedira demissão da empresa onde trabalhava, para abraçar nosso empreendimento. Trabalhávamos muito, muitas vezes, sem determinação de horário, e conseguimos gerar, de princípio, dois empregos diretos e alguns indiretos.

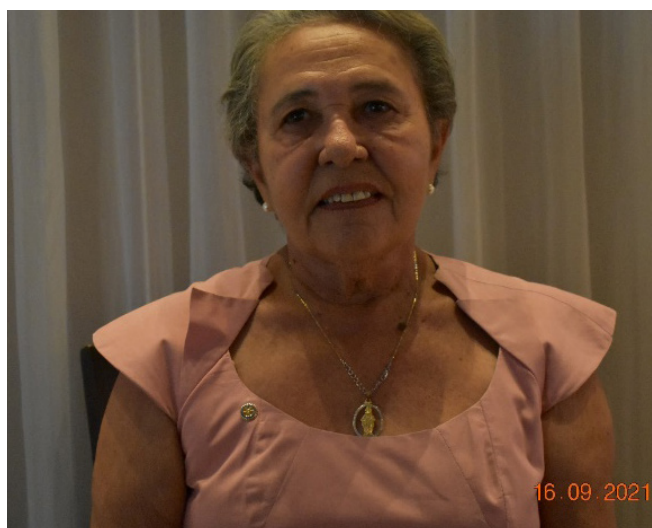
Após 20 (vinte) anos no ramo, com muito esforço e dedicação integral, conseguimos adquirir prédio próprio, onde funciona nosso negócio até hoje: na rua Vigário Virgínio, nº 319, no Bairro Santo Antônio, em Campina Grande-PB.

Meus filhos e o meu esposo integram a administração da empresa, que hoje emprega pouco mais de 15 (quinze) pessoas em empregos diretos. Além disso, temos alguns empregos indiretos (*Free lance*) em períodos festivos.

Atualmente atendo aos mais exigentes paladares, na confecção de comidas finas, obedecendo, com rigor, a um padrão de requinte, qualidade e bom gosto.

Aceito encomendas de pratos frios e pratos quentes, salgados variados, à base de frutos do mar, doces finos, bolos e tortas doces e salgadas.

Eu, senhora de mim mesma, inclusive na escolha da especialidade médica



Maria das Graças Vieira Cavalcanti de Castro

Por onde começar?

Minha jornada começa no Crato (Ceará). Foi lá que tudo começou, numa cidade que me viu nascer e me lançar em novas aventuras, passando por Teresina (Piauí), Recife (Pernambuco) e, por fim, Campina Grande (Paraíba).

Sou filha do Crato, nascida em 1950, um ano que minha mãe sempre dizia ser santo. Éramos cinco filhos, dos quais três se estabeleceram na Paraíba e dois (um dos quais eu) em Pernambuco. Embora eu tenha passado algum tempo nesse Estado, foi em Campina Grande que criei raízes mais profundas, experimentando transformações e adaptações que moldaram meu caminho.

Filha de uma mãe costureira estilista e de um pai caminhoneiro, sempre fui dona de mim mesma e do meu histórico de vida. Sempre fui dona do que falei, como falei, onde e quando. Eu era “dona do meu nariz”, fazia tudo do meu jeito, da forma como eu imaginava que seria. Nunca tive grandes amigos, tinha pessoas à minha volta. Sempre pessoas à minha volta. Na infância e juventude eram os ditos amigos de escola.

Minha mãe, uma leitora apaixonada, me incitava a ler desde cedo. Enquanto trabalhava na máquina de costura, ela me dizia: “Vá ler, vá ler, leia qualquer coisa!” Essa paixão pela leitura ficou gravada em mim, acompanhada das melodias que ela cantava, como “no rancho fundo, bem pra lá do fim do mundo”, música de Ary Evangelista Barroso e Lamartine de Azevedo.

Por outro lado, Papai, era uma figura de autoridade, um motorista sempre ocupado, cuja aprovação buscávamos antes de qualquer passo importante.

Os tempos do “Colégio Diocesano Pio XI” e do “Colégio Estadual da Prata”, o conhecido “Gigantão”, marcaram minha trajetória escolar. Envolvia-me em vários eventos, embora eu tenha uma filosofia de certa distância emocional. Nunca tive muitos amigos íntimos. Prefiro o termo “colegas” para descrever as pessoas a meu redor, evitando confundir camaradagem com a verdadeira amizade.

Desde cedo, questioneei a vida e o que nos esperava após a morte, imaginando uma escada para o céu que, se não existisse, eu mesma construiria.

Tive minha fase comunista. Foi uma fase mesmo! Ora eu estava na farra, ora eu estava integrada ao movimento comunista que chamávamos “PCbão”, referente ao Partido Comunista Brasileiro. Era tudo muito bonito, contudo, depois de um certo tempo, essa fase acabou perdendo o sentido para mim. Relato aqui a fase comunista, por ter-me sido a política sempre importante.

Então, decidi me dedicar à profissão que escolhi para exercer durante toda a minha vida: ser médica. E o meu desejo maior era ser professora médica, aprendendo a ensinar e ensinando a aprender. Foi o que fiz na Faculdade de Medicina de Campina Grande (UFCG), e como Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa que Envolve Seres Humanos – HUAC/UFCG.

O início de minha carreira profissional – e de sua consolidação – se deu quando fui aprovada para realizar a Residência Médica na Unicamp-SP. Acompanhei o Doutor Pinotti, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da USP, e ex-Reitor da Unicamp. Como notável médico em Ginecologia, Obstetrícia e Oncologia, ele foi inspiração para minha vida profissional.

O meu sonho era voltar para o Nordeste para atuar no Recife-PE. Mas, preferi vir para Campina Grande. Tornei-me uma esterileuta, médica especializada em infertilidade conjugal. Pude estudar com grandes referências da área e me agrada a expressão de ser “rabo de foguete em estudar”, porque era assim que me via por querer, justamente, estar sempre estudando, buscando conhecimento.

Assim segui estudando e trabalhando, mesmo que no caminho eu tenha tido dis-sabores e muitas dificuldades. Superei tudo. Se tem algo que fui, além de dona de mim mesma, foi ser uma mulher ocupada, com certeza em uma grande loucura.

Pari dois filhos e custou-me muito conciliar estudos, trabalhos, filhos e farra. Um filho é Marco Túlio Cícero, advogado, e o outro é Tito Lívio, médico. Sempre disse para eles serem donos do próprio destino. O que eles iriam ser, não me cabia escolher. Sempre desejei que eles dessem o melhor de si. E assim seguimos. Já tenho cinco netos e um bisneto. Família grande!

Ao ser convidada para relatar, aqui, essas histórias, não senti nada além de querer o melhor para todas as mulheres que estão neste livro. Que oportunidade poder escrever, mesmo não sendo igual aos grandes escritores que gosto de ler. Cito Érico Veríssimo, Alexandre Dumas, Dostoiévski, Dante Alighieri, Eça de Queiroz, José Lins do Rego entre muitos outros.

Eu gosto da minha vida e sempre fui amante das palavras. Escrevia para mim e do meu jeito. De mim para mim. As “Cartas para Mirza” são minhas cartas. As pessoas

mudam com os interesses e os interesses mudam com o tempo. Tudo isso que aqui escrevo são, apenas, pequenos retalhos da minha vida.

Uma grande alegoria numa constância. A constância do meu ser inconstante, a consciência do meu ser inconsciente. Do jeito que eu quero. Acredito que as pessoas e seus interesses mudam ao longo do tempo. A busca por significado é uma constante. Sou uma pluralidade de *eus*. Um universo em mim mesma. E encontro alegria nessa multiplicidade.

Tudo passa primeiro por mim, a partir de mim mesma, comigo e a partir de mim. Eu sou o universo dos meus *eus*. Sou eivada de *eus* e invento a alegria. Quando me dizem que as coisas são difíceis, eu discordo. Não é que algo seja difícil, apenas, não é fácil. A constância em meio à inconstância, a consciência do meu ser.

O que quero relatar, é que essa é minha supra-realidade. Se hoje me perguntarem, se tenho sonhos, digo que não tenho sonhos e nem pesadelos, apenas constatações do meu cotidiano.

Meus caminhos de cada dia



Maria do Carmo Arruda Figueirêdo

Quando aceitei o honroso convite de minha Mestra e Amiga professora Yara Macedo Lyra, a quem eu admiro e respeito, fiquei deveras feliz. Naquela amena tarde de maio, ela lançava a ideia de fazer um livro coletivo ou um livro participativo, onde cada uma de nós deixaria um pouco de suas lembranças e passagens, tão caras. Este livro com certeza será sucesso e nos perpetuará junto às novas gerações.

Sou campinense, de Campina Grande-PB, com orgulho. Pertencço a uma família de tradição com princípios voltados ao cristianismo e ao conservadorismo aliados à solidariedade. Sou filha muito querida e amada por meus pais, o professor universitário Manuel Figueirêdo (in memoriam) e Maria Lêda Arruda Figueirêdo. Ambos têm nos legado, diuturnamente, exemplos de amor à família, ao trabalho e à ética.

Sou a primogênita de uma família de cinco filhos a saber: Ivelise Arruda Figueirêdo, advogada, professora universitária e procuradora federal; Lêda Maria Arruda Figueirêdo (irmã caçula das meninas), médica otorrinolaringologista; Eduardo Arruda Figueirêdo – meu amado irmãozinho, que está sempre ao meu lado, que é tudo na minha vida – tem várias profissões, além de Engenheiro Civil e Advogado; e Maurício Arruda Figueirêdo (in memoriam). Saudades eternas.

Estudei no “Colégio da Imaculada Conceição”, onde cursei a educação básica; e me graduei em Farmácia e Bioquímica com Especialização em Análises Clínicas e Hematologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Em Recife-PE, trabalhei no Laboratório do Hospital da Aeronáutica e, retornando a Campina Grande em 1986, fui trabalhar no Hemocentro do Serviço Municipal de Saúde.

O que escuto sobre minha pessoa? Que sou uma mulher alegre, humilde, guerreira, temente a Deus. Eu digo que aprendi que dessa vida não se leva nada, a não ser as marcas que se pode deixar no mundo. Não tenho medo de recomeçar. Posso passar por momentos difíceis, mas nunca me rendo. Não me ensinaram a desistir... Sou como um rio, sempre, seguindo em frente e superando obstáculos.

Um dos momentos mais difíceis a suportar foi a perda de meu amado pai... Como é difícil, meu coração se dilacerou, o chão sumiu dos meus pés, não tinha nada que eu quisesse ou pudesse fazer. Morreu em meus braços por displicência de uma enfermeira. Momentos de dor daquele companheiro, amigo, conselheiro, meu amado pai. Quanta sabedoria, inteligência rara, poço de cultura, de um coração enorme feito uma criança que ri à toa, brinca, dança, senta-se no chão e rola com os filhos. Sendo educador, ensinava a lição aos filhos mesmo com todas suas tarefas de advogado, professor, político, fazendeiro... mas ainda tinha tempo de corrigir um trabalho nosso. Pai presente brincava, dava assistência integral e amorosa à família. Quando ocorreu meu divórcio, ele, com toda sua compreensão, me ajudou a superá-lo.

Outra perda inconsolável foi a do meu irmão Maurício. Esse foi arrebatado tão jovem com tantos sonhos; lindo, carinhoso, solidário, amigo; agia como se fosse um velho nos aconselhando.

Diurnamente dedicada à solidariedade, já fiz parte de várias Entidades Filantrópicas ajudando a construir uma sociedade melhor, mais justa, onde todos possam viver com dignidade.

Ações solidárias, invariavelmente, fizeram parte de minha vida. Desde pequena participei de eventos para angariar fundos para os menos favorecidos como o “Movimento Bandeirantes”, com a Chefe Vanita Leitão, e a Cruzada Eucarística, com a Irmã Josefina.

Minha vovozinha Moça Arruda, muito caridosa, passou este sentimento para nós: de dedicação ao próximo diante de suas necessidades.

Sou de uma geração espetacular! Geração que surgiu nessa época atual. Essa “faixa etária social” que não existia antes! Pessoas que hoje têm entre 60 e 80 anos. A esse grupo pertence minha geração que expulsa da terminologia a palavra envelhecer, porque simplesmente não tem em seus planos atuais a possibilidade de sê-lo. É uma guerra constante! O corpo envelhecendo, mas o espírito pensando que ainda tem 20 anos! E a lucidez no meio, intervindo nessa luta sem fim! O corpo cansado, às vezes dolorido, sem muito ânimo ou presteza e o espírito louco por uma festa dançando funk ou rock n’roll, pedindo uma paquera, flertando o belo, dançando com muita energia.

Essa geração das pessoas com 60, 70, 80 anos está lançando uma idade que ainda não tem nome, que tal “juventude acumulada”? Ah, mas ser velho é dádiva do Senhor, é a pós-graduação na Universidade da Vida! Eu estou, graças a Deus, conduzindo o meu curso.

Hoje me dedico à minha mãe (uma pessoa de idade avançada que, depois do falecimento de papai, ficou muito vulnerável e dependente de mim, precisando dos meus cuidados) e à Associação Cristã Feminina (ACF), uma instituição filantrópica sem fins

lucrativos, que vive unicamente de doações e mensalidades de suas sócias, e da qual sou presidente.

A ACF ou Young Women's Christian Association (YWCA) é uma organização de mulheres, de caráter mundial, que existe em mais de 123 países. A sede da ACF é em Genebra, na Suíça, e aqui, no nosso Brasil, existem 18 afiliadas, ou seja, em quase todos os estados do país. A nossa associação, por ser internacional, tem regras e normas descritas na forma regimental de Estatuto que devem ser seguidas por cada Associação local.

Aqui em Campina Grande, a ACF tem na nossa gestão várias atividades e projetos tais como:

1. Menina Feliz, que se desenvolve num dos bairros mais famosos de Campina Grande que é José Pinheiro, na Rua Tomé de Souza. Lá nós damos assistência e incentivo às jovens e também temos várias atividades, tais como inclusão digital, corte e costura, aula de dança e reforço escolar;
2. Cabelo de Neve, que se realiza com idosos a quem levamos o sopão todas as quartas-feiras e, concomitantemente, damos apoio e incentivo de elevação da autoestima;
3. Distribuição de cestas básicas às comunidades carentes; e
4. Atividades lúdicas e educativas com crianças carentes, em datas festivas do calendário civil; assim, nós atuamos na futura geração, fazendo também aplicação de flúor.

A ACF divide suas sócias em Equipes de Trabalho e uma delas, a que mais trabalha, é a Equipe Sócio-humana. As meninas assistidas por essa equipe fazem peças de tricô e crochê para doar um enxoval a cada mulher gestante e carente da comunidade onde moram. No dia da entrega, uma Pediatra faz palestra para essas jovens mães adquirirem experiência, saber a importância que tem seu bebê, os cuidados diários que devem ter com eles e a vacinação, que não deve ser negligenciada.

Temos participação também em atividades organizadas por entidades governamentais e grupos sociais, tais como: (1) vacinação e prevenção da poliomielite - a Campanha da Gotinha - para as crianças pequenas contra a paralisia infantil; (2) a Campanha do Outubro Rosa, que é um estímulo à prevenção do câncer de mama; (3) a Campanha do Cobertor, que arrecada cobertores para serem doados aos asilos de Campina Grande e às pessoas que estão nas calçadas das ruas; (4) a Campanha da Paz, durante a qual saímos, juntamente com outras entidades, pelas ruas centrais da cidade pedindo aos transeuntes Paz; (5) a Campanha Plante uma Árvore, no Parque do Povo e em outros locais da Cidade, em associação com a Campanha do Meio Ambiente, sendo plantadas e distribuídas mudas de espécies nativas. Registramos o papel importante da acefista Denise Sena, amiga e parceira de atividades, juntamente com a Prefeitura Municipal de Campina Grande; (6) a Saúde Bucal, que é destinada às crianças, para a prevenção de cáries, com aplicação de flúor e distribuição de escovas de dente e creme dental.

A ACF também desenvolve atividades artísticas. Nosso ponto forte é o Coral Isis Cruz. São várias sócias coralistas que se dedicam a cantar. Cantam e encantam a todos que ouvem suas vozes. O Coral tem se apresentado em vários logradouros públicos tais

como igrejas e escolas, agradando a todos. É importante para as sócias terem essas atividades para trabalhar mente e espírito, contributo importante para a saúde mental e como prevenção às doenças que caracterizam as faixas etárias avançadas.

Nossas atividades também incluem a espiritualidade: semanalmente, às terças-feiras, temos o Círculo de Oração. As Tardes de Oração são geralmente de grande emoção, pelos testemunhos que são uma constante, além dos louvores e intercessões que fazemos para os que nos pedem e para os que mesmo sem nos pedirem sabemos serem merecedores de preces.

Passamos por um período difícil, como todo nosso país, que foi a Pandemia da COVID-19, e infelizmente nossa associação teve muitas perdas. Perdas irreparáveis, as nossas sócias mais atuantes hoje estão em outra Dimensão. Isso nos deixou muito tristes, quase sucumbimos enquanto associação, sem ânimo. Mas reagimos, ajudamos umas às outras e todas juntas estamos com forças para continuarmos com nossos trabalhos, pois Deus é maravilhoso e nos dá força.

Recomeçamos com tanta garra que tivemos uma das festas mais bonitas que a ACF fez em Campina Grande. Neste momento, recordo a belíssima Festa dos 50 anos de sua fundação, onde reunimos mais de uma centena de pessoas, entre elas representantes de Associações de outros estados.

Na nossa gestão, a ACF foi reconhecida e agraciada como sendo de Utilidade Pública Municipal e Estadual, por propositura do deputado Rômulo Gouveia, cuja memória é cultuada com carinho pela nossa Família Acefista.

Hoje damos continuidade (1) ao trabalho de atendimento às mães gestantes carentes, com oferecimento de palestras sobre gestação e assuntos ligados ao nascimento de bebês e a consequente doação de enxovais confeccionados pelas próprias sócias acefistas; e (2) às manifestações culturais pautadas pela beleza da participação; e a Comunidade Campinense nos reconhece. Essas se sedimentaram a partir da aquisição de uma Casa Acolhedora adquirida na gestão da Presidente Artista Plástica Ana Lígia Barbosa.

Podemos demonstrar, nesses últimos vinte anos, o gosto desta Diretoria pelas artes através de uma série de dados ligados à pintura, à culinária, ao cântico coral e à literatura: todas essas expressões contaram com o incentivo da vice-presidente professora Conceição Araújo, principalmente, na publicação de vários livros, tais como: *Pegadas da ACF*, de Socorro David; *Eu Lírica e Outras Lembranças*, de Conceição Araújo; *Crônicas da Tarde*, de Maria Figueiredo; *Reminiscências*, de Socorro Loureiro; e *Memórias e Saberes-30 Anos da ACF de Campina Grande*, uma produção coletiva escrita pelas acefistas, livro que traçou o perfil da ACF e acefistas e se tornou um nicho especial da nossa ACF.

Cabe aqui destacar a produção do *CD Singular e Especial*, sob a regência do maestro Francisco Alexandre Silva. Posteriormente o coral veio a ser regido pelo maestro Adriano e, atualmente, pela virtuosa maestrina Merly Faustino.

Todas as nossas atividades são mantidas através dos trabalhos das sócias e realizações de bingos e rifas, uma vez que não recebemos nenhuma subvenção de órgãos públicos. A ACF de Campina Grande, em ação cada dia que passa, acredita na vivência em grupo e na excelente chance que temos de aprender a conviver uns com os outros.

A ACF nos oferece continuamente oportunidade, nas reuniões sociais que nos alegram e reanimam para as atividades do mês seguinte, os Estudos Bíblicos, momentos em que a palavra de Deus lida discutida e meditada nos enseja conhecimentos luminosos a colocar no nosso dia a dia a prática do Evangelho a serviço dos menos favorecidos, nossos irmãos.

Hoje necessitamos de mais adesões para as atividades manuais, para uma ação mais consistente nas tardes de trabalho. No momento o desafio maior é a continuidade do projeto “Menina Feliz”.

Finalmente, nossa fé e crença no Ser Humano se proclama no Bem, que pode ser feito através de nossas ações.

Que Deus continue nos abençoando nesta caminhada para cumprirmos com perfeição a Missão Acefista: VIVER PARA SERVIR E SERVIR POR AMOR!

A necessidade e o desejo de transformar realidades me impulsionaram a lutar por uma melhor assistência à saúde



Maria do Socorro Ferreira Martins

Nasci de parto domiciliar, em 26 de março de 1964, na zona rural de Mogeiro (PB). Meu pai se chamava Luiz Vicente Ferreira e minha mãe, atualmente com 82 anos, se chama Maria Alves de Souza Ferreira.

Quando eu tinha 6 meses de vida, por motivo de doença do meu pai, impossibilitado de trabalhar na agricultura, fomos morar na cidade de Itabaiana (PB), para que ele tivesse uma melhor assistência médica. Nessa cidade, ele precisou mudar sua atividade profissional de agricultor para comerciante ambulante (feirante), pois seria mais compatível com suas limitações físicas por causa de sua enfermidade. Foi também em Itabaiana onde vivi toda minha infância e grande parte da minha adolescência. Quando passei no primeiro exame vestibular, aos 16 anos, vim morar em Campina Grande-PB, sozinha, em um pensionato na Feira Central.

Tive uma infância vivenciada com muitas limitações financeira e social, marcada por tristeza e sofrimento, decorrente da doença do meu pai, que era portador de osteomielite crônica e frequentemente agudizava, deixando-o acamado por vários meses ou até anos. Essa situação obrigava minha mãe a assumir todas as responsabilidades para sustentar a família, o que restringia bastante nosso orçamento familiar e sua presença física no dia a dia dentro de nossa casa.

Minha infância também foi marcada por minhas crises de asma, que eram exacerbadas após exercícios físicos e mudança de clima, necessitando, por inúmeras vezes, de assistência hospitalar. Essas crises também me impunham muitas limitações físicas e de socialização, ao mesmo tempo em que me levava a recorrer aos livros e estudos, tentando compensar meu isolamento.

Aprendi a ler sozinha, aos 5 anos de idade, por meio dos livros infantis que eu ganhava dos meus pais. A qualquer pessoa que desejasse me presentear, eu sempre pedia um livro ou gibi. Uma professora de “banca particular” (aulas de reforço escolar dadas, geralmente, por professoras em sua própria casa, a alunos que sentem dificuldade em aprender), D. Letícia, que morava na nossa rua e em cuja casa, frequentemente, eu solicitava para ficar, olhando-a e observando-a ensinar a seus alunos, orientou meus pais a procurarem o “Colégio das Freiras” (escola privada) da cidade de Itabaiana, para pedirem um desconto na mensalidade e nele me matriculem, pois me considerava uma “criança prodígio” e merecia ter um investimento melhor na minha educação e aprendizagem.

Realizei o primeiro grau completo no Colégio de freiras, Nossa Senhora da Conceição. Como só oferecia, no segundo grau, a formação técnica pedagógica, optei para ir estudar o “científico”, no “Colégio Estadual Dr. Antônio Santiago”. Trazia comigo o grande sonho de ser médica, para poder transformar aquela realidade tão dolorosa das pessoas pobres que precisavam da assistência do SUS e sofriam bastante para serem atendidas em suas necessidades, como era o caso do meu pai. Quando cresci e acompanhava meu pai na busca por assistência médica em outras cidades, a qual quase sempre não recebia, nasceu em mim um forte sentimento de ser médica e ajudar às pessoas mais carentes. Entretanto meu pai sempre me falava que medicina seria para filhos de famílias ricas e que eu deveria escolher outra profissão que estivesse de acordo com as minhas limitações sociais e econômicas.

Aos 16 anos de idade fui aprovada no exame vestibular para o Curso de Psicologia na UEPB, com uma média de pontos que daria para eu ingressar no Curso de Medicina, que era o meu grande desejo. No ano seguinte, tentei novamente o vestibular e entrei, aos 17 anos, no Curso de Medicina da UFCG.

Consegui concluir esse Curso em dezembro de 1988, casada e grávida de 8 meses da minha primeira filha Catherine. Realizei meu Internato no Hospital Barão de Lucena, em Recife (PE) e Residência Médica de Pediatria no HUAC (Hospital Universitário Alcides Carneiro); tenho título de Especialista em Pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria; e capacitação para a realização do Teste do Olhinho em recém-nascidos, com certificação dada pela Sociedade Brasileira de Oftalmologia.

Além dessa formação, participei de vários cursos de capacitação, principalmente através de congressos nacionais e internacionais nas áreas de Vacinologia, Puericultura e Neonatologia; e sou instrutora do Curso de Reanimação Neonatal da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Influenciada pelo sentimento de ser médica e ajudar às pessoas carentes (sentimento presente em mim desde que acompanhava meu pai à procura de assistência médica), busquei (e busco) trabalhar e possibilitar saúde a todos. Assim, desempenhei várias funções e cargos e criei serviços que cuidam da população:

1. Fundei a primeira Clínica de Vacinação da Paraíba em atividade, em 2007, a VACINA CENTER. Inicialmente funcionava no meu consultório, mas à medida que foram se expandindo os atendimentos, foi necessário ter sua sede própria. Hoje, temos a matriz em Campina Grande e duas filiais em João Pessoa, uma no Shopping Manaíra e a outra no ECOMEDICAL;
2. Fui a primeira Presidente do interior da Sociedade Paraibana de Pediatria (Fundada há 65 anos), do triênio 2022-2024, sendo reconduzida ao segundo mandato para o novo triênio 2025-2028;
3. Recebi, em 22 de novembro de 2021, homenagem da Sociedade Médica de Campina Grande pelo trabalho desenvolvido em defesa da vacinação contra a COVID-19 e das demais vacinas do calendário de vacinação para todas as idades; e pela assistência prestada a toda população durante o período da pandemia da COVID-19;
4. Fui homenageada pelo CRM-PB com Honra ao Mérito, pelo desempenho profissional à frente da Pediatria paraibana, em 17 de janeiro de 2022;
5. Lancei, em 04 de novembro de 2014, a Campanha Estadual do Calendário do Prematuro, aqui, em Campina Grande, colocando o Estado da Paraíba como pioneiro no Nordeste, na oferta do anticorpo monoclonal, Palivizumabe, para os prematuros;
6. Fui Presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações, regional Paraíba, por duas gestões: em 2015-2016 e 2017-2018;
7. Fui membro do Departamento Científico de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) entre 2019 e 2021;
8. Exerci a presidência do Departamento Científico de Imunizações da Sociedade Paraibana de Pediatria, de 2019 a 2021;
9. Fui Presidente do 2º Congresso Nordestino de Pediatria;
10. Recebi, em 17 de outubro de 2023, a concessão do título de Cidadania Campinense pelo atual prefeito, Bruno Cunha Lima, pelos serviços prestados em prol da assistência à saúde da população infanto-juvenil de Campina Grande;
11. Participei como Professora Palestrante convidada, em vários Congressos regionais, estaduais e nacionais, na área de Pediatria e Imunizações desde 2013; e
12. Participei de dezenas de entrevistas em vários veículos de comunicação, inclusive em nível nacional, sobre temas relacionados à Pediatria e Imunizações.

Atualmente exerço alguns cargos e busco divulgar os conhecimentos sobre Pediatria e Imunizações, tais como:

1. Sou coautora do capítulo de “Imunização no Prematuro” do Tratado de Pediatria da SBP;
2. Sou professora de Pediatria da UNIFACISA (Faculdade de Ciências da Saúde);
3. Sou preceptora do Ambulatório de Puericultura do Hospital Universitário Alcides Carneiro – UFCG;
4. Sou conselheira do CRM- PB;
5. Sou membro titular do Comitê Estadual de Acompanhamento dos Eventos Supostamente Atribuíveis à Vacinação ou Imunização;

6. Coordeno a Comissão Especial de Defesa das Ações de Imunização do CRM-PB;
7. Sou a atual Presidente da Sociedade Paraibana de Pediatria; e
8. Sou militante da defesa profissional do Pediatra e do direito de crianças e adolescentes serem atendidos pelo Pediatra.

Embora me dedique intensamente à Pediatria e à Imunização, também tenho outros interesses e funções que me trazem muita satisfação e realização como pessoa.

Sou cristã; casada com Paulo Fernando Martins, que foi meu primeiro e único namorado (casamos quando eu cursava o 5º período do Curso de Medicina e ele era estudante do Curso de Engenharia Civil) e mãe de dois filhos. Nossa primeira filha, Catherine Martins, nasceu em janeiro de 1989 (ano seguinte ao da minha formatura) e nosso segundo filho, Paulo Martins Filho, nasceu em 1990, após 1 ano e 3 meses do nascimento dela.

Foram anos desafiadores para conciliar assistência à família (educação dos filhos, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento e presença na construção de suas memórias afetivas), além de precisar completar minha formação profissional com a Residência Médica em Pediatria, participar de cursos de capacitação, de trabalhar com uma exorbitante jornada de plantões, para manter o sustento do nosso lar. Foi um período muito difícil para mim e para toda a família, sacrificada muitas vezes pelas minhas demandas de trabalho e de estudo. Esse período me deixou cicatrizes profundas por não ter conseguido viver a maternidade na sua plenitude, nem oferecer a assistência física e psicoafetiva que minha família necessitava, principalmente meus filhos. Mas Deus cuidou deles com todo zelo e proteção que precisaram e foi luz para seus caminhos e escolhas.

Trago na alma a dor de ter precisado muitas vezes de me afastar dos meus filhos, inclusive, em situações de doença, para cuidar de crianças de outras famílias. Nessa fase, tive a ajuda da minha querida mãe, que também precisou, muitas vezes, deixar meu pai adoentado no interior onde moravam, para vir nos socorrer.

Assim que consegui comprar nossa primeira casa trouxe meu pai, minha mãe e meu irmão André para morarem conosco. Após dez anos de convivência, meu pai faleceu, meu irmão se casou e minha mãe com 82 anos, ainda mora comigo.

Meus filhos cresceram, se formaram em medicina e foram fazer residência médica e especializações na cidade São Paulo. Cada um passou em torno de 5 anos por lá. Mas sempre tive muita fé e alimentava a esperanças de que um dia retornariam, como de fato aconteceu.

Durante esse período de ausência dos filhos, sofri muito com a “síndrome do ninho vazio” e para ajudar a superar essa difícil fase, mergulhei de corpo e alma no meu trabalho, estudos e no aperfeiçoamento profissional. Os dois se casaram, meu filho com Vanessa, uma paulistana muito querida, intensivista pediátrica, os quais me presentearam com uma linda netinha chamada Marília. Minha filha casou com Otávio, um bom rapaz pessoense, também muito querido, e atualmente exerce a profissão de Juiz Federal do Trabalho no Estado de Pernambuco. Eles me deram um casal de netos, Martina e Sebastian. Sou muito feliz e realizada com a família que Deus me deu e com a missão profissional que exerço com muito amor, carinho e dedicação.

Minha história de vida, construída entre a educação e a ação social



Maria Edneusa Lucena Barbosa

*Combati o bom combate
Completei minha corrida
Guardei a FÉ
2 Tm 4:7-8*

Um grande desafio olhar no retrovisor da vida, quando já se passaram mais de 70 anos! A memória já apontando falhas e as lembranças dos tempos passados ficando para trás. Um exercício gratificante! Por isso, antes mesmo de iniciar o relato da minha história de vida, quero fazer um agradecimento a eterna e sempre professora e educadora, Yara Macedo pela brilhante iniciativa desse projeto que pretende eternizar as diferentes histórias de tantas bravas mulheres que deixaram e deixam suas marcas no solo campinense. Obrigada Yara! Penso que esse sentimento é de todas que foram convidadas a fazerem parte desse projeto.

Meu nome é Maria Edneusa de Lucena Chagas. Depois, casada, me tornei Maria Edneusa Lucena Barbosa. Deus me chamou à vida na década de 1940, precisamente em 1947. Meu pai, Manoel Barbosa de Lucena Filho, nascido no interior de Pernambuco. Minha mãe, Josefa Sales de Lucena, nascida no então distrito de Boqueirão, visto que, à época, pertencia ao município de Cabaceiras. Como se encontraram? Meu pai ficou viúvo e meus avós paternos moravam em Boqueirão. Veio ele então, com os dois filhos para minha avó paterna ajudar na sua criação. Foi assim que se conheceram e casaram.

Nasci numa fazenda, próxima ao lugarejo chamado Riacho de Santo Antônio-PB. Hoje, esse lugarejo não existe mais no seu lugar de origem, o qual foi coberto pelas águas de um açude construído pelo DNOCS. Tendo sido transferido para outra localidade, a 156 km de João Pessoa-PB, nossa capital, o lugar cresceu e foi elevado à categoria de cidade, em 29 de abril de 1995, conservando o mesmo nome: Riacho de Santo Antônio. A casa onde nasci, ainda está de pé, do mesmo jeito do meu tempo de criança. Vez por outra vou lá para matar a saudade. Muitas lembranças desse tempo: rezávamos o Terço Mariano todas as noites, corríamos soltos pelas plantações de palma...Uma delícia!

Sou a décima (10ª) filha de um a família numerosa de 13 irmãos. Os dois mais velhos, frutos do primeiro casamento do meu pai, já são falecidos. Depois vieram mais 11 filhos. Os que estavam em idade escolar começaram as primeiras letras no lugar onde nascemos. Na época, havia uma professora, carinhosamente chamada Dona Finha. Meu pai foi um homem de uma visão alargada e muito destemido, apesar de poucas letras. No tempo de sua mocidade, morando em Recife-PE, como ele costumava dizer, “sentou praça na polícia”. Teve uma história de vida de muitas lutas e superação. Como ele chegou a Riacho de Santo Antônio não está mais na minha memória. Um certo dia, Dona Finha chamou o meu pai e disse: “compadre, tudo o que eu sabia já ensinei pros meninos. Está na hora de você levá-los para Campina Grande para continuarem os estudos. Aqui não tem mais futuro para eles”. Não demorou muito para ele planejar a mudança. Os amigos e compadres ficaram preocupados com a decisão e disseram: “você vai matar esses meninos de fome”. A sentença não se concretizou. Meu pai se lançou nessa aventura. Planejou tudo, veio para Campina, alugou duas casas, porque uma só não dava para comportar todos. As casas eram vizinhas. Ele mandou abrir uma porta de uma para outra e uma das casas servia de dormitório. Onde ele alugou? Na Rua Felipe Camarão, bairro São José em frente ao “Grupo Escolar Clementino Procópio”. E nos matriculou todos lá. Alguns continuaram os estudos e os mais novos começaram. Também aqui nasceu minha irmã mais nova, Izabel Cristina, a única campinense da família, a ponta de rama como ele chamava.

Um fato marcante nesse recorte da minha história foi o dia da nossa chegada na cidade. Onde morávamos não havia energia elétrica. Viemos de caminhão. Ao entrar na cidade, ficamos DESLUMBRADOS com o clarão que se abriu em nossa frente. Nunca esqueci essa imagem! Até aqui minhas origens... Minha primeira infância...

Depois nos mudamos para a Rua 15 de Novembro, no bairro da Palmeira, onde meu pai abriu um pequeno comércio. E a luta para cuidar, educar e alimentar os filhos era grande. Sempre em busca de melhores condições e para facilitar o acesso à escola, além de atender a outras necessidades comuns a uma família tão numerosa. Nesse sentido nos mudamos muitas vezes e moramos em diferentes bairros e ruas.

Minha mãe era muito rigorosa e nos educava com muita disciplina, sem esquecer a religiosidade e a prática da fé. Todos fomos batizados e fizemos a 1ª Eucaristia. Devo a ela a minha formação cristã que orientou toda minha vida, moldou o meu caráter e me fez caminhar na luz e na prática do bem.

Quando nos mudamos para a Rua Tavares Cavalcante e as condições de vida e moradia melhoraram, mais uma vez tivemos que nos deslocar. Vivemos um período de turbulência. Um tempo depois fomos morar na Rua Vidal de Negreiros. Minha mãe acompanhava meu pai nas viagens para a fazenda. Meu segundo irmão mais velho,

Francisco, ficava conosco. Já estávamos crescidos. Os outros três irmãos homens já não estavam mais em casa nem também a irmã mais velha, Selma, que depois se tornou religiosa das “Damas Cristãs” e foi diretora do “Colégio Imaculada Conceição”, desta cidade, por um bom período. Eu estava em plena adolescência. Estudei no “Colégio Diocesano Pio XI” e depois de ter sido aprovada no exame de admissão ao ginásio (atual Ensino Fundamental II), fui estudar no “Colégio Estadual da Prata”. Lá conclui o Curso Científico e também conheci o grande amor de minha vida. Nos casamos em 1971. Dessa união nasceram dois filhos que hoje enchem minha vida de alegria: Emmânuel Ângelo e Herlon Max. Constituíram família e me deram três lindos netos: dois apóstolos e um profeta – Pedro, João e Daniel. Eles deram um novo sentido à minha vida, quando Deus levou o meu marido, em 25 de agosto de 2011. Meu mundo ficou cinzento... Foi um período de muita aridez! Não voltei mais para casa. Fiquei na casa de minha irmã Socorro e seu esposo Manuel, que me acolheram até eu serenar meu coração. Assustei-me comigo mesma, porque tenho uma vida de prática religiosa consistente há bastante tempo. Busquei ajuda. Procurei padres, fiz um retiro e outras ações. Superei, porque entendi que Deus nunca abandona os filhos que criou. Eu não estava sozinha. Tinha a sogra, que morava comigo para eu cuidar, e os filhos para conduzir apesar de adultos. Por eles, fui em frente! Passou! Nada dura para sempre! Nenhuma estação, desde que o mundo é mundo, dura para sempre. Tudo passa! Assim é a vida.

Depois de concluir o Curso Científico no “Colégio Estadual da Prata”, me preparei para fazer o exame vestibular para ingressar no Curso de Direito. Antes eu queria fazer Medicina. Na época, eu estava noiva e o noivo, aquele com quem me casei e vivi 40 anos, argumentou que não daria certo. Que procurasse outro curso. Desanimei. Uma amiga fez a inscrição por mim. Ao voltar avisou-me: Fiz sua inscrição para Direito. Respondi, tá bom! E me dei bem. Encantei-me com o curso. Deus sabe de todas as coisas e providencia o necessário. Não tinha vocação para medicina. Minha vocação era ser professora! Na sala de aula me encontrei. Produzir e transmitir o conhecimento, ensinar... não há coisa mais gratificante para quem faz com amor e abnegação.

Já formada, fiz Mestrado em Sociologia Rural. Minha dissertação foi sobre “O Uso Político do Direito: Composição e Soluções Legais a Conflitos de Terra na Paraíba, 1975-1985”, tendo como orientador, José Claudio Baptista.

Minha primeira experiência em sala de aula foi como professora primária, no Instituto Moderno Sul Americano, onde permaneci de 1969 a 1973. Lecionei no Colégio Diocesano Pio XI por um período curto de 1 ano. Assumi a direção das escolas Joana Silvestre e Assis Chateaubriand, localizadas no bairro de José Pinheiro. Fui professora de várias outras escolas no município.

Nesse espaço de tempo, meu marido concluiu o Curso de Economia, na Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande. Nessa época, era funcionário do DNOCS. Com a nova titulação, foi transferido para o Perímetro Irrigado de São Gonçalo, em Sousa. Tive que pedir demissão da Prefeitura para acompanhar o marido. Chegando lá, fui convidada para ministrar aula na Faculdade de Direito de Sousa, tendo sido admitida em 1 de março de 1976. Em 1980, a Universidade Federal da Paraíba criou o Campus VI, em Sousa, e encampou a Faculdade de Direito. Fui admitida, em 02 de fevereiro de 1980, passando à condição de professora colaboradora da UFPB. Lecionei diferentes

disciplinas e trabalhei no projeto de implantação do novo Curso de Direito do Campus VI, conforme novas exigências.

Nova mudança nos esperava. Meu marido retornou para Campina e consegui também minha transferência. Surgiu uma vaga em virtude do afastamento do Professor Vital do Rego. Fui então locada no Departamento de Sociologia e Antropologia. Assumi a subchefia de Departamento juntamente com a Professora Miriam Sivini Ferreira. Posteriormente assumi a chefia do mesmo departamento juntamente com o professor Hermano Nepomuceno.

Após minha aposentadoria, fui chamada pela Direção do Colégio Imaculada Conceição, em virtude da minha atividade pastoral junto aos jovens, para coordenar turmas do Ensino Médio. Posteriormente, em 2002, assumi, na condição de advogada, a Assessoria Jurídica da Instituição.

No ano 2000, fui convidada pela professora Yara Macedo, para ministrar aulas no Curso de Administração, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – Facisa. Em 2004, assumi o cargo de Vice- Coordenadora do Curso de Direito e posteriormente assumi a Coordenação do Curso. Permaneci na Facisa até 2018. Conclui esse bom combate com grande sentimento de gratidão e dever cumprido.

Em 2015, tive a grande alegria de ter sido convidada para ser paraninfa geral das turmas concluintes. Minha gratidão à Professora Gisele Gadelha por esse convite, porque justamente nesse ano estava completando 50 anos de sala de aula. Outra alegria foi ter colaborado no processo de Reconhecimento do Curso de Direito, em 2006, durante minha gestão.

Em relação ao meu trabalho social, minha primeira ação concreta foi no antigo lixão a céu aberto, em nossa cidade. Fui convidada pelo então Padre Vicente, que desenvolvia um trabalho social naquele setor de Campina Grande, como ação de sua paróquia, para colaborar com o projeto. Então me lancei! Deus já tinha me dado TUDO! Um bom marido, saúde, dois filhos saudáveis e condição financeira estável. Estava na hora de devolver a Ele cuidando dos preferidos Dele: os pobres e abandonados. “De graça recebestes, de graça deveis dar” Mt 10:8.

Fui para o lixão e até levei o marido. Foi uma linda experiência! A primeira ação foi o que mais eu gostava de fazer: ensinar a ler! Voltar às origens. Comecei exatamente como professora de alfabetização. Foi montada uma tenda quase dentro do lixão e lá fui eu e mais uma outra pessoa de nome Jaqueline, dar aula. As crianças com os seus pais viviam do lixo e no lixo! Não foi fácil! Não tinham a mínima disciplina. Nesse período, um fato me tocou profundamente: a descoberta que eles fizeram, a partir das nossas falas, da condição de filhos de Deus. Foi chocante! Mas muito alentador. Daí em diante eles mudaram o comportamento e passaram a se interessar pelas aulas e ter hábitos condizentes com a sala de aula. Depois, o padre Vicente conseguiu do poder público a construção de uma escola, onde, além das aulas, nos reuníamos com os catadores. Realizamos um projeto de confecção de vassouras com o apoio da Irmã Celine e outras pessoas. Essas vassouras eram vendidas na cidade e os valores arrecadados eram distribuídos com os cooperados que faziam parte da Cooperativa posteriormente criada.

O segundo passo foi chegar junto aos catadores de lixo para organizá-los. Eles viviam uma situação de profunda miséria e escravidão. Catavam os materiais e vendiam

a um único atravessador por um valor irrisório! Eram explorados! Alguns deles nunca tinham vindo à Campina Grande. Chegaram mais pessoas para ajudar na missão: Irmã Celine, uma irlandesa que veio morar no Brasil, Ana Virginia, Luíza Eugênia e outros cujos nomes não me vêm à memória. A partir dessa realidade, no ano 2000, criamos uma Associação dos Catadores de Lixo e nos reuníamos com eles, mensalmente, para conscientizá-los de suas situações humilhantes de trabalho. Inclusive, em um determinado momento, fizemos uma manifestação – fechando o acesso ao lixão, não permitindo a entrada de caminhões que vinham depositar o lixo – para chamar a atenção dos poderes públicos e do atravessador. Logo depois, essa Associação foi transformada em Cooperativa, por exigência da Prefeitura, sob a alegação de permitir maior assistência do Poder Público. Ainda hoje essa cooperativa existe: COTRAMARE – Cooperativa dos Trabalhadores de Material Reciclável – e tem assistência técnica da professora Luíza Eugênia Mota Rocha Cirne, da Unidade Acadêmica de Engenharia Agrícola, do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande (UAEA/CTRN/UFCG). Hoje, a cooperativa está instalada num prédio doado pelo Estado, no Bairro do Monte Santo.

Outra atuação está ligada à Fundação Toque de Esperança, que foi criada em 2010, por iniciativa da Irmã Celine, e que desenvolve diferentes projetos sociais junto à população do bairro. QUAL BAIRRO???

Dando continuidade à minha missão, sempre ligada ao seguimento de Jesus no atendimento aos preferidos de Deus, sou voluntária no C-AMOR – Centro de Apoio aos Moradores de Rua. Uma unidade do braço social da Fundação Terra, com sede em Arcoverde-PE. A unidade fornece refeição aos moradores de rua de segunda à quinta-feira. São muitos os voluntários que atuam na casa, há mais de três anos. Esse trabalho é desafiador e difícil pelo enfrentamento de diferentes situações dos moradores de rua, no dia a dia. Muitos chegam drogados e tendo ingerido bebida alcoólica. Muitas vezes nos sentimos impotentes diante da realidade, sem contar com o sentimento de que é muito pouco dar um prato de comida. Tentamos, na medida do possível, atender a outras demandas trazidas pelos moradores de rua, orientando-os em relação à regularização de documentos.

Concluindo o registro da minha história de vida, participo, junto aos idosos no Lar da Sagrada Face, onde estou presente como voluntária há mais 10 anos, de um terço coletivo.

Para encerrar, hoje me sinto campinense de coração. Aqui passei toda minha vida, foi onde nasceram meus dois filhos e onde construí minha felicidade. Lembrando o filósofo Aristóteles: “a felicidade é o sentido e o propósito da vida”. Sinto-me feliz e realizada. Digo sempre aos meus filhos, noras e netos que a maior herança que deixo para eles é o AMOR. E a medida do AMOR é amar sem medida. Quem não ama não conhece a Deus, porque DEUS É AMOR.

Perfil de uma mãe engajada: assistente social e dedicação à APAE-CG



Maria França de Lira Furtado (Vineide)

Chamo-me Maria França de Lira Furtado, nasci no dia 24 de outubro de 1960, no sítio Pebá, município de São José de Piranhas, no alto sertão paraibano, durante o período seco do ano. Talvez por isto gosto do calor, principalmente o humano.

Sou a quarta dos cinco filhos de Pedro Alves de Lira e Maria Dias de Lira e fui registrada com o nome de Maria França de Lira. Segundo meus genitores, eu deveria ter sido registrada como Maria Vineide França de Lira, mas, por razões desconhecidas, o nome Vineide foi excluído do documento e só depois é que se tomou conhecimento do fato. Porém Vineide continuou a ser usado pelos meus familiares e utilizado até hoje.

Logo após meu nascimento, fui acometida de varíola e, como morava no sítio, fui tratada pelos mais velhos à base da medicina popular, sendo um dos tratamentos ficar envolta em folhas de bananeira, para reduzir os efeitos da doença. Embora eu não tenha conhecimento efetivo da eficácia desse procedimento, foi positivo. Aqui estou: adulta e sem sequelas.

Fui alfabetizada no meu local de nascimento e a sequência da escolaridade básica cursei em São José de Piranhas: o primário (atual Ensino Fundamental I) na Escola Municipal Santa Maria Gorete; o primeiro grau II e o segundo grau (Ensino Fundamental II e Ensino Médio, atualmente), no Colégio Estadual São José.

Fui a única dos cinco filhos que se deslocou para realizar o tão sonhado ensino superior e, por vocação demonstrada desde criança, cursei Serviço Social, tornando-me assistente social pela antiga Fundação Universidade Regional do Nordeste - FURNE (hoje, UEPB), no ano de 1994.

Ao terminar a graduação, casei-me, e continuo casada até hoje, com o professor Dermeval Araújo Furtado, que à época era professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e fazia Mestrado na Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, onde fui residir. Engravidei e lá nasceu nossa filha, a qual, para nossa surpresa, embora eu tenha feito todos os exames pré-natais, nasceu com uma patologia denominada de Mielomeningocele, que é uma deficiência congênita com causas ainda não esclarecidas (uma má formação na coluna vertebral).

Quando Noelle nasceu, a bolsa que se formou na sua coluna vertebral se rompeu e suas meninges ficaram expostas com grandes possibilidades de contaminação e uma possível meningite. A junta médica que a examinou comunicou-nos que ela tinha poucas possibilidades de sobrevivência, era uma questão de horas.

Apesar deste “comunicado”, meu esposo fez o registro de nascimento da nossa filha e a levou para Belo Horizonte, por ser um centro maior e com maiores possibilidades de tratamento. Com quatro dias de nascida, ela foi cirurgiada, para fechamento da coluna e, após sua recuperação, ficou na UTI por uma semana e depois em apartamento simples. Foi nesse período que uma ex-professora da FURNE (Ermínia), que estava morando em Belo Horizonte, ficou sabendo de nossa luta pela saúde de Noelle e deu-nos apoio e força para prosseguirmos. Por 6 anos a casa de Ermínia e Donizete (seu esposo) foi nosso colo e alento, que só bons pais fazem. Desde então nunca mais nos “largamos”, hoje são os padrinhos de nosso filho mais novo Felipe.

Noelle recebeu alta do hospital e voltou para Viçosa, com 1.200 gramas e a saúde bastante debilitada. Como o local onde foi realizada a cirurgia ficou exposto, houve a necessidade de novas internações pelas infecções que ela teve. Fizemos uma verdadeira peregrinação por Belo Horizonte durante um ano, viajando semanalmente 240 km para o tratamento de nossa pequena Noelle. Vale salientar que Viçosa fica na Zona da Mata Mineira onde são registradas baixas temperaturas, podendo chegar até dois graus centígrados.

No total, nossa filha já realizou 10 cirurgias, tomou, no mínimo, 14 anestésias e, como tinha deformidades nos pés e pernas em razão da patologia, utilizou vários aparelhos ortopédicos, precisando fazer sessões de fisioterapia quase que diárias, tanto nas clínicas como em casa, um total de 11 sessões por semana.

Noelle sempre foi uma guerreira e com muita vontade de viver e vencer na vida. Cresceu, realizou dois cursos de graduação – Jornalismo e Psicologia –, fez dois cursos de Pós-graduação *lato sensu* e cursos de inglês. Hoje, está casada e trabalha profissionalmente.

Embora eu tenha enfrentado toda essa tribulação, não deixei de exercer minha profissão. Meu primeiro trabalho como assistente social foi como voluntária em uma creche na cidade de Viçosa, que é uma região com alto índice de Universidades e prestação de serviços. Lá criamos um grupo de mães e, posteriormente, com a ajuda de

outras pessoas, fundamos o Sindicato das Empregadas Domésticas, que era uma grande demanda no município.

Após a conclusão do mestrado do meu marido, fomos morar em Itapetinga-BA, onde trabalhei por três anos na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) como assistente social. Lá também criamos um grupo de mães e, para nossa surpresa, foi identificado que, após o nascimento de crianças com alguma deficiência, o pai geralmente abandonava a mãe, que ficava em situação mais vulnerável.

Nessa cidade nasceu nosso segundo filho Felipe Lira Furtado, que hoje é engenheiro eletricista. No ano de 1990, através de concurso público, meu marido foi trabalhar como professor na Universidade Federal da Bahia, de onde, posteriormente, em razão de termos melhores condições para o tratamento de nossa filha, foi transferido, em 1993, para a Universidade Federal da Paraíba, em Campina Grande, que depois passou a denominar-se Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Em 1993, a pediatra de nossa filha, dr^a Santana Florindo, me convidou para que junto com a dr^a Conceição Medeiros criássemos um grupo de apoio para pais e mães de filhos recém-nascidos, principalmente aqueles com deficiência e baixa renda. E em uma tarde de domingo nos reunimos no auditório do Hospital Universitário de Campina Grande, com a presença de vários pais da cidade e a dr^a Margaria da Mota Rocha, para tratarmos de assuntos relacionados ao grupo de apoio e ficou acordado que as reuniões ocorreriam na Sociedade Médica de Campina Grande, com a inestimável ajuda do dr. Raul Dantas.

Em uma das reuniões foi abordado o tema da criação de uma APAE e fomos comunicados que já existia uma APAE na cidade, criada no “papel” no ano de 1982, em uma conferência municipal de saúde. Fomos investigar essa criação e encontramos os documentos guardados com uma mãe de pessoa com deficiência, Maria da Conceição Costa do Rego, o que fez com que a etapa de utilidade pública municipal dessa instituição estivesse resolvida.

Em 1994, o então governador Ronaldo Cunha Lima desapropriou uma casa na rua Sebastião Donato e, com muitas dificuldades, as quatro pioneiras – Margarida Rocha, Waléria Maria Pequeno, Maria da Conceição Rego e eu – colocamos a APAE/CG em funcionamento. Em março de 1993, a primeira usuária foi a nossa filha Noelle Lira Furtado, atendida pela primeira psicóloga da APAE, Waléria Pequeno.

No início, atendemos cerca de 70 pessoas, com as mais diversas deficiências, e outros profissionais e pais foram se juntando ao grupo, fazendo com que a APAE/CG se tornasse uma realidade. Contamos com a inestimável colaboração de vários pais e mães dos nossos atendidos, como, por exemplo, o dr. Rafael Holanda.

Na gestão do prefeito Cássio Cunha Lima, foi doado à APAE um terreno no bairro do Catolé, juntamente com uma quantia de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) – dinheiro oriundo da venda da CELB (Companhia de Eletricidade da Borborema) – e com muita dificuldade e persistência da equipe a inauguração da sede definitiva da APAE se tornou uma realidade.

Atualmente atendemos a 480 famílias, mas já chegamos a atender mais de 700; temos uma abrangência de mais de 38 cidades circunvizinhas e destacamos que todos os atendidos recebem atendimento gratuito.

Somos conveniados com o SUS, temos um Telemarketing e oferecemos uma variedade de serviços não encontrados em clínicas particulares, destacando-se a Equoterapia e Pedia Suit.

Voltando à minha trajetória, para aprimorar e melhorar minha formação profissional, no meu retorno a Campina Grande, fiz Pós-graduação *lato sensu* em Políticas Públicas, na Universidade Estadual da Paraíba, e destaco a dificuldade em adquirir-se materiais para pesquisas nas mais diversas áreas do curso, principalmente voltadas às pessoas com deficiências. Participei de vários congressos e seminários realizados pela Federação das APAE, nos diversos Estados do Brasil, como também na elaboração, condução e avaliação dos cursos e seminários realizados na APAE-CG.

Durante esses 31 anos de atividades profissionais, principalmente na APAE, trabalhei incansavelmente como assistente social, principalmente com as famílias dos nossos atendidos, ajudando-as, desde o início, a aceitar e ajudar seus filhos que nasceram com as mais diversas síndromes, patologias, etc. Em todos esses anos, testemunhei inúmeros casos de crianças que chegaram sem andar, sem se alimentar, sem se socializar com outras crianças e, depois de algum tempo, elas estarem semi-independentes e perfeitamente incluídas.

Também é importante salientar que, através do acolhimento e direcionamento aos serviços e tratamentos para seus filhos, presenciei a mudança de incontáveis mães que, muitas vezes, chegavam desnorteadas e sem saber como proceder no tratamento de seus filhos e, após nossas orientações, passaram a aceitar, ajudar e amar ainda mais seus filhos.

Fui por dez anos supervisora de campo de estágio para alunos do Curso de Serviço Social da UEPB, onde pude contribuir com a formação profissional desses alunos, que se tornaram profissionais exemplares e hoje ocupam espaço em muitas instituições públicas e privadas nos mais diversos campos de trabalho, inclusive na própria APAE-CG.

Na minha vivência na APAE-CG, fui vice-presidente, juntamente com a dr^a Margarida e vice-diretora da instituição por 20 anos, onde aprendi bastante sobre a gestão administrativa e financeira da instituição. Destaco que um dos maiores e eternos problemas da instituição é a falta de recursos e, neste sentido, me engajo de corpo e alma a buscá-los para não deixar a instituição sem funcionar plenamente.

Como representante da APAE, participei de vários conselhos do município de Campina Grande, em destaque o conselho da pessoa com deficiência, onde fiquei por seis anos, e destaco minha atuação pelos direitos da categoria.

Saliento que eu, como muitas mães, sempre tive a carga dupla ou tripla das mulheres. Além das minhas atividades profissionais, sempre tive que lidar com uma filha com deficiência e que precisava, e ainda hoje precisa, de ajuda e apoio.

Costumo dizer que a APAE é um filho que gestei, pari e, ao longo dos anos, vi se tornar um adulto belo e responsável, mas continuo a ter por ele um carinho e zelo como se ainda fosse um bebê.

Uma história de dedicação à docência da Biologia e à gestão escolar



Maria Ligia Loureiro Santos

Nasci em 17 de julho de 1935, em Campina Grande-PB. Filha de Severino Lopes Loureiro e Alcide Cartaxo Loureiro, fui gêmea e tive 8 irmãos.

Tive uma infância feliz, com uma casa cheia de irmãos, além de parentes que vinham do sertão da Paraíba para estudar e sempre encontraram apoio na casa de meus pais. Ainda na infância já encontrava na leitura meu maior prazer.

Minha primeira escola foi em casa, no “Instituto Elisabeth Leseur”, fundado por meus pais. Estudei o curso ginásial no “Colégio Alfredo Dantas”, tendo concluído no ano de 1950.

Como adolescente era uma pessoa extrovertida de bons amigos, gostava de me divertir, como fazia a minha geração, com passeios na praça da Bandeira. Gostava das músicas de carnaval, das fantasias e dos blocos, mas habitualmente não frequentava, porque não era permitido por meus pais. O gosto pela leitura se manteve, gostava de ler tudo principalmente romances.

Fiz o curso Clássico tendo realizado o primeiro ano no “Colégio Alfredo Dantas”, o segundo no “Pio XI” e o último ano na “Escola Estadual de Campina Grande” (“O Gigantão da Prata” como era conhecido na época) no ano de 1953. Nesse mesmo ano fiz vestibular na Universidade Católica de Pernambuco, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Passei a residir no Recife-PB, no pensionato São José, administrado por freiras. Nessa época de faculdade fiz grandes amizades com moças que vieram de todo Norte e Nordeste para estudar.

Como lazer, gostava de sair com as amigas, passear em Boa Viagem e frequentava cinema acompanhando todos os filmes lançados. Concluí o Bacharelado na seção de História Natural em 18 de dezembro de 1956 e Licenciatura em História Natural em 02 de junho 1958.

Ao retornar a Campina Grande, assumi o cargo de professora de Ciências no “Colégio Alfredo Dantas” e no “Colégio Estadual da Prata”. Em 02 de junho de 1960, fui nomeada professora catedrática para a cadeira de Biologia Geral do quadro Permanente do Estado da Paraíba, com lotação na “Escola Normal de Campina Grande”, tendo sido uma das professoras fundadoras daquela instituição, de onde só me afastei com a aposentadoria em 15/07/1983.

Em 1964 fui convidada pelo diretor da Faculdade de Filosofia de Campina Grande para assumir a cadeira de Biologia Educacional, tendo meu nome sido aprovado pela Congregação de Professores em 15/04/1964.

Em 28 de dezembro de 1968, casei-me, aos 33 anos, com o professor Jacinto Neves Santos. Tive dois filhos, Felipe e Renata. Vivi um casamento de muito amor, cumplicidade e harmonia. Fiquei viúva em 2018, aos 83 anos

No ano de 1961, assumi o cargo de diretora do Colégio Alfredo Dantas, juntamente com meu pai. A partir de então fui assumindo gradativamente todas as funções da direção da escola, ficando meu pai como mentor e orientador até meados dos anos 70. Nessa época, passei a dividir a direção da escola com meu esposo, momento em que pedi afastamento da “Escola Estadual da Prata” e da Faculdade de Filosofia de Campina Grande para me dedicar à administração do “Colégio Alfredo Dantas”, cargo herdado dos meus pais, e nele permaneci até 1996. A minha atuação como administradora dessa instituição atravessou várias gerações de alunos, quando procurei, com equilíbrio e empatia, educar através do exemplo, buscando ser compreensiva e firme nas regras de moralidade e integridade.

Assistência e dedicação aos mais necessitados



Maria Lopes Barbosa

Filha dos agricultores Casimiro Lopes da Silva e Severina Lopes Barbosa, nasci no dia 13 de fevereiro de 1937, no sítio Guabiraba – no município de Lagoa Seca, Paraíba – bonita e saudável, segundo meus pais.

Ainda pequena, acompanhava meus pais no trabalho da agricultura. Mesmo com pouca idade, sentia-me atraída pelas crianças e sem que eu soubesse, exercia uma certa liderança entre elas.

Fui crescendo e, cada vez mais, adquirindo conhecimentos que deixavam meus pais alegres e orgulhosos! Nessa época, já sentia o desejo de ajudar doentes idosos de minha família, da vizinhança, incluindo viúvas. Procurei sempre transmitir respeito, carinho e paz interior. Aos sábados fazia faxina nas casas dessas pessoas, carregando, de lugares distantes, potes de água na cabeça para lavar as roupas de meus protegidos. Ia ao campo cortar lenha e vassourinha para varrer suas casas e terreiros.

Com esse espírito solidário, sem que disso me apercebesse, era admirada por todos que comigo conviviam, especialmente, por aqueles mais carentes, aos quais eu tanto me dedicava.

Já na idade escolar, fui para a “Escola Coração de Jesus”, próxima a Lagoa Seca, junto com outras crianças filhas de agricultores. Logo demonstrei aptidão para as letras. Minha dedicação aos estudos não me afastava das atividades e obrigações que

exercia com meus pais no roçado, na casa de farinha, nas tarefas de casa e nos cuidados com a vizinhança.

Foi nessa “Escola Coração de Jesus” que recebi os primeiros ensinamentos religiosos, fora de casa, com o Frei Manfredo, que me preparou para a Primeira Eucaristia, momento de alegria não só para mim, como para toda a família. Depois de minha Primeira Comunhão, vim morar em Campina Grande, com tia Arlinda Marques Barbosa, pessoa muito boa e que fazia de tudo para me agradar. Embora não morasse mais com meus pais, sempre que era possível ia visitá-los, bem como aos meus irmãos, ajudando-os no que precisavam. O sítio Guabiraba ficava próximo a Campina Grande.

Intimamente me sentia chamada para os trabalhos assistenciais junto aos mais necessitados. O destino, responsável pelas surpresas da vida, fez com que eu conhecesse um enfermeiro, conhecido como “enfermeiro do povo”, pessoa muito querida e solidária. O alagoano de Maceió aqui aportou trazido pelo dr. Pedro Reis, cunhado de dr. Francisco Brasileiro, que tinham grande apreço e respeito pelo profissional enfermeiro, Manoel Barbosa.

O tempo foi passando e quando me dei conta estava apaixonada e preparada para casar com esse enfermeiro. Casamos e dessa união tivemos 14 filhos; 2 deles não vingaram, como se dizia na zona rural. Apesar da família numerosa, conseguimos criá-los dentro da religião que sempre professamos e dos princípios e valores nos quais acreditávamos. Todos estudaram e só nos deram alegrias que perduram até hoje.

Ao mesmo tempo em que me tornava esposa e mãe, vi-me envolvida pelos trabalhos desenvolvidos com idosos pelas Irmãs da Caridade, na casa São Vicente de Paulo. A convite de Irmã Ângela Beleza, Irmã Zoé e da professora Maria do Socorro Carneiro, tornei-me Senhora da Caridade, sentindo-me vocacionada para continuar a assistência e dedicação que sempre foi minha característica em relação às pessoas idosas. Tornei-me incansável nessa missão, sob as bênçãos de Cristo, de São Vicente de Paulo e de Nossa Senhora das Graças.

Sem me afastar das obrigações assumidas, candidatei-me a uma vaga na Câmara Municipal de Campina Grande – Casa de Félix Araújo. Eleita, consegui me reeleger para mais seis mandatos, durante as gestões dos prefeitos Evaldo Cruz, Ronaldo Cunha Lima e Cássio Cunha Lima. Pelo desempenho de minhas atividades, fui Primeira Secretária da Casa e, posteriormente, Presidente. Por duas vezes fui escolhida pela imprensa local como Vereadora do Ano. A Associação Comercial de Campina Grande, na gestão do presidente José Arlindo, honrou-me com uma medalha; o Clube de Diretores Lojistas – CDL, na gestão do presidente Carlos Noujaim, concedeu-me uma Medalha de Honra ao Mérito; a Companhia de Infantaria de Campina Grande também me presenteou com uma significativa homenagem.

Dos muitos projetos que apresentei nos mandatos que exerci, cito alguns: a criação da Delegacia da Mulher, de um Hino para Campina Grande; a doação do terreno onde foi construída a Igreja de São Judas Tadeu, no bairro das Nações; a desapropriação das terras do industrial Luís Motta, na gestão do prefeito Evaldo Cruz, que se tornaram o bairro do Catolé, hoje um dos melhores bairros de nossa cidade; a desapropriação de terreno para funcionar a Rede Feminina de Combate ao Câncer Carolina Zilli, na gestão do prefeito Cássio Cunha Lima. De minha autoria, também, foram o requerimento que

tornou os Clubes de Mães, existentes em Campina, de utilidade pública; e o projeto para construção da Escola Doméstica de Campina, que, à época, sob a direção da professora Maria Lima, funcionava em prédio alugado. O então prefeito Ronaldo Cunha Lima considerou o pedido como de relevância para a cidade e construiu, no Parque do Povo, o Centro Profissionalizante da Jovem que até hoje oferece cursos profissionalizantes e de arte doméstica. Grande é o número de mulheres e jovens beneficiadas nesse centro de profissionalização. A pedido de Dona Nenzinha Cunha Lima, apresentei pedido ao prefeito da época para a construção de uma capela em honra de Nossa Senhora Rosa Mística, no bairro Rosa Mística, conhecido, anteriormente, como Buraco da Jia. O prefeito não só construiu a capela, como também refez as casinhas dos moradores carentes que ali residiam.

Não posso deixar de registrar que, preocupada com as crianças e jovens do bairro de Bodocongó, solicitei ao amigo e industrial Ademar Veloso da Silveira a doação de um terreno naquele mesmo bairro, cuja finalidade seria a construção de uma escola bem equipada para atender àqueles que ali residiam. Minha solicitação foi atendida e a escola construída.

Anos depois, com a morte de um dos padres redentoristas, muito querido da comunidade, a escola recebeu o seu nome: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonino. Em setembro do ano de 2024, a escola completa 36 anos. Hoje é considerada escola modelo pelo compromisso e competência dos profissionais que ali atuam. Recentemente se destacou na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica-IDEB pelo desempenho comprovado nos últimos dez anos por esse órgão, sendo reconhecida pelo MEC como escola destaque na Região Nordeste.

Foi também de minha autoria a solicitação para recuperação da Capela de Nossa Senhora do Carmo, situada no Cemitério do bairro do Monte Santo, como também de um anexo onde funciona uma Central de Velório.

Para não me tornar cansativa, encerro esta narrativa, lembrando que muitos outros trabalhos foram por mim reivindicados. Dentro de minhas possibilidades, acredito ter correspondido àqueles que em mim depositaram credibilidade e confiança.

A sertaneja jornalista e gerente de negócios de grandes marcas de cosméticos



*Maria Madalena Gomes Barros
(Madá G Barros)*

Os fins de tarde eram sempre tristes. Depois das aulas no “Colégio das Freiras” que ficava na mesma rua em que eu morava, sentava-me na varanda da casa da minha mãe e esperava o pôr do sol, que também parecia me aguardar. À medida que o sol deixava colorindo o céu de um tom rubro alaranjado, meus ânimos também declinavam e as lágrimas afloravam livremente. Não chorava a morte do dia. Chorava o avanço do tempo nos meus dias e pensava: mais um dia se foi e eu ainda estou aqui. Até quando?

Esta cena se repetia diariamente, e um dia minha mãe, que tinha uma loja de calçados numa rua próxima, me flagrou. Coisa mais estranha, porque ela só chegava em casa depois que fechava a loja, que rezava na igreja Santa Maria Madalena, enquanto o sacristão Sebastião tocava Decolores, seguido da Ave Maria e do terço.

Ao ver minha mãe, fiquei envergonhada, ela foi logo dizendo que todo mundo que passava na rua contava que “Madazinha estava chorando sentada na varanda”. contei que chorava porque queria mais, e se ficasse ali não chegaria a lugar algum. Por isso queria ir para uma cidade grande. Ela riu e disse: “você tão pequenininha, quer ir para uma cidade grande?” Ri no meio das lágrimas e disse: “não vou morrer anônima”. Na

época, eu tinha 13 anos. Dois anos e meio depois, num dia de sol, ela me perguntou: ainda quer ir para uma cidade grande?

A gente sonha, alimenta, acalenta e um dia, na hora certa resplandece. Os sonhos precisam ser alimentados, mesmo que sejam serenados tão somente no seu coração, porque um dia eles brotam e florescem.

Sou Maria Madalena Gomes Barros, hoje mais conhecida por Madá da Natura, formada em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela então FURNE – Fundação Universidade Estadual do Nordeste, Pós-Graduada em Comunicação Educacional. Nasci na cidade de Teixeira, alto Sertão paraibano, cidade fria e charmosa no alto da serra, perto do Pico do Jabre. Venho de uma família grande, com 10 filhos e sou a 3ª mais nova. Tive a melhor, mais forte, mais corajosa e mais inspiradora mãe que alguém poderia ter, Dona Helena. Adotei Campina Grande como lar, no final da década de 1970. Era início de noite quando o ônibus fez a curva da praça do amor, e mesmo depois de trepidar por 7h ininterruptas, numa poeirenta estrada de barro, me senti revigorada “experienciando” o amor à primeira vista, pois fui contemplada com o mais extraordinário espetáculo de luzes; nunca tinha visto tantas, era uma imensidão iluminada; ato contínuo pensei: o céu desceu em Campina Grande e trouxe consigo todas as estrelas. Naquela hora soube que nunca mais voltaria à casa dos meus pais.

Aqui encontrei apoio na casa da minha irmã Elinete e seu marido Hamilton, que haviam retornado do Rio de Janeiro, onde ele atuava na Marinha Mercante do Brasil. Na casa da minha irmã, com apenas 16 anos, aprendi a ter mais responsabilidades, a desenvolver instinto materno com seus três filhos, que foram nascendo e se tornaram meus filhos do coração.

Terminei minha graduação em 3 anos e meio, antecipando cadeiras, porque tinha pressa. Sabendo que precisava de experiência para ingressar no mercado, trabalhei voluntariamente no Diário da Borborema por 1 ano, até chamar a atenção dos editores do Jornal da Paraíba, onde comecei como redatora, depois fui editora do 2º caderno, e assinava uma coluna diária, alternando com a saudosa Águeda Cabral.

Depois de uma entrevista com o Senhor Hilton Mota, fui contratada para a Rádio Campina Grande FM, onde passei pouco mais de um ano, criando programas que existem até hoje, como Campeões do Ouvinte, entre outros. A amizade transcendeu, pois ele tornou-se nosso padrinho de casamento.

Esse foi um tempo bem sobrecarregado, quando me dividia em 3 trabalhos: Jornal da Paraíba, Rádio FM e Redação do Jornal Corporativo da empresa São Braz. Trabalhava de domingo a domingo e o resultado não podia ser outro: estafa, que hoje seria diagnosticada como síndrome de burnout. Pedi demissão dos 3 empregos para um mini período sabático. Mas sabe aquela história: “enquanto descanso quebro pedra?”

Minha irmã era Gerente da Avon - na época eram empresas concorrentes – estava na 3ª gestação e queria uma pessoa de confiança para cuidar de seu setor. Aceitei e me entreguei por inteiro, como em tudo que faço. Depois fui interina em outros setores da cidade, ficando cada vez mais conhecida. Me apaixonei pela dinâmica do mundo da

força de vendas, mas não podíamos ficar na mesma Gerência, conforme o Código de Conduta Ética.

Nesse interim, conheci o homem que mudaria o rumo da minha vida. Álvaro Barros apareceu num momento de incertezas e foi um porto seguro que me acolheu, orientou, me deu a segurança, amor e uma família. Tivemos dois filhos, Álvaro Neto e Arthur, que me tornaram melhor em todos os âmbitos, mas principalmente na qualidade humana. Aprendi a ser melhor nas minhas escolhas, fortalezas e nas fragilidades. Aprendi o sentido absoluto da completude.

Quando meus filhos estavam com 2 e 4 anos, a Natura apareceu na minha vida pela via mais inesperada. Depois de enfrentar uma maratona de 3 dias com testes, entrevistas, provas e tudo que envolve uma contratação para um cargo de relevância, na época a nomenclatura era Promotora de Vendas, consegui a vaga entre 163 candidatas para abrir setor começando do zero. Primeiro dia de trabalho só tinha eu e... eu.

Naquele momento, também passava por uma situação de dor, com minha mãe em estado terminal de câncer, na via Crúcis entre casa e hospital. Tinha acabado de chegar de São Paulo, depois de 15 dias em treinamentos, e ao desembarcar querendo ir ao hospital soube que minha mãe já havia sido sepultada. Chorei 3 dias na cama hospitalar que ainda estava na minha casa.

No 4º dia, levantei, transformei a dor em força motriz de trabalho e fui à luta.

Fui pioneira com um setor que na época recebeu o nome de Borborema em homenagem a nossa Serra, e se estendia até as divisas de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Esta foi a terra fértil que eu precisava, pois no primeiro ano de atuação já fui reconhecida por crescimento acelerado, figurando entre as melhores do Brasil.

A ideia inicial era passar 3 anos para empreender em outro ramo. No dia 14 de junho 2024 completei 31 anos, e ainda estou feliz com borboletas se renovando e voando dentro de mim, principalmente quando lembro o quanto tenho contribuído para a transformação de muitas vidas, através da venda direta, desenvolvendo pessoas.

Atualmente trabalho praticamente tão somente em Campina Grande, onde mais de 3 mil Consultores movimentam a economia da cidade com ganhos obtidos nas vendas dos nossos produtos, contribuindo para o sustento de muitas famílias e melhoria na qualidade de vida.

Trazer pessoas para a Consultoria de Negócios Natura e Avon, com produtos de alta qualidade, uso diário, cuidados e empoderamento, é mais que um negócio, é missão. Uma mulher quando compra um batom, compra também beleza, empoderamento e autoestima. E quem vende, também usa.

Ser testemunha de transformação na vida de tanta gente que só precisava de uma oportunidade para ter esperança, propósito e dignidade para suprir sua família, é tão grandioso que nunca vou segurar o batuque do coração quando me compartilham suas conquistas locupletando suas casas e suas necessidades. Encontrar mulheres despojadas de si mesmas, com falta de opção, de esperança, de oportunidade, levadas pelo desalento de uma vida restritiva para as coisas mais básicas, foi um desafio bom de enfrentar. É compensador vê-las se transformando, se encontrando, se ressignificando, se descobrindo, se transplantando para um lugar melhor. Um casulo quebrado revela a beleza das asas. É isso que vemos todos os dias.

É magnânimo empoderar pessoas, vê-las mais seguras, se cuidando, contribuindo com as despesas da casa, suprimindo necessidades que antes nem eram sonhadas por parecerem distantes e incapazes. Isso não tem preço. Tem Valor.

Olhando no túnel do tempo, vejo quão valioso foi empoderar tantas mulheres, ensinando-as a cuidarem de si mesmas, mostrando o quão sadio é o Bem-estar Bem – cuidar de si para poder cuidar do outro. Ninguém se dá por inteiro se estiver incompleto.

Como foi benéfico encaminhá-las pelas veredas do hedonismo psicológico para que se sentissem merecedoras de uma vida em abundância oferecendo o melhor para suas famílias.

Na Natura e agora também Avon, valorizamos o protagonismo, aprendemos a respeitar o meio-ambiente, a diversidade, temos a educação como prioridade através de uma linha chamada “Crer Para Ver”. A saúde física e mental está no radar da empresa.

Valorizamos nossa rede com capacitação de qualidade, criando possibilidades para que sejam o que quiserem ser. Nenhum sonho é maior que a capacidade de sonhar. Também não fazemos acepção de pessoa: todos são bem-vindos e têm chances iguais. Asseguramos a equidade de gênero em lideranças, eliminando disparidade salarial relacionada a gênero, diversidade racial com representatividade de 30% de negros e indígenas em todos os níveis da empresa, inclusão LGBTQIA+ com políticas e práticas que garantam um ambiente seguro com representatividade em lideranças, inclusão de PCD, ampliando o envolvimento de pessoa com deficiência, garantindo acessibilidade e igualdade de oportunidades para todos os colaboradores. Há uma frase que diz: “gatinhos que nascem em forno não são biscoitos”. E assim, de coração me tornei campinense, terra que acolhi e fui amorosamente acolhida, onde fiz os melhores amigos, onde encontrei Álvaro, o amor da minha vida e onde recebi os maiores presentes que Deus e a vida poderiam me dar, meus filhos Álvaro de Barros Correia Neto e Arthur Gomes Barros.

Obviamente, jamais renegarei minhas raízes, mas vivi a maior parte e os melhores anos da minha vida nesta cidade que, como disse, me acolheu amorosamente me dando inclusive, o Título de Cidadã Campinense em 25 de agosto, propositura do Vereador Pimentel Filho. Sou mãe, esposa, jornalista e Gerente de Negócios Natura e Avon. Sou Campinense de alma e coração e vim para ficar porque aqui é verdadeiramente o meu lugar.

Uma vida entre a família, a arte e o artesanato



*Maria Queiroz Ferreira de Mello –
Lourdes Araújo*

Sou Maria Queiroz Ferreira de Mello - Lourdes Araújo. Fui batizada apenas com o nome de Maria. Naquela época (início do século XX), o batistério, documento religioso católico, era mais importante do que o registro civil. Desde cedo me cognominaram Lourdes.

Sou filha de Antônio Emydio Ferreira de Mello e de Amélia de Queiroz Mello, nasci no ano de 1922, mês de agosto. Em fevereiro havia acontecido a Semana de Arte Moderna, uma verdadeira revolução nas artes brasileiras. Acredito que a euforia vanguardista da Semana, embora distante, influenciou a arte em mim. Meu pai era viúvo, quando casou com minha mãe - Amélia. Trazia consigo sete órfãos, entre eles a mais velha, apenas um ano mais nova que sua segunda esposa. Da primeira família teve 14 filhos. Convivi com os sete que sobreviveram às chamadas doenças infantis da época. Do segundo matrimônio nasceram 15 filhos. Assim como ocorreu com a primeira família, apenas sete resistiram: Noemi, Alice, eu, Judith, Ivete, Amélia, que chamávamos Amelita e Marluce.

Tive uma infância normal entre o sítio Espinheiro, pertencente a meu pai, localizado entre os municípios paraibanos de Soledade e Juazeirinho, e as cidades onde

moramos em razão de sua profissão – coletor de impostos –, até nos estabelecermos em Campina Grande (PB), à rua Miguel Couto. Das sete irmãs, vi partirem para a linha do horizonte, cinco delas. Hoje somos apenas eu e Ivete, que é freira, atualmente acometida do mal de Alzheimer, não mais respondendo por si mesma.

Quando menina sentia uma inclinação muito forte para desenhar modelos de vestidos de boneca e confeccioná-los. Por causa desse “dom”, era procurada pelas amigas que me encomendavam roupinhas para suas “filhas”, o que muito me agradava. Como se vê, a arte fazia parte de mim e essa aptidão, futuramente, seria desenvolvida de diversas formas.

Fiz o curso primário (atualmente, Ensino Fundamental I) no Colégio Imaculada Conceição (Damas). Fato inusitado ocorreu, quando nesse Colégio, fui me matricular: a diretora, Madame (madre) Emília fez um teste comigo para saber se eu estava preparada para seguir o terceiro ano (já que tinha terminado o segundo); pediu-me que conjugasse o verbo “ser” no presente do indicativo; prontamente respondi: eu sou, tu sois, ele sois; de imediato, ela me pede para parar e deu o resultado do teste: cursar novamente o segundo ano. Contestei que já havia sido aprovada para o terceiro, mas meus argumentos não foram aceitos.

Após o primário, cursei o ginásio (atual Ensino Fundamental II) e com sua conclusão, encerrei meus estudos. Minhas irmãs Noemi e Alice frequentavam o Curso Normal. Seis meses depois Madame Emília foi a nossa casa informar o meu pai sobre um novo curso, de dois anos, a ser implantado no colégio. Iniciava-se, assim, o Curso Pedagógico e eu seria uma das primeiras alunas. Concluído os dois anos, formada, comecei a trabalhar na educação infantil como auxiliar de sala, trabalhando com Madame Dolores.

A família numerosa exigia que as filhas mais velhas ajudassem financeiramente. Soubemos que o dr. Bezerra de Carvalho estava procurando uma jovem para ser secretária em seu consultório. Candidatei-me à vaga e fui fazer o teste. Lembro-me que ele solicitou algo escrito e ao ver minha caligrafia deu-me o emprego, ressaltando que a minha boa letra era a responsável pelo cargo que me oferecia. Foi nesse emprego que conheci o dr. Franklin Araújo Filho, recém-formado em Medicina, que voltava à Paraíba, sua terra natal.

E tudo mudou! Namoramos, noivamos e casamos. Passei a ser Lourdes Araújo. Franklin vinha também de uma família grande, eram muitos irmãos. Começamos a nossa! Atravessamos o tempo, muito tempo, décadas, até que ele partiu. Tínhamos uma convivência tranquila, uma vida estável. Se percalços apareciam, superávamos. Fernanda foi a nossa primeira filha. Depois vieram Maurício, Franklin Araújo Neto, em homenagem ao avô, Luciana, Marcílio, Tarcísio e Germana.

No início de nossa vida de casados, moramos na rua Desembargador Trindade, bem próximo da casa de minha mãe. Campina já era uma cidade progressista. Franklin trabalhava no hospital Alcides Carneiro, então IPASE, hospital de referência no norte e nordeste do Brasil. Atendia também em seu consultório localizado na Simeão Leal, esquina com Maciel Pinheiro. Participou da instalação do primeiro Centro de Tisiologia de Campina, como médico fundador. Essa instituição foi idealizada e construída pelo então prefeito e médico, dr. Elpídio de Almeida, na época em que a tuberculose grassava na cidade.

Após nosso casamento, passei a ser uma mulher do lar. Cuidar do marido e dos filhos foi a minha maior e melhor missão. Entretanto, a arte não saía de mim. Sempre gostei de pintar, atividade que a educação da minha época de estudante nos ajudava a desenvolver e aperfeiçoar. Tracei esboços, desenhei paisagens, pintei o que minha alma e a técnica me permitiam. Gostava e ainda gosto de escolher peças de decoração, embelezar ambientes, torná-los agradáveis aos olhos de quem os observa. Abri, na minha residência, uma loja de decoração. Conquistei compradores e orientei aqueles que solicitavam minha opinião. Durante um bom tempo permaneci com esta loja, depois fechei suas portas e continuei por outros caminhos. Sou artesã, gosto de criar, de fazer arte, de exprimir meus sentimentos, meu olhar sobre o mundo naquilo que faço. Produzi trabalhos bem interessantes, bem como estilizei peças de outros artesãos.

Da rua Desembargador Trindade saímos para um novo bairro que surgia em Campina Grande – o bairro da Prata. Ali estava localizado um grande Colégio Estadual e o setor crescia a olhos vistos. Muitos foram os médicos que, no novo bairro, estabeleceram suas famílias. Construímos a casa que até os dias atuais é nossa. Lembro-me de que, para o bairro da Prata vieram: dr. Djalma Barbosa, dr. Arruda, dr. Bezerra de Carvalho, um dos primeiros, dr. Francisco Wanderley e tantos outros. Nesse bairro nossos filhos cresceram, se formaram e também se casaram. Hoje somos muitos. Dos sete filhos tenho 21 netos e 18 bisnetos. Como veem sou avó e bisavó. Amo a todos com a mesma intensidade.

Apesar da idade, quase 102 anos, estou lúcida e acompanho os avanços da sociedade. Aceito e me adapto às mudanças. Acredito que cada um tem o direito de fazer suas escolhas. Envelheci fisicamente, todavia a cabeça consegue acompanhar as evoluções do tempo. Assim eu sou! Tenho recebido muitas homenagens nos últimos anos. Acham-me um Mecenaz. Não me considero como tal, apenas tenho uma alma sensível. A minha vida é bastante ativa: participo de sessões de cinema de arte na Casa Memorial Severino Cabral, sempre que posso. Prestigio os artistas da terra, compareço aos diferentes eventos culturais da cidade, frequento o teatro e outros locais onde haja espetáculo. Já participei, recentemente, como protagonista, de um vídeo comercial natalino. Atuei. Uma experiência ímpar! Hoje, tudo de que preciso nesses encontros é de uma cadeira para sentar, pois a idade exige.

Em 2017, no mês de maio, na Casa Memorial Severino Cabral, fui homenageada em um evento intitulado: Mulher, Mãe, Arte e Amor. No convite estava escrito “Mulher Homenageada: Lourdes Araújo”. Uma foto minha ladeava um texto que dizia: “Mãe, avó, bisavó, esposa e companheira do médico Franklin Araújo, durante muitos anos. Artista plástica e artesã. Mulher símbolo, leal, solidária nos encontros e desencontros da vida. Sabe extrair beleza e musicalidade no dia a dia de seu sagrado existencial. Menina de 94 anos no calendário do tempo”.

Agradeço à amiga, ativista cultural e defensora das artes em geral, Eneida Agra Maracajá, esta homenagem.

Quando completei 97 anos, recebi de meu neto Daniel, um presente singular: um poema que transcrevo a seguir:

Uma vida bem vivida merece ser celebrada!
Viu do mato a Campina nascer
Viu passado, presente e futuro
Viu o rádio e a televisão
Tudo isso na palma da mão
Viu telefone e depois o celular
Mas o último ela não pode ter não
Sorriso sempre no rosto
Sem nunca mostrar hesitação
Viu terra, pedra e asfalto
Privilégio de poucos e bons
Viu pipa, rolimã e pião
Presente sem explicação
Viu tablet, ipad e computador
Viu o mundo todo mudar
E viu que criança é um só coração
Exceto sua determinação
Viu 7 filhos nascer
E aos 97 anos ela vê
Geração após geração
Seu legado em comemoração
Também viu chegados padecer todos juntos para celebrar
Entre eles vários irmãos...
Sua vida, festa, comunhão
Viu mais de 60 anos de amor
E que Deus permita que veja
Companheirismo e dedicação
É o que peço em oração
Viu seu amado dormindo descansar
Pois sua alegria contagia viver
Entendeu com abnegação
E acalenta nosso coração
Lourdes viu, vê e verá
Viu 21 netos e bisnetos a contar
Na certeza de nada em vão
Viu já 10 e 3 em produção
Obrigado por mais um ano virar
Lourdes sincera gostam de lhe chamar
Da sua família, toda admiração.
Autenticidade é virtude e vocação
Viu uma bela família formar
E povoar todo esse mundão
Campina, Brasília e Ceará
João Pessoa e até no Canadá
Ficou pequeno esse Brasilzão.

Cheguei enfim aos 100 anos – um século! Posso dizer que durante esse tempo atravessei guerras, revoluções, secas, tragédias e progressos inimagináveis. Uma data tão especial exigia uma comemoração. Meus filhos organizaram uma bela festa para mim. Amigos e familiares animaram o ambiente ao som de música ao vivo. Regina Sampaio e Tam abrilhantaram o salão que rapidamente ficou lotado de casais. Um farto buffet foi oferecido aos convidados. Como uma adolescente, à meia-noite, dancei uma valsa com cada filho, individualmente. Depois fiz uma roda com as três filhas e valsamos pelo salão. Um jantar encerrou a noite e pouco a pouco os convidados se retiraram. Minha festa de quinze anos foi realizada, tardiamente, aos 100 anos. Houve o tradicional momento do corte do bolo, registrado pelas máquinas fotográficas e celulares. Um telão apresentava aos convidados essa trajetória de 100 anos. A vida passava diante de meus olhos. Os momentos registrados foram revividos. Um século de emoções junto aos filhos e netos, amigos e familiares foi o grande presente dessa noite.

Um ano depois, chegava eu aos 101 anos. Desta feita, oferecemos um jantar apenas para familiares e pouquíssimos amigos. A sintonia entre os presentes foi o ponto alto da comemoração. Próxima dos 102 anos, já me pergunto o que faremos para celebrar esta longevidade.

Esta sou eu. Vivo o tempo presente, embora não esqueça o meu passado. Ontem Maria Ferreira de Mello, depois e até os dias atuais - Lourdes Araújo.

Da docência do Direito à militância das causas ambientais



Marina Motta Benevides Gadelha

Nasci em Campina Grande, Paraíba, no dia 30 de julho de 1978. Filha de um jovem médico sousense e de uma mais jovem ainda universitária belorizontina, que, recém-casados, entenderam ser a cidade um bom equilíbrio entre a Paraíba e Minas Gerais, com direito a forró e Galo x Raposa.

Minha mãe não gosta muito de contar essa história, porque diz que soa mentirosa, mas comecei a falar aos 5 meses de idade, com menos de 12 meses já formava frases completas, motivo porque entrei na escola muito cedo, aos 18 meses. Aos três anos, decorava provérbios num álbum de figurinhas da Turma da Mônica.

No Centro de Desenvolvimento Infantil (CDI), orientada por “tia” Lurdinha, “tia” Benícia e “tia” Lúcia, tive rápido e grande progresso escolar, e já demonstrava interesse pelas letras. Essa aptidão fez minha mãe decidir pela alfabetização quase que simultânea também em inglês, no Yázigi de Maria Luiza Rabello. Educadora nata, Maria Luiza estimulava não apenas o idioma estrangeiro, mas, ainda, o vernáculo, na singela — mas rica — livreria infantil que mantinha na escola de idiomas. Porém, mais que comercializar as obras, ela as recomendava e debatia, o que instigava ainda mais a jovem leitora.

Aos 6 anos, já alfabetizada, fui transferida para o “Colégio das Lourdinhas”, o que não foi uma mudança fácil. Deixar o pequeno educandário infantil e entrar numa escola

grande e cheia de gente foi assustador num primeiro momento; mas com a ajuda da Irmã Maria José e dos diversos professores — Zuleide, Nivaldo, Marinaldo, Graça, Lourdes, Domelice... — o medo inicial se converteu num amor que perdura até hoje — e que se renova a cada dois anos, quando lá adentro para votar.

Assim, mesmo antes de encerrar o hoje denominado ensino fundamental, eu já sabia que teria de ter como profissão algo que me fizesse ler, escrever e falar. Inicialmente, a opção seria o jornalismo, mas no ensino médio, agora no “Colégio das Damas”, com o suporte da Irmã Natividade e das professoras Edneusa, Marilda e Eliene, decidi-me pelo Direito, ou melhor, pela advocacia.

Segundo minha mãe, eu não sabia, mas já nascera advogada: o hábito de defender os amigos, irmãos e até quem não conhecia sempre esteve comigo. Era comum eu saber que alguém estava envolvido numa contenda e ir até lá; muito menos por curiosidade, mas para ajudar quem estava no polo mais frágil da disputa.

Em 1996, ingressei no curso de Bacharelado em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa-PB. Os desafios de morar sozinha aos 17 anos, emancipada de fato e de direito - naquela época, sob o império do Código Civil de 1916, a maioria civil só chegava aos 21 -, foram, pouco a pouco, se transformando numa jornada de descobertas e de alumbramento.

Durante o terceiro ano de Faculdade, precisamente em 20 de novembro de 1998, recebi a notícia que dividiu minha vida em duas: estava com Linfoma de Hodgkin, um tipo de câncer que se origina no sistema linfático, quando uma célula de defesa do corpo (linfócito) se torna maligna e começa a se multiplicar de forma desordenada.

Desse dia em diante, a vida acadêmica irretocável foi completamente alterada, e teve início um duro, mas extremamente bem-sucedido tratamento médico. Em São Paulo, fui tratada pelo dr. Ricardo Marques por 8 meses, período em que me submeti a sessões de quimioterapia e, na sequência, de radioterapia, com vários dos efeitos colaterais que um tratamento desse tipo traz consigo: queda de cabelo, enjoos, fadiga, perda de peso... Tudo acompanhado de muito perto por minha mãe, por meu pai e pela tia Márcia (“Vaze”).

Durante o tratamento, meu médico, certamente com o propósito de alimentar uma perspectiva de futuro, me perguntava o que eu faria quando me formasse. Eu dizia “Vou estudar em Coimbra, onde estudaram os Inconfidentes!”. E numa dessas conversas ele indagou:

- Já ouviu falar em Direito Ambiental?
- Já, doutor, mas isso é lá para o fim do curso, ainda estou na metade.
- Você lê em inglês?
- Leio, sim.
- Eu tenho uma amiga que fez mestrado em Direito Ambiental na Inglaterra, vou pedir a ela alguns materiais para você ler e ver se gosta...

O curso de Direito não foi suspenso em decorrência do tratamento médico, mas conduzido em “regime especial”; contudo, em razão das conhecidas greves nas universidades federais, a graduação em Direito chegou em fevereiro de 2001. E, aí, a

sementinha plantada pelo médico já havia germinado: seria uma advogada especializada em Direito Ambiental.

Como na Paraíba não havia nenhum curso dessa especialidade — e nesse tempo a internet era muito incipiente, não custa lembrar —, mudei-me para Belo Horizonte, onde meu irmão fazia a graduação em Economia, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Na capital mineira, fiz 2 cursos de especialização, e trabalhei como advogada júnior em um escritório de advocacia. Retornando à Paraíba, comecei a advogar, quase que por acaso, em sociedade com Danielle, uma quase desconhecida que, num golpe de sorte, transformou-se em parceira de trabalho e grande amiga.

Em 2005, fui convidada para exercer um cargo na Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, e, subordinada a Arlindo Almeida, lancei-me no desafio de ajudar a organizar “O Maior São João do Mundo”, uma das maiores escolas que já cursei.

O pedido de exoneração a Arlindo Almeida não pode ser esquecido:

- Arlindo, eu vim dizer que vou deixar o cargo.

- O que houve?! Aconteceu alguma coisa?!

- É que eu comecei a juntar dinheiro para trocar meu carro... aí, juntei um pouco, um pouco mais... E quando eu consegui dinheiro para comprar um bom carro à vista, eu descobri que o meu carro roda. Então, resolvi pegar esse dinheiro e ir fazer um mestrado em Portugal.

- Marina, eu tenho 63 anos. Sabe quantos carros eu tive até hoje?

- Não faço a menor ideia.

- Nem eu. Nenhum deles está no meu currículo.

Com esse impulso final, o sonho de estudar e morar em Coimbra começou a se realizar no fim de 2006.

Em 2008, já de volta ao Brasil, assumi a superintendência do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) — hoje, Agência Nacional de Mineração (ANM) — na Paraíba, tornando-me, até a atualidade, a única mulher a exercer tal cargo. No DNPM, adquiri duas outras relevantes habilidades: gerenciar grandes equipes e atuar no Direito Minerário.

O convite para integrar uma das chapas para a OAB da Paraíba, como conselheira seccional suplente, chegou em 2009. Aí foi descoberto outro importante propósito: a política institucional classista.

Concluído o mestrado em 2010, em 2014 veio a mudança para o Recife-PB, em razão de minha união com o também campinense Vladimir Almeida, servidor do judiciário pernambucano. Em 2015, fui eleita conselheira federal suplente da OAB pela Paraíba. Em 2016, fui admitida na seleção para o doutorado em Direito, na Universidade Católica de Pernambuco. Nesse mesmo ano, fui empossada como conselheira federal e nomeada presidente da Comissão Nacional de Direito Ambiental da OAB Nacional, sendo a primeira advogada paraibana a presidir uma comissão nacional da OAB.

Já em 2016, comecei a atuar em Mariana, em razão do desastre com a barragem de rejeitos da Mineradora Samarco, ocorrida no ano anterior. Em janeiro de 2019, já reeleita conselheira federal suplente da OAB, deu-se o desastre de Brumadinho, do

qual fui comunicada pelos companheiros ambientalistas de Mariana. No mesmo dia do desastre, dirigi-me a Belo Horizonte, e já no dia seguinte, a Brumadinho, permanecendo no lugar por vários dias, trabalhando no suporte à advocacia e à sociedade brumadinhenses.

Por minha atuação, fui reconduzida à Presidência da Comissão Nacional de Direito Ambiental da OAB Nacional, mas meu apego ao meio ambiente desagradou setores do agronegócio, que exigiram meu “pedido” de desligamento da comissão

Era o início de 2020, chegava a pandemia da Covid-19, e com ela, uma nova motivação: a luta pela paridade de gênero nos quadros da OAB. Ao lado de Daniela Borges, Valentina Jungmann e Cléa Carpi, “percorri” virtualmente quase todas seccionais da OAB, motivando e engajando sobretudo as advogadas — mas também alguns advogados — na missão de, diante de uma advocacia majoritariamente feminina, assegurar às advogadas igualdade nos espaços decisórios da OAB. Essa conquista garantiu-nos o segundo lugar no “Prêmio Innovare” em 2022

Também em 2020, concluí o doutorado em Direito, com uma tese dedicada à memória dos garimpeiros mortos nas minas de Caulim do Seridó.

Em 2021, ante o fim de meu relacionamento, voltei a residir na Paraíba, onde me dedico à advocacia ambiental, à militância ambiental e feminista, e às aulas em pós-graduação. Nesse mesmo ano, fui eleita conselheira federal titular da OAB, passando a ser a primeira advogada paraibana a exercer o posto.

Em 2024, fui eleita uma das advogadas ambientalistas mais admiradas do Brasil, assim como o meu escritório, em sociedade com a cunhada e amiga Rafaela. Também em 2024, formalizei meu relacionamento com o engenheiro e construtor catoleense Guy Porto.

Não tenho filhos. Entendo que a maternidade é uma opção, assim como devem ser todas as decisões das mulheres; e que isso só é possível — como me ensinou minha mãe — por meio da independência. Independência moral, intelectual, financeira e psicológica.

Minha trajetória como professora de Geografia



Marisa Braga de Sá

Eu vim lá do sertão da Paraíba, mais precisamente da cidade de Sousa, em 1953. O objetivo era estudar, e tinha como residência a casa da minha irmã Tereza de Sá Braga, casada com o comerciante Moisés Lira Braga.

Éramos uma família de seis irmãos, quatro mulheres e dois homens, filhos do casal Tiburtino Gomes de Sá e Otilia Braga de Sá. Hoje, somos apenas três irmãs, Teresa Braga de Sá, Socorro de Sá Coelho e Maria Braga de Sá. Assim, dos seis irmãos, três já se foram para a casa do Pai: José Braga de Sá, Custódia Braga de Sá e Francisco Antônio Correia de Sá.

Chegando em Campina Grande-PB, fui estudar no “Colégio Pio XI”, logo depois continuei os estudos no “Colégio Estadual da Prata”, onde fiz o ginásio e científico (1954-1961). Passei dois anos sem estudar, não sei por quê. Logo depois fui a João Pessoa-PB passar as férias e lá fiz o vestibular para a Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal da Paraíba, tendo concluído em 1969.

Voltando para Campina Grande, assumi a disciplina Geografia para lecionar no “Colégio Estadual de Bodocongó”, meu primeiro trabalho na cidade. Em 1971 fui convidada pela professora Yara Macedo Lyra, para integrar o corpo docente do cursinho EPUC, lecionando a disciplina Geografia. O referido “Cursinho” tinha como objetivo preparar ou capacitar o alunado para enfrentar o vestibular nas três grandes áreas:

Ciências Exatas, Ciências Humanas e Ciências da Saúde, e para alcançar os objetivos propostos, a professora Yara traçava metas, linhas de estudo e disciplinas, de modo que esse empreendimento passou a destacar-se no meio educacional da cidade.

Ainda em 1971, fui convidada pela professora Elaine Pinto Cavalcanti para integrar o corpo docente do curso de Geografia URNE (Universidade Regional do Nordeste), atual UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), tendo sido aprovada pelo conselho departamental daquela instituição em 26/06/1971.

Nessa época, nos cursos de Estudos Sociais da URNE com habilitação para História e Geografia destacavam-se, entre outros, os professores Elaine Pinto Cavalcanti, Leticia Camboim de Andrade, José Lopes de Andrade, Josefa Gomes de Almeida e Silva e Valdomiro Cavalcanti. Ao lado desses professores que constituíram o alicerce do curso em pauta, exerci atividades docentes e administrativas. Fui membro do colegiado do curso de Geografia, coordenadora do curso de Especialização em Geografia e do curso Geografia do Nordeste, Geografia urbana do Nordeste, este último aprovado pelo MEC, e ainda chefe do departamento, entre outras atividades. Os cursos de Geografia e de História apresentavam em sua organização curricular uma grande dinâmica pedagógica que exigia atividades extraclasse, como excursões didáticas. Assim realizei frequentes excursões às regiões do brejo, cariri e sertão paraibano, bem como a regiões pernambucanas.

Dado o relacionamento da professora Elaine com os professores mestres em Geografia no âmbito regional, realizei trabalho de campo sob a coordenação de ilustres geógrafos e pesquisadores, como Orlando Valverde do IBGE, responsável pela introdução de uma rica bibliografia, na qual foram incluídos estudiosos internacionais (Pierre George, Paul Clevau, Vidal de La Bache, Yves Lacortes) e nacionais (Manuel Correia de Andrade, Mário Lacerda, Gilberto Osório, Milton Santos, Michel Rochefort, entre outros).

Com o interesse da professora Elaine pelo crescimento do curso, fui estimulada a fazer o mestrado em Geografia na UFPE, Recife-PE. Sob a orientação do professor dr. Manuel Correia de Andrade, defendi a dissertação sobre os engenhos rapadureiros e a expansão da agroindústria açucareira no município de Areia, no brejo paraibano. Tive o prazer de trabalhar com os colegas professores que muito me ajudaram e com os quais muito aprendi: Josefa Gomes de Almeida e Silva, Josélia Ramos Wellen, Janete Lins Rodrigues, Marta Lúcia Ribeiro, Maria Auxiliadora Cartaxo, Eliete Gurjão, Josemir Camilo de Melo, Zélia Pereira, Maria do Socorro Xavier, Valdomiro Cavalcanti, Antônio Albuquerque e Hermano Nepomuceno, entre outros.

Em 1988 fui convidada para participar de uma missão de estudos dentro do convênio CAPES/COFECUB na França, entre 06/11/1988 e 28/02/1989. Tive como orientador o professor Bernard Roux, “Instituto Nacional de la Recherche Agrominique” (INRA).

Durante os períodos de férias acadêmicas, realizei com esses colegas viagens internacionais, que forneciam subsídios para a formulação de programas de curso, com focos em regiões da Europa, da América do Sul, da América do Norte e da Ásia.

Minha vida em Campina Grande: percurso do trabalho desde *design* até o algodão colorido e orgânico



Maysa Ayres da Motta Benevides Gadelha

Chamo-me Maysa Ayres da Motta Benevides Gadelha, nasci em Belo Horizonte-MG, meu pai era carioca, funcionário público federal e minha mãe era dona de casa e filha de imigrantes libaneses, o que justifica muito da minha personalidade.

Aos 15 anos conheci meu marido Renato Benevides Gadelha, paraibano, que chegou a Belo Horizonte para fazer o sexto ano de medicina e, em seguida, dois anos de residência médica em cirurgia geral. Em junho de 1977 nos casamos – eu então com 19 anos – e fomos morar na cidade natal dele, Sousa, no sertão da Paraíba. Inicialmente, para mim, foi um grande choque, eu era inexperiente para viver longe de casa, principalmente pela falta de recursos de comunicação, como telefone DDD e televisão. Essas faltas me motivaram a estudar. Iniciei, então, o Curso de Direito, mas logo veio um convite profissional para Renato vir se instalar em Campina Grande, o qual foi aceito de imediato.

Ao chegar a Campina Grande-PB, fiz vestibular para o curso de Comunicação Social na FURNE (Fundação Universidade Regional do Nordeste – atual UEPB) e, em seguida, com a criação do curso de Desenho Industrial na UFPB, eu me transferi, julho de 1978, para esse novo curso. No mesmo mês, nasceu minha filha Marina.

Em 1979, a sra. Nilza Wanderley e eu abrimos uma boutique de roupas finas, a “Maria Bonita”. Ela, com seu bom gosto, enviava as peças do Rio de Janeiro, onde morava, e eu, com meu sangue libanês, vendia aqui na cidade. Era um sucesso!

No ano de 1981, nasceu meu segundo filho, Felipe; poucos meses após, faleceu precocemente meu sogro – José de Paiva Gadelha – e Renato, grande entusiasta e estudioso da agricultura, ficou com a tarefa de administrar as fazendas herdadas pela família. Eu tive que me afastar da boutique e voltar, parcialmente, visto que continuava estudando em Campina Grande, para Sousa-PB.

Em 1982, concluí a graduação em Desenho Industrial e com duas amigas e colegas (Maria Anunciada e Socorro Sobreira), criamos a ESCALA projetos, o primeiro escritório de *design* da Paraíba. Iniciamos um trabalho de esclarecimento do que seria a nossa profissão, em empresas que, potencialmente, poderiam absorver nossa expertise.

No ano de 1986, fundamos uma serigrafia e começamos com a produção de estampas e impressões em tecidos para o setor de confecções de Campina; visitávamos todas as fábricas e mostrávamos as possibilidades de inovação com a nova prestação de serviços que havíamos implantado na cidade.

Socorro e eu sentimos a necessidade de termos uma fábrica de camisetas T SHIRT para aplicarmos as nossas criações e assim nasceu a MIX Confecções, com fabricação e estamparia próprias, com venda no atacado a sacoleiras, gerando renda para essas mulheres que vendiam no varejo, informalmente. Nossas estampas eram criativas e começamos a diversificar, crescer e abrir lojas de vendas no atacado em várias cidades do Nordeste. Chegamos a ter 14 lojas e mais de 40 funcionários de fábrica.

No ano de 1998, cheguei à presidência do Sindicato das Indústrias do Vestuário da Paraíba, ligado à Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, onde começamos buscando novas alternativas de abertura de mercado para as nossas empresas filiadas.

No ano de 2000, divulgou-se a notícia de que a Embrapa finalizava a pesquisa de um algodão que já nascia colorido. Fomos buscar essa novidade no intuito de inovar o setor de confecção e, a partir daí, minha vida profissional mudou. Para obtermos o produto, eu deveria entender e construir toda uma cadeia produtiva e criar um conceito e desejo de vestir e consumir. Seria “vender” a cultura paraibana e preservação do meio ambiente, “vender” trabalho de agricultores familiares e de artesãos locais. Era tudo muito novo para quem já estava há 20 anos no mercado convencional, mas eu acreditava que tínhamos nas mãos algo exclusivo e vanguardista. Foi o resgate da cultura do algodão, mas de maneira arrojada e moderna.

Criamos a Coopnatural de Produção Textil do Estado da Paraíba e, durante mais de 15 anos, eu viajei pelos rincões do Nordeste, para sensibilizar agricultores e buscar técnicas do nosso legítimo artesanato. Viajei pelo Brasil em busca de espaços de comercialização e apoios para poder promover a grande novidade e, pelo mundo, para poder mostrar o Brasil e a Paraíba.

Uni-me aos mais fracos e desassistidos através da Economia Solidária, um cooperativismo sustentável que não enxerga somente o negócio, mas também o ser humano e o meio ambiente a ser desenvolvido e preservado. É a geração de renda sustentável para todos os que nos rodeiam.

Ganhei muitos prêmios nacionais (como, por exemplo, Vencedora Nacional do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios em 2008; Finalista Nacional no Prêmio FINEP de Tecnologia Social em 2012; Finalista no “Prêmio Mulheres que Fazem” da revista de circulação nacional “Claudia” da Editora Abril); tive reconhecimentos importantes e de destaque (como Uma das 100 personalidades mais influentes do Brasil no ano de 2012, escolhida pela revista Época da Editora Globo; Conduzindo a Tocha Olímpica na cidade de Campina Grande em 2016); conheci muita gente interessante, muitos países e culturas diferentes. Aprendi muito a ter respeito e empatia por todos e a pensar muito antes de agir e falar. Sempre com muita humildade tenho a certeza de que o produto me levou a estes lugares de destaque. Fui um instrumento de divulgação de algo muito importante que é nossa cultura, nossa novidade conceitual e o nome de nossa cidade: Campina Grande.

Amo Campina, amo a minha vida aqui, amo a família que constitui aqui: meu marido Renato, meus filhos Marina e Felipe - esse com Rafaela nos deu as nossas netas Eva e Lina. A todo lugar a que eu chego, sempre me pergunto se eu moraria nele e a resposta é sempre NÃO, não trocaria Campina Grande por nenhum outro lugar no planeta Terra.

Uma ginecologista e obstetra dedicada à docência e à pesquisa sobre a saúde da mulher



Melânia Maria Ramos de Amorim

Nasci em 11 de julho de 1967, a primeira filha de um matrimônio feliz, o médico Joaquim Amorim Neto e a professora Léa Agra Ramos (depois de casada, Léa Amorim). Depois de mim, vieram Denise (hoje também médica) e Alexei Ramos de Amorim (advogado). Crescemos os três na casa da família no bairro Santo Antônio, uma infância maravilhosa sob os cuidados amorosos de mamãe e a inspiração eterna de meu pai.

Na época, mamãe ensinava no saudoso Instituto Moderno Nossa Senhora da Salete, de minhas tias Eneida e Salete, e todos os dias, ainda muito pequenas, eu e Denise passávamos as manhãs lá, brincando na biblioteca, percorrendo as salas de aula. Foi um privilégio viver dentro de um colégio com uma educação libertadora, pioneiro na cidade, que me moldou desde muito jovem. Aos 15 anos eu iria relembrar esses tempos em uma redação sobre o Instituto.

Sempre quis ser médica! Papai trabalhava muito e era frequente que, para que pudéssemos vê-lo, mamãe nos levasse para visitá-lo nos hospitais onde dava plantão. Cresci assim, entre livros, o instituto e hospitais.

Também demonstrei, desde muito jovem, vocação para a docência. Brincava de bonecas com minha irmã quase-gêmea, Denise (apenas um ano nos separa, pois ela nasceu no dia em que eu completei um ano e fomos sempre muito unidas), criei o “meu”, ou “nosso” Instituto imaginário, o “Instituto da Aprendizagem”, localizado em uma área

do nosso enorme quintal. Tínhamos mesas, cadeiras, quadro-negro, giz, um “currículo” que eu montava a partir do que tinha estudado no ano anterior. Passava tardes e mais tardes, até nas férias, “dando aulas” para Denise e as bonecas, obedientemente sentadas a me escutar, a professora de todas as matérias, a sabe-tudo mirim.

Infelizmente, por razões financeiras, o Instituto fechou e fomos eu e minha irmã transferidas para o “Colégio Imaculada Conceição” (Damas), aonde chegamos para fazer, eu a segunda série do então 1º grau (hoje Ensino Fundamental, anos iniciais) e Denise a primeira, e onde estudamos até terminar o 2º grau (hoje Ensino Médio).

Nas “Damas” me destaquei por ser uma aluna muito estudiosa, apresentando bom desempenho em todas as matérias. Minha memória ajudava muito, e foi assim que no segundo ano passei em meu primeiro vestibular, para Medicina. Por essa época, em 1982, comecei a ler Paulo Freire, e sua “Pedagogia do Oprimido”, que me fez questionar o modelo de educação bancária que recebíamos, e aproximar-me do movimento da Teologia da Libertação. Eu tinha grandes exemplos de pedagogas paulofreireanas na minha família, sobretudo Tia Salete, que alfabetizava adultos aprisionados. Tudo isso me fazia sonhar com a possibilidade de fazer e ensinar diferente, a professora embriônica ia crescendo.

Aos 12, 13 anos, me identifiquei como feminista, quando li Simone de Beauvoir, Betty Friedman e outros clássicos da segunda onda do feminismo. O último livro de uma coleção com que papai nos presenteou (“Enciclopédia da Vida Sexual”) me introduziu os conceitos da luta pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, incluindo a importância da descriminalização do aborto. A enciclopédia era francesa, a França tinha descriminalizado o aborto desde 1975, com a aprovação de “La Loi Veil” (“A Lei do Véu”), introduzida pela então Ministra da Saúde Simone Veil. Mal sabia eu que essa seria uma bandeira que me acompanharia em toda a vida como médica ginecologista e obstetra.

Movida por fortes ideais, cultivados dentro de um lar de esquerda, com um pai médico revolucionário, muito à frente de seu tempo, e uma mãe professora que me ensinou uma História que na época não era contada nos livros oficiais, em 1983 fiz meu segundo vestibular e entrei na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba, Campus II, em Campina Grande (que viria em 2003 a se transformar na atual Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, onde hoje ensino).

No início de 1984, aos 16 anos, comecei o curso de Medicina, em um ano que fervilhava com o movimento das Diretas Já, o melhor lugar possível para uma jovem ativista que rapidamente entrou para o movimento estudantil e que certamente era a única que ia para os comícios com uma mãe entusiasmada a clamar, exigir, eleições Diretas para Presidente. Somente em 1989 iríamos juntas dar nosso primeiro voto para Presidente do Brasil, mas o movimento foi essencial para isso e para moldar a jovem candidata à revolucionária.

Acompanhei papai na Ginecologia e na Obstetrícia desde o primeiro ano do curso de Medicina, inicialmente nos plantões de Obstetrícia, depois em congressos e cursos variados, na Cirurgia Ginecológica e, em 1988, cursei as disciplinas na faculdade, com professores excepcionais tanto na Ginecologia, como na Obstetrícia. Entendi que era minha vocação, embora a Saúde Coletiva também me chamasse, fortemente.

Nessa breve história de minha formação médica, que não pode se restringir à Ginecologia e à Obstetrícia, não posso deixar de falar no meu grande Mestre de Semiologia, Carlos Tejo, com quem aprendi a realizar uma propedêutica cuidadosa e a frase lapidar de Abel Salazar (professor da Universidade do Porto) que repito até hoje: “Quem só Medicina sabe, nem Medicina Sabe”. Além de estudar sempre ter sido muito prazeroso para mim, nunca fiz nem estudei “só Medicina”; ao contrário, foi a época da vida em que mais me diverti e fiz coisas variadas: era estudante de Medicina, mas era também atriz amadora, poeta, feminista, militante, ativista, membro do Diretório Acadêmico. Ainda fui Monitora de Anatomia por três anos e fiz iniciação científica, engatinhando na pesquisa.

Em 1989, fui fazer o sexto ano de Medicina no Recife-PE, passando pelo Hospital das Clínicas da UFPE e pelo então “Instituto Materno-Infantil de Pernambuco” (IMIP), o que marcou minha existência, pelo tanto que aprendi de Ginecologia, Obstetrícia e Pediatria, mas também de Medicina Social, pela inspiração do professor Fernando Figueira, “sempre ao lado dos oprimidos, por um mundo melhor”. Foi o começo de uma história de Amor que vem durando toda a minha vida, porque o IMIP é minha Casa Mater profissional e científica e sedimentou meu profundo compromisso com a saúde da mulher, não só em uma perspectiva médica, mas também social e política.

Formei-me em dezembro de 1989, aos 22 anos, e em janeiro de 1990 fiz concurso para Residência Médica de Ginecologia e Obstetrícia no IMIP, tendo sido aprovada em primeiro lugar. Em março de 1990 comecei a residência depois e, junto com Júlia, também aprovada, me mudei para a “casa dos residentes”, que no próprio IMIP (éramos “residentes raiz”, aquele que mora no hospital onde faz residência).

Meu sonho na época era terminar a Residência, passar 2-3 anos no Programa Médicos Sem Fronteiras e, depois, fazer mestrado, doutorado e concurso para professor universitário. Mas a vida tem suas surpresas, ao final da Residência eu me descobri grávida, casei-me e aos 25 anos, em 1992, tive meu primeiro filho, André Filipe, não planejado, mas intensamente desejado e muito amado, hoje meu maior amigo e companheiro, aquele que transformou a minha vida e me tornou mãe. Terminei a Residência e no dia seguinte comecei a trabalhar como Preceptora da Residência Médica: a realização de um sonho. Às voltas com amamentação, a vida de recém-casada e essa nova fase de vida, coloquei os pés no chão e vi que não poderia mais participar do Médicos Sem Fronteiras. Assim voltei minha atenção para dois propósitos igualmente importantes: a maternidade e a carreira acadêmica.

Em 1993 entrei para o mestrado em Saúde Materno-Infantil do IMIP. Fui da primeira turma do primeiro mestrado desse gênero no país, sonho e projeto do professor Fernando Figueira junto com o professor Malaquias. Foi então que conheci e estudei com o professor de Ginecologia e Obstetrícia - cientista, pesquisador e titular de Obstetrícia da Unicamp, Aníbal Faúndes -, que nos dava aulas de Saúde da Mulher e que aceitou meu convite para ser meu orientador. Em 1995 eu defendi minha Dissertação de Mestrado, tendo sido uma das primeiras defesas de minha turma.

Quase imediatamente depois, comecei o doutorado na Unicamp-SP, ainda sob a orientação do prof. Faúndes, porque não tínhamos à época doutorado no IMIP. Fui nisso muito incentivada pelo prof. Fernando Figueira, um visionário que queria formar

doutores para que no futuro nossa pós-graduação fosse autóctone e independente, com todos os professores permanentes pertencentes ao quadro profissional do IMIP.

Em outubro de 1998, aos 31 anos, defendi a tese de doutorado na Unicamp, sob o título “Efetividade da corticoterapia para aceleração da maturidade pulmonar fetal na pré-eclâmpsia”. Neste estudo, avaliei se no contexto da pré-eclâmpsia o uso de corticoide era efetivo e seguro, que anteriormente era uma dúvida e uma inquietação no mundo acadêmico e na Obstetrícia cotidiana. Depois de minha tese, uma certeza: todas as grávidas com pré-eclâmpsia antes de 34 semanas deveriam receber corticoide, sem riscos e com melhor prognóstico de seus bebês. Em 1999, tive o artigo principal oriundo de minha tese publicado no *American Journal of Obstetrics and Gynecology*.

Voltando para o Recife, no final de outubro de 1998, fui contratada como docente da pós-graduação do IMIP e passei a dar aulas, conduzir pesquisas e orientar alunos de mestrado. Ao mesmo tempo, seguia com a preceptoria da sua Residência Médica, fazia consultório e trabalhava em outros hospitais, porque tinha feito muitos concursos públicos e assumido no HC-UFPE (colocada à disposição do IMIP) e no hospital do IPSEP (Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco).

A carreira em Recife deslanchou depois disso. O consultório, que eu tinha começado em 1993, crescia a olhos vistos, com a parceria de minhas amigas e comadres Isabela Coutinho e Leila Katz. Juntas fomos pioneiras na Humanização da Assistência ao Parto em Recife e tínhamos as melhores taxas de parto normal, ao mesmo tempo em que abolimos procedimentos desnecessários como episiotomia e seguíamos as recomendações da OMS de 1996, que tanto tempo demoraram para ser incorporadas no Brasil.

A preceptoria na Residência Médica do IMIP me trouxe grandes alegrias e a oportunidade de formar novos ginecologistas e obstetras no paradigma da Medicina Baseada em Evidências, que eu rapidamente adotei desde a publicação em 1992 do artigo lapidário no JAMA (*Evidence-Based Medicine: A New Approach to Teaching the Practice of Medicine*).

Em 2006, foi criado o doutorado do IMIP, ao qual passei a me dedicar, pois já coorientava alunos que saíam de nosso mestrado, ou vinham de outras instituições onde tinham feito mestrado. Com a abertura do doutorado no IMIP, nosso programa autóctone, eu passei a me dedicar, como Orientadora ou Coorientadora, exclusivamente à Pós-Graduação do IMIP, onde estou até hoje, dando aulas, orientando, fazendo pesquisas, crescendo, subindo!

No entanto, nem tudo ia tão bem em minha vida pessoal e familiar. Após um divórcio doloroso do pai do meu filho André, na época (1997) muito difícil, enfrentei o desafio de lidar com o gerenciamento da casa, a profissão e os cuidados com o filho, que começou a enfrentar problemas na escola, em sua maior parte ligados à dificuldade de socialização. Isso me levou a procurar diversos profissionais, psicólogas, psicopedagogas, fonoaudiólogas, neuropediatras, psiquiatras, até que em 2000, quando André Filho tinha oito anos de idade, teve o diagnóstico de autismo.

Foi durante essa época turbulenta que, no final de 2001, recebi um telefonema da amiga Helenita, comunicando sobre um concurso para Professor de Ginecologia e Obstetrícia na “minha” faculdade de Medicina na ainda UFPB, Campus II, perguntando

se eu conhecia e indicava alguém que quisesse se candidatar, porque só tinha sido aberto concurso com uma vaga, para Doutor.... Fiquei longos minutos pensando, até que percebi que eu conhecia uma candidata: eu mesma! Eu tinha me inscrito no Concurso para Professor de Ginecologia da UFPE, ensinar na Universidade era um sonho antigo, mas vi ali uma oportunidade de voltar para casa, de encontrar abrigo com meus pais, de ter finalmente uma rede de apoio para me ajudar a criar meu filho. Papai queria ter ao lado sua filha e colega, seu alter ego, sua alma gêmea, e mamãe morria de saudade do primeiro neto.

Assim, em março de 2002 eu, candidata única, fui aprovada no concurso para Professor Adjunto de Ginecologia e Obstetrícia (sim, das duas disciplinas) com nota 10,0. Em junho cheguei à Faculdade de Medicina em Campina Grande e comecei o que viria a ser uma longa carreira na UFPB Campus II, que em 2003 se tornou UFCG.

A UFCG me trouxe grandes alegrias e realização profissional, por ter o contato desde muito cedo com alunos, nas disciplinas e nos projetos de iniciação científica (PIBIC) e de extensão (PROBEX), nos trabalhos de conclusão de curso, em que acolhi e orientei tantos e tantos.

Nunca desisti, porém, do IMIP, meu berço acadêmico, continuei durante anos me dividindo entre Campina Grande e Recife, na UTI Obstétrica que eu ajudei a fundar em 2002. Ainda fiz consultório em Recife durante vários anos, até deixar em 2009, quando fui fazer pós-doutorado em Genebra, na Organização Mundial da Saúde (OMS).

Papai, um Homem à frente do seu tempo, implementou as bases da Humanização da Assistência ao Parto aqui na cidade, mas ele mesmo enfrentou muitas dificuldades, riam às suas costas, chamavam-no de “cientista” em tom jocoso, eu voltei para ser sua aliada e, sim, revolucionar de vez esse modelo.

Em 2007 comecei meu Projeto de Humanização à Assistência ao Parto no ISEA. Íamos aos domingos, eu e uma equipe constituída por estudantes de Medicina, Enfermagem e Fisioterapia, além de enfermeiras, fisioterapeutas e doulas (tenho certeza de que fui não somente a primeira pessoa a pronunciar a palavra “doula” aqui na cidade, mas a trazer doulas para cá e promover cursos para suas formações).

In loco, na luta, na prática. Em mais de 1.000 partos atendidos, não fiz nenhuma episiotomia, nunca fiz manobra de Kristeller. Observamos resultados e experiências exitosas de parto e nascimento, com baixíssimas taxas de cesárea (em torno de 8%). Mas o mais importante: pude INSPIRAR, alcançar mentes e corações de diversos colegas que me ajudaram a mudar o modelo. Muitas e muitas mulheres e seus bebês, bem-nascidos de partos felizes, se beneficiaram dessa mudança. Em 2014 ganhamos um prêmio do Ministério da Saúde, por experiências transformadoras bem-sucedidas no SUS. Dentre dezenas de projetos maravilhosos, fomos o primeiro lugar! Fomos tema de filme (No Caminho da Humanização), fomos a alma do ISEA.

Em 2008, concorri à bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, com sucesso, iniciando no nível 2 em março de 2009, porém, mal comecei, tive que interromper, pois ao mesmo tempo consegui a bolsa de pós-doutorado, e sempre orientada pelo prof. Faúndes, comecei minhas atividades com um projeto de pesquisa sobre via de parto na pré-eclâmpsia, através do qual tive a oportunidade de fazer um “sanduíche” em Genebra, na OMS.

Particpei da elaboração de muitos documentos e diretrizes importantes, ao mesmo tempo em que fiz uma *network*. Desde então participo dos grupos de desenvolvimento de *guidelines* da OMS, que vêm também mudando o mundo e salvando vidas. Dentre eles, destaco os de indução do parto e tratamento da hemorragia pós-parto. Ao mesmo tempo, pude conhecer de perto a realidade de morar no exterior, conhecer a Europa, ter todo o tempo do mundo exclusivamente para estudar.

Voltei e retomei minhas atividades: UFCG, IMIP, meu Projeto, a docência, as pesquisas. Em 2010 retomei a bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, interrompida para receber a de pós-doutorado. Andrezinho adolescía e florescia. Foi um tempo produtivo e feliz, coroado pelo nascimento de meu segundo filho, Joaquim Amorim Neto (como o avô) no dia 3 de outubro de 2010, tornando-me Mãe pela segunda vez aos 43 anos! Com uma licença-maternidade bem mais longa a que eu tinha direito como funcionária pública, tive mais tranquilidade para lidar com um bebê novinho do que quando tive André, e só voltei para a Universidade e para o IMIP em maio de 2011.

Nesse mesmo ano, fui contratada por Tatiana Medeiros, então Secretária de Saúde, para a função de Consultora Técnico-Científica do ISEA, que ocupo até hoje. Ainda em 2011 também comecei, junto com Antônio Henriques de França Neto, meu ex-residente, os esforços para criar a Residência Médica de Ginecologia e Obstetrícia de Campina Grande, pela UFCG. Com toda a documentação reunida por Henrique, que elaborou um projeto, com nossa dedicação e meu currículo, tivemos em 2012 a alegria de ver o projeto aprovado, e em 2013, de ver a entrada da primeira turma de residentes de GO desta cidade. No ano seguinte, a SMS conseguiu mais três vagas e desde então todos os anos disponibilizamos seis vagas em nossa Residência de Ginecologia e Obstetrícia, um grande avanço que muito tem contribuído para revolucionar a atenção obstétrica em nossa cidade.

Já consciente de ser uma mãe atípica, não fiquei surpresa em 2012 ao notar os primeiros sinais de Autismo em Joaquim. Autismo é uma condição essencialmente genética, eu tinha um filho autista, era muito provável que o segundo também fosse. Apesar de até hoje o nível de suporte de Joaquim ser maior do que de André e de ele não falar, eu mudei muito, me transformei em ativista da neurodiversidade e Leoa, a lutar pelos direitos de meus filhos, contra o capacitismo, a psicofobia e todas as formas de preconceito.

Foi em 2013 que, junto com outras famílias atípicas, nos reunimos para formar a Associação dos Amigos do Autista (AMA) em Campina Grande, inaugurada em 2014 e onde Joaquim até hoje passa as tardes em seu espaço terapêutico com equipe multiprofissional, transdisciplinar. A AMA aqui na cidade recebeu, desde a sua criação, o nome de Instituto Brenda Pinheiro, em homenagem à filha de Vânia Pinheiro, idealizadora e Presidenta.

Em 2015, começou a epidemia de Zika que levaria ao nascimento de milhares de crianças com microcefalia. Minha amiga e ex-aluna Adriana Melo, que eu tinha orientado em dois doutorados, um pós-doutorado, relatou pela primeira vez à comunidade científica internacional a associação do vírus com microcefalia fetal e foi além, descrevendo os múltiplos achados que compunham a síndrome de Zika Congênita. O IPESQ (Instituto de Pesquisa Prof. Joaquim Amorim Neto), que tínhamos fundado em 2008, colocou-se à frente de muitos projetos de pesquisa e não ficou só por isso, começou

seu importante projeto de assistência às crianças “filhas da Zika”) e, na época, consegui dois importantes financiamentos do CNPq/CAPES/DECIT para estudar a doença.

Fundei, junto com 29 amigas, a Rede Feminista de Ginecologistas e Obstetras, da qual até hoje sou Diretora, cargo que dividi com Helena Paro e agora com Juliana Giordano. Não há hierarquia entre nós, as diretoras são apenas as primeiras de uma série de iguais, dispostas a lutar, juntas, contra todo o sistema de opressões do patriarcado que nos quer dominar e subjugar os corpos, que quer nos prender em suas amarras, que em última instância quer mesmo nos matar...

E, em 2020 veio a pandemia de COVID-19. Além da preocupação com mamãe e meus filhos, uma outra despontava no horizonte: a preocupação com as grávidas, grupo vulnerável. Fiz muitos alertas, publiquei muitos artigos demonstrando que não, não era, nunca foi, uma “gripezinha”. A COVID-19 avançava célere entre gestantes e puérperas, o governo negacionista tardou a considerá-las grupo de risco, tardou em adotar medidas que contivessem a propagação do vírus, tardou em conseguir as vacinas e o saldo foi desolador: além de mais de 700 mil mortes por COVID-19, tivemos mais de 3.000 mortes maternas.

A pandemia me encontrou ao lado das mulheres. Lutei com todas as minhas forças para continuar prestando atendimento a elas. Reorganizei a assistência pré-natal de alto risco no ISEA, aumentei o alcance de meu projeto de contracepção em Campina Grande (em um momento em que até o Planejamento Familiar do ISEA tinha fechado as portas) e, além de pesquisar muito, mesmo sem qualquer financiamento, sobre a doença, também me transformei em ativista pelas vacinas e, nas redes sociais, lancei o movimento #vacinaparagrávidasepuérperasurgente.

E, na medida em que os casos graves começaram a se tornar frequentes entre nós, ajudei a montar o setor COVID-19 do ISEA, desenvolvi protocolos e planos de enfrentamento, treinei/capacitei equipes e, o que eu acho ainda mais importante: assumi a responsabilidade pela condução dos casos graves e críticos de COVID-19 em gestantes e puérperas.

Vieram, enfim, as vacinas, em 2021, mas demoraram a chegar às gestantes. As mortes maternas iam se somando, multiplicando... Se a morte materna é sempre uma enorme tragédia que quase sempre pode ser evitada, o que dizer daquela época de mortes a granel? Tantas mortes, várias em minhas mãos... Isso transforma para sempre uma pessoa.

Eu me transformei, morri e renasci, eterna Fênix como sempre tenho sido, e de uma coisa estou certa, nessa nova versão estou mais feminista, mais decidida a passar o resto de minha vida a lutar por nossos direitos, que incluem tanta coisa, inclusive o direito de decidir se, quando e como ter filhos, de ter acesso a pré-natal e serviços de maternidade, de não morrer no processo de gestar e de dar à luz. Isso envolve o direito ao aborto seguro e previsto em lei.

Desse tsunami, desse furacão, dessa tempestade, resultou a Melânia que tem múltiplas faces: médica, professora, cientista, pesquisadora, feminista, mulher, filha, irmã e mãe. Dentre os muitos títulos e funções que tenho, o que mais me define, e do qual mais me orgulho, é ser cuidadora de mulheres. Sigo em frente, com elas, por elas, para elas, com o meus, pelos meus, para os meus.

No meio de tanta tristeza, uma alegria: em 2018 consegui ascender para o nível 1D como bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e, em 2022, passei para 1C. Essa foi uma enorme conquista em uma Terra onde pesquisar ainda é tão difícil, sobretudo para mulheres, sobretudo para mulheres nordestinas, no meio ao boicote não só a mim, como pessoa, mas também à Ciência e ao SUS. Isso me motivou a continuar pesquisando, mais e sempre, sobre a Saúde da Mulher.

Por outro lado, mais uma pequena revolução na minha vida profissional: em plena pandemia, começaram a se suceder mais e mais pedidos de consultas online. Em 2022, em uma conversa com a amiga Waleska Nunes, que tanto me incentivou e encorajou, comecei a abrir a mente e o coração para voltar a fazer consultório. Inicialmente online, depois, para alegria de mamãe, de Denise e de Alexei, que muito me apoiaram, montei novamente consultório, inicialmente uma sala e hoje um conjunto de salas na Clínica Materno-Infantil, criada por minha irmã e o marido há mais de 20 anos.

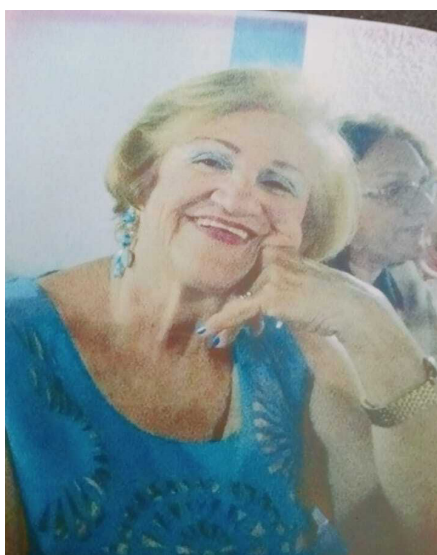
Em 2017, quando Antônio Henriques era Diretor, eu recebi com imensa alegria uma homenagem semelhante a que ele recebera: meu nome denomina UTI Obstétrica do ISEA. Lá, no Corredor que une UTI e Enfermaria de Alto Risco, estão nossas placas e nossos retratos

Como estou hoje? Feliz, animada, cheia de planos. Chego aos 57 anos no auge da minha carreira, e quero mais. André, meu filho mais velho, formou-se em 2023, em Biologia, e este ano entrou no doutorado em Saúde Integral do IMIP. Quanta emoção e quanta felicidade, depois de anos de luta perene para garantir sua inclusão dentro da UEPB! O Pirulito Joaquim (meu segundo filho) cresce a olhos vistos. Tenho enorme esperança de que o aplicativo de Comunicação Aumentativa Assistitiva irá ajudá-lo muito a estabelecer comunicação efetiva. O aplicativo, a AMA, o Amor...

Meus planos para o futuro e minhas próximas metas: são muitos! Ser Professora Titular da UFCG, e estou perto (tudo leva a crer que o concurso será próximo ano), além de vir a ser bolsista de produtividade em pesquisa nível 1A do CNPq. Conto em passar para nível 1B próximo ano, e então depois de quatro anos, ser nível 1A. Estou envidando todos os esforços para preencher os requisitos do nível mais alto, pesquisando sempre, publicando, orientando, desenvolvendo projetos, o que me permitirá, um dia, depois de aposentada, ser Pesquisadora Sênior. Não irei parar. Como já dizia Buzz Lightyear, meu lema é “Ao infinito e Além”.

Fico muito feliz por saber que sou, antes mesmo de chegar ao topo de lograr e obter as metas que estabeleci, EXEMPLO E INSPIRAÇÃO para gerações de meninas, para quem modelos são tão importantes na formação, jovens, mulheres, tanto médicas como cientistas e pesquisadoras.

Pioneirismo, luta e vitória por entre flores



Mercia Gouveia

No início do ano de 1970, em uma das nossas viagens, eu e meu esposo paramos para visitar amigos em Barbacena-MG. Ali ficamos encantados com um magnífico roseiral, de onde eram exportadas rosas para a Alemanha.

Como tínhamos uma propriedade próxima à cidade onde morávamos e diante de nossa admiração, fomos aconselhados a plantar rosas, já que não havia em nossa região Nordeste tão belo e majestoso cultivo. Aceitamos o desafio.

Ao voltarmos para casa, mandamos limpar a área para que ali fossem plantadas, de início, 12 mil roseiras. Vieram, de Barbacena, técnicos e agrônomos para analisarem o PH do solo e constataram que a terra era fraca e insuficiente. Com esse resultado nada alvissareiro, não desanimamos do firme propósito de levarmos adiante o nosso intento. Outros técnicos vieram e injetaram no solo adubos e produtos químicos importados. Conseguiram, assim, uma terra “perfeita” para o plantio. Após sermos treinados, bem como nossos funcionários, plantamos nosso roseiral. Em 60 dias surgiram as primeiras rosas. Nossa propriedade passou a se chamar “Retiro das Rosas”.

Decidi realizar, em São Paulo, uma capacitação que me preparasse para o ramo das flores. Fiz o primeiro curso de florista e resolvi abrir uma floricultura. Nossa produção era imensa: colhíamos centenas de rosas pela manhã e, à tarde, o triplo destas. Como escoar uma produção frágil por natureza? Precisávamos, urgentemente, comercializá-las, mas onde? Em nossa cidade ninguém demonstrava interesse; em nossa capital,

o mesmo desinteresse. Decidimos sair em busca de mercado, pois nosso prejuízo era imenso. Encontramos o comércio de Recife, Natal e Salvador. Todavia a produção de rosas era tão grande que essas três cidades não conseguiam consumi-la.

Nosso sítio passou a ser ponto turístico pela beleza do cultivo de rosas. Se a colheita estava em plena expansão, a floricultura não estava correspondendo ao esperado. Fracasso, fracasso, fracasso... Para nossos conterrâneos, flores eram só para funerais. Passei a usar a mídia como divulgação do produto. Utilizamos as rádios locais, carros de som, televisão. Nada funcionava. Resolvemos premiar os aniversariantes do dia, via mídia, enviando flores. Para nossa surpresa, estas eram devolvidas. Começava, assim, a etapa mais difícil daquele desafio que aceitei, mas de maneira nenhuma iria me deixar vencer pelo medo, pelo cansaço, pela incompreensão. Faço aqui uma observação: ora falo em meu nome, ora uso o *nós*. Explico: o desafio foi aceito por mim Mércia Gouveia que, no entusiasmo da ideia, arrastei meu esposo em meu sonho. Quando me coloco em primeira pessoa, é porque me responsabilizo pelas decisões tomadas. Entendam-me. Foram dois anos de verdadeiro sacrifício e decepções. Perdi a casa para o banco, entretanto não desanimei. Diariamente estava eu esperançosa na floricultura Rosa-Ly. Linda! Cheia de flores, mas sem clientes.

No início de 1970, foi inaugurada, em Campina Grande-PB, uma Universidade, onde eu, nas aulas vagas, conversava com os jovens, falando-lhes do encanto de se oferecer flores, exaltando que esse gesto, por ser algo vivo, tocaria o coração de quem as recebesse, levaria ainda mensagem de amor, carinho, perdão. Continuei com a divulgação, distribuindo rosas em clubes, em festas e boates. Estas só eram aceitas na casa de Deus. Todas as igrejas eram cobertas das mais lindas flores e, ali, não eram rejeitadas nem devolvidas. Nesse mesmo ano, em setembro, senti o sabor da vitória. Estava eu com minhas funcionárias, na Floricultura, quando entrou um jovem e, timidamente, me falou: “vim aqui, pois é a única coisa que me resta fazer para que minha namorada me perdoe; enviar-lhe flores. Se for verdade o que a senhora prega e eu for perdoado, prometo-lhe divulgar o seu trabalho e trazer amigos para a sua loja, como clientes.” Cheia de alegria fiz um lindo buquê de rosas vermelhas. Ao entregar-lhe, o jovem falou: “a senhora pode embrulhá-lo em papel grosso, pois se alguém vir que são flores vai pensar que sou gay”. Atendi a seu pedido. No dia seguinte, ele voltou com mais dois rapazes. Assim foi o meu começo. Esse moço casou, continua meu cliente e, hoje, também seu filho.

Nos dias atuais, graças a Deus, minha cidade é florida. A semente que plantei germinou e floresceu. Posteriormente, outras floriculturas foram instaladas. Temos bons profissionais no ramo e espero que todos tenham sucesso e influenciem outros e mais outros.

Como expert em flores, em setembro de 2019, fui convidada pelo PEN CLUBE (Pensamento, Estudo, Nacionalidade), seccional de Campina Grande, para, em uma sessão sobre a primavera, falar de flores. Transcrevo a seguir o texto que redigi, o qual foi lido pela presidente do PEN, professora dra. Elizabeth Marinheiro:

“Convidada fui pela professora dra. Elizabeth Marinheiro para falar sobre plantas e flores. Para mim não será difícil, pois as amo. Elas fazem parte do meu cotidiano, da minha vida. Plantas e flores.

Começemos então com a beleza das palmeiras, plantas versáteis, com grandes variedades de espécies, formas, tamanhos e diversas tonalidades de verde. As de maior porte embelezam praças, alamedas e bosques. Dão-nos sombras e o balançar de seus galhos nos refresca e nos dá paz.

E as plantas medicinais? Maravilhosas! Dão-nos medicamentos que curam e aliviam nossas dores.

E as flores? Quanta beleza! Deus as fez lindas e ainda as perfumou. As rosas receberam um perfume tão especial que não tem imitação.

A orquídea, elegante e rica. Na linguagem das flores, ela é mensageira de afeto.

A íris é a mensageira dos deuses. Formou-se do arco-íris, segundo a mitologia.

A violeta era considerada a flor de Zeus, o rei dos deuses, associada à modéstia, sendo citada em prosa e verso desde os tempos mais antigos.

A rosa, a rainha das flores, é também a flor do amor. Segundo a mitologia, a rosa nasceu do corpo sem vida de uma ninfa.

A margarida revela a verdade sobre o amor, bem-me-quer, malmequer.

Façamos então uma mistura de flores e perfumes e vejamos que estão presentes do começo ao fim de nossas vidas. Nas maternidades, como mensageiras de boas-vindas para quem nasce; nas lindas festas de debutantes; nas declarações de amor; na hora sublime dos casamentos, decorando templos e festas. São elas que balançam também nas mãos trêmulas de alguém, como mensagem de despedida e de saudade! Encerro minha participação neste encontro, agradecendo a Deus por essas maravilhas, presentes que nos concedeu.

Empoderamento da mulher por meio da ciência, tecnologia e inovação



Nadja Maria da Silva Oliveira

Nasci em 11 de março de 1979, em Campina Grande-PB, filha caçula de uma prole de 9 filhos (Kátia, Rolando, Carlos, Vália, Olena, Oliveiros Filho, José Augusto, Anaceci) de Oliveiros Cavalcanti de Oliveira (*in memoriam*) e Zilda da Silva Oliveira. Muito da pessoa em que me tornei agradeço ao lar cheio de muito amor em que nasci, o qual, mesmo em momentos de dificuldades, sempre foi lugar de aconchego e força e até hoje é minha referência. Meu pai foi preso político na ditadura militar (ocorrida entre 1964 e 1982), era um socialista e humanista convicto e muito intelectual, e passou, junto com minha mãe – uma caririzeira de fibra de Sumé-PB, mulher inteligente e agregadora – os valores e princípios que estão enraizados em todos nós para sempre. Os estudos e o conhecimento sempre foram incentivados nos Oliveira.

De Mainha aprendi muito sobre a força e o empoderamento de ser mulher; sempre foi exemplo de mulher arretada, decidida, com voz e vez e meu pai sempre fez dela a rainha do nosso lar, a referência de decisão. Ele a respeitava e admirava muito a Donda dele. Aprendi sobre o amor com essa dupla e foi isso, tenho certeza, que fez a régua da minha vida não aceitar menos do que recebi em casa: a saber que lugar de mulher é onde ela quiser; e que os estudos, o amor e o respeito ao próximo me levariam a lugares sem limites.

Fui muito feliz na minha infância e adolescência, numa casa com 9 filhos e amigos, a qual era um ambiente sempre muito alegre, com muito amor e de boas lembranças. Meus pais sempre foram acolhedores, nossa casa sempre foi um lugar de acolher família e agregados. Sempre tive nos meus irmãos meus melhores amigos, mas também tive o privilégio de construir amizades duradouras durante a vida. Pessoas que ainda hoje são importantes para mim e que me ajudaram a ser a Nadja que hoje sou. Brincar com os irmãos, sobrinhos e amigos eram os melhores programas, assim como passeios e viagens em família também.

Com relação à família que construí, quis a providência divina que eu me encontrasse com Gustavo Gonçalves de Brito – o amor da minha vida – aos 17 anos, quando ainda era estudante colegial no cursinho, me preparando para o vestibular. Namoramos e noivamos por sete anos e estamos casados há 20 anos. Desde aquele primeiro encontro até hoje, ele é um grande parceiro de vida, que me apoia incondicionalmente em tudo. E desse amor tivemos dois frutos preciosos; sou mãe de dois filhos: Gustavo Henrique Oliveira de Brito, 17 anos, e Arthur Oliveira de Brito, 10 anos. São meu bem maior, minha melhor missão indiscutivelmente, dentre tantas que exerço. Sou muito grata a Deus por tanto. O primogênito tem um temperamento e um jeito parecidos comigo, na infância e adolescência eu era mais introspectiva e quieta e bem estudiosa, de poucos amigos. Meu GH, como costumo chamar, carinhosamente, Gustavo Henrique, é acima de tudo um ser humano do bem, amigo, apaixonado pela família, um filho amoroso que ama os avós, os tios, tias, primos e o irmão. Esse ano faz o ENEM e escolheu a medicina como carreira a seguir. Tem muito na sua personalidade o senso de responsabilidade, de justiça, de inclusão social. Arthur, o caçula, é nosso galego serelepe, tem energia infindável, inteligente, louco por futebol, alegre, adora brincar com os amigos e primos. É muito amoroso e apaixonado pela sua cadela chamada Frida. Na nossa casa, desde eles pequenos, tivemos cachorros e animais de estimação (Thor da raça Sharpey e Frida da raça Pug). Arthur é muito parecido com o pai, comunicativo, extrovertido.

Todo meu estudo inicial foi no Colégio CPUC (Colégio Pré-universitário Campinense); fiz o exame vestibular para Ciência da Computação na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e para Odontologia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Embora tenha sido aprovada em ambos, optei por Odontologia. Desde pequena fui me interessando pela pesquisa e pela ciência. Na universidade, durante a graduação, participava de projetos de pesquisa e extensão. Após concluir a graduação, fiz Cursos de Especialização em Dentística Restauradora, em 2006, pela Associação Brasileira de Odontologia, seção Paraíba (ABO/PB), e em Programa de Saúde da Família pela Faculdade de Ciências Aplicadas (FACISA), em 2007; realizei Curso de Aperfeiçoamento em Oclusão, DTM e Dor Orofacial, em 2008; concluí o mestrado em 2009 e o doutorado em 2013, ambos em Ciência e Engenharia dos Materiais pela UFCG.

Atualmente, sou professora efetiva do Departamento de Odontologia da UEPB e leciono os componentes curriculares Materiais Dentários I e Materiais Dentários II; sou Pró-reitora Adjunta de Pós-graduação e Pesquisa da UEPB; Diretora Técnica da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba; docente permanente do Programa de Pós-graduação em Tecnologias para a Saúde (PPGCTS) – nível de Mestrado Profissionalizante /NUTES/UEPB. Também tenho certificação em Indústria e Saúde 4.0 pela Universidade de Deusto/Espanha e em Empreendedorismo, Inovação e Cadeia de Valor pelo Danida

DFC/Ministério das Relações Exteriores/ Kopenhague/ Dinamarca. Possuo certificação como auditora interna para RDC16/2013 da ANVISA, para ISO 9001, ISO 14971 e ISO 13485. Atuo nas áreas de pesquisa de biomateriais (nanocompósitos, nanocargas), manufatura aditiva, tecnologias 3D, gerenciamento de processos e gestão da qualidade para produtos para saúde.

Tenho publicações nacionais e internacionais e patentes na área de tecnologia e inovação. Sempre busco incentivar meninas e mulheres a serem protagonistas da sua vida, incentivando-as e orientando-as para a formação em pesquisa, ciência e tecnologia; para o mercado de trabalho, na docência, na pesquisa e no empreendedorismo. Apoio o projeto Futuras Cientistas, através da Fundação PaqtcPb junto ao Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (CETENE), em que meninas de escolas públicas conhecem as áreas de ciência, tecnologia, engenharias e matemática (CTEM) e são incentivadas a buscarem graduações nessas áreas.

Durante a pandemia da Covid-19, fui presidente do Comitê Gestor da Covid na UEPB e coordenei, no PaqtcPB (Parque Tecnológico da Paraíba), projetos de inovação e tecnologia de combate à covid como, por exemplo, o desenvolvimento de Swabs impressos em 3D para teste de PCR e ventilador pulmonar de baixo custo, com apoio do Ministério de Ciência e Tecnologia/MCT. Apoiei iniciativas de compras de macacões para profissionais de saúde e participei da elaboração de curso *on-line* de capacitação para os profissionais da linha de frente da Covid na Paraíba.

Nos anos de 2022 e 2023, recebi os prêmios de Inovação da UEPB, que premia os melhores trabalhos de propriedade intelectual atrelados à pesquisa e tecnologias da Instituição. Também em 2022 coordenei o projeto de desenvolvimento de uma esteira automatizada com leitura de máquina e processamento de imagens para seleção de hortifruti, que venceu o Prêmio Agrotech da Associação Brasileira de Desenvolvimento industrial (ABDI).

Em 2023, em parceria com o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), aprovei o Programa I-nova Justiça, para desenvolver e implantar ações de inovação e incorporar tecnologia e boas práticas de gestão no TJPB.

Em 2024, na gestão da Diretoria Executiva da Fundação PaqtcPB, com prof. Nilton Silva e prof. Aldre Jorge, recebi a medalha Celso Furtado, da Câmara Municipal de Campina Grande, pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido na gestão da Fundação e da Incubadora tecnológica de Campina Grande e pelos resultados positivos de desenvolvimento tecnológico e de impacto social.

Atualmente, coordeno o projeto de Expansão da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba e o projeto Oxentelab, com o Ministério Público do Trabalho, para formar e inserir no mercado mulheres vítimas de violência doméstica, através do letramento digital e empreendedorismo social. Nacionalmente nessa linha, fui uma das idealizadoras e sou coordenadora técnico-científica do Programa de Combate e Prevenção à Violência contra a Mulher, Antes que Aconteça, numa parceria do Conselho Nacional de Justiça e Ministério da Justiça. Tenho convicção do meu papel e compromisso social de mudar a realidade regional e nacional através da pesquisa, da ciência, da inovação e incorporação de tecnologia como vetores de transformação social e econômica do nosso Estado e do nosso país.

Mesmo com minha vida acadêmica e profissional de muito compromisso, dedicação e resultados positivos, tenho na vida familiar e pessoal meu maior propósito. Sei que minhas publicações de maior impacto estão na minha casa e no aconchego do meu lar e da minha família; tenho convicção de que trabalho é meio e família é fim e de que nenhum sucesso profissional compensaria um fracasso no meu lar. Sonho com que todas as mulheres tenham oportunidades e possibilidades de terem uma sociedade mais justa, com igualdade de gênero, sem dados alarmantes de violência contra mulher; que o machismo estrutural seja erradicado através de uma educação e cultura de respeito.

A perda do meu pai, no ano de 2016, foi um fato marcante na minha vida, porque ele com minha mãe Zilda sempre foram minha régua e compasso. Sou muito grata a Deus pelo privilégio de ter vindo a essa vida como filha de Oliveiros. Embora a sua morte tenha me trazido um intenso luto e tristeza, o tempo e minha fé curaram e transformaram a saudade que machucava em boas lembranças e legado. Hoje tenho certeza de que ele está vivo em mim, na minha personalidade, nas minhas atitudes e no meu referencial de caráter e de ser humano que sou.

Outro período difícil e muito marcante na nossa vida foi o período pandêmico (2020-2022), porque sempre fomos, como família, muito apegados; moramos (a maioria dos Oliveira) no mesmo bairro; vivemos muito essa relação familiar próxima. E o afastamento que foi necessário na pandemia, principalmente da casa de Dona Zilda, foi terrível, indescritível: morar em frente a ela e ficarmos quase um ano sem abraçá-la e sem nos reunirmos todos... Senti, no dia em que ela se vacinou contra COVID-19, uma alegria semelhante ao nascimento dos meus filhos. Naquele dia ela renasceu para mim!

Da dentista à ativista cultural: a presença da mulher na divulgação da cultura nordestina



Rilávia Sayonara de Castro Cardoso

Com indizível surpresa e honra recebi o convite para a inclusão do meu nome neste livro que agracia várias mulheres campinenses. Declaro a minha eterna gratidão. O convite se torna ainda maior pela ideia, coração, mente, alma e amor da autora deste projeto, professora Yara Macedo Lyra: pessoa extraordinária, competente, agregadora e apaixonada por Campina Grande-PB.

Nasci em Campina Grande, filha de Ademar de Almeida Cardoso e Estelita de Castro Cardoso e tenho como irmãos Robson Joaquim de Castro Cardoso (*In memoriam*), Rilva Suely, Ronney Sóstenes, Rawlinson Farley e Rissara Savana (*In memoriam*). Como grande presente de Deus tenho o meu amado filho Lincoln de Castro Cardoso Maia, hoje engenheiro civil, fruto do meu grande amor, por seu pai, Francisco Ajalmar Maia. Sou muito abençoada por ter pais e família maravilhosos.

Tive uma infância superfeliz ao lado da minha família em Alagoa Nova-PB, no Engenho São Severino “Macaíba”. Papai era um agroindustrial bem sucedido. Lá toda a minha família nos visitava e passava as férias conosco. O engenho produzia as famosas cachaças Macaíba e Cabeça. Ali tive momentos inesquecíveis.

No início da década de 1970, viemos morar em Campina Grande, onde estudei no Instituto Nossa Senhora Aparecida, no “Colégio Virgem de Lourdes”, na “Escola Técnica Redentorista” e, finalmente, no “Colégio Imaculada Conceição”, onde concluí o ensino médio e tive a oportunidade de conhecer a grande educadora, entre tantas, a que me inspirou pela coragem, determinação, inteligência, educação, amor e fé, Irmã Marie Etienne, que amo demais, pelo apoio que recebi nas horas em que mais precisei.

Formei-me em Odontologia, em 1983, na Universidade Regional do Nordeste, hoje Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e, logo em seguida, estagiei no consultório do meu cunhado João Morais Lucas.

Por uma indicação da amiga Antônia Cunha, consegui um emprego de dentista em Pilões (PB), com o Prefeito José Sales, aos quais sou muito grata. Na época, Ajalmar (meu esposo) comprou, nessa cidade, a propriedade “Ypiranga”, que eu também administrava.

Com a luta e persistência de mamãe em busca de melhores oportunidades, fui trabalhar em Taperoá (PB), através do amigo e parente José Ribeiro de Farias, e acolhida pelo dr. Adonias e Dona Cleusa. Iniciei trabalhando como dentista no Centro de Saúde e, na ocasião e a meu pedido, o prefeito José Pimenta reabriu o Posto de Saúde de Assunção (também na Paraíba), que voltou a prestar serviços à população. Posteriormente, fui contratada como servidora estadual na gestão do Governador Tarcísio Burity. Logo após, fui convidada para dirigir o Hospital Distrital de Taperoá a pedido dos funcionários do Hospital. Deixei o hospital reformado, funcionando bem, equipado para cirurgias, com atendimento nas principais especialidades e com um serviço de prevenção ao câncer uterino iniciado. Na ocasião recebi telegrama do Governador me parabenizando pela administração do Hospital.

Pelo meu desempenho e reconhecimento dos meus superiores, dr. Ivo Aragão e dr. Gilvan Navarro, fui convidada a exercer o cargo de Superintendente do 3º Núcleo Regional de Saúde, que, à época, coordenava as ações de saúde de 44 municípios. Conteí com a colaboração da minha irmã Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas, mestre em saúde pública, como superintendente adjunta e em pouco tempo fizemos uma eficiente gestão: conseguimos a reestruturação, equipamento e reinauguração do Centro de Saúde de Remígio (PB); a reativação do hospital de Arara (PB); ambulâncias; e reabertura do Centro de Saúde Francisco Pinto (em Campina Grande), ofertando quase todas as especialidades médicas e um serviço de prevenção ao câncer do colo uterino. Durante toda essa gestão recebemos vários reconhecimentos: Menção honrosa, Funcionária Padrão do 3º NRS, em 1988; Destaque profissional de Administração em saúde, em 1991 e outros.

Paralelamente a essas funções, realizei alguns cursos de pós-graduação *lato sensu*, como Odontopediatria, Ortodontia, Administração de Serviços de Saúde, Administração Hospitalar, Marketing e a formação na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG).

Após o aperfeiçoamento em Ortodontia e estágio no Centro de Ortodontia Integrado do Dr. Francisco Ajalmar Maia em Natal (RN), fui convidada a fundar, instalar, clinicar e gerenciar o Centro de Ortodontia Integrado (COI) em Campina Grande, em 1990, o qual dirijo até hoje. A clínica teve um grande sucesso e alta demanda, sendo procurada por

pacientes de diversas cidades, o que ensejou a criação do Centro de Ortodontia Clínica em João Pessoa (PB), do qual fui sócia por 15 anos. Em virtude dos nossos empreendimentos, fui agraciada com vários títulos: Destaque Odontológico em 2000; Diploma de Mérito do Conselho Federal de Odontologia em 2004; Diploma de Melhor Odontóloga na Paraíba (OAB) em 2005; entre outros.

Na minha trajetória tive umas passagens pela representação de classe, tendo sido presidente do Conselho de Ética do Conselho Regional de Odontologia da Paraíba e exerci, a convite da Professora Yara Lyra, a Presidência da mulher empresária na Associação Comercial de Campina Grande.

Mas, como dizia o mestre Luiz Gonzaga, “Quem mandou a concertina meu juízo revirar?” Pela genética que carregava dos meus pais – que amavam e despertaram o meu amor pelo forró – e por um grande encontro na minha vida com outro apaixonado pela cultura e música nordestina – meu grande companheiro Francisco Ajalmar Maia, filho de sanfoneiro Raimundo Maia – adentramos neste mundo cultural. Mamãe, uma das maiores incentivadoras, com meu pai realizavam “bailes” no engenho movidos a trios de forró, em casamentos, batizados e São João. Na radiola, ouvíamos Marinês, Luís Gonzaga, Jackson do Pandeiro e outros. Até um *jingle* comercial da cachaça Macaíba, que papai engarrafava, foi gravado por Luiz Gonzaga.

Daí nasceu a ideia de decorar toda a clínica (Centro de Odontologia Integrada, com 5 salas), que fazia aniversário no mês de junho. Eu também, nascida em junho, me entusiasmava e os temas e as músicas que animavam o ambiente eram sempre relacionados à cultura nordestina. Veio-me também a ideia de me aliar a alguns empresários para dar visibilidade às suas empresas, expondo os seus produtos neste período, no COI.

Os temas foram se sucedendo: Sala de Reboco, Ouro Branco (Algodão) com a parceria da EMBRAPA, Cachaça (Engenhos) e a cada ano homenageávamos alguns artistas com troféus. A atenção do público que frequentava o Centro Médico San Raphael, onde fica o COI, era voltada para a decoração da Clínica logo na entrada. Rapidamente chamou a atenção dos meios de comunicação e a divulgação levou a notícia aos mais distantes lugares e a repercussão era grande. Fomos agraciados várias vezes como a melhor decoração (Vitrine) pelo Clube de Diretores Lojistas (CDL).

Em 2007, chegou à Paraíba o cineasta suíço Robert Bernard Charrue que nos convidou a auxiliá-lo e fazer parte de um projeto cinematográfico “Paraíba meu amor”, indicado pelo empresário francês Pierre Landolt, da Fazenda Tamanduá em Patos (PB). Este empresário mostrou ao mundo que o sertão é rico e viável, exportando seus produtos para o Brasil e para o mundo. A convite de Pinto do Acordeon, demos total assistência à equipe de filmagem, tivemos participação e créditos no filme, que foi premiado em vários países, e também assessoramos o grupo de artistas paraibanos que participaram do filme, e se apresentaram no Festival de Montreux, na Suíça, em julho de 2008. Esses receberam patrocínio do Governador do Estado, Cassio Cunha Lima, e fomos ao festival com Pinto do Acordeon, Aleijadinho de Pombal, Flávio José, Chico César, Trio Tamanduá e músicos. Lá, conhecemos um dos maiores acordeonistas do mundo, Richard Galliano, que se disse fã de Dominginhos e falou da vontade de tocar com ele. Imediatamente, entramos em contato com o prefeito Veneziano Vital do Rego, para viabilizar esse grande encontro, que aconteceu no palco do Maior São João do Mundo: Dominginhos, Richard Galliano e Pinto do Acordeon.

Para nossa surpresa, o cineasta nos convidou para fazer o lançamento brasileiro do filme, em Campina Grande, em gratidão ao nosso apoio e à acolhida que teve aqui. Escolhemos o auditório da FIEP para esta memorável noite. Ao apresentar a proposta ao então presidente, Buega Gadelha, este não só apoiou como considerou a ideia extraordinária. Nem precisa dizer que a parceria foi um grande sucesso.

A partir desse encontro e do crescimento do número de pessoas que iam à Clínica assistir às homenagens que fazíamos, pensamos em criar um evento para esse troféu, que desse mais visibilidade aos artistas que o recebiam e pudesse contar com um número maior de convidados. Firmamos uma grande parceria com a FIEP com o apoio do seu presidente e de grandes empresários paraibanos patrocinadores e lançamos o I Troféu Gonzagão. O sucesso foi total e hoje já tivemos 11 edições. Por justiça, registramos a nossa gratidão e o reconhecimento pelo crescimento do evento graças ao total apoio do então Presidente da FIEP, o amigo e visionário Francisco Benevides Buega Gadelha.

Esse troféu representa muito do que somos, mas também “o reconhecimento do talento, ele premia a alma de pessoas, cujos sentimentos transcendem emoções, sonhos, dor, desejos, coragem, lutas, e a fé de um povo forte, abençoadamente, aclamado Nordeste” (Estelita Cardoso). Temos a honra de ter como madrinha a nossa querida amiga Elba Ramalho, que junto a todos os queridos artistas fazem a história e o sucesso desse troféu. Somos eternamente gratos a Deus pelo apoio constante da família, dos amigos, clientes, artistas, músicos, patrocinadores, imprensa, políticos, equipe de apoio do “Troféu Gonzagão” e a todos que nos ajudam a construir esta história.

Fizemos também parceria com a Rede Globo de Comunicação através das TVs Paraíba e Cabo Branco, do nosso amigo, Eduardo Carlos, que espalhou e divulgou o projeto para vários países, além de dedicar um horário nobre da sua programação para transmiti-lo para toda a Paraíba e para vários países do mundo.

Colhemos muitos frutos, prêmios, menções honrosas, votos de aplausos e louvor em Câmaras de Vereadores, Assembleia Legislativa, Câmara de Deputados e Senado Federal. Foram muitos troféus recebidos: Heitor Falcão, Abelardo Jurema, Waldemar Duarte, “As 10 mulheres que são exemplos de vida”, Mulher exemplo 2018 (deputada Daniela Ribeiro) ABRAJET, Fundação AABB, Associação de Jornalistas e de Turismo da Paraíba. Foram muitas publicações em jornais, TVs, rádios, blogs, artigos e redes sociais. Citação no livro “Inspiração Paraíba (Camila Haeckel Blanke e Marina Sá Vitoriano)”, Medalhas de Mérito Municipal (Vereador Antônio Pimentel Filho) e Assembleia Legislativa (Deputados Daniela Ribeiro e Carlos Dunga), Projetos de lei municipal de Patrimônio Cultural e Imaterial de Campina Grande (Vereador Renan Maracajá) e Projetos de lei estadual de Patrimônio Cultural e Imaterial da Paraíba (Deputado Chicó). Temos por todos esses, a nossa maior expressão de gratidão.

Ainda fruto da repercussão do filme “Paraíba meu amor”, fomos convidados, por indicação de Dominginhos, a apoiar as gravações do filme “O Milagre de Santa Luzia” do diretor Sérgio Roizenblit, recebendo créditos neste filme.

Pela necessidade de institucionalizar o Troféu, fundamos o Instituto Intercultural Brasil (INBRA), do qual faço parte como presidente e que foi um sonho acalentado por anos. Nos objetivos do instituto, estão, além da organização do Troféu, a criação de

uma escola com cursos de iniciação musical e instrumental de percussão e outros instrumentos para crianças da rede escolar municipal, apoio aos músicos, elaboração de projetos, entre outros. Tivemos a aprovação de um projeto para financiamento pela Lei Rouanet no Ministério da Cultura.

Sou grata a Deus pelos meus pais e família maravilhosa, pelo meu grande encontro com Ajalmar Maia, pelo meu abençoado filho Lincoln e a todos que me ajudaram a construir a minha trajetória de luz.

Dedico a participação neste livro à grandiosa mulher, minha amadíssima mãe Estelita Cardoso, pela fonte inesgotável de inspiração, fé, amor, generosidade, ternura e coragem. Em tempos difíceis voou mais alto que as águias, formou cinco filhos com exemplo de grande dignidade. Assim como dedico ao meu pai Ademar Cardoso, visionário, que trouxe a música para as nossas vidas e a dos seus colaboradores. Por fim, gratidão a todos que até aqui me apoiaram nesta jornada.

Entre saberes e sorrisos: A fala de uma Educadora na Odontologia



Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas

Início este relato expressando uma enorme gratidão a Deus pela vida da minha querida amiga e professora Yara Lyra. Só a sua mente empreendedora, propulsora, incentivadora, criativa e inventiva, para reunir numa publicação tantas histórias lindas e marcantes destas mulheres maravilhosas que compõem esta obra. Neste texto, vou me apresentar e tentar expor o que posso ter feito por Campina Grande, cidade que me recebeu de forma tão acolhedora. A minha missão nesta cidade e nesta vida é ser mulher, filha, esposa, mãe, avó, Dentista e Educadora.

Eu me chamo Rilva Suely de Castro Cardoso Lucas, nasci em Alagoa Nova-PB, mais precisamente na casa grande do “Engenho São Severino”, também conhecido como “Engenho Macaíba”. Meus pais Ademar de Almeida Cardoso e Estelita de Castro Cardoso, grande orgulho e referência de amor e de vida para nós, nos proporcionaram uma infância muito rica em experiências inesquecíveis que trago gravadas no peito como boas e doces memórias.

Sou a segunda filha da família e tenho cinco irmãos: o primeiro, Robson Joaquim de Castro Cardoso (*In memoriam*) era médico; depois de mim, vieram Ronney Sóstenes de Castro Cardoso, empresário; Rawlinson Farley de Castro Cardoso, administrador e empresário; Rilávia Sayonara de Castro Cardoso, cirurgiã dentista, ortodontista e ativista cultural; e Rissara Savana de Castro Cardoso (*In memoriam*), que perdemos nos primeiros dias de vida.

Crescemos todos no engenho herdado dos meus avós e depois propriedade dos meus pais. Ali, naqueles espaços rurais, na bagaceira, nos pomares, matas, rios e canaviais, foi que aprendemos muito da vida, na convivência com inúmeros trabalhadores rurais, crianças e adultos, cuidadores, amigos e familiares que se juntavam em grande quantidade, nos momentos de férias, festejos ou lidas cotidianas. Amo essa herança festiva e festiva dos nossos queridos pais, em particular da minha mãe Estelita Cardoso, uma mulher com um sem número de habilidades.

O “Engenho São Severino” tinha ares de uma vila. Além do engenho e da casa grande, havia a destilaria e o engarrafamento das cachaças das marcas “Macaíba” e “Cabeça”, o caldo de cana, a rapadura e puxa-puxa. Na casa de farinha comíamos Beijus deliciosos. Havia coqueiras, pocilgas, criação de gansos, patos, perus, galinhas, pavões, pombos, abelhas, cavalos e gado leiteiro. Também havia desfibradora de agave, marcenaria, oficina mecânica, igreja, escola e as casas dos trabalhadores que enriqueciam a nossa vivência nas brincadeiras de criança. Nas férias, eu costumava reunir as crianças na Capela e “dava aulas”, reproduzindo o que aprendia no colégio. Papai vendo aquilo, já dizia que eu seria uma “boa professora”.

Na idade escolar viemos, ainda pequenos, para Campina Grande-PB, estudar no “Colégio Virgem de Lourdes” (Lourdinas), retornando a Alagoa Nova-PB dois anos após, para estudar no “Educandário Dom Bosco” – recém-instalado pela querida professora e amiga da minha mãe, Nazaré Frutuoso Leal – onde concluímos o curso primário. A minha mãe sempre foi ativa e participante de todos os eventos escolares dos filhos. Eu e minha irmã Rilávia fomos baliza por várias edições do desfile no dia “7 de setembro” e também desfilávamos todos os anos. Neste período, fui batizada, fiz primeira eucaristia e fui crismada pelo Monsenhor José Borges de Carvalho.

Em Alagoa Nova fiz o exame de admissão aos nove anos e cursei até o primeiro ano no Ginásio Comercial Tabajara, voltando às “Lourdinas” no segundo ano, onde concluí o ginásio. O curso científico (atual ensino médio) foi realizado no “Colégio Diocesano Pio XI”, dirigido, à época, pelos grandes educadores Gerônimo Vilar Pequeno e Itan Pereira, a quem reverencio neste momento. O terceiro ano, no entanto, como era de praxe, cursei no EPUC (Estudos Pré-universitários Campinenses – voltados para o 3º ano/cursinho preparatório para o vestibular) da professora Yara Macedo Lyra, galgando, posteriormente, a aprovação no vestibular de Odontologia na recém-criada Faculdade de Odontologia de Campina Grande, hoje UEPB (Universidade Estadual da Paraíba).

Durante a graduação, participamos de muitos cursos extracurriculares e congressos em várias cidades brasileiras. Enquanto acadêmica e após a graduação, tive participação ativa na minha turma, ora na organização de eventos e viagens a congressos, ora na obtenção de recursos para a nossa festa de formatura. Ainda hoje me empenho em programar encontros festivos ou de viagens da minha turma de Odontologia e em outros grupos que frequento. Mantive ótimas relações com os nossos professores, gozando até hoje da amizade de todos eles.

Concluí o curso de Odontologia e, aos 21 anos, fui trabalhar no Hospital de Massaranduba (PB), ligado ao antigo FUNRURAL (Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural). Trabalhei também no Serviço de Odontologia do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), atendendo a alunos e servidores. Tive um vínculo efetivo de dentista na Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, onde trabalhei por quase 20

anos. Nesse período, fui, além de dentista da rede pública, Coordenadora de odontologia do Centro de Saúde Francisco Pinto, Supervisora de Odontologia, Assessora Técnica e Superintendente Adjunta do 3º Núcleo Regional de Saúde.

Fui membro e presidi as comissões organizadoras de cada década de Jubileus da nossa Faculdade. Até o jubileu de ouro em 2022, tivemos a honra de homenagear todos os professores efetivos e visitantes que passaram pelo nosso curso, além do seu fundador, professor Antônio Silva da Silveira, que esteve em todas as homenagens. Nestas festas, também homenageamos os servidores técnico-administrativos que deram a sua contribuição ao nosso Departamento, ao longo da sua existência. No Jubileu de Ouro, também recebi esta homenagem, quando estava encerrando as minhas atividades acadêmicas.

Em relação à atividade privada, iniciei-a um ano após a minha graduação, na Clínica e Pronto Socorro Odontológico, juntamente com outra colega e o meu professor dr. João Moraes Lucas. Lá exerci a atividade por 20 anos.

Quis a vida que esse ex-professor passasse a ser meu esposo, Lukinha, como costume chamá-lo. Conhecemo-nos na Faculdade e após a formatura nos aproximamos para além da profissão, namoramos e nos casamos em 15 de novembro de 1980. Desde, então, tive em Lukinha, meu parceiro de vida, todo apoio e incentivo para a minha vida familiar, profissional e docente.

Construímos a nossa família como nosso maior legado. Da nossa união, geramos quatro filhos: Alfredo Lucas Neto (cirurgião dentista, implantodontista e cirurgião bucomaxilofacial); Rodolfo César Cardoso Lucas (administrador de empresas); Rennan Felipe Cardoso Lucas (empresário e corretor); e Renally Cristine Cardoso Lucas, também dentista, endodontista, musicista, mestre e psicóloga. Esses filhos nos deram seis lindos netos que trazem amor e fazem a alegria da nossa família em todos os sentidos. São eles Ana Clara, filha de Alfredo e Karolinne e João e Pedro, filhos de Alfredo e Ana Flávia; Bento Lazuli, filho de Renally e Yago; e ainda Rafael e Maria Fernanda, filhos de Rodolfo e Fernanda. Amo estar reunida com a nossa família em vários momentos e comemorações que faço questão de promover.

Por mais de 38 anos tivemos uma participação frequente e ativa na nossa paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em movimentos de Cursilho da Cristandade e em Encontros de Casais, de Jovens e de Adolescentes com Cristo. Foi um tempo importante demais para a nossa família, que se fortalecia na vida cristã. Tivemos valiosos dirigentes espirituais como Padre Genival Saraiva, Padre Rocha, Padre Everaldo e, atualmente, Padre Jorge, que nos orientaram e nos acompanham nesta caminhada. Forjamos grandes amizades pelas quais temos o maior apreço e ainda hoje desfrutamos da companhia de muitos amigos queridos.

O nosso ciclo de amizades é bem grande e fortalecido. São amigos que conquistamos na família, na vida acadêmica – de alunos a docentes –, nos trabalhos fora da academia, nos movimentos cristãos e em clubes de serviço (Rotary). Alguns se tornaram irmãos que a vida nos deu. Gostamos muito de nos divertir e viajar e contamos com a companhia agradabilíssima dos amigos e familiares para realização destes sonhos.

Pela genética familiar, herdei o apreço pelas festas, tanto gosto de frequentá-las quanto de organizá-las; também gosto de decoração, amo música e adoro dançar.

Nossos filhos desenvolveram várias habilidades musicais e todos tocam algum tipo de instrumento. Nas reuniões familiares, sempre temos uma animação garantida. Herdei da minha mãe muitas habilidades manuais. Não me aprofundei, mas entendo de costura, bordados, artesanato, pinturas, cultivo de plantas, entre outras habilidades. Gosto muito de pensar e escrever.

Faço parte e sou vice-presidente do Instituto Intercultural Brasil (INBRA), que apoia e institucionaliza o “Troféu Gonzagão”, dirigido pela minha irmã Rilávia. Sou colaboradora desde o seu nascimento, contribuindo nos projetos, nas pesquisas, criação de textos dos convites e apoiando as já decorridas 11 edições do Troféu.

Grande parte da minha vida, me dediquei à atividade docente que muito me marcou, tanto em relação à minha formação, quanto à minha atuação profissional. Iniciei em 1977 como professora substituta e em 1980, fui efetivada como professora do Curso de Odontologia da URNe, hoje, UEPB. A missão de educar sempre me fascinou. Ali passei os melhores anos da minha vida e experimentei a dor e a delícia de ser professor neste país. Ministrei muitas disciplinas na graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*: cursos de especialização em Saúde Pública; Saúde da Família; Odontologia do Trabalho; Cirurgia e Traumatologia bucomaxilofacial; Dentística Restauradora e Estética; e nos mestrados e doutorados em Odontologia na UEPB e UFPE.

Desde então busquei avidamente oportunidades de capacitação profissional e pedagógica para exercer com competência a função docente, que me atraía de forma extraordinária.

Cursei Aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino Superior e Cursos de Especialização em (1) Administração Universitária e (2) Endodontia, na URNE; (3) Saúde Pública, na UNAERP (Universidade de Ribeirão Preto); (4) Odontologia em Saúde Coletiva, na UFRN (campus de Natal-RN); e (5) Educação em Saúde para Preceptores do SUS, promovida pelo Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. Cursei Mestrado em Odontologia Social, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Doutorado em Odontologia/Saúde Coletiva, na Faculdade de Odontologia, na Universidade de Pernambuco.

Na UEPB, coordenei as Clínicas Integradas do Curso de Odontologia; fui Chefe do Departamento de Odontologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) por dois mandatos; fui Coordenadora adjunta e depois Coordenadora do Curso de Odontologia; fui Diretora adjunta do CCBS e membro do CONSUNI; coordenei os Estágios do Curso de Odontologia; fui representante docente e também dos Coordenadores de Curso do CCBS junto ao CONSEPE; e membro efetivo do Conselho de Centro (COC) do CCBS por vários mandatos. Fiz parte da Câmara Departamental e do Colegiado de Curso, além de ter sido membro e presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE), do Curso de Odontologia.

No setor de extensão universitária, coordenei o projeto de extensão “Doutores do Sorriso”, durante 19 anos; e também coordenei uma equipe de alunos de oito cursos da UEPB, numa edição do Projeto Rondon, organizado pelo Ministério da Defesa, no município de Mata Roma, interior do Maranhão – uma experiência inesquecível!

Juntamente com uma aluna inscrevemos um trabalho científico num edital e obtivemos o 1º lugar do Prêmio Nacional de Odontologia Preventiva da COLGATE.

Participo ainda das Associações profissionais: sou membro da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; da Associação Brasileira de Ensino Odontológico e da ABENO-PB, da qual fui vice-presidente e delegada; Sócia Honorária da Sociedade Odontológica de Campina Grande; membro efetivo da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica; da *International Association for Dental Resseach*; Associação Brasileira de Odontologia, seção Paraíba; e da Associação Docente da UEPB. Sou membro titular da Academia Paraibana de Odontologia e membro fundador titular e faço parte da Diretoria da Academia de Ciências da Paraíba, criada por incentivo e persistência da professora Yara Lyra.

Participei de quase duas centenas de congressos nacionais e internacionais, apresentando e orientando muitos trabalhos científicos. Ministrei cursos em congressos, em formação de Auxiliares e Técnicos de Higiene Dental. Publiquei artigos em revistas nacionais e internacionais. Fui homenageada sucessivas vezes por turmas concluintes ao longo de 42 anos de ensino, fui madrinha, paraninfa e patronesse de algumas turmas, ministrei inúmeras Aulas da Saudade e tive o nome atribuído a 3 turmas concluintes.

Tenho um entendimento da importância da *educação* na minha vida e nas vidas que eu pude tocar, deixando algum legado de conhecimento, amizade, solidariedade, ativismo, sanitarismo, espírito de luta e de classe, baseados nos exemplos que tive, ao longo da minha vida, da minha mãe, do meu pai, dos meus amigos e dos meus professores, que foram tantos que não dá para nominar neste espaço.

O maior orgulho que sinto como educadora é ter contribuído com a formação de mais de cinco mil dentistas que atuam em todos os rincões deste país e no exterior. Alegro-me acompanhando seus sucessos pelas redes sociais e tendo muitos deles como amigos particulares.

Acredito na força da EDUCAÇÃO e na capacidade de grandes mulheres que pensam, agem, empreendem e fazem tanto por Campina Grande, muitas vezes, no anonimato. Esta obra nos estimula a pensar e fazer ainda grandes coisas por esta cidade. Creio nas mulheres que, como Yara Lyra, formam esta força motriz que move o mundo em que vivemos! Salve Yara!

Empreender é atividade para mulheres, sim!



Rosália Lucas

Campina Grande-PB, 04 de fevereiro de 1976, quarta-feira: dia em que nasci e recebi o nome de Rosália Borges Lucas. Sou filha de José Morais Lucas, um renomado médico anestesista, historiador e jornalista, e Valéria Marcelino Borges Lucas, pedagoga e professora universitária com mestrado. Cresci em um ambiente rico em conhecimento e serviço à comunidade. A influência acadêmica e de serviço público é uma herança familiar notável, com minha avó Berenice, ex-vice-reitora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e meu avô Clóvis Borges, o primeiro anestesista de Campina Grande.

A história de minha família é permeada por grandes figuras que moldaram a visão de mundo que tenho hoje. Minha avó paterna, Rosália Morais, foi uma liderança política no Congo, Cariri paraibano; e meu avô paterno Alfredo Lucas, um respeitado farmacêutico. A riqueza intelectual e a dedicação ao serviço comunitário de meus antepassados me influenciaram profundamente e me inspiraram a seguir uma vida de impacto e transformação social.

Não trilhei esse caminho sozinha. Ao longo da vida, fui guiada e inspirada por duas mulheres excepcionais: minhas irmãs Micheline e Marcela Borges Lucas.

Micheline Borges Lucas é uma médica oftalmologista renomada, que reside em Brasília, onde se dedica à sua vida profissional e à família que constituiu. Mãe de Fernanda, Micheline é um exemplo de força. Apesar da distância geográfica, ela mantém

um forte laço com a família em Campina Grande e está sempre presente nos momentos mais importantes da minha vida.

Marcela Borges Lucas é professora e psicopedagoga, atua na rede municipal de ensino e coordena o “Colégio Virgem de Lourdes” (Lourdinas). Mãe de Davi e Maitê, ela se dedica à educação de crianças e jovens, semeando valores e conhecimento para as futuras gerações. Marcela é uma mulher dedicada à família e à sua profissão, sendo um pilar de apoio fundamental.

Vivi a infância no bairro Alto Branco, próximo ao ponto de “Cem Réis”, em Campina Grande. Estudei na Escola Pequeno Príncipe e, posteriormente, no “Colégio Lourdinas”. Desde cedo, demonstrei ter uma personalidade ativa e independente, gostando de brincar na rua, andar de bicicleta, jogar bola de gude e assar castanhas na casa da vizinha. “Sempre gostei da liberdade”, relembro com carinho.

Na adolescência, estudei no Colégio de Ensino Médio CPUC (Colégio Pré-universitário Campinense), onde desenvolvi minhas habilidades de liderança e organização. Um marco significativo dessa fase foi a gincana escolar durante a qual liderei minha turma e chegamos à vitória. Foi um momento que me ensinou muito sobre trabalho em equipe e liderança.

Hoje, sou graduada em Direito pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), com pós-graduação em Marketing pela mesma Universidade. Mas minha busca pelo conhecimento não cessou: atualmente, estou matriculada no Curso de Especialização em Turismo Responsável, ofertado pelo Ministério do Turismo.

Aos 16 anos, conheci o pai de meus filhos, iniciando-se uma parceria que transcendeu o âmbito pessoal e se estendeu ao profissional. Juntos, fundamos uma agência de publicidade, a “Criare”. Desde cedo, demonstrei uma forte inclinação para os negócios, contrariando o desejo de meu pai, que preferia que eu seguisse carreiras tradicionais como medicina, direito ou engenharia. Mesmo assim, segui meu coração e iniciei minha jornada como empreendedora com a oferta de um curso de redação, em parceria com um amigo professor, que me influenciou a fazer o exame vestibular para o Curso de Letras, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). No entanto, mesmo aprovada, não segui esse Curso: sempre acreditei na força do networking e do empreendedorismo, logo ser professora não era compatível comigo.

Minha trajetória profissional é marcada por grandes eventos e projetos que deixaram um legado em Campina Grande. Um dos momentos mais memoráveis foi a inauguração do Shopping Iguatemi (hoje, Partage), há 25 anos: era uma multidão tentando entrar, foi algo que marcou muito. Participar da equipe de marketing desse evento foi uma experiência transformadora.

Outros projetos significativos dos quais participei incluem o Casa Cor da TV Paraíba, Campimóveis, Liquida Campina, Bom é na Feira e o Selo de Cidade Criativa da Unesco. Durante a pandemia da COVID-19, desempenhei um papel crucial no projeto SOS Respiradores, que trouxe respiradores para Campina Grande. Além disso, ajudei a preservar empregos: iniciativas como a AeC, que gerou quatro mil postos de trabalho *home office*, e a manutenção da feira central, com postos de higienização e distribuição de máscaras, são exemplos de meu empenho eficaz em prol da comunidade campinense.

Também empreendi em outros setores: fui responsável pela realização do Réveillon com shows em Campina Grande, com início em 2017; implantei o Conselho Municipal de Turismo e criei a marca turística da cidade: o Viva Campina. Em parceria com o Sebrae, desenvolvi o roteiro Serra da Borborema, integrando oito municípios ao redor de Campina Grande. Busquei e consegui a ampliação dos voos para a Rainha da Borborema, impulsionando o turismo da cidade. Também consegui que artesãos de todo o estado da Paraíba tivessem mais oportunidades de viver da sua arte, através da realização do Salão do Artesanato, que marca presença durante os festejos do “Maior São João do Mundo”, em Campina Grande. Sempre mantive o foco em trabalhar na área de negócios.

Como mãe, tenho muito orgulho de meus filhos: Camila Lucas, estudante de Medicina, e Caio Lucas, estudante de Odontologia. São responsáveis, amigos e parceiros em minha jornada de vida. Atualmente divorciada, dedico-me plenamente à minha carreira e ao desenvolvimento de Campina Grande.

Em 1996, quando ainda era estagiária na agência 9ideia, fiz minha primeira campanha política para Enivaldo Ribeiro. Essa experiência abriu portas para a carreira na televisão, onde integrei a equipe comercial do Sistema Correio. Posteriormente, fundei a agência “Criare”, que hoje é conhecida como “Tudo Agência”. Fui presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) e da Fundação CDL, uma organização social que ajudou, através de projetos sociais e culturais, muitas crianças e adolescentes vulneráveis da cidade. Atualmente sou vice-presidente da CDL.

Também ocupei o cargo de Secretária Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Campina Grande e atualmente estou Secretária Estadual de Turismo e Desenvolvimento Econômico. Minha atuação nesses cargos é marcada por iniciativas inovadoras e projetos que promovem o crescimento econômico e turístico da região.

Tenho que dizer que sou moldada em uma combinação única de paixão, determinação e um profundo compromisso com a comunidade. Procuro ser uma mulher que transcende barreiras e quebra paradigmas. Sou um testemunho de resiliência, inovação e dedicação. De minhas raízes em uma família intelectual e de serviço público, à infância livre e cheia de aventuras no bairro Alto Branco, passando por conquistas acadêmicas e profissionais, construí minha trajetória profissional.

Procurei não apenas impactar Campina Grande e a Paraíba com meus projetos e iniciativas, mas também servir como um exemplo inspirador de liderança feminina. Busco sempre transformar desafios em oportunidades e promover um futuro melhor para minha cidade: duas qualidades que ressoam profundamente em todos que têm a oportunidade de trabalhar por Campina Grande.

Pela força da mulher, chega a Campina o tratamento oncológico



Sandra Maria Pereira de Oliveira

A minha vida sempre foi feita de desafios! Nasci prematura, na cidade de Sousa, Paraíba, no dia 27 de março de 1954. Vim ao mundo pelas mãos de uma parteira, já que na cidade não existiam médicos para este tipo de atendimento. Fui a segunda de uma família de sete filhos.

Meu pai, Raimundo Pereira de Oliveira, funcionário público, quando se casou e tornou-se chefe de família tão numerosa, não tinha concluído ainda o primeiro grau. Estudou junto conosco! Trabalhando de dia e estudando à noite em Cajazeiras, cidade distante cerca de 50 km de Sousa, concluiu o segundo grau e fez exame vestibular para o Curso de Direito, em Campina Grande, na antiga FURNe (Fundação Universidade Regional do Nordeste), foi aprovado e veio a concluí-lo quando eu estava prestando vestibular para o curso de Medicina na UFPB. Seguiu sua carreira de advogado e se tornou professor da Faculdade de Direito de Sousa. Faleceu prematuramente aos 57 anos, em um acidente automobilístico, viajando de Sousa a Campina Grande para participar de uma reunião Departamental da UFPB, hoje UFCG, no dia 14 de abril de 1984, dia do aniversário da minha mãe.

Minha mãe, Aldaly Justino de Oliveira, professora do Ensino Fundamental, nos educou trabalhando em dois turnos e, à noite, além de realizar as tarefas domésticas do lar, dividia com meu pai as tarefas de ajudar os filhos nos trabalhos escolares.

Vivi em Sousa até os 13 anos de idade. Desde o Jardim de Infância até o terceiro ano ginásial estudei no Colégio 10 de julho, onde minha mãe era professora. Fui para

a escola com três anos de idade, pois minha mãe não tinha com quem deixar os filhos. Assim íamos todos com ela para a escola.

Fui crescendo e aos sete anos juntamente com os meus irmãos (a cada dois anos chegava mais um!), passamos a ir para a escola também no período da tarde. Como em Sousa não existia escola em tempo integral, à tarde íamos para o que hoje seria uma escola de reforço. À noite, seguíamos a nossa rotina de estudos, sendo assistidos por meu pai e por minha mãe.

Apesar da nossa rotina de estudo que era, de certa forma, rigorosa, ainda tínhamos tempo para brincar na rua, onde podíamos correr, jogar bola e andar de bicicleta.

Aos domingos meu pai, que era amante de cinema, levava todos nós para o Cine Gadelha, sessão das 14h. Lá ele lia as legendas para nós e quando chegava à casa, pacientemente nos explicava o filme. Além do cinema, aos domingos, pela manhã, íamos todos, inclusive minha mãe, passear em São Gonçalo (Distrito de Sousa), onde existe um açude que, na nossa visão de crianças, era o maior do mundo!

Aos 13 anos, meus pais viram a necessidade de me colocar para estudar em uma cidade maior. Em 1968, tive o meu primeiro contato com Campina Grande. Vim estudar no Colégio Estadual da Prata, onde cursei do terceiro ano ginasial até o segundo científico.

Em 1972, fui morar em João Pessoa, onde concluí o Científico no Lyceu Paraibano. Em seguida fiz exame vestibular para a área 2 (Saúde) da UFPB. Naquela época, não se ingressava diretamente no curso de Medicina. Como todo estudante, comecei o curso de Medicina cheia de sonhos e cada professor era para mim um espelho. A cada disciplina que cursava e obtinha aprovação, imaginava que seria a especialização que eu iria escolher. E assim segui até cursar anatomia patológica, ministrada pelo professor Ely Chaves, especialista em patologia e profissional respeitado em todo o país, no diagnóstico de câncer. Identifiquei-me de imediato com a cancerologia. Tornei-me assistente do dr. Ely Chaves e me preparei para seguir como anatomopatologista.

Cheguei ao quinto ano de medicina, momento em que podíamos escolher onde fazer o último ano do curso. Por ser de família pobre, eu não poderia ir com recursos próprios estudar onde eu escolhesse. A universidade na ocasião tinha um programa de bolsas que oferecia cinco vagas para o Rio de Janeiro. Inscrevi-me e fui aprovada em primeiro lugar. Assim, fui para o Rio de Janeiro, para o Hospital da Lagoa. No momento da entrevista conheci a dra. Maria Tereza Cortez, primeira oncologista com quem tive contato na vida. Falei do meu amor pela anatomia patológica e da minha relação com dr. Ely Chaves. Neste momento, se iniciava uma relação equivalente à de mãe e filha. Fui apresentada ao mundo da oncologia que para mim foi tão fascinante que não pensei mais em nenhuma outra especialidade.

Ao final do meu período de um ano no Hospital da Lagoa, chegou o momento da minha decisão. Fui com a dra. Maria Tereza conhecer o Instituto Nacional do Câncer (INCA) e já em novembro de 1978, eu estava fazendo a prova de seleção para a Residência Médica em Oncologia Clínica.

Iniciei a minha Residência Médica em janeiro de 1979. Foram muitos os desafios. Tive o meu primeiro contato com a realidade e a jornada de um paciente com câncer. Para ser oncologista, havia o pré-requisito de se fazer um ano de cirurgia. Desta forma,

tive que fazer um ano de cirurgia. Entrava no Centro Cirúrgico às 6h da manhã e saía por volta das 22h. Eram cirurgias muito longas, pois o princípio que as regia era que quanto mais radical o tratamento, melhores seriam os seus resultados. As cirurgias eram muito mutiladoras.

No segundo ano já pude ir para a oncologia clínica. Estava fortalecida no conhecimento do câncer e fortalecida emocionalmente. O tratamento com quimioterapia em 1980, era muito restrito, havia poucas drogas e os resultados não eram tão animadores. Mesmo assim, eu me sentia encantada em estudar aquelas drogas e o que elas representavam na vida de um paciente oncológico.

Concluí a minha Residência Médica em 1981 e sempre alimentei o desejo de voltar para a Paraíba e ajudar a minha gente. Dessa forma, quando a Faculdade de Medicina de Campina Grande, à época recém-encampada pela UFPB e necessitando criar a disciplina de Oncologia, abriu concurso para docente, inscrevi-me e fui aprovada. Lembro-me de que, ao terminar minha prova prática, a Banca Examinadora, composta por dr. Ponce de Leon, dr. Carlos Tejo e dr. Adonis de Carvalho, me questionou se, de fato, eu queria retornar para Campina Grande.

Ao assumir meu posto de professora, entendi o motivo da preocupação. Não havia na cidade nenhuma estrutura para tratamento do câncer. Desta forma, fui designada para trabalhar no ambulatório de triagem da Faculdade de Medicina, onde as doenças predominantes eram a fome e a verminose. Iniciamos as atividades da disciplina de Oncologia, organizamos seu programa e iniciamos um ambulatório para treinamento dos alunos. Ainda não fazíamos quimioterapia.

Após dois anos como professora da Faculdade de Medicina, fui chamada para assumir um emprego como médica do antigo INAMPS (Instituto de Assistência Médica da Previdência Social) na cidade de São Paulo, pois antes de vir para Campina Grande, eu tinha prestado concurso para o referido cargo. Com o compromisso de voltar para Campina Grande e após obter licença da Universidade, assumi como médica do serviço de oncologia do hospital Heliópolis, onde fiquei por dois anos até conseguir a minha transferência para Campina Grande.

Voltei definitivamente em janeiro de 1986 e iniciei meu trabalho no Hospital Alcides Carneiro que integrava, à época, a rede do INAMPS. Fui trabalhar também no Hospital Escola da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba) e na Clínica Santa Clara.

Ao assumir, no Hospital Alcides Carneiro, conheci o Dr. Souza Assis, cirurgião pioneiro do tratamento do câncer de mama, que me incorporou à sua equipe e me entregou todas as suas pacientes com câncer de mama. Dr. Petrônio Vilar, à época, Chefe da Clínica Médica, após algumas conversas, me levou para a ver a sala onde funcionava o cafezinho dos médicos. Nesta sala, havia uma geladeira, uma bancada com pia e um espaço onde se poderia colocar dois leitos e uma mesa para atendimento. Ele sugeriu que ali poderia funcionar a quimioterapia. Aceitei de imediato a proposta e foi na sala do cafezinho dos médicos do Hospital Alcides Carneiro, onde de fato, nasceu a Oncologia de Campina Grande.

Posteriormente, conheci dr. Paulo Pinto, Dr. Firmino Brasileiro e dr. Ulysses Pinto, todos integrantes da Direção do Hospital da FAP. Começamos então a pensar em criar uma área para tratamento do câncer naquele hospital, pois o Ministério da Saúde

acenava com a possibilidade de doação de uma Bomba de Cobalto para Campina Grande e o hospital da FAP havia sido escolhido para recebê-la.

Para o tratamento do câncer é necessário contar com cirurgia, radioterapia e quimioterapia. A cidade já contava com bons cirurgiões, eu estava iniciando a quimioterapia, mas faltava a radioterapia. Dr. Souza Assis, grande entusiasta da oncologia, designou o dr. Rogério de Assis Lira, para ir para Ribeirão Preto, especializar-se em radioterapia.

Começamos, então, a atender na sala do cafezinho dos médicos, do Hospital Alcides Carneiro, todos os pacientes oncológicos de Campina Grande, do compartimento da Borborema e do vizinho Estado de Pernambuco. Entretanto, para que a máquina de radioterapia viesse para o Hospital da FAP, e para garantir o credenciamento do SUS, passamos a atender alguns pacientes portadores de câncer nessa instituição. Como ainda não havia a devida estrutura, a medicação era preparada no Posto de Enfermagem e aplicada de leito em leito. Trabalho que eu executava com auxílio de uma Técnica de Enfermagem.

Enquanto isto, o serviço de quimioterapia do Hospital Alcides Carneiro começava a crescer. Eu tinha o auxílio de uma Técnica de Enfermagem, Lindaumira Limeira, que tudo fez para me ajudar e também aos pacientes que necessitavam daquele atendimento. No entanto, a estrutura era precária e totalmente fora das normas vigentes. Quando, em fins dos anos 1990, o dr. Gilvandro Siqueira assumiu a Superintendência do agora Hospital Universitário Alcides Carneiro, e nos fez uma visita, percebeu a precariedade das instalações e, olhando pela janela, viu que tinha uma laje que poderia servir para a ampliação da sala de quimioterapia. Junto com os arquitetos, desenhamos como seria uma Central de Quimioterapia. Assim surgiu a primeira sala de preparo (Capela) de quimioterapia de Campina Grande.

Quando o Hospital precisou expandir e ocupar o atual prédio do CAESE, projetamos junto com os engenheiros e arquitetos o atual setor de quimioterapia do Hospital Universitário que funciona até os dias atuais.

Desenhadas e constituídas essas estruturas de atendimento público, eu percebia que a cidade demandava também atendimentos privados cuja oferta de serviços não existia. Abrimos diálogos com hospitais privados, procurando sensibilizá-los para a constituição de um serviço de quimioterapia voltado para atendimento privado, porém não obtive êxito.

Em 1992, abri o meu primeiro consultório privado em parceria com a dra. Gersa Guimarães (médica ultrassonografista), na Rua Rodrigue Alves, 508. Porém apenas para atendimento clínico, visto que não havia espaço para quimioterapia. Em 1999, constitui o segundo consultório no Centro Médico San Raphael, onde já foi possível instalar uma pequena sala de quimioterapia que contava com duas poltronas para infusão das medicações. Foi o embrião da ONCOL (Clínica de Oncologia de Campina Grande LTDA), primeira clínica privada de Campina Grande, especializada no tratamento do câncer. Foi também o início da luta para que os convênios médicos assumissem o pagamento de tratamentos oncológicos. Depois de muita luta e de receber muito *não*, finalmente a ANS (Agência Nacional de Saúde), em 1999, estabeleceu que os Planos de Saúde assumissem os tratamentos de câncer.

Em 2006, criamos a ONCOL (Clínica de Oncologia de Campina Grande Ltda.) com sede na Rua Rodrigues Alves, 375, no Bairro da Prata. A ONCOL hoje conta com cinco médicos oncologistas, uma médica oncopediatra, dois radioterapeutas, seis cirurgiões, nutricionista, farmacêutico e um corpo de enfermagem especializada no tratamento e cuidados do paciente com câncer.

Em 2007 tive a honra de receber o título de cidadã campinense e dois anos depois recebi a medalha de honra ao mérito municipal. Hoje estou aposentada como professora da UFCG, mas tenho a alegria e o orgulho de ter ajudado na formação de muitos médicos que estão em atividade na cidade e em muitas cidades do País e de ter contribuído para a formação de toda a equipe que hoje trabalha comigo.

EU por mim... mas com influência de Campina Grande na minha história!



Santana Maria Florindo

Nasci em 12 de outubro de 1948, em Boqueirão-PB, cidade distante 46km de Campina Grande, filha de Rosemiro Florindo Barbosa e Maria de Jezus Barbosa. Aprendi as primeiras letras na casa dos meus avós – seu Chico Florindo e dona Nila – onde nasci e com eles morei muitos anos: pessoas muito importantes na minha primeira infância e na minha formação cultural e religiosa.

Sua casa se situava na rua Oliveira Ledo, nº 67, a principal rua de Boqueirão, àquela época.

Preocupados com o aprendizado de seus netos, eles chamaram uma parente que morava no sítio, para vir ser nossa professora (minha, de minha irmã e das primas Clea e Fátima, que moravam na casa em frente a dos nossos avós). Com a parente professora, de nome Cleuza, mas na intimidade, Novinha, aprendi as primeiras letras do saber intelectual e, alguns anos mais tarde, o espiritual.

Aos cinco anos, cheguei a Campina Grande para continuar meus estudos, pois minha terra natal não contava com escolas que atendessem à exigência da minha família.

E, no “Colégio das Lourdinhas”, recém-instalado na avenida Getúlio Vargas, iniciei minha trajetória regular de aprendizado, cursando o então primário, fazendo o exame de admissão – após me preparar em cursos particulares, com o professor Anésio Leão e sua filha Nísia – e o curso ginásial, esse concluído em 1963, já no local onde está

instalado até hoje (rua Nossa Sra. de Lourdes, 193 - Jardim Tavares). Participei da turma fundadora daquele educandário.

Com a infância dividida entre estudos em Campina Grande e férias em Boqueirão, ao lado dos irmãos Ana Maria (a mais velha) e, me seguindo, Francisco de Assis, José Gabriel e, após sete anos, os mais novos, Maria do Socorro (Corrinha), Maria José (Dadá) e Saulo Ricardo, que chegaram na minha adolescência e me tornaram um pouco mãe deles, íamos e vínhamos a todas as festas da cidade natal, convivendo com familiares e amigos da região, lembrando as Festas de janeiro, nas quais, juntamente com a prima Edneuzza, fizemos algumas travessuras... mas na Fazenda Santana, dos meus avós, a experiência do campo foi compartilhada com a companhia da querida Desterro, nos banhos de rio, galopando pelas redondezas e convivendo com a simplicidade do campo.

Fui fazer o curso científico (atual Ensino Médio) no Colégio Estadual da Prata, em 1964, quando participei do Desfile Cívico em comemoração aos 100 anos de Campina Grande, num Pelotão que rememorava a Revolução de 1817, coordenado por Betinha Figueiredo. Nesse Colégio, tive como professores, entre outros, Dadá Gadelha, Celso Pereira e muitos estudantes de Engenharia, que faziam parte do corpo docente ensinando Química, Física, Matemática. Mas não posso esquecer o doce de coco que comprávamos na escadaria do Gigantão (como era carinhosamente chamado o Colégio Estadual da Prata): o quebra-queixo do "seu" Manoel...

Dali parti para enfrentar o exame vestibular em João Pessoa, na UFPB, para cursar Medicina, que foi a minha escolha, segundo minha avó, expressada aos seis anos de idade. Não logrei êxito na primeira tentativa, mas venci a segunda e Deus, escrevendo por linha certa, me deu a chance de, como excedente (assim era identificado o candidato que, embora aprovado no vestibular, não se matriculava, pois não havia vagas para todos no curso), aguardar uma solução de vaga, quando então foi aberta a Faculdade de Medicina de Campina Grande, sob a organização e dedicação do saudoso dr. Bezerra de Carvalho e outros entusiastas da ideia. Lá fiz meu Curso, concluindo em 1974, e tive a honra de ser também das primeiras turmas. Em dezembro próximo (dias 07 e 08), no Garden Hotel, iremos comemorar nosso Jubileu de Ouro, reunindo muitos colegas e homenageando outros que já partiram, como nossa saudosa Helenita...

Com educação bastante rígida, posta com a ordem de OU ESTUDA OU NAMORA, fui tendo meus namoricos de adolescência, quase todos escondidos, fugindo para alguns "assustados" (bailes em finais de semana que reuniam muitos jovens), mas o foco era mesmo o estudo e fui deixando para mais tarde algumas decisões nesse setor. No entanto não posso deixar de citar o aprendizado com as experiências vividas com Roberto Meira, Paulo Roberto, Robson Leopoldino... todos com seu tempo e suas contribuições valiosas na minha vida afetiva e emocional.

Não tive filhos biológicos, mas a escolha da Especialidade em Pediatria, que não pôde ser feita de imediato, pois a dificuldade financeira não me permitiu, (como optei por trabalhar na minha Cidade Natal, nos primeiros seis meses após a formatura, não dispunha de recursos financeiros suficientes), me deu oportunidade de grande aprendizado de vida, de exercitar meus conhecimentos e conviver com pais e crianças maravilhosas, grandes mestres do meu viver. Consegui fazer a Especialidade em Pediatria, no Rio de Janeiro, realizando um grande sonho.

Voltando do Rio, exerci minha profissão nos Hospitais e serviços de Pediatria de Campina Grande, com muita honra: HOSPITAL DA FAP, CLIPSI, SAMIC, MATERNIDADE MUNICIPAL ELPÍDIO DE ALMEIDA (atual ISEA), H. PEDRO I, CLÍNICA MATER DEI, CASA DE SAÚDE DR. FRANCISCO BRASILEIRO, HOSPITAL JOÃO XXIII, CLÍNICA SANTA CLARA, ora como plantonista, ora como evolucionista, ora como berçarista ou em salas de parto, vendo e recebendo muitos bebês em minhas mãos, improvisando UTIS muitas vezes. Acompanhei muitos desses bebês, que hoje se tornaram pais e mães e alguns avós maravilhosos. Porém foi no HOSPITAL ALCIDES CARNEIRO, onde atuei por mais de 21 anos como pediatra, após ser aprovada em Concurso Público do Ministério da Saúde. Lá atuei em todos os setores da Pediatria, como também na Supervisão da Residência e Internato – serviços pioneiros, até a chegada da Universidade Federal de Campina Grande.

Ao tempo em que trabalhava no exercício da profissão, participando também dos movimentos culturais e políticos, fui fundadora da Sociedade de Pediatria de Campina Grande, hoje extinta; presidente da Sociedade Médica de Campina Grande, em duas gestões, no final da década de 1980; fundadora da Associação Médico-espírita de Campina Grande; e, na Unimed Campina Grande, cooperada desde 1976, ocupei o cargo de secretária e posteriormente fui eleita presidente, também em duas gestões, por oito anos; daí chegando a Vice-Presidente da Federação das Unimed do Estado da Paraíba, até 2004. Nesse percurso, pessoas importantes que colaboraram comigo são muitas, mas destaco dr. Raul Torres Dantas, meu Pai Profissional, a quem recorri em muitos momentos, e dr. José Juracy Gouveia, pelo conhecimento de cooperativismo que demonstrou na sua vivência conosco. Faço uma homenagem também aos companheiros de mandato, Roberto Ribeiro, Ademir Wanderley, Carlos Alberto de Figueiredo, Wladimir Gomes, Fábio Piquet, com quem dividimos momentos especiais; ocupei o cargo de Coordenadora do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente; e atualmente sou secretária da Sociedade Paraibana de Pediatria, na gestão da colega Maria do Socorro Martins.

Convivendo com o Cooperativismo, fui uma das fundadoras da UNICRED Campina Grande (instituição financeira cooperativa), hoje uma referência de cooperativismo na nossa região, conhecida como SICREDI; e fui também a única mulher eleita presidente dessa instituição, até o momento em que escrevo este texto. Além dessas atuações, participei da reabertura da APAE-Campina Grande, onde também ocupei o cargo de presidente, nos anos de 2009 a 2011 e fui presidente da Federação das Apae do Estado da Paraíba, em dois mandatos seguidos. Ressalto, enquanto me encontrava nessa função, o grande número de pessoas de destaque que trabalhavam pelo desenvolvimento das Apae e nos envolviam com suas experiências e dedicação, a exemplo da Professora Margarida da Mota Rocha, a qual também colabora com este livro.

Buscando exercer os cargos citados com mais eficiência, fiz o Curso de Especialização em Saúde Pública e um MBA em Gestão Estratégica de Cooperativismo no UNIPÊ (Centro Universitário de João Pessoa).

Aposentada em 2003 do serviço público no Hospital Alcides Carneiro, continuei exercendo a minha Especialidade em Clínica Privada. Entretanto fui convocada para mais uma experiência, agora na área mental. Sob a Coordenação da Psicóloga Ana Amélia, atendi crianças no Capsi Infantil (Centro de Atenção Psicossocial) e no Capsinho

(Núcleo Campinense de Intervenção Precoce), que demonstravam desequilíbrio no seu desenvolvimento neuropsicomotor. Para isso, realizei um Curso de Especialização em Saúde Mental, contextualizado para a realidade de Campina Grande. Nessa área, atuei até o início da Pandemia de COVID-19, em 2020.

Não poderia ter trilhado todo este caminho sem alimentar, paralelamente, a minha espiritualidade. Assim, após conhecer o Espiritismo, participei da fundação da Associação Municipal de Espiritismo-AME, mas foi na União Fraternal Espírita que sustentei minha FÉ raciocinada, também como fundadora em 1969 e ocupei o cargo de presidente de 2009 a 2019. Atualmente, estou como vice-presidente da Confreira Maria Goretti Brito, convivendo e aprendendo com muitas almas queridas e importantes na minha passagem por este SOLO, tais como meu irmão, pai, cunhado e amigo Chico Raimundo, minha irmã espiritual Cleuza Normando e vários companheiros desta Doutrina que consola, ilumina e conduz para novos rumos, espalhados em vários recantos do Brasil e do Mundo, os quais represento na figura inesquecível de Honório Onofre Abreu, de Minas Gerais. Nesta convivência, fiz muitas viagens para participação de eventos em muitas localidades, entre as quais destaco as que mais me tocaram, quando conheci as terras por onde Jesus andou: particularmente a Galileia, Belém, Cafarnaum. Também me tocou muito ter conhecido a Casa de Maria, em Éfeso...

Mas toda essa história começa aqui! Por isso digo e reafirmo: a minha vida é Campina Grande, nela pude ser o que sou; e dela e da sua gente, muito recebi e ainda recebo; sou muito grata a esta Terra, pelo muito que me proporcionou no aprendizado constante que é a vida!! OBRIGADA CAMPINA!

Obrigada a Deus por me ter colocado nesta Cidade, que continua me presenteando com sua beleza, seu clima e sua gente, que aceitou meu trabalho e enriqueceu meu caminho!

Minha eterna GRATIDÃO A TODOS!

CAMPINA GRANDE, 06 de julho de 2024.

Apenas uma narrativa das minhas colaborações para minha cidade, Campina Grande



Tatiana de Oliveira Medeiros

Nasci e cresci em Campina Grande, na Paraíba; sou filha de um sertanejo e paraibano arretado, dr. José Moysés de Medeiros Neto – médico urologista, forrozeiro e poeta – e de uma mulher à frente do seu tempo – Zoé de Oliveira Medeiros –, pernambucana, campeã brasileira de remo, pedagoga, educadora física, enfermeira e administradora de empresas. Os dois se conheceram na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, casaram-se, tiveram quatro filhos e construíram uma linda história de vida, por 50 anos, até a partida da minha mãe.

Fui uma criança muito feliz, travessa, estudiosa e muito operacional, brincava na rua o dia inteiro, andava de perna de pau, patinete de madeira, patins, bicicleta... tão somente na infância “quebrei” os braços quatro vezes.

Comecei a fazer minha “poupança” aos 10 anos, lavando semanalmente o carro do meu pai e da minha mãe, atividade que me deixava extremamente orgulhosa.

Iniciei minha trajetória esportiva aos 11 anos, como atleta da natação e rapidamente passei a fazer parte da equipe do SESI (Serviço Social da Indústria) de Campina Grande. Treinava quatro horas por dia. Aos 14 anos também ingressei no voleibol, no CPUC (Colégio Pré-universitário Campinense) e fui convocada para a seleção paraibana. Aos 16 anos fui contratada pela empresa São Braz para jogar e nadar.

Estudei no Instituto Domingos Sávio, no Colégio Integrado da FURNe (Fundação Universidade Regional do Nordeste) e no CPUC, da nossa querida professora Yara Macedo Lyra.

Aos 17 anos, passei no meu primeiro vestibular para o Curso de Medicina, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – campus de Campina Grande – onde realizei meu curso de graduação. No Distrito Federal, especificamente, no Hospital de Base, realizei minha residência médica.

Sou médica por vocação, e ortopedista e traumatologista por teimosia. Por sinal, fui a primeira ortopedista mulher da Paraíba e do Distrito Federal.

Atualmente, sou membro titular da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia-SBOT.

Na minha caminhada pela Ortopedia e Traumatologia da Paraíba e de Campina Grande, fui médica da primeira equipe do SAMU-192 de Campina Grande, em 2004; passei a ser a coordenadora geral do SAMU-192, em 2005, e vesti, literalmente, o macacão do SAMU por seis anos.

Trabalhei em vários hospitais de nossa cidade, a exemplo do Hospital Escola da FAP (Fundação Assistencial da Paraíba), Hospital Universitário-HU, Hospital Pedro I, Hospital João XXIII, Hospital Regional (atualmente, Hospital de Trauma de Campina Grande), Clínica Santa Clara, dentre outros. E sou sócia-proprietária da clínica Ortotrauma, em Campina Grande, há 29 anos.

Em 2011, assumi a Secretaria Municipal de Saúde de Campina Grande, tendo sido secretária de janeiro de 2011 até junho de 2012. Nessa ocasião, tive a oportunidade de fazer muito pela saúde pública da nossa região e pela população: implantamos a primeira UPA porte 3 (Unidade de Pronto Atendimento Assistencial de complexidade intermediária) da Paraíba; deixamos em construção a UPA da avenida Dinamérica; implantamos o Hospital da Criança de Campina Grande; implantamos o plano de cargos, carreira e vencimentos dos servidores municipais da saúde; construímos várias UBS (Unidade Básica de Saúde), a exemplo da UBS dr. Ricardo Amorim, Wesley Cariry Targino, dr. Ventura, Dr. Hênio Azevedo, dr. Mesquita, dr. José Aurino, Dr. Hindemburgo Nunes; também ampliamos e reformamos várias outras unidades, como a UBS Adriana Bezerra em Santa Rosa; e implantamos programas como o Saúde Itinerante, os postos de saúde nos mercados e nas feiras da nossa cidade.

Além desses serviços, regionalizamos o SAMU-192 de Campina Grande, levando esse serviço para mais de 50 cidades na nossa região; ampliamos e reformamos a grande maternidade da cidade, o ISEA (Instituto de Saúde Elpídio de Almeida).

Busquei sempre atuar na medicina suplementar e na gestão pública da saúde.

Em 2015, assumi a Gerência Regional da Terceira Gerência Regional de Saúde, em Campina Grande, com a diretriz e a responsabilidade de fazer a interlocução entre o governo federal e a Secretaria Estadual de Saúde, com 42 cidades da nossa macrorregião de saúde, colaborando como superintendente até 2018.

Hoje atuo na academia, lecionando o componente curricular Ortopedia e Traumatologia, função que, em muito, me realiza, e trabalho diariamente na minha clínica e no hospital-escola Help.

Fui candidata a prefeita da minha amada Campina Grande, em 2012, chegando ao segundo turno, obtendo a confiança de quase 100 mil campinenses, pelos quais nutro profunda gratidão.

Entretanto, ao lado dessa atuação profissional, realizei meus projetos pessoais: casei e fui mãe do meu primeiro filho – Cassiano – aos 18 anos; tive mais três filhas – Ana Carla, Cibele e Maria Eduarda; sou avó de Helena, sogra de Camila e mãe de dois pets lindos – Chico e Bento.

Hoje, volto meu olhar ao passado e me pergunto: (1) como consegui ser mãe e pai de quatro filhos sem perder o foco na Faculdade de Medicina, na Seleção Paraibana, no Internato, na Residência Médica e na minha vida profissional? (2) Como consegui parir quatro filhos de parto normal, quando a maioria das mulheres já desejava marcar uma cesariana? (3) Como consegui trabalhar até o dia de as meninas nascerem e voltar ao trabalho sete dias após o seu nascimento? (4) Amamentar os quatro filhos, principalmente a mais nova, que mamou por mais de um ano?

Sinceramente, ao escrever esse breve resumo de minha caminhada, me surpreendi comigo mesma e cheguei à conclusão de que o segredo para “dar conta” de tudo foi escolher sempre o que eu gostava de fazer: o esporte foi minha vida por anos, a piscina e a quadra foram meu habitat, a medicina uma escolha acertada e a maternidade foi minha maior realização, como uma canceriana raiz, não poderia ter sido diferente.

E a vida transcorre de forma célere!

Duas certezas me acompanham nesta vida: a primeira é que chegamos a esse mundo e, inevitavelmente, teremos o nosso dia de partida e a segunda é que, na partida, não levaremos nada material. Daqui só levaremos o amor doado, as experiências acumuladas e as sementes plantadas.

E seguimos nessa experiência incrível chamada vida, com muita esperança, gratidão por todas as oportunidades e fé no coração.

07 de agosto de 2024

Da panificação à solidariedade cristã



Terezinha de Jesus Rocha de França Araújo

Meu nome é Terezinha de Jesus Rocha de França Araújo, nascida em 06 de dezembro de 1947, na cidade de Santa Luzia, fruto do amor da professora Eurídice Rocha de França, e do oficial de justiça Belino Araújo, o qual partilhei e compartilho com os meus outros 11 irmãos. Na cidade do sertão paraibano, cresci e entrelacei raízes nesse município de poucos habitantes, em que vi meus pais, sob muito sol, fazerem de tudo para que eu descansasse sob a sombra, junto aos meus irmãos. E assim fizeram: naquela época, aprendizes da chamada “Escola Normal”, vi meus 8 irmãos mais velhos terem a oportunidade de buscar no estudo a tentativa de se desprenderem de uma realidade limitante e, entre idas e vindas, a educação se fez elemento transformador na minha família. Diante disso, digo que cresci junto ao academicismo com muito orgulho e é daí que começa minha história com Campina Grande-PB, local que se fez minha casa, e pude viver a beleza de encontros essenciais para minha formação: em especial os ensinamentos do meu ex-professor Loureiro e Dona Alcides. Aqui, tive a oportunidade de lecionar no “Colégio Alfredo Dantas”, junto com a minha mãe – que também foi professora da instituição por longos e firmes 58 anos – até ser agraciada com um dos mais belos encontros da minha vida: Edson Marcolino Diniz, meu eterno “Edinho”.

Ainda em Campina, nos casamos e tivemos nosso primeiro filho, Samuel. Um tempo depois, fomos morar em Recife-PB, e lá fui agraciada com minhas duas filhas, Candice e Izabelli. Acredito que Recife foi uma das maiores viradas de chave da nossa vida, de lá

tiro grandes recordações. Com o falecimento do meu sogro, Samuel Diniz, que comandava a panificadora de sua família, retornamos para a Rainha da Borborema, marcando o início de uma longa missão que se perpetua até os dias atuais: a “Trigos e Cia”.

Começamos em 1981, com a unidade da rua Almirante Barroso, deixada pelo meu sogro. À época, o estabelecimento era conhecido como “Panificadora Almirante”; com o passar dos anos, conseguimos transformar o que antes se limitava a uma unidade, em uma rede expandida em outros pontos da cidade: nos bairros da Prata, Conceição e Santo Antônio, que se estenderam até João Pessoa, no bairro do Bessa, marcando o início da marca “Trigos e Cia”, como é conhecida atualmente. O contexto histórico da criação das sedes iniciais da Trigos foi marcado pelo início da globalização. Naquele tempo, a internet ainda era muito escassa e o uso de aparelhos eletrônicos demandavam um alto custo, mas conseguimos: a sede da panificadora Santa Luzia, no bairro do Santo Antônio, se tornou a 1ª padaria computadorizada da Paraíba, marcando a transformação do setor de panificação, que agora usufruía de um ambiente automatizado e revolucionário para a época. Com os empreendimentos dando certo e a popularização das padarias, a Trigos quebrou barreiras que vão muito além da automação: conseguimos ter a oportunidade de frequentar congressos nacionais e internacionais. Lembro-me muito bem das idas a Paris, onde frequentávamos os cursos de panificação e de onde trouxemos o croissant para fazer sucesso em Campina, porque esse tipo de receita não existia por aqui. Mas conseguimos implantar, renovar e consolidar essa saborosa receita em nossa cidade. Não é à toa que, em 2011, a “Trigos e Cia” se estabilizou entre as 100 melhores padarias do Brasil, com direito a prêmio recebido, em solenidade, na cidade de São Paulo. Aqui em Campina éramos referência em primeiro lugar, durante consecutivos anos, ganhando prêmios como a melhor padaria da cidade, melhor vitrine através de votação da CDL, entre outros. Acredito que naqueles anos o que nos consolidou foi a nossa qualidade, ela era o nosso diferencial.

A humildade e o esforço de empreender, que aprendi com meu esposo Edson, me abriu o olhar para outros horizontes, e os levo comigo desde o seu falecimento e para o resto de toda a minha vida. Quando perdi Edinho para o câncer, em 2001, confesso que o sentimento de desamparo tomou conta de mim, mas não foi o suficiente para abalar tudo que havíamos construído: a padaria continuou firme, agora comandada pelos nossos filhos, com destaque para Izabelli — que hoje faz parte da administração da “Trigos” - e carrega o legado e os princípios do pai com muita dedicação.

Em 2002, encontrei-me, durante o luto, na vocação missionária: as pastorais da Igreja do Rosário, a Rede Feminina de Combate ao Câncer e a A. I. C (Associação Internacional de Caridade de São Vicente de Paulo) aos poucos foram se tornando minha casa. Assim como acreditei no meu empreendimento com as padarias, acredito na veracidade e potencial desses projetos. Com a filantropia eu e outras voluntárias temos a oportunidade de ajudar milhares de pessoas postas num paradigma de pobreza e injustiça, dando-lhes um papel social ativo e reconhecido num espírito de solidariedade.

Hoje, dedico meu maior tempo ao trabalho filantrópico da associação A. I. C., onde trabalhamos com os carentes e os mais necessitados e temos vários projetos sociais, como os para crianças, idosos e gestantes. Eu me dedico ao projeto IMAGINE, que trabalha com as crianças e adolescentes, onde fazemos reforço escolar, evangelização, dança,

artesanato, informática, atendimento psicólogo e assistência social. Nesse projeto, procuramos dar um pouco de dignidade humana aos que vivem na carência. O projeto IMAGINE tem como finalidade preparar crianças e adolescentes para serem cidadãos mais conscientes dos seus direitos e deveres, mostrando essa proposta de mudança para a vida não só para as crianças, mas para toda a família. Nosso voluntariado no projeto não significa apenas ajudar diretamente os carentes, mas também nos deixar moldar pela espiritualidade vicentina, buscando agir juntos em todos os momentos de nossa vida, de acordo com a vontade de Deus e de São Vicente de Paulo. É preciso, através do contato pessoal, ouvir, aceitar e tentar ajudar aqueles que vivem em situação de marginalização, tentando reintegrá-los na sociedade. Temos de agir como agentes transformadores. Só a solidariedade, a caridade e o amor transformarão o mundo para as próximas gerações.

Uma trajetória de determinação e sucesso



Valéria Barreto Valença

Meu nome, Valéria Barreto Valença, tem relação direta com o cenário empresarial de Campina Grande, Paraíba, embora não tenha nascido nesta cidade. Nasci em 28 de julho de 1960, na vibrante cidade de São Paulo-SP, sou a primogênita de Manoel Gonçalves Valença e Darcy Barreto Valença, casal de origem sergipana que buscava tranquilidade longe da agitação paulistana, onde morava, tendo-a encontrado em Campina Grande.

A aviação, ramo que fascinava meu pai, proporcionou à minha família a oportunidade de novos horizontes, levando-nos a estabelecer raízes em Campina Grande, onde tive uma infância mágica e cheia de descobertas, marcada por encontros com meus familiares, compreendendo o quão é importante o aconchego da família.

A influência de minha mãe, Darcy, com sua natureza amorosa e religiosa, marca integralmente minha formação. Ela não apenas ensinou princípios morais e éticos, mas também foi um exemplo vivo desses valores em seu dia a dia, demonstrados com carinho e paciência através dos desafios da vida.

Desde cedo, assumi responsabilidades, pois sou a mais velha de quatro irmãs. Minha juventude foi pontuada por inúmeras viagens, principalmente para manter o contato com familiares distantes, já que em Campina Grande não tínhamos raízes profundas. A educação rígida que recebi moldou-me em uma adolescente tímida, com um

círculo íntimo de amigos e uma forte ligação com minha família, especialmente com meu pai, a quem todos conhecem carinhosamente como 'seu Valença'.

Durante períodos desafiadores, como as crises aéreas que afetaram o Brasil, desempenhei um papel crucial para manter Campina Grande conectada ao mundo: a comissaria no aeroporto, nas madrugadas, durante três anos, garantindo a operação dos voos na cidade. Esse período reflete meu compromisso com a comunidade e minha paixão pela aviação, características que descrevo como um “trabalho que requer muito amor e dedicação”.

Desde cedo a determinação se manifestou em mim, quando optei por ingressar no mercado de trabalho ao lado de meu pai, representante da Varig, (Viação Aérea do Rio Grande do Sul), considerada a companhia aérea que simbolizava o Brasil, hoje não mais existente. Juntos, formamos uma parceria que perdurou por 22 anos e resultou em muitas conquistas e sucesso. Após essas duas décadas de parceria, surgiu a “Aerovias Turismo”, empresa que administro, atualmente, com muita garra e dedicação.

Para manter-me relevante no setor de turismo, foi preciso posicionar-me com visão estratégica e amor por esse setor. Na “Aerovias Turismo” esse sentimento é demonstrado nas relações com os clientes que são cultivadas com base na confiança, transparência e empatia, consolidando grandes amizades.

Minha presença no setor empresarial se expandiu para além do turismo, quando fui convidada pelo empresário Carlos Noujain Habib para integrar a diretoria da Câmara de Dirigentes Lojistas de Campina Grande (CDL-CG). Com minha experiência e dedicação, alcancei a presidência da entidade, cargo que ocupei de 2000 a 2004, período em que busquei contribuir significativamente para o desenvolvimento do comércio local, com a realização das primeiras edições da Liquida Campina, considerada hoje a maior liquidação do comércio varejista da Paraíba, com feiras de negócios e com convenções lojistas.

Durante meu mandato como presidente da CDL, fui honrada com o título de cidadã campinense, uma proposta do vereador José Claudio, que encontrou eco unânime na Casa Legislativa. Além disso, recebi a medalha de honra ao mérito do Estado, concedida pela Assembleia Legislativa da Paraíba, através do deputado Ricardo Barbosa, em reconhecimento aos meus serviços ao turismo paraibano.

Em relação à minha vida acadêmica, formei-me em Administração de Empresas pela Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), atual UEPB, e aprofundi meus conhecimentos em Cursos de Especialização na área de Gestão de Pessoas e em Cerimonialista, na instituição Unifacisa. Essa sólida base educacional pavimentou o caminho para que eu me destacasse como empresária e líder comunitária, sempre focada no desenvolvimento econômico local e na melhor experiência para meus clientes.

Além de minhas conquistas profissionais, enfrentei o desafio de criar meus dois filhos – Felipe, que é advogado; e Edla, engenheira civil e atualmente acadêmica de medicina – com dedicação e amor incondicionais, que só reforçaram minha resiliência e liderança dentro de minha família. Sou uma pessoa que celebra o positivo e vibra com cada conquista de meus familiares.

Hoje, desfruto de uma fase serena e gratificante de minha vida, assumindo com alegria o papel de avó de Laura. Com a mesma energia e ternura que dediquei a todas as minhas responsabilidades ao longo da vida, agora me dedico a transmitir valores e ensinamentos para minha neta, perpetuando a rica herança cultural e emocional de minha família.

Embora saiba que muitas mulheres brasileiras, ao longo das décadas, enfrentaram desafios e transformaram suas vidas e de suas famílias com coragem e amor, eu desejaria que a minha história servisse de inspiração, de exemplo vívido de superação e dedicação para mulheres que precisam se sentir empoderadas. Enfim, procuro demonstrar meu amor pela família, pela minha cidade e pela comunidade que me acolheu. Procuro ainda ser uma verdadeira matriarca que honra suas origens e olha para o futuro com esperança e gratidão.

A menina que brincava desenhando ruas transformou-se na engenheira de trânsito de Campina Grande



Valéria de Castro Costa Barros

Campina Grande-PB não é apenas o cenário de minha biografia; suas ruas, suas praças e suas histórias são os fios que tecem minha trajetória. Desde as primeiras brincadeiras na Praça Coronel Antônio Pessoa até os desafios enfrentados como engenheira na prefeitura, cada capítulo desta história reflete uma conexão com o transitar na cidade. Revelo aqui os segredos e as paixões que impulsionaram minha carreira dedicada ao transporte, trânsito e à evolução do espaço urbano de Campina. Digo que minha biografia é uma história de dedicação, inovação e um amor inabalável por uma cidade que, mais do que um lar, foi uma inspiração constante.

Nasci no dia 23 de maio de 1960, em Campina Grande, sendo a segunda filha de uma família com três filhos. Meu pai, Benedito de Paiva Costa, mais conhecido como Seu Costa, ou Seu Caraveli – em referência à sua loja de roupa masculina, a Magazine Caraveli – nasceu em Brejo do Cruz, no sertão paraibano, e construiu sua vida em Campina. Já minha mãe, Elza de Almeida Castro e Costa, veio de Cabaceiras-PB, no cariri do Estado. Em Campina Grande, eles se casaram no ano de 1957 e viveram juntos por mais de quarenta anos, até 2002, quando minha mãe faleceu.

Minha irmã mais velha, Rachel de Castro Costa, é médica endocrinologista, com atuação na cidade de Campina Grande; e meu irmão mais novo, Henrique de Castro Costa, é engenheiro civil e também atua na mesma cidade.

Durante a infância e início da adolescência, morávamos na Praça Coronel Antônio Pessoa, cenário de brincadeiras com amigas e primas, que sempre frequentavam minha casa. Nessa época, outro ponto marcante eram as visitas à casa de minha tia Dulce, que morava em uma região mais afastada do centro da cidade, a “Produção Mineral”, atualmente área onde está a Embrapa. Um paraíso para minhas aventuras de criança: muitas árvores e areia para fazer castelos. Talvez ali eu já simpatizava com a ideia de projetar, fazendo castelos e desenhando ruas por onde os carrinhos de brinquedo circulavam.

Aos 6 anos de idade, fui estudar no “Instituto Regina Coeli”, na rua Desembargador Trindade, dirigido por Socorro Farias. Naquela época, diziam que o “Regina Coeli” era uma escola moderna, afinal feira de ciências, teatro, aula de artes, pintura não eram comuns em Campina. E graças a essa tal modernidade, eu fui desenvolvendo esse pensamento inovador, regado pela criatividade. Os desenhos se tornaram um dos meus passatempos favoritos – até me lembro de minha professora de artes contando para minha mãe que eu tinha potencial. Eu começava a sonhar em projetar!

Em 1971, com a reforma do ensino que fundia primário e ginásio e excluía o exame de admissão ao ginásio, eu pude avançar um ano na escola, indo para o “Colégio Imaculada Conceição” (Damas), na Praça da Bandeira. Todas aquelas mudanças foram uma grande aventura para mim: uma menina de 11 anos já no ginásio e no grande “Colégio da Damas!” Mas uma das grandes alegrias daquela época era ir a pé para a escola com as amigas. Foi um tempo de novas amizades, das primeiras paqueras e namoros.

Findo o curso ginasial, era chegada a hora de começar a pensar em me preparar para o vestibular. Assim, pensar em qual área eu me sentiria melhor de acordo com minhas aptidões. Área de ciências exatas ou área de ciências humanas? Saúde? Fui estudar no Colégio EPUC (Estudos Pré-universitários Campinenses), sob a direção da professora Yara Lyra, na avenida Getúlio Vargas, onde funcionou o “Colégio Diocesano Pio XI”. Nessa época, a partir do primeiro ano científico as turmas já eram organizadas de acordo com a área de estudo. Sendo assim escolhi ficar na turma de ciências exatas, pois gostava de matemática e sempre estava buscando novidades para criar. Em 1977, fiz o exame vestibular para o curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e fui aprovada. Muita mudança de ritmo de estudo em uma universidade maior com inúmeras disciplinas, muita coisa nova para aprender.

Depois de alguns anos de muito estudo, em 1981 dei uma pausa, com o trancamento de minha matrícula na UFPB, para uma causa nobre: casar-me e acompanhar, em São Paulo, meu esposo que terminava sua formação de médico. Desde então estou casada com Hermano José Costa Barros, ou Maninho. Mas o curso trancado em Campina não significou que eu ficaria sem aprender algo novo – essa foi uma oportunidade para reconectar com aquelas aulas criativas da minha infância: em São Paulo, fiz um curso profissionalizante na área de decoração de interiores na Escola Paulista de Arte e Decoração, e assim me tornei “Decoradora de Interiores”.

São Paulo também foi o cenário para outro novo desafio de minha vida: ser mãe. em 1982, tive, ainda muito jovem, meu primeiro filho, que se chama André Costa Barros. André cresceu em Campina, concluiu o curso de Direito no UNIPÊ em João Pessoa, prestou concurso público e hoje é Procurador da Fazenda Nacional, em Brasília. Ele é pai de Eduardo Almeida Barros, meu querido neto, nascido em Brasília em 2019.

Em 1983, com um bebê nos braços, retornamos para Campina Grande. Mesmo me sentindo já muito diferente daquela jovem que trancou o curso alguns anos antes, minha determinação continuava firme: concluir o curso de Engenharia Civil, o que ocorreu no início de 1984. De imediato, comecei a trabalhar – não havia tempo a perder! Entrei na Prefeitura Municipal de Campina Grande como engenheira, por sorte, na área de engenharia de transportes e trânsito. Digo que foi sorte pois, sem nenhuma intenção, ao longo das atividades no trabalho, descobri minha paixão por esse mundo. Então decidi fazer o teste de seleção para ingressar no Mestrado em Engenharia de Transportes. Outra sorte minha: a UFPB tinha o mestrado, e lá fui eu para outra jornada de estudos.

Entre muito estudo, mais uma vez a vida me propôs outra nobre aventura: em 1986 tive meu segundo filho, Arthur Costa Barros. Arthur hoje é publicitário, formado pela Universidade Mackenzie em São Paulo, tem mestrado na Universidade de Boston nos Estados Unidos. Trabalha em uma multinacional na região de Nova Iorque, onde mora.

O ano de 1986 foi bem intenso: ser engenheira na prefeitura, estudante na universidade, mãe e esposa é uma combinação de responsabilidades que só nós mulheres podemos conciliar. Mesmo assim, o destino ainda me trouxe novos desafios encantadores: logo após o nascimento de Arthur, fui convidada pelo presidente da Empresa Municipal de Urbanização da Borborema (URBEMA), Gleryston Holanda de Lucena, e pelo Prefeito Municipal, Ronaldo Cunha Lima, para assumir a chefia do Departamento de Transportes da URBEMA. O rumo daquelas brincadeiras de carrinhos na “Produção Mineral”, na minha infância, estava fazendo sentido. Muito animada, aceitei o desafio. Foram muitas aprendizagens junto à fantástica equipe de trabalho. Neste período tínhamos uma inflação elevada e os reajustes das tarifas de ônibus eram quase mensais. Estes reajustes agitavam as classes trabalhadoras, sindicatos e estudantes – negociações e conversas desafiadoras para mim, mulher e tão jovem.

Havia no Brasil um largo processo de municipalização de serviços de uma forma geral, após a entrada em vigor da nova Constituição Federal (1988). Naquele período começava a surgir a necessidade de estruturação de órgãos municipais para gerenciamento dos transportes urbanos e definição de sua política de transportes. Durante 5 anos fiquei à frente do Departamento de Transportes (1986/1991), estruturando-o para transformá-lo na primeira autarquia do município de Campina Grande: a Superintendência de Transportes Públicos (STP).

Em 1991, foi criada a STP pelo prefeito Cássio Cunha Lima, que convidou para a chefia “a menina que entende de tarifa de ônibus”, nas palavras de como Cássio se referiu a mim. Embora tendo essas credenciais que me recomendaram ao cargo, a nova responsabilidade veio com muitas novidades e desafios para mim, como as famosas mudanças no trânsito. Lembro-me de mim, tão jovem, tornando algumas ruas em mão única, como a avenida Getúlio Vargas, rua Siqueira Campos e avenida Pedro II. Outro acontecimento interessante dessa fase foi a compra da sede da STP. Inicialmente a STP funcionava em imóvel alugado na rua Siqueira Campos. Em 1992, batalhando com

os recursos próprios da autarquia, compramos nossa própria sede – foi uma grande conquista para a cidade! Este prédio está localizado na rua Cazuza Barreto, bairro da Estação Velha (foi um prédio adquirido ao senhor Edvaldo do Ó), local onde funcionava o jornal a Gazeta do Sertão.

Minha aventura na STP continuou no governo de Félix Araújo Filho e, enquanto os assuntos de trânsito e transporte se tornavam mais relevantes paralelamente ao desenvolvimento de Campina, minhas responsabilidades cresciam. A gestão do órgão, cuidando de pessoas, processos, serviços, começou a ser uma parte significativa do meu dia a dia e essa dinâmica me abriu um novo capítulo. Em 1994, segui para a UFPB, em Campina Grande, para trabalhar em um novo programa de gestão, que era parte do Programa Brasileiro pela Qualidade Total – algo inovador naquela época, que apontava tendências para as próximas décadas com sistematização de processos de gestão. Incorporei-me à equipe de TQC da Pró-reitoria da UFPB, sob a coordenação do Pró-reitor para Assuntos do Interior – professor Jorge Beja. Foi uma experiência incrível, com a qual pude evoluir como gestora em uma visão inovadora.

Mas minha paixão por trânsito e transporte continuava ali. Em 1997, Cássio Cunha Lima volta à prefeitura de Campina Grande e me convida para reassumir a STP. Nesse retorno à Superintendência, eu já trazia uma bagagem mais completa – mais gestora e com mais maturidade técnica, o que foi essencial para enfrentar os desafios que Campina, cada vez “mais grande”, enfrentaria. Pouco antes de eu assumir o cargo, a municipalização do trânsito se tornou lei nacional e Campina Grande tinha que naquele momento ser dona de suas próprias ruas – trânsito, sinalização, fiscalização, operação, controle viário. A lista de responsabilidades para aquela nova fase já era inúmeras vezes maior que a lista que eu tinha no meu birô na URBEMA, nos idos de 1984. Com tantas atribuições novas, adicionamos um T ao STP, fazendo jus ao trânsito que já era parte de nosso menu – em 1999, STTP.

Um dos passos mais complexos foi preparar a equipe de fiscalização de trânsito, os “Agentes da Autoridade de Trânsito”. De um dia para o outro, através de concurso público, entraram 60 novos funcionários, adicionais aos outros já 80 que formavam a STTP. Criamos um espírito de equipe mágico na Superintendência, com a visão de fazer Campina Grande uma referência nacional no processo de municipalização. Passamos a ter assessoria, inclusive, da equipe da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) de São Paulo, a qual veio a Campina para treinar nosso time. Outro feito importante foi estruturar a equipe e desenvolver o Plano Diretor Setorial de Transporte Urbano e de Circulação Viária da cidade.

Nosso esforço e dedicação logo foram reconhecidos, colocando Campina em posição de destaque. Ficamos muito orgulhosos de ser o primeiro órgão executivo de Trânsito da Paraíba e a segunda cidade da região Nordeste a municipalizar o trânsito. Também passei a levar o caso de sucesso de nossa cidade para inspirar outros municípios, quando fui eleita Presidente do Fórum Regional de Gerenciadores de Trânsito e de Transporte Regional - Nordeste, e mais tarde Membro da Câmara Temática de Habilitação e Formação de Condutores, junto ao Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN, em Brasília. A STTP ia de “vento em popa”.

Eu estava feliz vendo o barco da STTP navegar bem e senti que minha missão à frente do órgão tinha sido cumprida. Decidi deixar o cargo e me dedicar a prestar

consultorias nas áreas de trânsito, transportes e mobilidade urbana, tanto junto ao segmento público quanto ao privado. Foi ótimo ensinar e aprender um pouco do dia a dia de outros segmentos do mundo do trânsito e do transporte.

Mas meu romance com as ruas da cidade de Campina não havia acabado. Em 2014, o prefeito Romero Rodrigues me convidou para elaborar o Plano Diretor de Mobilidade Urbana de Campina Grande. Trabalhei com uma equipe fantástica, capacitada e comprometida. Conseguimos entregar o plano de Mobilidade no prazo previsto em lei. E, mais uma vez, honrando o nome de nossa Campina Grande, fomos a primeira cidade da região Nordeste a ter seu plano de mobilidade entregue ao Ministério das Cidades. Senti-me fechando com chave de ouro minha atuação!

Em 2017, me aposentei como engenheira do quadro efetivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Feliz e realizada, encerrei minha carreira e voltei às brincadeiras de carrinhos, agora com meu neto. Hoje, divido meu tempo entre Campina, João Pessoa e Brasília, além de algumas viagens – sem nunca perder o hábito de observar se as faixas de pedestre estão bem pintadas, e passear de ônibus, mas sem me preocupar com os detalhes técnicos, afinal já não sou mais a menina que entende de tarifa.

O trajeto de uma empreendedora no ramo de viagens



Vanda Barreto Valença Pequeno

Nasci em Campina Grande-PB, no inverno de 1965, filha de Manoel Gonçalves Valença e Darcy Barreto Valença (in memoriam), sou a terceira de quatro filhas. Estudei no “Colégio Imaculada Conceição” – CIC Damas, um colégio onde a base religiosa católica é a essência dos ensinamentos; Cursei Ciências Contábeis na antiga FURNE, hoje UEPB, concluindo em 1987.

Tive uma infância muito feliz, morava numa ampla casa, com jardins imensos, repletos de árvores frutíferas, com parquinho de diversão, vários brinquedos. Era uma casa bem animada com as brincadeiras e travessuras com minhas irmãs e amigas. Em nossa casa tinha sempre animais de estimação, desde pássaros, tartarugas, cachorros, e muitas plantas que nossa mãe amava cultivar. Cresci num ambiente muito acolhedor. Enquanto nosso pai trabalhava bastante, pois era o único provedor da casa, nossa mãe era do lar, como tantas mulheres daquela época, nos educava com muito amor, paciência e carinho, ela se dividia em administrar a casa e nos conduzir (sim, ela dirigia, algo raro para a época) para as aulas de ballet, inglês, natação e de piano.

Viajávamos sempre para visitar familiares, pois meus pais são sergipanos, e nossos parentes se espalharam por esse imenso Brasil. Isso aliado ao assunto sobre aviões, viagens, sempre recorrentes em nossa casa, contribuiu e cada vez mais foi despertando em mim a curiosidade de conhecer novos lugares, outras culturas, e inspirar outras pessoas a conhecer o mundo.

Aos 17 anos comecei a trabalhar com meu pai na empresa MG. Valença representações e transportes ltda, referente à VARIG em Campina Grande, fazendo emissões de passagens aéreas, e atendimentos no check-in no aeroporto João Suassuna. Posteriormente, gerenciei a filial da empresa na Av. Getúlio Vargas, durante 12 anos, o que me trouxe bastante experiência. Para alçar novos voos, encerrei esta etapa na certeza de ter feito um bom trabalho.

Em janeiro de 1988, casei com Rosenberg Pequeno, e algum tempo depois fomos agraciados com duas filhas, Natália e Maíra, que escolheram a área de saúde, por isso não seguem na área de turismo. Iniciando um novo ciclo, eu e meu esposo fundamos a Voyage Turismo em 1996, para desenvolver excursões, diversificar a oferta de passagens aéreas de todas as empresas aéreas nacionais e internacionais, cruzeiros marítimos, assessorias em produtos e serviços ligados ao turismo.

Convidada para o curso de capacitação no destino de Orlando (EUA), todo o mundo Disney e Universal apresentados e visitados, me apaixonei pelo destino, e assim despertou a vontade de oferecer para as famílias campinenses essa oportunidade. Iniciamos, em 1998, as excursões com visitas a Orlando e Miami para todas as idades. Porém, essas primeiras viagens aos EUA reacenderam minha vontade de oferecer a outras pessoas algo inovador que fizesse a diferença na vida das pessoas. E assim comecei a trabalhar com afimco para proporcionar o melhor presente que alguém poderia oferecer aos seus entes queridos, uma viagem internacional inesquecível para comemorar os 15 anos, criar várias memórias afetivas a esses jovens: primeira viagem sem seus pais, com seus amigos, e com a oportunidade de ampliar seu círculo de amizades, a experiência de conhecer lugares mágicos. E isso se concretizou, os sobrinhos Disney, sim sou tia Vanda de muitos deles e para sempre, essas excursões durante vários anos me proporcionaram prazeres imensos, desde os primeiros contatos quando apresentava o roteiro, as reuniões preparatórias, a convivência integral durante os dias de viagem (20 a 30 dias), até o reencontro, dias após o retorno para nossas casas. Sem sombra de dúvidas, essas excursões jovens me realizaram durante muitos anos, pois tive a chance concretizar sonhos de muitas famílias, que confiaram nessa missão que executamos com muita responsabilidade e profissionalismo e principalmente, com muito amor.

A pandemia do Covid-19 impossibilitou a continuidade dessas excursões, e de toda e qualquer viagem, estamos agora retomando esse trabalho das excursões jovens para a Disney. Tivemos que nos reinventar como tantas pessoas, mas tudo é aprendizado. Atualmente, também desenvolvemos viagens de outros segmentos: religiosos, congressos, eventos, lazer, nacional ou internacional, cruzeiros marítimos, para adultos e para a melhor idade.

A minha realização profissional e pessoal é uma alegria, repleta de recordações e memórias afetivas. Consegui desenvolver um trabalho de excelência ao longo dos anos, e quem trabalha com o que gosta não cansa, por isso me sinto privilegiada, me sinto gratificada através das minhas viagens ou das viagens dos nossos clientes, conhecendo o mundo, aproveitando cada ensinamento, adquirindo mais experiências. Fica aqui o registro e a saudade de tantos momentos importantes na minha vida e do meu crescimento.

Agradeço o convite da querida Yara Lyra, e principalmente a Deus, por toda a proteção. Com muita fé, continuo firme e confiante que empreender vale a pena!

A médica e psiquiatra pernambucana por nascimento, paraibana por opção



Vilma Lúcia Fonseca Mendoza

Olhei admirada alguma coisa grande e escura que se movia entre as pedras escondidas pelo mato ralo. Instintivamente encolhi as pernas tentando me afastar, quando um violento puxão me retirou do espaço em que eu brincava entre as palafitas da casa. Meu pai, que inspecionava alguma coisa bem perto vira a enorme cobra que se esgueirava em minha direção. Alguns soldados se aproximaram e conseguiram espantá-la para a mata que circundava as casas do pelotão. Fui proibida de brincar debaixo da casa. No verão era meu lugar predileto, era fresco e eu gostava de sentir a areia seca e fina do rio escorrendo entre meus pequenos dedos. Estávamos em Japurá (Amazonas), meu pai comandava um Pelotão de fronteira do Exército em plena floresta amazônica na divisa entre o Brasil e a Colômbia.

Com uma certa frequência os índios de uma tribo vizinha nos visitavam. Ao colocar suas canoas na margem do rio encontravam roupas deixadas por ordem de meu pai, para que cobrissem “suas vergonhas”. Os índios se vestiam e como crianças subiam até o pelotão rindo e mostrando suas vestes uns aos outros. Naturalmente nada impedia que levantassem a roupa para urinar ou coçar “suas partes” na frente de todos. As índias pediam batons que, prudentemente, mamãe já comprava – os mais baratos e em grande quantidade – aos pequenos contrabandistas que subiam o rio, vendendo produtos alimentícios e todas as bugigangas que se possa imaginar.

Um dia, no início da noite, o soldado de guarda deu um alarme, vira algumas canoas descendo o rio em nossa direção e não era comum que eles viajassem à noite. Meu pai mandou que as famílias ficassem em suas casas e que todos os militares pegassem as armas e descessem com ele para a margem do rio para esperá-los. Havia muita tensão. Depois de mais ou menos 1 hora, vimos que carregavam um índio para o ambulatório. Era o chefe da tribo que havia comido alguma coisa que, depois soubemos, era um tipo de sapo envenenado. O mais próximo de um médico que tínhamos era um veterinário leigo, a quem todos recorriam quando sentiam alguma coisa. Alguns dias, depois de muitas calenturas, vi que os índios caminhavam devagar carregando uma rede com o chefe, que fora posto de cócoras dentro dela. Mamãe me disse que o índio tinha ido para o céu. De vez em quando os adultos diziam coisas sem sentido. Se o índio iria ser enterado com rede e tudo, no chão, como é que ele iria para o céu? Fiquei triste, porque o Sargento “quase veterinário” não conseguira salvar o índio. Era meu primeiro contato com a morte. **ALI NASCEU UMA MÉDICA.**

Dois anos depois meu pai recebeu a transferência, mas seu substituto demorou a chegar e ele nos embarcou, a mamãe e a mim, em um batelão movido a óleo diesel em direção a Manaus. Não havia camarotes, eram redes cobertas com mosquiteiros que faziam as mutucas darem gargalhadas, enquanto nos ferroavam por todos os lados. Dezenove dias de viagem. Eu dormia amarrada ao corpo de minha mãe com um lençol, porque ela tinha medo de que eu levantasse à noite e virasse comida de jacaré. Ela cantava e fazia poesias “Amazonas de beleza rara, inferno verde que atrai, são poderosas as tuas matas e pitorescas tuas ubás”. Ela aprendeu, rapidamente durante a viagem, que naquelas lonjuras o dinheiro não comprava quase nada. Mas descobriu que tinha uma fortuna que poderia utilizar para comprar alimentos: Aralem. A cloroquina utilizada para o tratamento da Malária era trocada por ovos, galinhas, carne de tartaruga e pirarucu salgado. Depois de muitos banhos de rio, poesias e picadas de mutuca, chegamos a Manaus. Eu já conhecia avião e de vez em quando via as corvetas da marinha fazendo manobras no Rio Japurá. Mas ... que danado era aquilo? Uma tartaruga com olhos de fogo que corria. Apesar de toda minha resistência e gritos fui colocada dentro daquele bicho. O motorista perguntou: “Dona, essa menina veio da mata?” E minha mãe, que não perdia oportunidades, respondeu: “Veio sim, ela também estava ajudando a guardar nossas fronteiras”. Não entendi direito, mas me pareceu que eu tinha feito uma coisa importante. De qualquer maneira, meus gritos só cessaram quando eu vi aquilo. Que maravilha era aquela? Letreiros a gás néon. As letras mudavam de cor rapidamente. E tinha uma garrafa que, de forma mágica, se enchia com um líquido brilhante e laranja. Era um mundo todo iluminado, doía nos olhos. Cansadas, chegamos ao Hotel da D. Badi. O quarto tinha um cheiro bom de laranja cravo. Mas bom mesmo era o cheiro dos bifes que vinha da cozinha. Era diferente do cheiro do peixe e das caças a que eu estava acostumada.

Três anos depois. Olinda (PE). Rua do Amparo. O sol batia impiedoso nas casas pintadas de branco. Aos 7 anos, eu já ia comprar alguma coisa que faltasse para nossa cozinheira, D. Argentina, fazer o almoço. Eu a respeitava muito, afinal de contas ela já havia trabalhado na casa do Bispo. Só havia uma recomendação de meu pai: mudar de calçada ao passar pelo Bar dos Três Irmãos, onde homens desocupados bebiam cerveja, jogavam bilhar e ficavam olhando com lascívia as mulheres que passavam.

Havia uma figura que particularmente me chamava a atenção. Ele era alto e magro. Os cabelos desgrehados pareciam não ver água e sabão há muito tempo. Suas pernas negras brilhavam quando recebiam o sol, daí seu apelido: “Canela de Aço”. Andava sem parar, subindo e descendo ladeiras, catando os lixos ou comendo o que a caridade deramava em sua meia lata de queijo do reino. A criançada o perseguia gritando “Canela de Aço doido” e ele respondia ‘é a puta da tua mãe’ e ameaçava os meninos com uma pedra que nunca foi atirada. Eu brigava com os moleques e defendia “Canela de Aço”.

Um dia, às 6 horas da manhã, eu subia a ladeira ao lado da Igreja em direção ao “Colégio Santa Gertrudes”, onde estudava. Saía de pregas azul marinho que dormia embaixo do colchão para não amassar, blusa branca impecavelmente passada e um torçal grosso, de seda azul, com uma medalha pesada no pescoço, indicando que eu era a primeira da classe. Além das almas dos padres enterrados nas Igrejas, ninguém passava na ladeira àquela hora. De repente, o vi descendo devagar. Continuei a subir, estava tranquila. Lamentei não saber seu verdadeiro nome, não o chamaria pelo apelido que ele parecia detestar. Paramos um em frente do outro. Ele estendeu a mão lentamente como se fora tocar minha cabeça. Esperei, mas o toque não veio. Ele olhou a própria mão suja e a recolheu. Sorriu tristemente e continuou descendo a ladeira. **ALI NASCEU UMA PSIQUIATRA.**

Com uma nova transferência de meu pai, fomos para Fernando de Noronha (PE). Eu gostava de ver o mar, sentada em uma pedra – a minha pedra preta e lisinha – restos das lavas de um vulcão que mamãe, estalando os dedos para indicar o tempo, me ensinava como havia surgido a ilha. Mas do que eu mais gostava era do horizonte, ali onde mamãe dizia que ficava a África, e fazendo com a mão um movimento ascendente mais à esquerda assinalava onde ficava a Europa. **ALI NASCEU MEU DESEJO DE VER O QUE O MUNDO ESCONDIA POR TRÁS DO HORIZONTE.**

Outra vez em Recife. Ao iniciar o segundo grau, minha mãe, para garantir que eu teria um ensino de qualidade e seria aprovada no exame vestibular, me colocou em um Colégio Público. Fui submetida a uma seleção e entrei no Colégio Estadual do Recife. Que orgulho!

Fiz o exame vestibular para Medicina na Universidade Federal de Pernambuco e fui aprovada em terceiro lugar. Durante a época da Faculdade, tive o maravilhoso contato com ícones da democracia e da cultura brasileira, D. Hélder Câmara e Ariano Suassuna, e com lugares onde se respirava esperança, o Teatro Arena e o Mustang, um dos bares da intelectualidade na rua Conde da Boa Vista. Entre os livros de medicina, debates políticos e um verdadeiro “Mélange d’auteurs. Frantz Fanon, Georges Politzer, Albert Camus, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Visconde de Taunay, eu tinha que memorizar a Retirada da Laguna...

Final do Curso. Meu pai tinha a certeza de que eu iria trabalhar no Hospital Militar e que seria ginecologista, que era especialidade de mulher. Ele ainda não havia aprendido que dali em diante, somente eu decidiria sobre a minha vida. “É sua culpa”, se queixava ele à minha mãe, “você vive falando a essa menina sobre liberdade e agora ela quer se mandar pelo mundo afora”. “Não darei um centavo”, bradava colérico. O que ele não sabia é que mamãe guardava dinheiro da feira que ele, isso sim, dava sem medidas, e eu ganhava dinheiro dando plantões no Hospital da Tamarineira. Juntei a fortuna de U\$400,00, uma carta de aceitação para fazer a Residência em Psiquiatria na

Universidade Complutense, uma passagem de ida sem volta – naquele tempo podia – presente de formatura de uma tia e Varig, Varig, Varig. Aeropuerto de Barajas, 2º C. Para aliviar o coração de mamãe eu lhe asseverei “não se preocupe, eu tenho uma bolsa da Universidade espanhola e poderei me manter. E eu tinha mesmo uma bolsa....de couro (risos).

O dia, eu o passava no hospital e à noite voltava para um quarto sem luz alugado na casa de uma senhora viúva, que queria me cobrar mais pelo aluguel, porque sabia que os brasileiros tomavam banho todos os dias. Até que, segundo meu professor, pelo meu bom desempenho, fui morar na Clínica de Puerta de Hierro de propriedade do catedrático de Psiquiatria Professor Juan José Lopez Ibor. Casa, comida, roupa lavada e a orientação de um dos mais renomados professores de Psiquiatria da época.

Conheci Gregorio Barroso Mendoza. Essa história eu conto outro dia. Ele era inteligente e me incentivava a voar. A paixão veio fácil. Pouco tempo antes de vir ao Brasil para conhecer minha família, ele escreveu à minha mãe: “fui um dos últimos espanhóis a ter poliomielite no ano em que surgiu a vacina Sabin e tenho um defeito físico na perna”. Minha mãe respondeu: “meu filho que relevância tem isso? Terríveis mesmo são os defeitos da alma”. Assim era Gecy Barros da Fonseca, minha mãe. Espírito livre, escritora de contos, onde as crianças não paravam de perguntar.

Casamo-nos no Brasil, depois de uma briga com o padre que queria que eu repetisse uma cartilha, dizendo que jurava amar meu marido para sempre. Era o que me faltava! Bati o pé e disse que eu poderia tentar, mas ele teria que se esforçar muito. No final ficou “juro respeitar...”. Mas ele conseguiu. Até hoje o amo.

Finalizada a Residência, com uma carta de apresentação do professor Lopez Ibor para o professor Bochnick, na Alemanha, debaixo do braço e o incentivo de meu marido me tornei Assistente estrangeira no Zentrum der Psychiatrie da Goethe Universitat em Frankfurt.

Volto ao Brasil e chego a Campina Grande. Comecei a trabalhar no antigo Hospital do Dr. João Ribeiro; fiz concurso para o Ministério da Saúde e finalmente entrei para a vida acadêmica: primeiramente como professora da antiga faculdade de Medicina de Campina Grande, depois transformada em Universidade Federal da Paraíba e, finalmente, Universidade Federal de Campina Grande. Eleita chefe de Departamento por duas vezes, enveredei pela gestão pedagógica e acadêmica. Fui Coordenadora da disciplina de Psiquiatria, Vice-diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e Diretora do mesmo Centro por duas gestões. Sonhava com que Campina Grande tivesse uma pós-graduação *stricto sensu* em Medicina. Junto com a professora Paula Francinete Medeiros, realizamos o primeiro Mestrado em Medicina na Universidade Federal de Campina Grande, em colaboração com a Universidade Federal da Bahia. Terminado meu segundo mandato como Diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, fui indicada para ocupar o cargo de Pró-Reitora de Assuntos Comunitários. Discutia-se no Brasil as novas Diretrizes curriculares para os cursos de Medicina e fui indicada para compor a Comissão de Especialistas em Ensino Médico que construiria essas Diretrizes.

Fui indicada pelo MEC para representar o Brasil no MERCOSUL EDUCACIONAL e tive a honra de participar da elaboração dos critérios de qualidade para os cursos de Medicina dos países do MERCOSUL colaborando, tanto com as avaliações experimentais,

o MEXA, quanto com as avaliações do ARCUSUL. Fazendo parte do banco de avaliadores do Brasil, BASIS, tive a oportunidade de avaliar mais de 50 Instituições de ensino no Brasil e no Exterior. Hoje continuo fazendo parte do Banco de Avaliadores dos cursos de Medicina da Colômbia, do Paraguai, da Bolívia e do Chile, tendo sido, no ano passado, convidada para fazer parte do banco de avaliadores dos cursos de Medicina do Equador.

Em relação à família, a vida me premiou com dois filhos, Melanie e Gustavo, ambos advogados e professores. Ela está finalizando o Doutorado na Universidade de Sevilha. Ele fez o Mestrado no Centro Universitário de João Pessoa. Tenho 3 netos: Luiz Gregório, Sofia e Arthur, meus príncipes encantados.

Hoje, ocupo a cadeira de número 40 da Academia Paraibana de Medicina. Ou seja, sou imortal, embora desejasse mesmo era ser “imorrível”.

Meus planos? Terminar o livro que estou escrevendo, continuar atendendo em meus dois consultórios, em João Pessoa e Campina Grande; voltar a reunir os amigos no grupo “Entre-Vinhos”, que discute tudo o que, segundo alguns, as pessoas educadas não devem discutir, incluindo política não partidária e religião, viajar muito e fazer o bem a quem eu encontrar pelo caminho.

Meu nome: VILMA LUCIA FONSECA MENDOZA. MÉDICA, PSIQUIATRA E PROFESSORA. Minhas paixões? A medicina, a Psiquiatria, minha família, meus amigos e viver.

A luta da mulher por uma sociedade inclusiva e justa



Vitória Aparecida Pereira Vitor

Nasci em Campina Grande-PB, na Rua Napoleão Laureano, no bairro Alto Branco, em Campina Grande, filha de Josefa Pereira da Cunha (do lar) e Pedro Vitor (funcionário da Recebedoria de Rendas com o cargo de contínuo). Aos dois anos de idade, meu pai faleceu e fui residir na Rua Rui Barbosa, centro da cidade, local onde tudo acontecia e se ficava sabendo. Era o centro de irradiação de notícias e acontecimentos de Campina Grande.

Meus primeiros anos escolares foram com a professora Margarida Leão, depois fui estudar no “Colégio Santa Bernadete”, no “Colégio Alfredo Dantas” e, por fim, no “Colégio Estadual da Prata”, onde fiz o Curso Científico (atualmente, o Ensino Médio), pensando em fazer medicina. Mas foi ali que descobri que não suportava ver sangue.

Iniciei minha vida acadêmica, em 1977, na UFPB, campus de Bananeiras, no curso de Tecnologia em Cooperativismo. Concluí-o na turma de 1979, na qual apenas seis mulheres estudavam, enfrentando todas as dificuldades próprias da época, morando longe de casa, e incluindo discriminação por ser mulher. Entretanto na minha vida acadêmica nunca sofri discriminação por ser negra.

No plano pessoal, realizei projetos: em 2009, casei-me com José Antônio Araújo, sindicalista e hoje comerciante; tenho uma filha de coração Vitoria Sarah Lima Araújo e 5 enteados José Ibrahim, José Idileu, José Igor, José Iago e Maria Helena.

Na vida profissional, trabalhei na Cooperativa Regional dos Produtores de Sisal da Paraíba Ltda, em Campina Grande, de 1980 a 1983, como técnica no setor de recursos humanos e cheguei a ser subgerente do supermercado COOPERSISAL, na Prefeitura Municipal de Campina Grande, onde fiquei à disposição da COOPERURAL - Cooperativa Agropecuária de Campina Grande Ltda. Como técnica, orientei a diretoria em suas atribuições, organizando o quadro social da cooperativa e atendendo aos cooperados, durante o período de 1984 a 1999.

No ano de 1997, fui eleita a primeira presidente mulher de uma cooperativa no Estado da Paraíba e exerci essa função de 1997 a 1999 na cooperativa COOPRESTA - Cooperativa de Prestadores de Serviços da Paraíba Ltda. Trata-se de uma Cooperativa de trabalho na área rural, onde eu prestava serviços técnicos na área rural e na organização social em associações e cooperativas.

Em 1999, foi fundada a AMDE – Agência de Desenvolvimento de Campina Grande – onde fui trabalhar como técnica, orientando estudantes dos cursos de administração, economia, serviço social e psicologia, que procuravam essa Agência para realizarem seus estágios curriculares; pequenos empreendedores para a elaboração de seus projetos; e realizando visitas de acompanhamentos. Fundei na AMDE o setor de associativismo e cooperativismo, o qual coordenei no período de 2000 a 2006. Durante esse período, foram constituídas 13 cooperativas em Campina Grande. Os trabalhos executados foram capacitação em associativismo e cooperativismo, gestão, assessoria na gestão, produção e comercialização.

Prestei serviço de assessoria em vários municípios paraibanos; às cooperativas do Estado da Paraíba filiadas à UNISOL Brasil – Central de Cooperativas e Empreendimentos ligados à Economia Solidária. A UNISOL, em 2017, iniciou o processo de federalização e foi fundada a UNISOL Paraíba, quando fui escolhida e eleita a primeira presidente com mandato até 2026. Essa Entidade tem como filiados mais de 60 empreendimentos de Economia Solidária do Estado.

Também prestei serviço ao SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – como instrutora em associativismo, cooperativismo e administração de sindicatos rurais de 1998 a 2005, em vários municípios do nosso Estado. Desse trabalho várias cooperativas e associações foram constituídas nas áreas rurais e de artesanato. Como exemplo a COOPGRANDE – Cooperativa de Produtores Rurais dos municípios de Campina Grande e Boa Vista – localizada no Distrito de Catolé de Boa Vista, hoje contando, em seu quadro social, com mais de 230 produtores rurais.

Presto serviço ao SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – em assessoria, consultoria e ministrando cursos nas áreas de organização social e gestão de empreendimentos coletivos (cooperativas e associações). Cito como exemplo a CAPRIBOV – Cooperativa de Capriovinocultores – de Cabaceiras-PB e região, atuando hoje em 22 municípios, produzindo, além da pasteurização do leite, também iogurte e 11 tipos de queijos caprinos.

Atualmente, sou servidora da EMPAER/PB (Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária, antiga EMATER), após aprovação em concurso público. Exerço minha função no setor de cooperativismo, trabalhando, criando e auxiliando associações e cooperativas, em busca de seu desenvolvimento. Trabalho especialmente com grupos de mulheres e jovens rurais, que exercem atividades nas áreas agroecologia, agricultura familiar, pecuária e de artesanato.

Criamos em 2019, uma Central de Cooperativas, cuja denominação constitui uma homenagem a mim: CoopRede Vitória. Atualmente, nela estou à frente, na luta constante pelos direitos das mulheres e desenvolvendo uma unidade de comercialização para todas as cooperativas e associações filiadas a COOPREDE e ligadas ao setor da Economia Solidária, com a qual me identifico e sou militante.

Desenvolver e organizar pessoas que querem trabalhar em grupo foi o que fiz e faço durante toda minha trajetória pessoal e profissional. Meu legado para as futuras gerações será um Centro de Comercialização permanente, funcionando e sendo a força motriz de muitas mulheres, para que possa ser reconhecida, com justiça, a contribuição da força do trabalho feminino para o desenvolvimento de uma sociedade justa e plural.

Educação e empreendedorismo



Yara Macedo Lyra

Sou, com muito orgulho, campinense, e por esta amada cidade tenho me dedicado, trabalhando em prol do seu desenvolvimento, principalmente, na área da educação.

Sou primogênita do casal Luís Lyra e Adalgisa Macedo Lyra. Meus pais, de saudosa memória, marcaram com exemplos de amor e dedicação a minha vida e a dos meus irmãos Hiram, Iaci e Iracy. Orgulho-me em afirmar que sou hoje o que recebi deles. Embora sendo um casal simples e de instrução primária, colocava a educação em primeiro lugar, pois desejava que o nosso futuro chegasse a ser melhor do que o dele. A minha infância, passei na rua Treze de Maio e sempre próxima de outras crianças, iniciando assim meus primeiros contatos. Creio que muitas brincadeiras da época como roda, pula-pula, toca, estátua, bola de gude e outras foram usadas por nós. Que saudades sinto daquele tempo!

Aos cinco anos, se deu o início da minha escolaridade em uma escola sediada na mesma rua em que eu morava. A distância entre as crianças pouco a pouco tornava a aproximação motivada pelo aumento da recreação que despertava o interesse de todos. À medida que fui crescendo, meus pais me levaram para o “Grupo Escolar Solon de Lucena”, que desenvolvia um bom trabalho educacional, lá permanecendo até os 11 anos. Durante mais ou menos três anos, lá permaneci sendo participativa e conquistando amizade, característica da minha personalidade. Aproximando-se o período do

exame de admissão, me transferi para o “Colégio Alfredo Dantas” e fiz esse exame tendo sido aprovada no segundo lugar, dando assim aos meus pais muita alegria.

Terminado o primário e começada uma nova etapa escolar, deu-se o início do curso ginásial, com quatro anos de duração. A turma era formada de meninas, tinha como diretora a professora Alcides Loureiro, que mantinha um nível satisfatório de exigência. Tínhamos, na classe, um grupinho de amigas não só para estudar como também para o lazer. Íamos às festinhas, assistíamos nos finais de semana a filmes nos cinemas Capitólio ou Babilônia e frequentávamos as casas, mantendo sempre amizade com meus familiares. Ainda nessa fase do ginásio, despertei para a leitura e não sendo possível comprar o que queria, usava o coleguismo, pedia emprestado, tendo sempre o cuidado de devolver.

Terminado o tempo do ginásio, foi chegando o momento de escolher o curso a seguir para concluir a escolaridade secundária. Não tendo segurança em relação ao futuro, fui orientada por uma mestra amiga que me falou e apontou o curso pedagógico, também no “Colégio Alfredo Dantas”, já que eu manifestava interesse pela educação. Aceita a orientação, fiz algumas pesquisas e tomei conhecimento de que o curso se destacava como o melhor da cidade. Mantinha uma boa equipe de professores, entre eles a grande mestra Doziart Quirino. O curso tinha a duração de três anos e aproveitei-o muito bem, participando de atividades pedagógicas e festividades internas e da cidade. No final do curso, tivemos a colação de grau e uma festa que contou com amigos e familiares.

Concluído o pedagógico e me sentindo uma profissional da educação, ajudada por meu pai, consegui a minha primeira nomeação, sendo determinado o “Instituto São Vicente de Paulo” para trabalhar. A escola era destacada pelo trabalho e organização sob a direção da irmã Porto. Sempre pensando galgar destaque como profissional, resolvi me preparar em um cursinho para prestar o exame vestibular, lá conheci um pequeno grupo de estudiosas e nos tornamos amigas até os dias atuais. Aprovada no vestibular em Letras, iniciei o curso e continuei o trabalho. Como jovem que éramos, sempre deixávamos um pouco de tempo para o social. Como boas alunas, fomos convidadas a dar aulas em vários colégios. Eu, por exemplo, lecionei nos destacados colégios “Estadual da Prata”, “Colégio Imaculada Conceição” e “Ginásio de Aplicação da FURNe” (atual UEPB). Nos colégios em que trabalhei, sempre busquei ser responsável e cativar o respeito e a amizade dos meus alunos. Tenho ótimas lembranças do tempo que passei nos referidos colégios. É importante ressaltar que eu gostava de colaborar com seus dirigentes na intenção de aprender os meios que eram usados para manter a qualidade.

Como aluna na Faculdade, era estudiosa, amiga dos colegas e dos dirigentes, chegando a ser eleita presidente do Diretório do Estudantes. Acumulando experiências, senti a necessidade de frequentar cursos voltados ao empreendedorismo, pensando um dia conquistar o meu espaço. Sempre alimentando o sonho, cheguei à conclusão do curso superior. Com pouco recurso e cheias de coragem, eu e minhas colegas resolvemos fazer uma longa viagem envolvendo dez Estados. Essa viagem era o prêmio dos nossos esforços.

A partir daí, sozinha senti que o meu caminho não se limitava a só dar aula, queria mais. Com a ajuda de Deus, comecei a analisar os obstáculos e fui à luta. Coragem não me faltava e decidi criar o meu próprio ambiente de trabalho. Na cidade não havia um

bom curso preparatório para o exame vestibular, a fim de preparar os jovens com vistas à universidade e lancei o “Estudos Pré- universitários Campinenses” – EPUC. Ele não só atendeu a concretizar o sonho dos jovens, como passou a ser referência na cidade pelo estilo de preparação que imprimiu. Senti, a partir daí, que estava começando a minha história como empreendedora e o EPUC era o meu primeiro empreendimento.

Passados mais ou menos dois anos com o pensamento positivo e perceptivo, voei mais alto e resolvi ampliar o meu trabalho criando o primeiro e segundo grau. Escolhido o local, iniciei a construção e anunciei à cidade que iria lançar o meu segundo empreendimento: o “Colégio Pré-universitário Campinense” – CPUC. Para iniciá-lo, preparei um inovador projeto pedagógico e uma seleção rigorosa de professores, sempre consciente de que Deus estava comigo. A meta era oferecer sempre o melhor e para concretizá-la, resolvi buscar nos grandes centros o que havia de mais moderno em educação e ensino. Fui a São Paulo e Curitiba e voltei confiante de que estava no caminho certo. Inúmeras foram as promoções que ofereci aos alunos e isso me fez mais próxima de todos. Aqui faço um parêntese para falar do maior presente que recebi nesse momento marcante da minha vida. A chegada de uma criança que chamamos de Luís Alberto de quem me tornei mãe adotiva. Esse sentimento não se define, apenas sente-se.

Analisando bem a minha caminhada, vi que deveria voltar a estudar e ingressei no mestrado em Letras na Universidade de Federal da Paraíba (UFPB), campus de João Pessoa. Não tendo terminado ainda o curso, foi lançado um concurso na UFPB, campus de Campina Grande, me inscrevi e fui aprovada, passando a lecionar português em vários cursos. Não havendo no Campus o curso de Letras, recebi do doutor Linaldo Cavalcante a incumbência de preparar o projeto para o novo curso. Ajudada pelos colegas fomos à luta e no tempo previsto, entregamos o projeto. Não havendo limites no meu pensamento, mais uma vez busquei melhorar meu nível e fiz cursos intensivos na USP e na PUC do Rio de Janeiro e também participei de congressos e seminários. Hoje, voltando ao passado, sinto orgulho dos alunos que ajudei a formar e acompanho os seus feitos contribuindo com engrandecimento do nosso país. Às vezes, encontro familiares que relembram fatos vividos com seus filhos e agradecem a maneira como desenvolvi meu trabalho e me mantenho receptiva em ouvi-los.

Ao completar o meu tempo de serviço público, aposentei-me da UFPB e me afastei do convívio universitário. Foi então que senti que aspirava continuar criando e colaborando sempre com o desenvolvimento da cidade. Assim, senti a necessidade de expandir o ensino superior, complementando as duas universidades públicas existentes e passei a analisar a possibilidade de criar uma faculdade particular. Como possuía um colégio bem estruturado na cidade, avaliei que o começo já existia, era só organizar o pensamento e partir para concretizar um sonho a mais. Sondei o que era mais necessário para atender à grande demanda existente, selecionei quatro cursos os mais necessários. Eram eles: Direito, Administração, Turismo e Arquitetura. Tudo isso fazia isolada e buscava adeptos para comigo realizar. Convidei alguns colegas, bons professores, mas não cheguei a conseguir a adesão. Como tinha um bom relacionamento com Socorro Farias, Diretora da “Escola Regina Coeli”, procurei-a mas nada ficou resolvido. Finalmente, parti para convidar Gisele Gadelha que mantinha uma pequena escola e não tendo vivência universitária, poderia cooperar juntando seu espaço do colégio com o meu. Precisando contar com apoio e experiência, procurei o professor Itan Pereira

que, analisando a ideia, aprovou de imediato o que eu queria e me trouxe dois grandes incentivadores para ajudar: Doutor Linaldo Cavalcanti e Professor Peres. Os projetos foram preparados e em reunião na casa de Creusolita Agra, definimos o nome do empreendimento. Nasceu assim a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA, doando à cidade o maior Complexo Educacional, o meu terceiro empreendimento. Já organizado, Gisele Gadelha passou a participar e criamos o Centro de Ensino Superior de Desenvolvimento – CESED. Como o meu interesse era ser a primeira diretora da FACISA, declinei a direção desse Centro e Gisele a assumiu. O mais importante a relatar é que eu usei o meu patrimônio, o CPUC, e lá iniciei o funcionamento da faculdade.

Não só a educação me motivava, por isso resolvi atuar em outros setores, criando projetos: Pensando Campina, Campina Cresce e, com Clea Cordeiro, trouxemos Cláudio Porto e lançamos o Plano Estratégico de Desenvolvimento de Campina Grande 2035. Participei ainda da diretoria da Associação Comercial de Campina Grande – ACCG, criando o conselho da Mulher Empresária; do conselho da Fundação Assistencial da Paraíba – FAP e da fundação do SICOOB (Sistemas de Cooperativas de crédito do Brasil), lá permanecendo como conselheira por cinco anos. Participo do Rotary, das Douradas e sou uma das fundadoras do grupo Encontro de Mulheres Ativas – EMA. Ao longo dos anos, recebi inúmeras congratulações, mas na impossibilidade de transcrever todas, destaco: Medalha de Honra ao Mérito, Mulher destaque 1999, Empreendedora destaque e aos Mestres com Carinho. Sonhadora que sou, viajei muito e visitei cerca de 30 países em três continentes.

Hoje, agradeço a Deus por tudo que consegui, aos familiares, amigos que sempre estiveram presentes e aos dois filhos Luís Alberto, já em outra dimensão, e Fátima pelos netos que me deram: Ana Luiza, Maria Clara, Matheus e Luís Ricardo.

A presença da mulher no Núcleo de Criminalística de Campina Grande – NUCRIM/CG



Zênia Mary de Castro Lucena Muniz

Filha caçula de Josafá Lucena (comerciante) e Maria de Jesus Castro Lucena (professora da rede de ensino do Estado da Paraíba e funcionária pública federal, servindo na Escola Politécnica de Campina Grande, depois Campus II da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, atualmente Campus I da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG), nasci em Campina Grande, no dia 23 de dezembro de 1962. Sou casada com Paulo de Tarso Nogueira Muniz (administrador de empresas) e tenho uma filha, Ana Beatriz de Castro Lucena Muniz (bacharel em Direito).

A vida familiar me propiciou experiências e exemplos que impactariam minhas escolhas futuras: o fato de todos os familiares – avó, pai, mãe, tios e irmãos – terem a leitura como um verdadeiro vício; as proezas do meu pai, na prática do tiro ao alvo e nas caçadas, que me inspiraram imenso interesse por armas de fogo, desde a mais tenra idade; a influência dos tios Mário Toyotaro Hattori e Rita Cabral de Castro Hattori, abrindo horizontes e permitindo-me morar com eles, durante alguns meses, em Toronto, Canadá; o amor pelo Direito, que me foi insuflado por minha tia Maria Stela de Castro; entre outros. Mas o mais importante de tudo foram os exemplos de fé, de fortaleza moral, de amor, de união e de resiliência perante os percalços da vida, que me

foram oferecidos por todos e por cada um, contribuindo enormemente para a minha formação como indivíduo.

Fui alfabetizada em casa, aos três anos de idade, por minha tia Stela: foi a maneira que esta encontrou de manter-me quieta, durante a recuperação de uma hepatite. Assim, não frequentei o Jardim de Infância: aos cinco anos de idade, ingressei no primeiro ano primário, no “Colégio da Imaculada Conceição” (Colégio das Damas), onde estudei até o término do Ensino Médio. Aos 17 anos, fui aprovada no vestibular do curso de Engenharia Elétrica da UFPB.

Minha formação acadêmica pode ser resumida em: Curso de Engenharia Elétrica, na UFPB; Curso de Especialização em Engenharia de Segurança, na UFPB; Curso de Direito, na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

Quando eu estava concluindo o curso de Direito, foi aberto concurso para a Polícia Civil do Estado da Paraíba, para o qual me inscrevi, seguindo a orientação da amiga Aureci Gonzaga – Delegada e Professora de Direito na UEPB –, concorrendo ao cargo de Perito Criminal. Para esse concurso, utilizei o diploma do curso de Engenharia Elétrica. Aprovada, em janeiro de 2008 fui nomeada Perita Oficial Criminal, lotada no Núcleo de Criminalística – NUCRIM de Campina Grande.

Uma das fases do concurso era o curso de formação, com duração de três meses, realizado na Academia de Polícia do Estado da Paraíba – ACADEPOL/PB e nas dependências do Instituto de Polícia Científica – IPC/PB, ambos em João Pessoa. O antigo interesse por armas, despertado na infância, conduziu-me à minha primeira luta (exitosa), desde o primeiro dia de aula, para que nós, peritos criminais, pudéssemos fazer aulas de tiros, então previstas apenas para os futuros delegados. Aliando-se a isso, após o primeiro contato com o livro ‘Balística Forense – Aspectos Técnicos e Jurídicos’ – do Mestre Perito Domingos Tocchetto, com quem desenvolvi, ao longo de todos esses anos, uma relação de amizade e de profundo respeito –, senti que havia encontrado o meu caminho.

Um fato marcante, ocorrido durante o curso de formação, foi uma queda que sofri, ao sair do prédio da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), aonde fui – com liberação dada pela direção do IPC – para votar no meu mestre e grande amigo Félix Araújo Filho, que estava concorrendo ao Quinto Constitucional. Nessa queda rompi todos os ligamentos do tornozelo esquerdo, necessitando ficar duas semanas usando muletas e oito meses com bota ortopédica. Naquela fase do concurso não era admissível a apresentação de atestado médico para afastamento: era continuar ou desistir do concurso. Mas a sensação de pertencimento, que eu já trazia comigo desde os primeiros momentos, me fez retornar, mesmo de muletas. Fui recebida pelo Diretor Geral, dr. Antônio Albuquerque Toscano, com a seguinte frase: “Não se preocupe não, pistoleiro atira até deitado”, numa referência bem-humorada à minha luta pelas aulas de tiros.

E essa queda foi fundamental para a definição da minha posição dentro do NUCRIM/CG: como continuava usando bota ortopédica, o que me impedia de entrar em locais de crime, fui trabalhar no Laboratório de Balística Forense. Selava-se o destino!

Desde o primeiro dia naquela casa antiga e linda na Avenida Rio Branco, em uma salinha pequena, com infiltração nas paredes e móveis capengas, mas com uma janela gigante – com vista para um gazebo e um imenso pé de castanhola –, eu me realizava. O

aprendizado se fazia na prática, intenso e frenético, de maneira tal que, por vezes, não me era possível discernir se era fruto de informação recente ou de uma lembrança de outra vida...

Na busca por conhecimentos específicos, encontrei pelo caminho pessoas maravilhosas, tais com o Mestre dr. Sérgio Dantas Carneiro, Lidney Henriques, Paulo Landim, Lon (grande armeiro e amigo do meu pai) e dr. Tocchetto, que não somente me repassaram seus conhecimentos, suas vivências, mas me transmitiram a segurança e confiança necessárias para que eu caminhasse sozinha. Outra pessoa importante, que eu tive a sorte de conhecer, ainda em 2008, foi o Dr. Márcio Leandro da Silva, Chefe do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal – NUMOL/CG, que, desde então e até hoje, tem sido meu grande amigo e verdadeiro Patrono da nossa Balística Forense, não medindo esforços para nos ajudar.

O Laboratório de Balística Forense do NUCRIM/CG recebe todas as armas, munições e elementos balísticos apreendidos nos quase cem municípios atendidos por Campina Grande. Esses materiais são, então, descritos em suas características individualizadoras, tendo os seus mecanismos analisados e testados, com o objetivo, concretizado em laudos, de atestar se estão aptas ou inaptas para produzir tiros (Exames de Eficiência). São também executados Exames de Confronto Balístico em projéteis (retirados dos corpos nas necropsias ou encontrados em locais de crimes) e/ou em estojos (encontrados em locais de crimes), para identificar, indiretamente, armas suspeitas apreendidas pelos Delegados, objetivando determinar se foram elas que expeliram tais projéteis. Outrossim, tais exames apoiam a consecução da Justiça, através do fortalecimento do conjunto probatório.

O trabalho é intenso e de demanda altíssima, especialmente porque, no Laboratório de Balística Forense do NUCRIM/CG, na maior parte desses dezesseis anos em que atuo, temos sido apenas eu e meu amigo e parceiro Martos Ricardo Belo Themoteo Sousa. Por vezes fisicamente extenuante, requerendo concentração e atenção máximas, além de conhecimentos específicos, esse trabalho sempre me reenergizou e motivou, exatamente porque amo o que faço. Como diziam as três irmãs cegas, que tocavam ganzê em troca de esmolas, na calçada da saudosa Livraria Pedrosa, em Campina Grande, “a pessoa é para o que nasce!”.

Ao longo desses dezesseis anos, aprendi muito e ainda tenho muito a aprender. Em 2021, recebi o honroso convite do dr. Domingos Tocchetto, para escrever um Capítulo em seu conceituadíssimo livro (referência nacional e internacional), Balística Forense Aspectos Técnicos e Jurídicos (na 11ª edição daquele mesmo livro do início da minha história na Balística e que moldou o meu caminho). Ali apresentei um Protocolo de Descrição e Desmuniamento de Armas de Antecarga, desenvolvido por mim e pelo colega Martos, protocolo esse que tem ajudado a muito colegas em outros estados brasileiros.

Atualmente, desde o início de abril de 2024, a convite da drª Raquel Azevedo – a primeira mulher, na história da Polícia Científica paraibana, a ocupar o cargo de Diretora Geral do IPC/PB – estou na Chefia do Núcleo de Criminalística de Campina Grande – NUCRIM/CG, colaborando nessa nova e revolucionária Gestão, mas sem jamais perder o contato com a Balística Forense, sempre estudando, me atualizando e buscando aprender mais.

Nessa caminhada, exercendo múltiplos papéis – como profissional, esposa, mãe, filha, irmã – o desafio tem sido uma constante. Mas a maior lição aprendida pode ser resumida nas palavras do filósofo Sêneca (século I da era cristã): “Não é porque certas coisas são difíceis que não ousamos. É justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis”. Ousemos, sempre!!

SOBRE AS ORGANIZADORAS



Maria Augusta Reinaldo

Graduada em Letras pela Universidade Regional do Nordeste-URNE-UEPB, mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Atuou como professora na educação básica, na graduação em Letras e na pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. Atualmente é professora aposentada da UFCG. Tem amplo currículo em publicações de artigos, capítulos e na organização de livros.



Maria Auxiliadora Bezerra

Graduada em Letras pela Universidade Regional do Nordeste-URNE, Especialista em Linguística pela URNE, mestre e doutora pela Universidade de Toulouse-FRANÇA e pós-doutora pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Foi professora da URNE, da UFPB-UFCG, professora visitante na pós-graduação na UFPB, campus I-João Pessoa, professora no Departamento de Letras, fundadora e vice-coordenadora da área de Linguagem e Ensino-Mestrado, fundadora do Curso de Especialização em Língua Portuguesa, Coordenadora por 3 mandatos do Departamento de Letras da UFCG. Atualmente é professora aposentada do Departamento de Letras da UFCG.



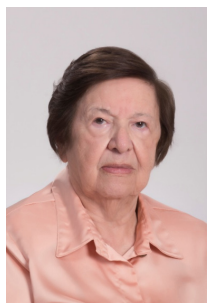
Nadja Maria da Silva Oliveira

Com Bacharelado em Odontologia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB- CAMPUS I... Mestrado e doutorado em Ciências e Engenharia de Materiais pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-PPCEM...Foi Coordenadora de Clínica do Departamento de Odontologia e Chefe de Departamento de Odontologia. Atualmente exerce os cargos de Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UEPB, de Diretora Técnica da Fundação PaqtcPB e de professora na graduação do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba e de pós-graduação no programa de pós-graduação em Ciência e Tecnologia em Saúde-PPCTS-UEPB. Tem certificados em: “Empreendedorismo, Inovação e cadeia de valor Copenhagen” – DINAMARCA e em “Indústria e Saúde 4.0 e desenvolvimento tecnológico” pela Universidade de DEUSTO/BILÃO-ESPANHA.



Rílva Suelly de Castro Cardoso Lucas

Tem bacharelado em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Campina Grande-URNE-UEPB, especialista em administração universitária pela UEPB, especialista em Saúde Pública pela UNAERP, especialista em Odontologia e Saúde Coletiva pela UFRN, especialista em Educação para a Saúde para Preceptores do SUS pelo IEP, mestrado em Odontologia Social pela UFRN, doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade de Pernambuco. Foi coordenadora de Odontologia no Centro de Saúde Francisco Pinto, Supervisora de Odontologia, Assessora Técnica e Superintendente adjunta do 3º Núcleo Regional de Saúde. Atualmente é professora do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, coordena Projetos de IC e extensão universitária, coordena o PET Saúde interprofissionalidade-UEPB-Secretaria municipal de saúde de Campina Grande-PB



Yara Macedo Lyra

Graduada em Letras, mestra pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB-Campus I - João Pessoa-PB, fez alguns cursos extensivos na PUC-RJ e na USP-SP, foi professora de vários cursos da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, foi fundadora do CPUC, do EPUC, da FACISA, EMA, do SINCOB. Foi diretora da Associação Comercial de Campina Grande-ACCG e do conselho da FAP.

Sobre o livro

Revisão Linguística e Normatização	Antonio de Brito Freire
Ilustração da capa	Rebeca Sousa Oliveira
Formato	21 x 29,7 cm
Mancha Gráfica	15,5 x 24,2 cm
Tipologias utilizadas	Caladea 11 pt, Imperial Script 24 pt e Arima 20 pt

Prezado leitor, o livro que ora você tem em mãos, apresenta um conjunto de fatos e emoções relatados por mulheres entusiasmadas e entusiasmantes que colaboraram ou colaboraram com o engrandecimento de nossa cidade Campina Grande-PB. E por que este relato? Por razões sentimentais de sua organizadora, a professora Yara Macedo Lyra, que, sendo apaixonada por esta cidade – onde nasceu e sempre viveu até os dias atuais – a ela se dedicou, especificamente, na área da educação e como professora e empreendedora educacional investiu na educação básica e superior.

Para homenagear Campina, a professora Yara Lyra convidou mulheres profissionais de todas as áreas que marcam presença na história dessa cidade.

Dessa forma, temos mulheres representantes de diversas áreas da sociedade: artes; artesanato; cultura; beleza; alimentação e gastronomia; arquitetura; engenharia; saúde; tecnologia; comércio; direito e justiça; educação; indústria; religião; serviços; panificação; turismo; tráfego e transporte urbano. Estas profissionais, bem sucedidas, elaboraram os presentes relatos sobre suas vidas em Campina Grande-PB.

São textos que mostram um pouco de suas infâncias e juventudes, de suas formações e desempenhos profissionais.

Assim, vamos à leitura de *Campina, Grande por Elas*.

APOIO CULTURAL:



ISBN - 978-65-5221-021-0

